

**Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e
Levantamento do Patrimônio Cultural da
Ferrovia Transnordestina - Lotes 8 e 9**

Trecho Salgueiro – Porto Suape

Estado de Pernambuco

**RELATÓRIO FINAL DE
DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO**

Dr. Paulo Eduardo Zanettini
Dra. Camila A. de Moraes Wichers
Arqueólogos Coordenadores

Abril de 2014

**Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e
Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina – Lotes 8 e 9
Trecho Salgueiro – Porto Suape
Estado de Pernambuco**

RELATÓRIO FINAL DE DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO

Permissão Federal de Pesquisa n° 3, de 22 de janeiro de 2014.

Anexo I. Processo n.º 01450.010312/2013-19

EXECUÇÃO

ZANETTINI ARQUEOLOGIA S/S LTDA.

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133, Butantã, São Paulo, SP, CEP 05.503-020

Fones/Fax: (11) 3034-1946 e 3034-1446

E-mail: diretoria@zanettiniarqueologia.com.br

Responsabilidade Científica: Prof. Dr. Paulo Eduardo Zanettini

EMPREENDEDOR

Transnordestina Logística S/A.

Av. Francisco de Sá, 4829, Álvaro Wayne, Fortaleza, CE, CEP 60.335-195

Contato: Sueli Passoni Tonini

Fone (85) 4008-2771

Email: sueli.tonini@tlsa.com.br

APOIO INSTITUCIONAL

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

Departamento de História – DEHIST

Rua Dom Manoel de Medeiros, s/nº, Dois Irmãos, Recife, PE, CEP 52.171-900

Responsável: Prof. Dr. Paulo Donizeti Siepierski – Diretor do Departamento de História

**Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e
Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina – Lotes 8 e 9
Trecho Salgueiro – Porto Suape
Estado de Pernambuco**

RELATÓRIO FINAL DE DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO

Permissão Federal de Pesquisa n° 3, de 22 de janeiro de 2014.

Anexo I. Processo n.º 01450.010312/2013-19

EQUIPE ENVOLVIDA

DIRETORIA / RESPONSABILIDADE TÉCNICA

Paulo E. Zanettini, Dr. em arqueologia (Diretor Geral)

EQUIPE ADMINISTRATIVA / APOIO A PROJETOS (Ordem Alfabética)

Andréia B. Bonetti (Assistente de Projetos)

Ariane C. Costa (Assistente de Projetos)

José Quintino da S. Junior (Técnico Administrativo)

Louis Van Sluys (Gerente administrativo)

EQUIPE DE PRODUÇÃO GRÁFICA (Ordem Alfabética)

Gabriela R. Farias (Coordenadora do Departamento Gráfico)

Leandro S. C. Nascimento (Assist. de Produção Gráfica)

Priscylla S. Almeida (Assist. de Produção Gráfica)

Rodrigo G. Angelosse (Assist. de Produção Gráfica)

EQUIPE TÉCNICA (Ordem Alfabética)

Breno R. S. Paiva (Bacharel em história e Técnico em Arqueologia)

Camila Azevedo de Moraes Wichers (Doutora em Arqueologia e Museologia)

Gabriel Francisco (Turismólogo e Técnico em Arqueologia)

Luciana Bozzo Alves (Oceanógrafa e Mestranda em Arqueologia)

Yuri Freitas (Arqueólogo e Mestrando em Arqueologia)

EQUIPE DE LABORATÓRIO (Ordem Alfabética)

Bruno Ramos (Técnico em Museologia, Aux. de Laboratório)

Caroline Cripa (Pós-graduanda em Arqueologia e Aux. de Laboratório)

Francione Menezes (Técnica em Museologia, Coord. de Laboratório)

Gilcele Chiara Ferreira da Silva (Historiadora)

Mariana Zauhy Coradi (Pós-graduanda em Arqueologia e Aux. de Laboratório)

Matilde A. A. de Barros (Aux. de Laboratório)

Viviana F. de Araújo (Aux. de Laboratório)

AUXILIARES DE CAMPO (Ordem Alfabética)

Abdiel Rogério da Silva

Alexandre José da Silva

Ednaldo Texeira da Silva

Elias Vitor Ribeiro da Silva

Everton Ribeiro da Silva

Genival da Silva

James Ferreira da Silva

Jefferson Simões de Almeida

João Ferreira do Nascimento

José Elivelson da Silva Júnior

José Paulo Montiolo

Lucas Otávio de Barros

Moisés dos Santos

Regivaldo Ribeiro da Silva

Vaudécio Fortunato da Silva

**Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e
Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina – Lotes 8 e 9
Trecho Salgueiro – Porto Suape
Estado de Pernambuco**

RELATÓRIO FINAL DE DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO

Permissão Federal de Pesquisa n° 3, de 22 de janeiro de 2014.

Anexo I. Processo n.º 01450.010312/2013-19

Quadro Síntese	
Denominação	Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina – Lotes 8 e 9. Trecho Salgueiro – Porto Suape, Estado de Pernambuco (Relatório Final de Diagnóstico Arqueológico).
Permissão de Pesquisa	Permissão Federal de Pesquisa n° 3, de 22 de janeiro de 2014. Anexo I. Processo n.º 01450.010312/2013-19
Apoio Institucional	Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE Departamento de História – DEHIST
Fase de Licenciamento	Licença Prévia.
Objetivo do Relatório	Descrever os resultados obtidos na etapa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo desenvolvida nos Lotes 8 e 9 da Ferrovia Transnordestina. Cabe destacar que a mudança projetual dos lotes mencionados demandou um novo processo de licenciamento, embora contemos com estudos do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina em algumas porções do empreendimento.
Recomendações	Em consonância com a legislação e normas referentes à preservação do patrimônio arqueológico brasileiro, caberá ao empreendedor promover a continuidade dos estudos devotados à salvaguarda dos bens culturais identificados, valorados como de alta significância para a compreensão do processo de ocupação na área em questão, por meio de: 1) Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico; 2) Continuidade das ações devotadas à salvaguarda do patrimônio imaterial, com realização de uma segunda etapa para identificação e documentação das referências culturais mais significativas (ver relatório específico de Levantamento do Patrimônio Cultural - Zanettini Arqueologia, 2014 no prelo); 3) Implantação do Programa de Educação Patrimonial, em atendimento à Portaria 230/02; 4) Por fim, o monitoramento das obras potencialmente impactantes à matriz arqueológica.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
2. QUADRO LEGAL.....	12
3. DELIMITAÇÃO E INSERÇÃO AMBIENTAL DA ÁREA DE PESQUISA	14
3.1. Caracterização sumária dos Lotes 8 e 9.....	17
4. METODOLOGIA UTILIZADA.....	20
4.1. Definição dos objetivos	20
4.2. Sequência das operações realizadas	20
4.2.1. <i>Levantamento bibliográfico.....</i>	21
4.2.2. <i>Levantamento de fontes documentais</i>	21
4.2.3. <i>Caracterização do universo amostral</i>	22
4.2.4. <i>Procedimentos curatoriais dos acervos</i>	24
4.2.5. <i>Gabinete</i>	25
5. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E RESULTADOS OBTIDOS	26
5.1. Lote 8.....	26
Sítio Arqueológico Jussaral	32
Sítio Arqueológico Granito	34
Sítio Arqueológico Baixada.....	36
Sítio Arqueológico Torres	38
Sítio Arqueológico Vento	40
Sítio Arqueológico Capinzal.....	42
Sítio Arqueológico Curva	44
Sítio Arqueológico Joaquim Nabuco II.....	46
Sítio Arqueológico Joaquim Nabuco I.....	49
Sítio Arqueológico Carroça	52
Sítio Arqueológico Barranco	54
Ocorrências Arqueológicas.....	56
Áreas de Ocupação Histórica	58
Obras de Arte	71
5.2. Lote 9.....	73
Sítio Arqueológico Cuiambuca	78
Sítio Arqueológico Água	80

Sítio Arqueológico Garapa.....	82
Sítio Arqueológico Riacho	84
Sítio Arqueológico Aguardente	86
Sítio Arqueológico Canabrava	88
Sítio Arqueológico Amontoado	90
Sítio Arqueológico Caninha	92
Sítio Arqueológico Cachaça	94
Sítio Arqueológico Rio Sapucaí II	96
Sítio Arqueológico Macaxeira	99
Sítio Arqueológico Arado	101
Sítio Arqueológico Usina Ipojuca.....	103
Sítio Arqueológico Lamaçal	106
Sítio Arqueológico Palmeira	108
Sítio Arqueológico Gaibú.....	110
Sítio Arqueológico Lascado	112
Ocorrências Arqueológicas.....	114
Áreas de Ocupação Histórica	120
Obras de Arte	126
6. PROCEDIMENTOS CURATORIAIS DOS ACERVOS	128
7. SÍNTESE DOS RESULTADOS	140
7.1. Antes da Nova Transnordestina – Levantamento bibliográfico e da base ...	140
CNSA	140
7.2. Projetos realizados no âmbito da Ferrovia Transnordestina	143
8. QUADRO ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO REGIONAL	154
8.1. Cenário 1: 50.000 - 11.500 anos atrás.....	155
8.2. Cenário 2: 11.500 - 5.500 anos atrás.....	156
8.3. Cenário 3: 5.500 – 2000 anos atrás	163
8.4. Cenário 4: 2000 – 500 anos atrás	167
8.5. Cenário 5. O período histórico	173
8.6. Os sítios ora cadastrados frente ao quadro arqueológico e histórico	207
regional	207
9. PROGNÓSTICO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS	208
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	210
BIBLIOGRAFIA.....	213

ANEXOS

Anexo 1. Fichas de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA

Anexo 2. Coordenadas UTM dos pontos de análise e Status

Anexo 3. Planilhas de Curadoria

RELAÇÃO DE PRANCHAS

Prancha 01. Localização

Prancha 02. Lotes 8 e 9

Prancha 03. Caracterização do Lote 8

Prancha 04. Atividades realizadas no Lote 8 - tradagens

Prancha 05. Atividades realizadas no Lote 8 - trecho de sobreposição com a antiga CFN

Prancha 06. Sítio arqueológico Jussaral

Prancha 07. Sítio arqueológico Granito

Prancha 08. Sítio arqueológico Baixada

Prancha 09. Sítio arqueológico Torres

Prancha 10. Sítio arqueológico Vento

Prancha 11. Sítio arqueológico Capinzal

Prancha 12. Sítio arqueológico Curva

Prancha 13. Sítio arqueológico Joaquim Nabuco II

Prancha 14. Sítio arqueológico Joaquim Nabuco I

Prancha 15. Sítio arqueológico Carroça

Prancha 16. Sítio arqueológico Barranco

Prancha 17. Ocorrências arqueológicas

Prancha 18. Áreas de Ocupação Histórica

Prancha 19. Áreas de Ocupação Histórica

Prancha 20. Áreas de Ocupação Histórica

Prancha 21. Áreas de Ocupação Histórica

Prancha 22. Obras de Arte do Lote 8

Prancha 23. Vista Geral dos Diferentes Compartimentos do Lote 9

Prancha 24. Atividades realizadas no Lote 9 - tradagens

Prancha 25. Atividades realizadas no Lote 9 - trecho de sobreposição com a antiga CFN

Prancha 26. Sítio arqueológico Cuiambuca

Prancha 27. Sítio arqueológico Água

Prancha 28. Sítio arqueológico Garapa

Prancha 29. Sítio arqueológico Riacho

Prancha 30. Sítio arqueológico Aguardente

Prancha 31. Sítio arqueológico Canabrava

- Prancha 32.** Sítio arqueológico Amontoado
- Prancha 33.** Sítio arqueológico Caninha
- Prancha 34.** Sítio arqueológico Cachaça
- Prancha 35.** Sítio arqueológico Rio Sapucaí II
- Prancha 36.** Sítio arqueológico Macaxeira
- Prancha 37.** Sítio arqueológico Arado
- Prancha 38.** Sítio arqueológico Usina Ipojuca
- Prancha 39.** Sítio arqueológico Lamaçal
- Prancha 40.** Sítio arqueológico Palmeira
- Prancha 41.** Sítio arqueológico Gaibú
- Prancha 42.** Sítio arqueológico Lascado
- Prancha 43.** Ocorrências arqueológicas
- Prancha 44.** Ocorrências arqueológicas
- Prancha 45.** Ocorrências arqueológicas
- Prancha 46.** Áreas de Ocupação Histórica
- Prancha 47.** Áreas de Ocupação Histórica
- Prancha 48.** Obras de Arte do Lote 9
- Prancha 49.** Procedimentos Curatoriais
- Prancha 50.** Documentação fotográfica produzida
- Prancha 51.** Patrimônio Arqueológico Identificado
- Prancha 52.** Bens Ferroviários

RELAÇÃO DE TABELAS

- Tabela 01.** Coordenadas UTM das extremidades dos lotes 8 e 9
- Tabela 02.** Coordenadas lote 8
- Tabela 03.** Coordenadas lote 9
- Tabela 04.** Síntese do acervo de cada sítio arqueológico
- Tabela 05.** Sítios levantados na bibliografia
- Tabela 06.** Sítios Arqueológicos levantados pela Zanettini
- Tabela 07.** Ocorrências arqueológicas
- Tabela 08.** Áreas de Ocupação Histórica
- Tabela 09.** Bens Ferroviários e obras de arte cadastrados pela Zanettini
- Tabela 10.** Recortes temporais

RELAÇÃO DOS GRÁFICOS

- Gráfico 1.** Total do acervo por evidências
- Gráfico 2.** Total do acervo por categoria

1. INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final apresenta os resultados obtidos a partir dos levantamentos de campo efetuados no âmbito do **Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina dos Lotes 8 e 9 do Trecho Salgueiro – Porto Suape, Estado de Pernambuco**. Cabe destacar que o presente documento se atém aos dados referentes ao patrimônio arqueológico, tendo sido produzido outro documento voltado ao **levantamento do patrimônio cultural** (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2014 no prelo).

Esse diagnóstico arqueológico dialoga, necessariamente, com o **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina**, realizado desde 2009 nos estados do Piauí, Pernambuco e Ceará (ver ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2009b, 2009c, 2011b, 2012a, 2012b). O referido programa engloba os Trechos Porto Suape – Salgueiro (Estado do Pernambuco), Eliseu Martins - Trindade (Estados do Pernambuco e Piauí) e Missão Velha – Porto de Pecém (Estado do Ceará), empreendimento de responsabilidade da Transnordestina Logística S.A.¹ Da mesma forma, o presente estudo dialoga com os trabalhos arqueológicos e de levantamento do patrimônio ferroviário no escopo do Trecho 3 da CFN – Companhia Ferroviária Nacional (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2008e, 2011a).

Mudanças projetuais nos **Lotes 8 e 9 do Trecho Porto Suape – Salgueiro**, já submetido ao diagnóstico e às prospecções arqueológicas no escopo do Programa de Gestão (ver ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2009b, 2009c, 2011b, 2012a, 2012b), demandaram a configuração do presente estudo, tendo em vista que a maior parte do novo eixo não é coincidente com o anterior, incidindo atualmente nos municípios de Belém de Maria, Bonito, Catende, Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta, Gameleira, Ribeirão, Escada, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, todos no estado de Pernambuco.

¹ Cabe ainda apontar que, anteriormente ao programa mencionado, foram realizados os estudos concernentes ao patrimônio arqueológico dos Trechos Missão Velha – Salgueiro (Estados do Ceará e Pernambuco) e Salgueiro - Trindade (Estado de Pernambuco) (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2007e, 2009d, 2009e, 2009f).

As atividades da etapa em epígrafe conduziram à identificação de **24 sítios arqueológicos (SA)**, **13 ocorrências arqueológicas (Oc.)** e **12 áreas de ocupação histórica (AOH)**.

Este relatório está estruturado da seguinte forma: o Capítulo 2 apresenta o quadro legal; o Capítulo 3 apresenta a delimitação da área abrangida pelo projeto e sumariza os aspectos fisiográficos da área do empreendimento; o Capítulo 4 detalha a metodologia utilizada no Diagnóstico Arqueológico Interventivo; o Capítulo 5 apresenta as atividades realizadas e resultados obtidos na etapa em epígrafe; o Capítulo 6 apresenta os procedimentos curatoriais; o Capítulo 7 sintetiza e unifica o patrimônio arqueológico levantado nos projetos anteriores e no projeto em epígrafe, nos Lotes 8 e 9; o Capítulo 8 compara os dados obtidos, com os cenários de ocupação presentes no quadro arqueológico e histórico regional; por fim, o Capítulo 9 apresenta as considerações finais e recomendações tendo em vista a salvaguarda do patrimônio arqueológico detectado.

2. QUADRO LEGAL

O Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina - Lotes 8 e 9 - Trecho Salgueiro – Porto Suape, Estado de Pernambuco tem como objetivo preservar o patrimônio arqueológico no âmbito do empreendimento, de acordo com a legislação e normas brasileiras referentes ao patrimônio arqueológico e histórico, a saber:

- Lei 3.924, de 26/07/1961 que proíbe a destruição ou mutilação, para qualquer fim, da totalidade ou parte das jazidas arqueológicas, o que é considerado crime contra o patrimônio nacional;
- Constituição federal de 1988 (artigo 225, parágrafo IV), que considera os sítios arqueológicos como patrimônio cultural brasileiro, garantindo sua guarda e proteção, de acordo com o que estabelece o artigo 216.

O programa considera, também, as diretrizes normativas e operacionais fornecidas pelos seguintes instrumentos:

- Resolução Conama 01/86, especificamente o artigo 6, inciso I, alínea c, onde são destacados os sítios e monumentos arqueológicos como elementos a serem considerados nas diferentes fases de planejamento e implantação de um empreendimento (LP, LI e LO);
- Portaria IPHAN/ MinC 07 de 01 de dezembro de 1988 que normatiza e legaliza as ações de intervenção e resgate junto ao patrimônio arqueológico nacional, definindo a documentação necessária para pedidos de autorização federal de pesquisa;
- Resolução Conama 07/97 que detalha as atividades e produtos esperados para cada uma das fases acima citadas e de sua obrigatoriedade para obras civis rodoviárias e demais obras de arte a elas relacionadas;
- Portaria 230, de 17 de dezembro de 2002 que normatiza a pesquisa arqueológica no âmbito de estudos de impacto e de licenciamento ambiental;

- Termo de referência elaborado pela 5ª SR/IPHAN/PE para a avaliação de bens culturais legalmente protegidos do estado de Pernambuco, em estudos e relatórios de impactos ambientais no âmbito de competência do IBAMA e da CPRH – Agência estadual de meio ambiente e recursos hídricos (ALBUQUERQUE *et al.*, 2006);
- Portaria Interministerial n. 419, de 28 de outubro de 2011, especificamente o anexo III-D sobre as informações necessárias ao diagnóstico do meio socioeconômico, nos aspectos relacionados à proteção dos bens de interesse cultural e à educação patrimonial;
- Em âmbito municipal são igualmente consideradas as leis orgânicas dos municípios envolvidos.

3. DELIMITAÇÃO E INSERÇÃO AMBIENTAL DA ÁREA DE PESQUISA

Os trechos da Ferrovia Transnordestina interceptam porções dos territórios dos estados de Pernambuco, Piauí e Ceará, no entanto, a área alvo do presente estudo abarca apenas municípios do Estado de Pernambuco, sendo eles: Belém de Maria, Bonito, Catende, Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta, Gameleira, Ribeirão, Escada, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho.

A tabela a seguir, apresenta as coordenadas que circunscrevem o trecho alvo de licenciamento (**Tabela 1**):

Tabela 1 - Coordenadas UTM das extremidades dos lotes 8 e 9

Lotes	Ponto Inicial	Ponto Final
8	25L 186919 9054963	25L 230123 9048916
9	25L 230123 9048916	25L 279235 9079732

A seguir, apresentamos a delimitação das áreas de influência do empreendimento definidas para fins de licenciamento, adotadas nos estudos realizados na ferrovia como um todo:

Área Diretamente Afetada (ADA)

Delimitada pela faixa de domínio da futura ferrovia, com largura predominante mínima de 40 metros para cada lado do eixo. No que concerne ao patrimônio arqueológico, tem sido considerada, nos demais trechos estudados, uma faixa de **100 metros para cada lado do eixo**. Tal orientação está em consonância com as recomendações do Iphan, estabelecendo uma margem maior de segurança, de modo a evitar impactos indesejáveis ao patrimônio em decorrência de deslocamento de maquinário e/ou outras atividades. Também são consideradas pertencentes à ADA todas as áreas de empréstimos, botaforas, canteiro de obras, acessos, pátios de equipamentos e matérias-primas e quaisquer outras intervenções necessárias à implantação do empreendimento.

Área de Influência Direta (AID)

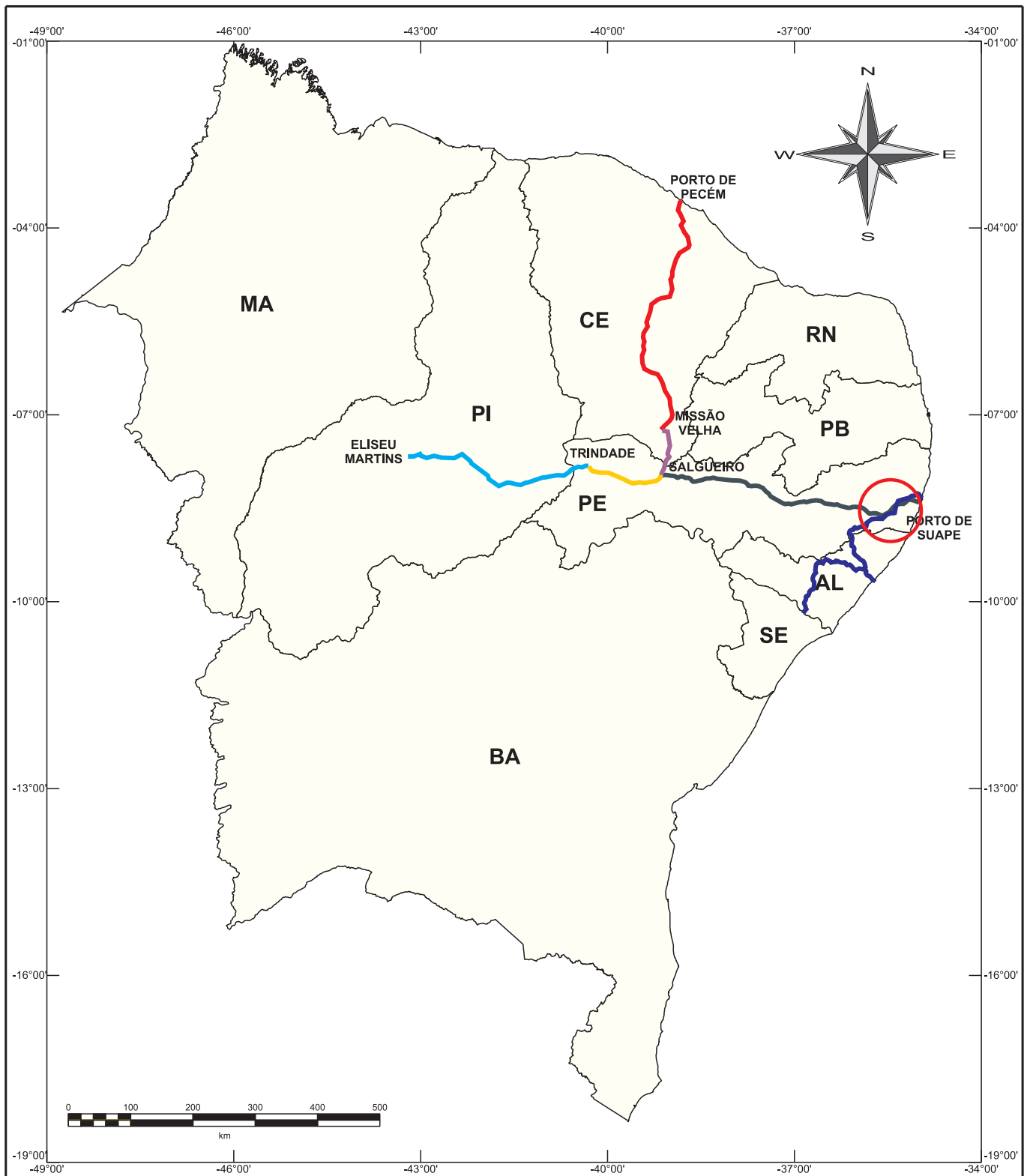
Assim como em outros trechos da Ferrovia Transnordestina, são considerados como inseridos na AID todos os bens arqueológicos localizados a até 2,5 km do eixo da ferrovia projetada.

Área de Influência Indireta (AI)



No que concerne ao patrimônio arqueológico, na construção de cenários de ocupação com base na bibliografia arqueológica disponível, têm sido considerados o território dos municípios interceptados pelo traçado da ferrovia.

A **Prancha 01**, a seguir, apresenta a inserção da área de estudo do presente projeto, em relação com os cinco Trechos da Nova Ferrovia Transnordestina, assim como ao Trecho 3 da Companhia Ferroviária do Nordeste (CFN), o qual passou por um programa de resgate arqueológico e de levantamento do patrimônio ferroviário (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007a, 2007b, 2008e, 2011a). Tal inserção tem especial atenção para o cruzamento de dados relativos aos estudos já realizados anteriormente com as informações levantadas a partir do presente programa.






Passemos a uma caracterização sumária da inserção ambiental do trecho alvo de pesquisa.

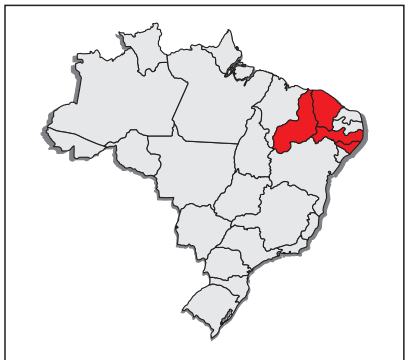


LEGENDA:

-  Área alvo de pesquisa
-  Trecho 03 - CFN

FERROVIA TRANSNORDESTINA:

-  Trecho Missão Velha - Salgueiro
-  Trecho Salgueiro - Trindade
-  Trecho Eliseu Martins - Trindade
-  Trecho Salgueiro - Porto de Suape
-  Trecho Missão Velha - Porto de Pecém



3.1. Caracterização sumária dos Lotes 8 e 9

Estes lotes perfazem 134,19 km englobando a mesorregião do Agreste de Pernambuco, Zona da Mata e Região Metropolitana de Recife, envolvendo 11 municípios, a saber: Belém de Maria, Bonito, Catende, Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta, Gameleira, Ribeirão, Escada, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho (**Prancha 02**).

Em alguns pontos, a ferrovia irá se interligar com a malha da Companhia Ferroviária do Nordeste. Conforme apontado, o referido trecho da Companhia foi alvo de Programa de Resgate específico, tendo sido entregue o Relatório Final de Resgate (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2008e) e o Levantamento de Bens Ferroviários (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2011a).

Os lotes em estudo interceptam trechos da Zona da Mata, bem como a zona do Agreste no bioma Caatinga, apresentando esta faixa características específicas do ponto de vista do relevo, vegetação e fauna.

A cobertura vegetal da Zona da Mata era originalmente ocupada por florestas, além da presença de manguezais. Atualmente, em virtude das intensas transformações promovidas pela ocupação humana, o entorno da área prevista para os Lotes 8 e 9 é predominantemente marcado por atividades agropecuárias, além de áreas urbanas e loteamentos rurais. A floresta remanescente está representada por “ilhas” de fragmentos isolados, distribuídas na área ocupada pela agropecuária, com destaque para a cana-de-açúcar nas áreas originalmente caracterizadas pelo agreste e mata atlântica (ARCADIS TETRPLAN 2008a: 36).

Do ponto de vista geotectônico, o trecho em estudo está contido na Província da Borborema, conforme definida por Almeida *et al.* (1977 *apud* ARCADIS TETRPLAN 2008c), que corresponde a um cinturão orogênico meso/neoproterozóico que se estende por grande parte do nordeste, desde Sergipe até a parte oriental do Piauí.

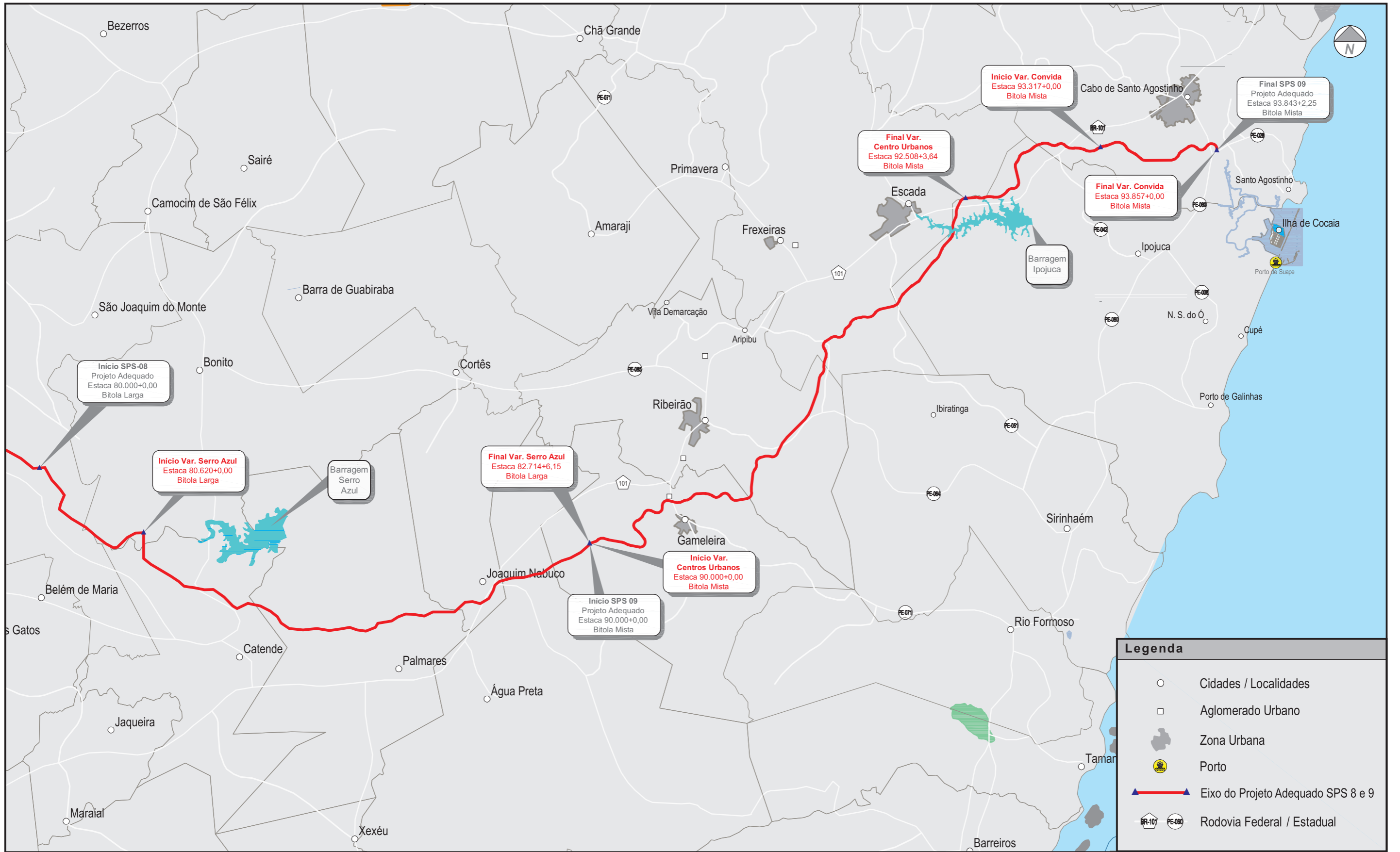
A geologia da região atravessada pela ferrovia é formada predominantemente por rochas do embasamento cristalino pré-cambriano (85%) Paleoproterozóicas, Mesoproterozóicas e

Neoproterozóicas, enquanto que o restante da área é ocupado pela bacia sedimentar costeira do Cabo com idade meso/cenozóica e ainda cobertura Terciária-Quaternária do Grupo Barreiras. Ocorrem também algumas pequenas áreas recobertas por aluviões quaternários junto aos cursos d'água (ARCADIS TETRPLAN, 2008c: 10).

Esse trecho é cortado por muitas drenagens, pertencentes às bacias hidrográficas dos seguintes rios (considerando o sentido oeste-leste do percurso do traçado): Ipojuca, Una e Sirinhaém. Devido principalmente ao clima da região, a maioria dos cursos d'água seca na falta de chuvas, mas alguns rios de maior porte ainda mantêm seu escoamento durante o período de secas. Os rios que secam são chamados “rios intermitentes”, e os que não secam, de “rios perenes”.

O rio Una é o que possui maiores vazões médias anuais (58 m³/s), seguido dos rios Sirinhaém (35 m³/s) e o rio Ipojuca, com vazão média anual de 15 m³/s e que pode ser considerado de médio porte para a região (ARCADIS TETRPLAN, 2008a).

A região possui inúmeros açudes, construídos para fornecer água para a população, para irrigação de áreas agrícolas e para dar de beber aos animais durante as secas.



Legenda

- Cidades / Localidades
- Aglomerado Urbano
- Zona Urbana
- 🚢 Porto
- ➡ Eixo do Projeto Adequado SPS 8 e 9
- BR-101 PE-000 Rodovia Federal / Estadual



4. METODOLOGIA UTILIZADA

4.1. Definição dos objetivos

1. Aprofundar o conhecimento arqueológico disponível a partir de uma abordagem de caráter regional, facilitada pela extensão do empreendimento – Nova Ferrovia Transnordestina, da qual esse projeto faz parte;
2. Integrar o conhecimento arqueológico advindo do programa com as informações adquiridas com o levantamento sistemático das fontes arqueológicas, etno-históricas e históricas acerca dos quadros de ocupação humana regional;
3. Efetuar diagnóstico interventivo na área a ser diretamente afetada pelo empreendimento, a fim de promover a identificação de evidências materiais relacionadas à presença humana, passíveis de eventuais impactos em decorrência da instalação do empreendimento, valorá-las e dimensioná-las, a fim de se propor medidas compatíveis para sua salvaguarda;
4. Realizar os procedimentos curatoriais dos acervos resgatados no que tange a sua documentação e conservação preventiva;
5. Promover os levantamentos a respeito de outras esferas e dimensões do patrimônio cultural (bens materiais e imateriais descritos em relatório específico – ver Zanettini Arqueologia, 2014 no prelo);
6. Desenvolver ações preliminares necessárias à implantação de Programa de Educação Patrimonial compatível.

4.2. Sequência das operações realizadas

A estratégia adotada nos estudos relativos à Ferrovia Transnordestina tem envolvido o aprofundamento da bibliografia disponível, visando o estabelecimento de um quadro prévio a respeito da ocupação humana na região, bem como a caracterização e o resgate do patrimônio arqueológico identificado, englobando ainda atividades de curadoria e análise dos acervos coletados, sendo os procedimentos descritos a seguir.

4.2.1. Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico tem por propósito estabelecer o nível do conhecimento arqueológico sobre as regiões interceptadas pela malha ferroviária da Transnordestina, assim como levantar informações sobre a história e ocupação humana da área a ela circunscrita. Para tanto, tem sido consultadas sínteses gerais sobre a arqueologia e história regional, as quais forneceram referências bibliográficas iniciais sobre a área em estudo (ver Bibliografia de Referência, apresentada ao final do relatório). Os levantamentos têm gerado relatórios periódicos, artigos e comunicações em congressos e colóquios científicos (ver Bibliografia de Referência, apresentada ao final do relatório – item da produção baseada no Programa de Gestão da Ferrovia Transnordestina).

4.2.2. Levantamento de fontes documentais

Esse levantamento tem contemplado tanto os sítios registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA, quanto outros, descritos em fontes secundárias e relatórios técnicos, que ainda não foram inseridos nesse cadastro por serem referentes a pesquisas mais recentes realizadas na área e ainda não publicadas e/ou divulgadas.

O conjunto de informações levantadas tem permitido a construção de quatro amplos cenários de ocupações pré-coloniais para a região em estudo, e um cenário histórico, o qual tem como marcador inicial a colonização europeia da região e seus desdobramentos, seguindo até o século XX (ver item 8 adiante).

Em adição, esses dados forneceram informações importantes sobre o padrão de implantação dos sítios arqueológicos e sua variabilidade através do tempo nas regiões interceptadas pela ferrovia. Tais informações embasaram os levantamentos de campo, direcionando a atenção para os diversos tipos de ambientes que poderiam ter sido ocupados por diferentes grupos humanos ao longo do tempo.

4.2.3. Caracterização do universo amostral

Para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas em áreas de grande extensão, como no caso do trecho em epígrafe, o método de **investigação por amostragem** tem se mostrado bastante apropriado.

As primeiras discussões sobre as vantagens e aplicações do método em Arqueologia remontam a década de 1960, quando arqueólogos ligados a denominada *New Archaeology*, começaram a dar ênfase a projetos mais bem definidos do ponto de vista científico que procurassem responder questões específicas sobre o passado. Nessa perspectiva os problemas deveriam ser encaminhados a partir de uma abordagem regional, e não mais com o estudo de sítios isolados (CLARKE 1968, 1972, 1977). Para tanto se mostrou necessário introduzir novas técnicas de prospecção intensiva, acompanhadas de amostragens estatisticamente definidas e análises multivariadas de dados. Esses passaram a ser os elementos chave para a moderna pesquisa de campo.

A utilização de métodos de amostragem tem, certamente, a vantagem de otimizar o tempo disponível, custos e o esforço gasto na investigação. O método de amostragem constitui, de fato, uma das grandes contribuições da Arqueologia Processual. O resultado obtido por meio de sua aplicação permite ao pesquisador produzir generalizações sobre a natureza e variação dos sistemas socioculturais tratados a partir da aplicação de testes matemáticos.

Diferentes comitês e organizações de arqueologia criados ao redor do mundo, e que apresentam entre seus objetivos a definição de critérios metodológicos para pesquisas arqueológicas apontam a importância dos métodos de amostragem. Exemplo disso é o *Committee for the Recovery of Archaeological Remains*, fundado em 1945, nos EUA, que definiu parâmetros para o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas em obras de grande extensão (SNYDER *et al*, 2000: 18; MACMANAMON & WENDORF, 2000: 41). Esse comitê definiu que o objetivo nas pesquisas era resgatar 10% do patrimônio arqueológico, embora reconhecendo que, na maioria dos casos existentes, trabalha-se sistematicamente apenas 1 a 2% (para uma revisão ver JENNINGS, 1985).

Por todo esse período, o método amostral foi e é largamente utilizado em Arqueologia, com numerosos exemplos em todo o mundo desde barragens de grande porte (vide exemplo na Sibéria por Derevianko, 2000; em Portugal por Silva 1999; no Missouri por Banks & Snortland, 2000; e na Índia por Ota, 1999) e empreendimentos lineares (como um aqueduto no Arizona por Teague, 2000).

Robrahn-González & De Blasis (2000) apontam que uma das graves lacunas da pesquisa no Brasil a falta de uma conceituação metodológica explícita, que defina métodos de amostragem e seleção de sítios a serem escavados. Problemas semelhantes foram encontrados na Argentina conforme discute Politis & Endere (1999).

Com base nessas premissas, metodologicamente definiu-se uma **investigação por meio de amostragem sistemática estratificada que compreende o uso do eixo projetado da obra como *transect* ao longo dos Lotes a serem examinados**, de forma a captar todas as variáveis ambientais existentes e, portanto, as potenciais variações entre os sítios a serem resgatados.

As intervenções consistiram em **tradagens sistemáticas** feitas com o auxílio de cavadeira articulada, alcançando cerca de 30 cm de diâmetro e profundidade variável, de acordo com as características geomorfológicas locais, objetivando atingir o embasamento estéril do ponto de vista arqueológico. Vale destacar que todo o sedimento proveniente das intervenções (tradagens e sondagens) foi cuidadosamente verificado por meio de peneiramento em níveis artificiais de 10 cm, dando confiabilidade aos resultados alcançados (conforme proposto por ARAÚJO, 2001).

Cada uma das intervenções contou com ampla **documentação fotográfica e gráfica**, bem como o registro por meio de fichas de campo, contendo a descrição de cada tradagem realizada, procedimentos que adotamos usualmente, objetivando o controle e a uniformidade das informações que foram coletadas por cada um dos membros da equipe.

Locais onde se detectou a presença de três ou mais peças a uma distância máxima de 10 metros entre si foram considerados **sítios arqueológicos**, sendo que as manifestações arqueológicas que não satisfazem estas condições foram denominadas “**ocorrências**”

arqueológicas isoladas” (OCs), conforme proposta de Araújo (2001: 155). As peças isoladas localizadas num raio máximo de 30 metros umas das outras foram englobadas em uma mesma Ocorrência Arqueológica, para fins de descrição, embora essas peças possam estar relacionadas a fenômenos culturais diferenciados. A importância destas ocorrências não pode ser subestimada, uma vez que são potencialmente informativas a respeito de locais onde atividades específicas ocorreram em tempos passados, sendo fundamentais para o desenvolvimento de interpretações em escala regional.

As **áreas de ocupação histórica** (AOH), por sua vez caracterizadas por evidências materiais associadas à ocupação da região a partir da segunda metade do século XX. A abordagem regional aqui intentada deve, necessariamente, levar em consideração essas ocupações, uma vez que revelam um modo de vida pouco documentado e analisado por meio da cultura material, em vias de profunda transformação e desaparecimento. Nesse sentido, a medida cabível é a seleção de algumas dessas áreas, a partir de critérios de significância científica e histórica, alçadas à categoria de sítios arqueológicos (para uma discussão ver relatório final de resgate do Trecho Missão Velha-Salgueiro ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2008d).

4.2.4. Procedimentos curatoriais dos acervos

O desenvolvimento dos processos curatoriais considerou as peculiaridades vinculadas à natureza dos vestígios, como por exemplo, a matéria-prima e estado de conservação das peças, uma vez que os mesmos impuseram procedimentos diferentes de curadoria, conforme exposto no item 6 desse documento.

Os trabalhos de curadoria desenvolvidos pela Zanettini Arqueologia contemplam quando necessários (dimensionamento do acervo gerado) a organização de um **Catálogo de Acervo Digital**, com fotos do material e resultados das análises empreendidas. Ao mesmo tempo, são selecionadas peças para a montagem de uma **Coleção de Referência**, passível de ser utilizada na montagem de exposições. Essas duas medidas aumentam a eficácia dos processos de divulgação dos trabalhos, assim como aprimoram a extroversão museológica das informações geradas.

4.2.5. Gabinete

As fichas de cadastro de sítio foram informatizadas, seguindo o modelo definido pelo IPHAN. Os registros gráficos produzidos (plantas de sítio, perfis topográficos, croquis, etc.) foram processados em computador.

Todos os dados e materiais organizados em laboratório passaram, então, a ser analisados, com o objetivo de obter as informações necessárias para caracterizar o patrimônio arqueológico evidenciado.

Estas informações foram complementadas e confrontadas com a análise da bibliografia arqueológica, objetivando a construção de um quadro de referência para a inserção dos vestígios identificados na área do empreendimento, num contexto arqueológico mais amplo.

Por fim, foram elaborados os documentos necessários e este relatório final, dando conta dos trabalhos realizados até o presente momento e resultados obtidos.

5. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES E RESULTADOS OBTIDOS

Como mencionado anteriormente, os levantamentos de campo envolveram o exame amostral do eixo da ferrovia, através do caminhamento e de tradagens equidistantes ao longo do *transect* nos **Lotes 8 e 9**, contemplando diversas variáveis ambientais, bem como, os compartimentos topográficos diferenciados da paisagem em estudo.

O conjunto de procedimentos acima descrito conduziu ao cadastro de **24 Sítios Arqueológicos, 13 Ocorrências Arqueológicas e 14 Áreas de Ocupação Histórica**, assim como de **12 Obras de Arte**.

A seguir, detalhamos as atividades realizadas, bem como os resultados alcançados em cada um dos lotes alvos deste diagnóstico.

5.1. Lote 8

Descrição

O lote 8 apresenta um *transect* de cerca de 42.000 m de comprimento, passando por diferentes compartimentos topomorfológicos e diversas variáveis ambientais (**Prancha 03**), compreendendo os municípios de Belém de Maria, Bonito, Catende, Palmares, Joaquim Nabuco, Água Preta e Gameleira.

Tabela 2: Coordenadas lote 8

Coordenada UTM (SAD' 69)
Inicial: 25L 186919 9054963
Final: 25L 230123 9048916

Intervenções Arqueológicas no Lote 8

Foram programados 419 pontos de análise, distanciados a cada 100 metros no *transect* do Lote 8. Sempre que as condições ambientais, de relevo ou hidrográficas permitiam a equipe chegava até os pontos e avaliava as condições para se abrir uma tradagem.

Quando as condições ambientais não permitiam que a equipe chegasse ao eixo da futura ferrovia, os pesquisadores andavam o mais próximo possível, fazendo assim uma análise amostral do traçado.

Desta forma os pontos programados para análise tiveram diferentes abordagens de acordo com as condições oferecidas pelo terreno:

- Ponto com tradagem realizada e positiva, quando a mesma apresentou vestígios arqueológicos;
- Ponto com tradagem realizada e negativa, quando a mesma não apresentou vestígios arqueológicos;
- Ponto apenas vistoriado, quando este incidia sobre áreas onde não era necessária ou possível a abertura da tradagem (afloramento de rocha matriz, área alagada, encosta muito íngreme ou outra condição desfavorável à realização da tradagem);
- Ponto não alcançado, quando as variáveis ambientais não permitiam que a equipe chegasse ao ponto de análise.

As tradagens foram abertas com o auxílio de cavadeira articulada (boca-de-lobo), medindo cerca de 0,3 m de diâmetro. O sedimento foi cuidadosamente peneirado e analisado em níveis de 0,1 m (**Prancha 04**). A profundidade média das tradagens foi de 0,5 m.

Dos 419 pontos programados para análise, 126 foram alvo de tradagens (todas negativas para material arqueológico), 139 foram vistoriados e 154 pontos não foram alcançados. Isso indica que a equipe conseguiu alcançar cerca de 64% dos pontos previstos para análise.

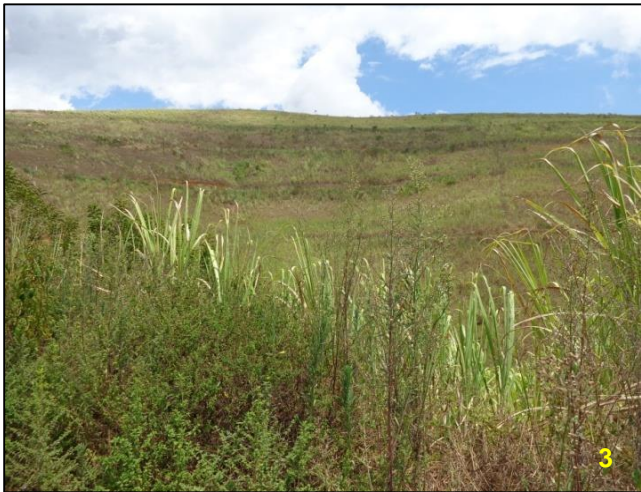
Além disso, nos trechos em que o eixo da Nova Transnordestina se sobrepõe ao traçado da antiga CFN, a equipe caminhou nas proximidades do mesmo, produzindo documentação fotográfica do local (**Prancha 05**).

Patrimônio arqueológico identificado no lote 8

Foram localizados **9 Sítios Arqueológicos, 3 Ocorrências Arqueológicas, 10 Áreas de Ocupação Histórica e 9 Obras de arte**. Além disso, 2 sítios arqueológicos identificados durante o Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN - Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL) da CFN – Trecho 3 (Sítio Joaquim Nabuco I e Joaquim Nabuco II) foram vistoriados por meio de delimitação prévia de superfície, coletas e registro fotográfico.

A seguir, são apresentadas as descrições dos bens evidenciados.

Prancha 03 - Caracterização do Lote 8



1 a 6. Compartimentos topomorfológicos e variáveis ambientais ao longo do Lote 8.

Prancha 04 - Atividades realizadas no Lote 8 - tradagens



1 a 6. Tradagens realizadas ao longo do eixo projetado do lote 8.

Prancha 05 - Atividades realizadas no Lote 8
Trecho de sobreposição com a antiga CFN



1. Arqueólogo vistoriando ponto de análise incidente sobre trilho da antiga CFN;
2, 4 e 6. Caminhamento realizado sobre trilho da antiga CFN;
3 e 5. Vista geral da antiga CFN.

Sítio Arqueológico Jussaral

Localização

O sítio arqueológico Jussaral (Coordenada central UTM L 195940 9048193) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 74 m do eixo projetado, estando próximo da estaca 80.735, ADA do empreendimento, município de Catende.

O acesso se dá por via pública não pavimentada, localizada no Distrito de Jussaral, que liga Palmares ao município de Catende.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto, implantado em topo, em área com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, principalmente por fragmentos de cerâmica de produção local/regional e também duas peças líticas de uso contemporâneo.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e periférica do sítio.

Ao todo foram realizados oito pontos de coleta de superfície apresentando uma amostra de seis fragmentos de cerâmica de produção local/regional e dois líticos históricos. Foi feito o registro fotográfico da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 06**).

Prancha 06 - Sítio arqueológico Jussaral

Sítio Jussaral	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 195940 9048193
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Catende
Inserção na paisagem	Topo



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Pesquisador realizando coleta de superfície;
- 3 e 4. Material encontrado no sítio.

Sítio Arqueológico Granito

Localização

O sítio arqueológico Granito (Coordenada central UTM 25 L 199369 9048710) tem o ponto central distante 2.500 m do eixo projetado, a partir da estaca 80.890, AID do empreendimento, município de Catende.

O acesso se dá por via pública não pavimentada por meio do canavial, ligando os municípios de Catende e Palmares.

Descrição sumária

Sítio arqueológico pré-colonial cerâmico, localizado a céu aberto em topo de morro em área com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de fragmentos cerâmicos dispersos em superfície.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados oito pontos de coleta de superfície que resultaram na recuperação de oito fragmentos de cerâmica. Foi feito o registro fotográfico da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 07**).

Prancha 07 - Sítio arqueológico Granito

Sítio Granito	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 199369 9048710
Inserção no empreendimento	AID
Categoria	Cerâmico
Município	Catende
Inserção na paisagem	Topo



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 e 5. Fragmentos de cerâmica pré-colonial identificado em superfície.

Sítio Arqueológico Baixada

Localização

O sítio arqueológico Baixada (Coordenada central UTM 25 L 208507 9041189) tem o ponto central distante 980 metros do eixo projetado, a partir da estaca 81475, AID do empreendimento, município de Palmares.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende ao município de Palmares.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente com dissecação média, em área com cultivo de cana-de-açúcar. Nas extremidades do cultivo é possível observar árvores de médio porte, além de outras espécies de menor porte. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e líticos históricos. Não foi possível identificar ruínas de habitação, mas foram observados dispersos em superfície uns poucos fragmentos de telhas. Próxima à área há uma planície de inundação.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados doze pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de sete fragmentos de cerâmica de produção local/regional, quatro fragmentos de faiança fina e dois líticos históricos. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 08**).

Prancha 08 - Sítio arqueológico Baixada

Sítio Baixada	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 208507 9041189
Inserção no empreendimento	AID
Categoria	Histórico
Município	Palmares
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Arqueólogo evidenciando vestígio;
3. Fragmento de cerâmica de produção local/regional;
4. Fragmento de Faiança fina;
5. Fragmento de vidro identificado em superfície.

Sítio Arqueológico Torres

Localização

O sítio arqueológico Torres (Coordenada central UTM 25 L 216170 9043272) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 94m do eixo projetado a partir da estaca 81.885, ADA do empreendimento, município de Palmares.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Palmares à BR-101 Sul.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, em área com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas, grês, vidros, metal e material construtivo.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados treze pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de dois fragmentos de cerâmica de produção local/regional, seis fragmentos de grês, um metal, sete fragmentos de faiança fina e um de vidro. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 09**).

Prancha 09 - Sítio arqueológico Torres

Sítio Torres	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 216170 9043272
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Palmares
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
3. Fragmento de faiança fina tipo *blue edge*;
4. Fragmento de cerâmica de produção local/regional;
5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Vento

Localização

O sítio arqueológico Vento (Coordenada central UTM 25 L 217832 9043377) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 60 m do eixo projetado a partir da estaca 81.980, ADA do empreendimento, município de Palmares.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Palmares à BR-101 Sul.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, está localizado em área com cultivo de cana-de-açúcar. O sítio caracteriza-se pela presença de fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas, porcelanas, lítico de uso contemporâneo, metal, vidro e material construtivo.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados nove pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de três fragmentos de cerâmica de produção local/regional, cinco fragmentos de faiança fina, três de porcelana, um fragmento de vidro e um lítico de uso contemporâneo. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 10**).

Prancha 10 - Sítio arqueológico Vento

Sítio Vento	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 217832 9043377
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Palmares
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Pesquisador realizando coleta de superfície;
3. Tradagem realizada na área do sítio;
- 4 e 5. Material coletado em superfície.

Sítio Arqueológico Capinzal

Localização

O sítio arqueológico Capinzal (Coordenada central UTM 25 L 219113 9043670) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 95 metros do eixo projetado, próximo à estaca 82050, ADA do empreendimento, município de Palmares.

O acesso se dá por via pública pavimentada que liga Palmares ao município de Joaquim Nabuco.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em planície aluvionar, próxima à drenagem, em área agricultável e recentemente arada, atualmente com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um lítico de uso contemporâneo além de matérias construtivos dispersos em superfície. Parte do vestígios material foi encontrada em uma perfil de barranco ao lado de uma estrada.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados onze pontos de coleta de superfície apresentando uma amostra de 28 fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um lítico histórico e dois fragmentos de telha do tipo capa e canal. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 11**).

Prancha 11 - Sítio arqueológico Capinzal

Sítio Capinzal	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 219113 9043670
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Palmares
Inserção na paisagem	Planície aluvionar



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 e 4. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Curva

Localização

O sítio arqueológico Curva (Coordenada central UTM 25 L 222970 9044761) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 1 metro do eixo projetado, próximo à estaca 82.267, ADA do empreendimento, município de Joaquim Nabuco.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente com declive suavemente acidentado, está em área com plantio de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faiança fina, porcelana e vidro. Não foi possível identificar nenhuma estrutura de habitação, mas foram observados alguns fragmentos de material construtivo, tais como telhas do tipo capa e canal, dispersos em superfície. Algumas peças foram encontradas em perfil de barranco ao lado de estrada.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados onze pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de nove fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um de faiança fina, um de porcelana, um vidro e três fragmentos de telha do tipo capa e canal. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 12**).

Prancha 12 - Sítio arqueológico Curva

Sítio Curva	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 222970 9044761
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Joaquim Nabuco
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Arqueólogo realizando coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Joaquim Nabuco II

Localização

O sítio arqueológico Joaquim Nabuco II (Coordenada central UTM 25 L 225544 9046536) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 17 metros do eixo projetado, próximo a estaca 82441, ADA do empreendimento, município de Água Preta.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa encosta com dissecação média, em área com cultivo de cana de açúcar. Esse sítio foi cadastrado pela Zanettini Arqueologia no ano de 2007 dentro do escopo do “Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural - EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL)”. À época, foi descrito como se tratando de um sítio histórico, cujo material típico do século XIX encontrava-se disperso em superfície e era representado por fragmentos de louças, cerâmicas de produção local/regional, vidros, telhas, amplamente espalhado por uma área de cerca de 80 x 80 metros. Atualmente observou-se a dispersão em superfície de fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas, grês, vidro e metal utensílio não sendo possível identificar ruínas que pudessem indicar um local de habitação.

Atividades realizadas

Na etapa de campo realizada em 2007, foi aberta uma linha de cinco tradagens, orientadas no sentido S-N, a intervalos de 20 metros, visando verificar a situação do material arqueológico na subsuperfície. As tradagens tiveram uma profundidade média de 50 centímetros, identificando-se que o material arqueológico encontrava-se limitado à camada superior. Foi ainda realizada uma coleta de superfície seletiva. Tais procedimentos proporcionaram a recuperação de quinze peças históricas, sendo cinco

fragmentos de cerâmica de produção local/regional, seis de faianças finas, dois fragmentos de grês, um vidro e uma moeda.

Na atual fase de diagnóstico interventivo foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas periferias, delimitando assim a dispersão em superfície dos vestígios, gerando uma prévia da área total ocupada por este. Ao todo foram realizados cinco pontos de coleta de superfície que possibilitaram a recuperação de três fragmentos de cerâmica de produção local/regional, e dois fragmentos de faianças finas. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 13**).

Prancha 13 - Sítio arqueológico Joaquim Nabuco II

Sítio Joaquim Nabuco II	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 225544 9046536
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Água Preta
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Joaquim Nabuco I

Localização

O sítio arqueológico Joaquim Nabuco I (Coordenada central UTM 25 L 226811 9046578) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 78 metros do eixo projetado, próximo à estaca 82505, ADA do empreendimento, município de Água Preta.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa encosta com dissecação média, em área com cultivo de cana de açúcar. Esse sítio foi cadastrado pela Zanettini Arqueologia no ano de 2007 dentro do escopo do “Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural - EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL)”. À época, foi descrito como sendo um sítio histórico de dimensões medianas, apresentando em sua superfície fragmentos de louças, vidros e cerâmicas de produção local/regional, típicos do século XIX. A principal característica desse sítio, em comparação aos demais sítios levantados naquele momento, é a maior incidência, em superfície, de fragmentos de cerâmica produzida localmente, em contraposição a artefatos industrializados de louças e vidros.

Atualmente observou-se a dispersão em superfície de fragmentos de faiança, cerâmica de produção local/regional e um vidro.

Atividades realizadas

Na etapa de campo realizada em 2007 foram duas tradagens, orientadas no sentido NW-SE, a 15 metros de distância uma da outra. As tradagens foram aprofundadas a 60 centímetros, com o solo sendo composto por um sedimento amarelo-arenoso e as duas foram positivas. Foi ainda realizada uma coleta de superfície aleatória seletiva. Tal

procedimento proporcionou a recuperação de 14 fragmentos de cerâmica de produção local/regional e um fragmento de faiança.

Na atual fase de diagnóstico interventivo foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Ao todo foram realizados três pontos de coleta de superfície e tal metodologia proporcionou a recuperação de um fragmento de cerâmica de produção local/regional, um de vidro e três faianças finas. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 14**).

Prancha 14 - Sítio arqueológico Joaquim Nabuco I

Sítio Joaquim Nabuco I	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 226811 9046578
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Água Preta
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Carroça

Localização

O sítio arqueológico Carroça (Coordenada central UTM SAD'69 25 L 228911 9047817) tem o ponto central distante 142 metros do eixo projetado, próximo à estaca 82635, AID do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco ao município de Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, está em área ocupada atualmente pelo cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/ regional, faianças finas e um fragmento de vidro. Não foi possível identificar nenhuma estrutura de habitação, mas foram observados alguns fragmentos de material construtivo espalhados pelo superfície, entre eles, fragmentos de telhas do tipo capa e canal. Próximo à área, passam os trilhos da ferrovia desativada, perto de uma planície de inundação. Algumas peças foram encontradas em perfil exposto em um barranco ao lado de estrada.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados sete pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de seis fragmentos de cerâmica de produção local/regional, dois de faianças finas e um de vidro. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 15**).

Prancha 15 - Sítio arqueológico Carroça

Sítio Carroça	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 228911 9047817
Inserção no empreendimento	AID
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Meia encosta



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Pesquisador realizando coleta de superfície;
3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Barranco

Localização

O sítio arqueológico Barranco (Coordenada central UTM 25 L 229573 9048302) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 46 metros do eixo projetado, próximo à estaca 82670, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, em uma área agricultável e arada para plantio de cana-de-açúcar nas proximidades da antiga linha da CFN. Caracterizado pela presença de material arqueológico construtivo disperso em superfície, além de artefatos líticos contemporâneos. Próximo à área, observamos um pequeno córrego.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados oito pontos de coleta de superfície apresentando uma amostra de seis fragmentos de telha e dois líticos históricos. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 16**).

Prancha 16 - Sítio arqueológico Barranco

Sítio Barranco	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25L 229573 9048302
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 e 4. Material coletado em superfície.

Ocorrências Arqueológicas

Ocorrência Arqueológica 156

Localização: Coordenada UTM 25 L 207806 9042990.

Descrição Sumária: Trata-se de um fragmento de grês. Esta ocorrência foi localizada em estrada não pavimentada, implantada em média vertente com dissecação suave, rodeada por pastagem com algumas árvores de médio porte (**Prancha 17**). A evidência arqueológica mais próxima da Ocorrência 156 é o Sítio Arqueológico Baixada.

Ocorrência Arqueológica 157

Localização: Coordenada UTM 25 L 215268 9043038.

Descrição Sumária: Trata-se de fragmento um de grês. Esta ocorrência foi localizada em estrada não pavimentada, implantada em média vertente com dissecação suave, rodeada por canais (**Prancha 17**). A evidência arqueológica mais próxima da Ocorrência 157 é o Sítio Arqueológico Torres.

Ocorrência Arqueológica 158

Localização: Coordenada UTM 25 L 215777 9043149.

Descrição Sumária: Trata-se de um fragmentos de grês e um pequeno fragmento de porcelana. Esta ocorrência foi localizada em estrada não pavimentada, implantada em média vertente com dissecação suave, rodeada por canal (**Prancha 17**). A evidência arqueológica mais próxima da Ocorrência 158 é o Sítio Arqueológico Torres.

Prancha 17 - Ocorrências arqueológicas



1. Área do entorno da Ocorrência 156;
2. Fragmento de grês.



1. Área do entorno da Ocorrência 157;
2. Fragmento de grês.



1. Área do entorno da Ocorrência 158;
2. Fragmento de grês.

Áreas de Ocupação Histórica

Área de Ocupação Histórica 128

Localização

A área de ocupação histórica AOH 128 (Coordenada central UTM 25 L 198984 9047741) tem o ponto central distante 1,5 Km do eixo projetado, a partir da estaca 80880, AID do empreendimento, município de Catende (**Prancha 18**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande, em estrada antigamente utilizada principalmente para transporte de cana.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente, em área ocupada atualmente com cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela dispersão em superfície de material construtivo, tais como tijolos e porções de cimento.

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Luís José da Silva, que mora na região há trinta anos, próximo a casa tinha um engenho manual de cana onde seus moradores trabalhavam. O engenho foi derrubado sendo plantada cana nos seus arredores, de modo que seus vestígios não foram encontrados, apenas os relatos orais de sua existência.

Área de Ocupação Histórica 129

Localização

A área de ocupação histórica AOH 129 (Coordenada central UTM 25 L 199025 9047805) tem o ponto central distante 1,6 km do eixo projetado, a partir da estaca 80880, AID do empreendimento, município de Catende.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande, em estrada antigamente utilizada principalmente para transporte de cana.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente em área agricultável atualmente ocupada com o cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizada pela presença de ruínas de uma estrutura habitacional próximo a barranco. Apesar da presença da vegetação, seu alicerce de pedra está visível, com aproximadamente um metro de altura. Vestígios de material construtivo, como pedaços de telhas e cimento, assim como vidros encontram-se dispersos em superfície. Ainda é possível observar a presença de antiga escada na periferia da ruína (**Prancha 18**).

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Luís José da Silva, que mora na região há trinta anos, próximo a casa tinha um engenho manual de cana onde seus moradores trabalhavam. O engenho foi derrubado sendo plantada cana nos seus arredores, de modo que seus vestígios não foram encontrados, apenas os relatos orais de sua existência.

Área de Ocupação Histórica 137

Localização

A área de ocupação histórica AOH 137 (Coordenada central UTM 25 L 199346 9050695) tem o ponto central distante 3.500 metros do eixo projetado, a partir da estaca 80680, All do empreendimento, município de Catende (**Prancha 18**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada utilizada principalmente para transporte de cana no distrito de Laje Grande, município de Catende.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do início século XX, implantada em meia encosta com dissecação levemente acentuada, ao lado de estrada, vegetação mista de cana-de-açúcar e pomar. Está AOH é caracterizada por restos da estrutura de engenho e também por uma engrenagem.

Informações orais

Na circunvizinhança conversamos com o senhor Carlos Manoel dos Santos Seixas, 65 anos, sendo este casado com uma das filhas do dono das terras e da “casa grande”. O senhor Carlos nos mostrou, em meio a uma plantação de banana, os alicerces do antigo engenho e também uma engrenagem de engenhoca. Ele nos contou ainda de outro engenho mais antigo, onde existem estruturas de pedra, várias peças utilizadas no processamento da cana e também correntes, que segundo ele, seriam dos escravos.

Prancha 18 - Áreas de Ocupação Histórica



1. A AOH 128 é caracterizada por porções de materiais construtivos dispersos em superfície;
2. Fragmento de material construtivo.



1. Ruínas de edificação que caracterizam a AOH 129;
2. Ruínas de antiga escada localizada na periferia das ruínas da unidade doméstica.



- 1 e 2. Os alicerces do antigo engenho e também uma engrenagem de engenhoca AOH 137.

Área de Ocupação Histórica 125

Localização

A área de ocupação histórica AOH 125 (Coordenada central UTM 25 L 199895 9045603) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 35 metros do eixo projetado, próximo à estaca 80980, ADA do empreendimento, município de Catende (**Prancha 19**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande, em estrada antigamente utilizada principalmente para transporte de cana.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente em área de plantação de cana-de-açúcar e vegetação arbustiva. Caracterizada por material histórico disperso em superfície que provavelmente está associado a uma antiga unidade doméstica, porém, esta não foi identificada nem suas ruínas localizadas. As evidências estão inseridas próximas a um barranco e além de fragmentos de cerâmica de produção local/regional uns poucos vestígios de material construtivo, como pedaços de telhas e de cimento, encontram-se dispersos em superfície.

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Luís José da Silva, que mora na região há trinta anos, seu pai, o Sr. José Machado da Silva comprou a casa atualmente arruinada do Sr. Chico Nonato, que a construiu há aproximadamente 70 anos. Os primeiros moradores da região, assim como o Sr. Chico, ganharam a terra do Sr. Alcides Sampaio como pagamento de dívida trabalhista.

Área de Ocupação Histórica 126

Localização

A área de ocupação histórica AOH 126 (Coordenada central UTM 25 L 199941 9044617) tem o ponto central distante 1 km do eixo projetado, a partir da estaca 81020, AID do empreendimento, município de Catende (**Prancha 19**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em média vertente ao lado de estrada. Caracterizada pela presença de ruínas de uma estrutura habitacional de taipa em pau-a-pique com piso de cimento. A casa apresenta varandas, portas e janelas de madeira e um fogão à lenha em uma das varandas. Seu estado de conservação é bom, sendo observados em seu interior objetos pessoais do seu último morador como um armário e roupas. Ao seu lado percebemos um arrimo de pedra próximo ao barranco.

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Luís José da Silva, que mora na região há trinta anos, o último morador da casa foi o Sr. José Joaquim, que a construiu há aproximadamente 70 anos. Os primeiros moradores da região assim como o Sr. José ganharam a terra do Sr. Alcides Sampaio como pagamento de dívida trabalhista.

Área de Ocupação Histórica 127

Localização

A área de ocupação histórica AOH 127 (Coordenada central UTM 25 L 200928 9045058) tem o ponto central distante 307 metros do eixo projetado, a partir da estaca 81.035, AID do empreendimento, município de Catende (**Prancha 19**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente em área agricultável atualmente ocupada com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizada pela presença de materiais construtivos identificados em superfície, possivelmente associados a antiga unidade doméstica. Ainda é possível observar várias bananeiras próximas a um montículo de terra, que provavelmente indica o local onde ficava a unidade habitacional construída em adobe, hoje “derretido”, onde os materiais foram identificados.

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Luís José da Silva, que mora na região há trinta anos, a última moradora da casa foi a Sra. Dora. A casa pertencia a Usina Catende sendo que seus moradores eram trabalhadores da mesma. Destruída há vinte anos, o Sr Luís acredita que, através de relatos de antigos, a casa pode ter sido construída há cerca de 100 anos.

Prancha 19 - Áreas de Ocupação Histórica



1. Pesquisador apontando local da AOH 125 onde foram identificados materiais históricos em superfície;
2. Detalhe de fragmento de telha.



1. AOH 126 caracterizada por unidade doméstica construída em taipa de pau a pique; 2. Fogão a lenha;
3. Arrimo de pedra; 4. Móveis arruinados identificados no interior da AOH e 5. detalhe de uma das paredes onde é possível observar a técnica construtiva.



1. Montículo de terra, que provavelmente indica local onde ficava a unidade habitacional construída em adobe, hoje “derretido”; 2. Fragmentos de material construtivo disperso em superfície caracterizam a AOH 127.

Área de Ocupação Histórica 130

Localização

A área de ocupação histórica AOH 130 (Coordenada central 25 L 203181 9044212) tem o ponto central distante 120 m do eixo projetado, a partir da estaca 81175, AID do empreendimento, município de Catende (**Prancha 20**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende à Laje Grande.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente, em área agricultável atualmente ocupada com cultivo de cana-de-açúcar tendo um pé de manga próximo. Caracterizada pela presença de ruínas de uma estrutura habitacional, construída de tijolo industrial próximo um pequeno córrego. Vestígios de material construtivo, como amontoados de tijolos, telhas e argamassa, encontram-se dispersos em superfície

Área de Ocupação Histórica 138

Localização

A área de ocupação histórica AOH 138 (Coordenada central UTM 25 L 211848 9041437) tem o ponto central distante 1.100 metros do eixo projetado, a partir da estaca 81650, AID do empreendimento, município de Palmares (**Prancha 20**).

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Catende a Palmares.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica possivelmente do fim século XIX, implantada em área plana, ao lado de estrada, em área de pasto e córrego na parte posterior da edificação. Caracterizada pela presença de ruínas de uma estrutura industrial onde na chaminé pode-

se ler “*Usina Pirang*”, a AOH é construída com tijolo e lajota industriais, com piso de cimento. Ao lado da estrutura pode-se ver uma casa, possivelmente do dono do engenho e uma capela. Passando na lateral da usina é possível identificar restos do trilho de um trem que possivelmente servia para escoar a produção da Usina Pirangy.

Informações orais

Ao demarcarmos os acessos para o estaqueamento da ferrovia nos deparamos com um engenho abandonado. Conversamos com o morador local Eudes Cândido, 25 anos, que confirmou que a estrutura é da antiga Usina Pirangy, ele afirma ainda nunca ter visto a usina funcionando.

Área de Ocupação Histórica 132

Localização

A área de ocupação histórica AOH 132 (Coordenada central UTM 25L 224242 9046328) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 62 metros do eixo projetado, estaca mais próxima 82375, ADA do empreendimento, município de Água Preta.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em área plana, ao lado de estrada, com vegetação rasteira no entorno além de algumas palmeiras. Caracterizada pela presença de ruínas de uma estrutura habitacional construída com tijolo cozido e lajotas industriais, com piso de cimento. A casa apresenta varanda com arcos. A estrutura do telhado da casa era ausente, mas é possível observar pela arquitetura das paredes que se tratava de um telhado tipo duas águas. Ao lado direito da edificação, encontra-se uma estrutura de caixa d’água, construída com tijolos (**Prancha 20**).

Prancha 20 - Áreas de Ocupação Histórica



1. Local de antiga unidade habitacional, hoje destruída que caracteriza a AOH 130;
2. Tijolos cozidos agrupados em superfície; 3. Córrego próximo a AOH 130.



1. Ruínas da antiga usina Piragy caracterizam a AOH 138;
2. Detalhes da chaminé com a inscrição “Usina Pirang” (a letra y está faltando).



1. Implantação da AOH 132 na paisagem, caracterizada por casa em alvenaria;
2. Detalhe dos arcos que divisam a varanda.

Área de Ocupação Histórica 131

Localização

A área de ocupação histórica AOH 131 (Coordenada central UTM 25L 229631 9048668) tem o ponto central distante 120 metros do eixo projetado, a partir da estaca 82690, AID do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleira.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica da segunda metade século XIX, implantada em média vertente, tendo no entorno uma área agricultável atualmente ocupada com o cultivo de cana de açúcar. Caracterizada pela presença de ruínas da parte frontal de uma igreja, onde podemos observar duas datas nesta parede, na parte superior 1884 e na parte inferior 1945. Foram encontrados vestígios de material construtivo em superfície, como pedaços de telhas e cimento dispersos. Desde que foi abandonada, a vegetação ocupou interior da edificação onde nasceu uma grande árvore, que indica que passaram alguns anos que a área foi desocupada. Acima do frontispício encontra-se uma cruz de metal, as portas e janelas da fachada frontal estão ausentes (**Prancha 21**).

Prancha 21 - Áreas de Ocupação Histórica



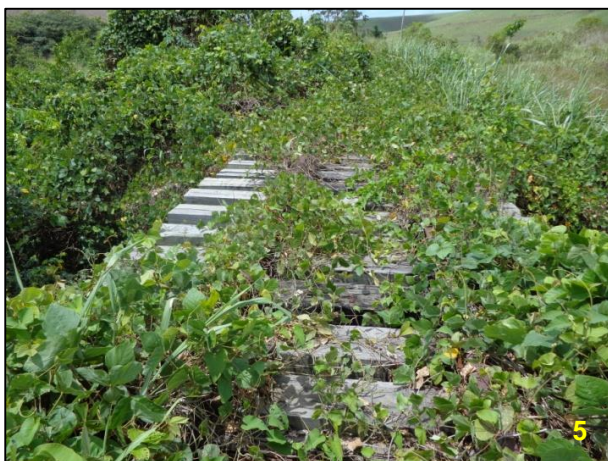
1. Fachada da igreja que caracteriza a AOH 131;
2. Detalhe da data de 1884 na parte superior da fachada;
3. Detalhe da data de 1945 na parte medial da fachada;
4. Detalhe da espessura da parede.



Obras de Arte

Ao longo do lote 8, nos trechos em que o traçado da Nova Transnordestina sobrepôs a antiga CFN, foram encontradas nove pontes, construídas com a finalidade de que a antiga CFN passasse sobre rios e riachos. Todas estas pontes foram cadastradas como obras de arte, sendo realizado o georreferenciamento do ponto de início e fim das pontes, e também o registro fotográfico, como os exemplos apresentados na **Prancha 22**.

Prancha 22 - Obras de Arte do 8



1 a 6. Detalhes das pontes encontradas ao longo do traçado.

5.2. Lote 9

Descrição

O lote 9 apresenta um *transect* de cerca de 74.640 m de comprimento, passando por diferentes compartimentos topomorfológicos e diversas variáveis ambientais (**Prancha 23**), compreendendo os municípios de Gameleira, Ribeirão, Escada, Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho.

Tabela 3: Coordenadas lote 9

Coordenada UTM (SAD' 69)
Inicial: 25 L 230097 9048959
Final: 25 L 279259 9079784

Intervenção Arqueológica no Lote 9

Foram programados 747 pontos de análise, distanciados a cada 100 metros no *transect* do Lote 9. Sempre que as condições ambientais, de relevo ou hidrográficas permitiam a equipe chegava até os pontos e avaliava as condições para se abrir uma tradagem. Quando as condições ambientais não permitiam que a equipe chegasse ao eixo da futura ferrovia, os pesquisadores andavam o mais próximo possível, fazendo assim uma análise amostral do traçado.

Desta forma os pontos programados para análise tiveram diferentes abordagens de acordo com as condições oferecidas pelo terreno:

- Ponto com tradagem realizada e positiva, quando a mesma apresentou vestígios arqueológicos;
- Ponto com tradagem realizada e negativa, quando a mesma não apresentou vestígios arqueológicos;
- Ponto apenas vistoriado, quando este incidia sobre áreas onde não era necessária ou possível a abertura da tradagem (afloramento de rocha matriz, área alagada, encosta muito íngreme ou outra condição desfavorável à realização da tradagem);

- Ponto não alcançado, quando as variáveis ambientais não permitiam que a equipe chegasse ao ponto de análise.

As tradagens foram abertas com o auxílio de cavadeira articulada (boca-de-lobo), medindo cerca de 0,3 m de diâmetro. O sedimento foi cuidadosamente peneirado e analisado em níveis de 0,1 m (**Prancha 24**). A profundidade média das tradagens foi de 0,5 m.

Dos 747 pontos programados para análise, 133 foram alvo de tradagens (sendo que apenas uma apresentou material arqueológico), 239 foram vistoriados e 376 pontos não foram alcançados. Isso indica que a equipe conseguiu alcançar cerca de 50% dos pontos previstos para análise.

Além disso, nos trechos em que o eixo da Nova Transnordestina de sobrepõe ao traçado da antiga CFN, a equipe caminhou nas proximidades do mesmo, produzindo documentação fotográfica do local (**Prancha 25**).

Patrimônio arqueológico identificado no lote 9

Foram localizados **15 Sítios Arqueológicos, 10 Ocorrências Arqueológicas, 4 Áreas de Ocupação Histórica e 3 Obras de arte**. Além disso, 2 sítios arqueológicos identificados durante o Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN - Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL) da CFN – Trecho 3 (Sítio Usina Ipojuca) e um sítio do Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico - Ferrovia Transnordestina. Trecho Porto Suape – Salgueiro (Sítio Rio Sapucaí II) foram visitados e novas coletas superfícies foram realizadas além do registro fotográfico.

A seguir, são apresentadas as descrições dos bens evidenciados.

Prancha 23 - Caracterização do Lote 9



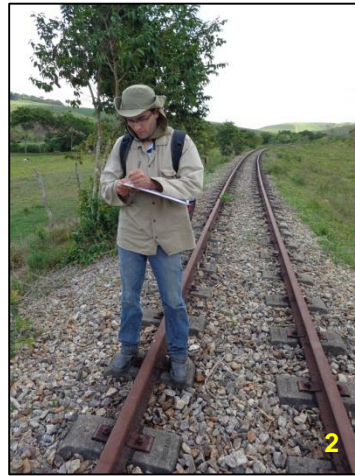
1 a 6. Vista geral de variante topomorfológica e ambiental do lote 9.

Prancha 24 - Atividades realizadas no Lote 9 - tradagens



1 a 6. Tradagens realizadas ao longo do eixo projetado do lote 9.

Prancha 25 - Atividades realizadas no Lote 9
Trecho de sobreposição com a antiga CFN



1, 2 e 4. Vistoria de ponto de análise sobre a antiga CFN;
3. Caminhamento sobre a antiga CFN;
5 e 6. Vista geral da antiga CFN.

Sítio Arqueológico Cuiambuca

Localização

O sítio Arqueológico Cuiambuca (Coordenada central UTM 25 L 230661 9049152) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 17m do eixo projetado, entre as estacas 90029 e 90030, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, em área ocupada com cultivo de cana de açúcar, além de um “bolsão” de vegetação arbustiva provavelmente remanescente de mata atlântica. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e grês. No entorno deste sítio é verificada uma grande quantidade de plásticos e papel, além de ruínas da antiga Estação Ferroviária Cuiambuca.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados nove pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de dois fragmentos de cerâmicas de produção local/regional, dois de grês, oito de faianças finas e dois fragmentos de porcelana. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 26**)

Prancha 26 - Sítio arqueológico Cuiambuca

Sítio Cuiambuca	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 230661 9049152
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2 a 4. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Água

Localização

O sítio arqueológico Água (Coordenada central UTM 25 L 230868 9049241) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 81m do eixo projetado, próximo à estaca 90040, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em média vertente, em área ocupada com o cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças, faianças finas, grês, vidros e uma peça lítica associada ao uso contemporâneo.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados dez pontos de coleta de superfície apresentando uma amostra de três fragmentos de cerâmica de produção local/regional, cinco de grês, dois de faiança, 24 de faianças finas, dois de vidros e um lítico histórico. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 27**).

Prancha 27 - Sítio arqueológico Água

Sítio Água	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 230868 9049241
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Garapa

Localização

O sítio arqueológico Garapa (Coordenada central UTM 25 L 234481 9049078) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 51 metros do eixo projetado, entre as estacas 90236, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, em área utilizada para o cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e grés. Não foi possível identificar nenhuma estrutura de habitação, mas foram observados dispersos em superfície alguns fragmentos de material construtivo.

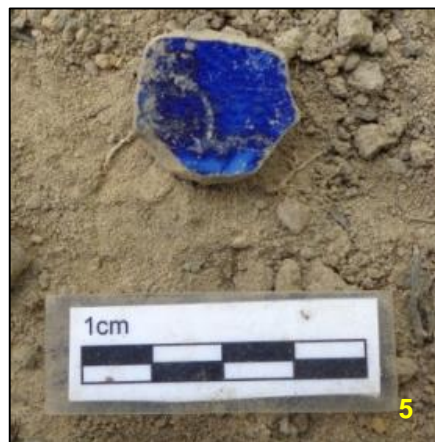
Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados dezoito pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de cinco de cerâmica de produção local/regional, seis de grés e 18 de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 28**).

Prancha 28 - Sítio arqueológico Garapa

Sítio Garapa	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 234481 9049078
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Meia encosta



1. Panorâmica da implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Riacho

Localização

O sítio Arqueológico Riacho (Coordenada central UTM 25L 235888 9052286) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 64m do eixo projetado, próximo da estaca 90498, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga ligando os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, em área ocupada por cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional e faianças finas.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados oito pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de oito fragmentos de cerâmica de produção local/regional e três faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 29**).

Prancha 29 - Sítio arqueológico Riacho

Sítio Riacho	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25L 235888 9052286
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Aguardente

Localização

O sítio arqueológico Aguardente (Coordenada central UTM 25 L 238441 9052777) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 77 m do eixo projetado, próximo à estaca 90635, ADA do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Gameleira e Ribeirão.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, em área ocupada por cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, cerâmica vidrada, faianças finas, grês, vidros e um artefato lítico de uso contemporâneo.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados quatorze pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de cinco fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um de cerâmica vidrada, seis de grês, três líticos históricos, um fragmento de porcelana, um de vidro e 23 fragmentos de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 30**).

Prancha 30 - Sítio arqueológico Aguardente

Sítio Aguardente	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 238441 9052777
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Gameleira
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Canabrava

Localização

O sítio arqueológico Canabrava (Coordenada central UTM 25 L 242776 53702) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 40 metros do eixo projetado, próximo à estaca 90926, ADA do empreendimento, município de Ribeirão.

O acesso se dá por via pública não pavimentada, utilizada principalmente para o transporte da cana-de-açúcar, ligando os municípios de Ribeirão e Escada.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, em área ocupada por cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de faianças finas e grês. As peças estavam dispersas na superfície de uma estrada vicinal. Não foi possível identificar nenhuma estrutura de habitação.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados sete pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de um fragmento de telha do tipo capa e canal, três de grês e cinco de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 31**).

Prancha 31 - Sítio arqueológico Canabrava

Sítio Canabrava	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 242776 53702
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Ribeirão
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Amontoado

Localização

O sítio arqueológico Amontoado (Coordenada central UTM 25 L 247007 9058743) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 25 metros do eixo projetado, próximo à estaca 91290, ADA do empreendimento, município de Ribeirão.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Ribeirão e Escada.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, com declive suavemente acidentado, em área ocupada pelo cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças, faianças finas, porcelanas, grés e vidros. Não foi possível identificar nenhuma estrutura de habitação, mas observamos fragmentos de material construtivo, como telhas e tijolos amontoados próximos a área do sítio.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados dezesseis pontos de coleta de superfície que juntos proporcionaram a recuperação de dois fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um grés, um fragmento de porcelana, um de vidro, quatro de faiança e dez de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 32**).

Prancha 32 - Sítio arqueológico Amontoado

Sítio Amontoado	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 247007 9058743
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Ribeirão
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 4. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Caninha

Localização

O sítio arqueológico Caninha (Coordenada central UTM 25 L 248061 9061530) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 34 metros do eixo projetado, próximo à estaca 91440, ADA do empreendimento, município de Ribeirão.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Ribeirão e Escada.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, com declive suavemente acidentado, em área com cultivo de cana-de-açúcar e algumas árvores esparsas no entorno. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faiança fina e grês.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados treze pontos de coleta de superfície que juntos proporcionaram a recuperação de um fragmento de cerâmica de produção local/regional, três de grês e 17 fragmentos de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 33**).

Prancha 33 - Sítio arqueológico Caninha

Sítio Caninha	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 248061 9061530
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Ribeirão
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Cachaça

Localização

O sítio arqueológico Cachaça (Coordenada central UTM 25L 251930 9066699) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 5 metros do eixo projetado, próximo à estaca 91830, ADA do empreendimento, município de Escada.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Ribeirão e Escada.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em alta vertente, em área ocupada pelo plantio de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de faianças finas, grês e porcelana. Não foi identificada nenhuma estrutura de habitação.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados cinco pontos de coleta de superfície que permitiram a recuperação de um fragmento de grês, um de porcelana e três fragmentos de faianças finas. Foi feita a documentação fotográfica da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 34**).

Prancha 34 - Sítio arqueológico Cachaça

Sítio Cachaça	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 251930 9066699
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Escada
Inserção na paisagem	Topo



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Rio Sapucaí II

Localização

O sítio arqueológico Rio Sapucaí II (Coordenada central UTM 25 L 254375 9068422) tem o ponto central distante 166 metros do eixo projetado, a partir da estaca 91995, AID do empreendimento, município de Escada.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Ribeirão à Escada.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em média vertente com dissecação média, em área ocupada pelo cultivo de cana de açúcar, além de algumas bananeiras no entorno. Esse sítio foi cadastrado pela Zanettini Arqueologia no ano de 2007 dentro do escopo do “Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco”. À época, foi descrito como se tratando de um sítio histórico com fragmentos de material histórico disperso em superfície, além de ruínas de uma edificação. Na etapa atual foi identificada a presença de fragmentos de cerâmica de produção local/regional, porcelana e vidro, no entanto as ruínas identificadas em 2007 não foram detectadas.

Atividades realizadas

Na etapa de campo realizada em 2007, foi realizado o caminhamento sistemático e realizada a coleta de superfície.

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio. Ao todo foram realizados quatro pontos de coleta de superfície que possibilitaram a recuperação de dois fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um de vidro e um de

porcelana. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 35**).

Prancha 35 - Sítio arqueológico Sapucaí II

Sítio Sapucaí II	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 254375 9068422
Inserção no empreendimento	AID
Categoria	Histórico
Município	Ipojuca
Inserção na paisagem	Média vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Macaxeira

Localização

O sítio arqueológico Macaxeira (Coordenada central UTM 25 L 259455 9076025) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 64 metros do eixo projetado, próximo à estaca 92494, ADA do empreendimento, municípios de Escada e Ipojuca.

O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios de Escada e Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico lítico pré-colonial localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente próximo à córrego, em área ocupada pelo cultivo de mandioca. Caracteriza-se pela presença de material lítico lascado pela técnica unipolar e predominantemente em arenito silicificado. Próximo ao sítio encontra-se a antiga linha férrea utilizada pela CFN (Companhia Ferroviária do Nordeste).

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados dezenove pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de 20 peças líticas. Foi feita a documentação fotográfica da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 36**).

Prancha 36 - Sítio arqueológico Macaxeira

Sítio Macaxeira	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 259455 9076025
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Lítico
Município	Escada / Ipojuca
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Arado

Localização

O sítio Arqueológico Arado (Coordenada central UTM 25 L 260405 9076118) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 64 metros do eixo projetado, próximo à estaca 92674, ADA do empreendimento, município de Escada.

O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios de Escada e Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico lítico pré-colonial localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente em área ocupada pelo cultivo da cana de açúcar. Caracteriza-se pela dispersão em superfície de artefatos líticos lascados. Próximo ao sítio encontra-se a antiga linha férrea utilizada pela CFN (Companhia Ferroviária do Nordeste).

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados 11 pontos de coleta de superfície que juntos permitiram a recuperação de 11 peças líticas. Foram realizadas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 37**).

Prancha 37 - Sítio arqueológico Arado

Sítio Arado	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 260405 9076118
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Lítico
Município	Escada
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material lítico identificado em superfície.

Sítio Arqueológico Usina Ipojuca

Localização

O sítio arqueológico Usina Ipojuca (Coordenada central UTM 25 L 262257 9076194) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 24 metros do eixo projetado, próximo à estaca 92762, ADA do empreendimento, município de Escada.

O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios de Escada e Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto, implantado em meia encosta com dissecação moderada, em área utilizada para o cultivo de cana de açúcar. Esse sítio foi cadastrado pela Zanettini Arqueologia no ano de 2007 dentro do escopo do “Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural - EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL)”. À época, foi descrito como se tratando de um sítio histórico de grandes dimensões, apresentando fragmentos de louças, vidros, cerâmicas, e telhas, espalhados em superfície por uma área de cerca de 100 x 200 metros. Embora tenha sido verificada a presença de material em ambos os lados da ferrovia, as maiores concentrações estavam do lado direito (sul da mesma).

Na etapa atual foi identificada a presença em superfície de fragmentos de faianças finas, vidros, grés e um lítico associado ao uso contemporâneo. Assim como na primeira etapa, não foram identificadas ruínas de estruturas.

Atividades realizadas

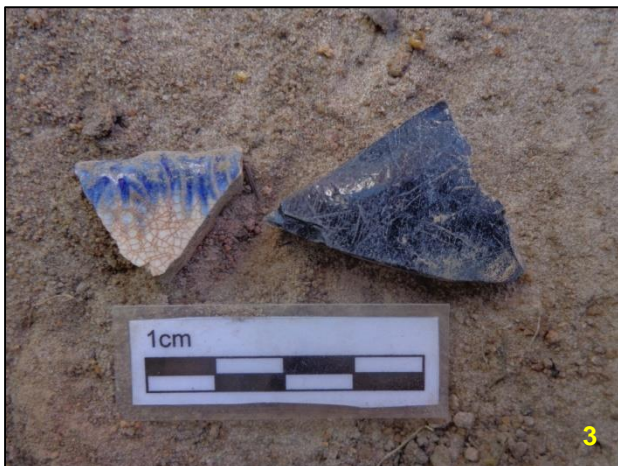
Na etapa de 2007 foram abertas 14 tradagens em forma de T, sendo uma linha orientada no sentido NE-SW, composta por 11 tradagens feitas a intervalos de dez metros, e a segunda linha orientada no sentido NW-SE, composta por três tradagens feitas a

intervalos de 20 metros. As tradagens foram aprofundadas, em média, até os 50 centímetros. Na terceira tradagem da linha NE-SW, contudo, a camada marrom escura ocorreu até os 60 centímetros, apresentando abundância de material histórico, tratando-se, provavelmente, de uma área de descarte de refugio que foi mais intensamente utilizada pelos ocupantes do sítio.

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Ao todo foram realizados nove pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de cinco fragmentos de vidros, dois de grês, um lítico histórico e dez fragmentos de faianças finas. Foi feito também o registro fotográfico da área de implantação do sítio e do material arqueológico *in loco* (**Prancha 38**).

Prancha 38 - Sítio arqueológico Usina Ipojuca

Sítio Usina Ipojuca	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 262257 9076194
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Ipojuca
Inserção na paisagem	Meia encosta



1. Implantação do sítio na paisagem;
2 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Lamaçal

Localização

O sítio arqueológico Lamaçal (Coordenada central UTM 25 L 264441 9079653) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 60 metros do eixo projetado, próximo à estaca 93005, ADA do empreendimento, município de Ipojuca.

O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios de Escada e Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, em área ocupada pelo cultivo da cana de açúcar. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e líticos históricos. Alguns dos materiais foram encontrados no perfil exposto após a abertura de uma estrada vicinal provavelmente utilizada para o escoamento da produção. Não foi identificada nenhuma estrutura de habitação.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados nove pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de quatro fragmentos de cerâmica de produção local/regional, seis líticos históricos e um fragmento de faiança fina. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 39**).

Prancha 39 - Sítio arqueológico Lamaçal

Sítio Lamaçal	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 264441 9079653
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Ipojúca
Inserção na paisagem	Baixa vertente



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Palmeira

Localização

O sítio Arqueológico Palmeira (Coordenada central UTM 25 L 274012 9079023) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 18 m do eixo projetado, próximo à estaca 93540, ADA do empreendimento, município de Cabo de Santo Agostinho.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios de Escada e Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto, implantado em média vertente em área de pastagem. Caracteriza-se pela presença de material arqueológico disperso em superfície, majoritariamente fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e grês. Não foram identificadas ruínas de edificações.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados dez pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de nove fragmentos de cerâmica de produção local/regional, dois de grês e quatro de faianças finas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 40**).

Prancha 40 - Sítio arqueológico Palmeira

Sítio Palmeira	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 274012 9079023
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Histórico
Município	Cabo de Santo Agostinho
Inserção na paisagem	Meia encosta



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Gaibú

Localização

O sítio arqueológico Gaibú (Coordenada central UTM 25 L 275865 9079130) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 72 metros do eixo projetado, próximo à estaca 93635, ADA do empreendimento, município de Cabo de Santo Agostinho.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Maria das Mercês a Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico pré-colonial lito-cerâmico localizado a céu aberto e implantado em topo de morro. A vegetação alterna-se entre uns poucos pés de mandioca e vegetação rasteira, sendo possível observar um bolsão com vegetação mais arbustiva. O sítio é cortado por uma estrada vicinal. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica com pintura policroma e lascas em sílexito. O material está associado à Tradição Arqueológica Tupiguarani, Subtradição Tupinambá, a partir das características das pinturas policromas observadas nos fragmentos cerâmicos e pela morfologia das bordas encontradas.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados quinze pontos de coleta de superfície que juntos proporcionaram a recuperação de 22 peças, sendo, 11 fragmentos de cerâmica e 11 líticos. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 41**).

Prancha 41 - Sítio arqueológico Gaibú

Sítio Gaibú	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 275865 9079130
Inserção no empreendimento	ADA
Categoria	Lito-cerâmico
Município	Cabo de Santo Agostinho
Inserção na paisagem	Topo



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Sítio Arqueológico Lascado

Localização

O sítio Arqueológico Lascado (Coordenada central UTM 25 L 276217 9079102) tem o ponto central distante 150 metros do eixo projetado, a partir da estaca 93645, AID do empreendimento, município de Cabo de Santo Agostinho.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Maria das Mercês a Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Sítio arqueológico pré-colonial lítico localizado a céu aberto e implantado em topo de morro, em meio a bolsão de vegetação arbustiva, provavelmente a manchas de Mata Atlântica. Caracterizado pela presença de material lítico, principalmente de sílexito lascado e disperso em superfície, alguns apresentam marcas de retirada anterior. Este sítio se encontra a 271 m do sítio Gaibú onde foi coletado material lítico semelhante.

Atividades realizadas

Nesta fase de diagnóstico foram realizados caminhamentos sistemáticos na área do sítio, buscando localizar e georreferenciar os vestígios arqueológicos em superfície. Uma pequena amostra foi coletada na região central e nas zonas limítrofes do sítio.

Ao todo foram realizados cinco pontos de coleta de superfície que proporcionaram a recuperação de 17 peças líticas. Foram tiradas fotos da área de implantação do sítio e também do material arqueológico *in loco* (**Prancha 42**).

Prancha 42 - Sítio arqueológico Lascado

Sítio Lascado	
Coordenada Central UTM (SAD 69)	25 L 276217 9079102
Inserção no empreendimento	AID
Categoria	Lítico
Município	Cabo de Santo Agostinho
Inserção na paisagem	Topo



1. Implantação do sítio na paisagem;
2. Caminhamento para coleta de superfície;
- 3 a 5. Material encontrado em superfície.

Ocorrências Arqueológicas

Ocorrência Arqueológica 159

Localização: Coordenada UTM 25 L 231773 9049213.

Descrição Sumária: Fragmento de cerâmica pré-colonial, encontrado a 0,3 m de profundidade, durante a abertura da tradagem 90.090 no eixo da ferrovia Nova Transnordestina. Esta ocorrência foi localizada em área de pastagem, implantada em meia encosta próxima de um açude (**Prancha 43**).

Ocorrência Arqueológica 160

Localização: Coordenada UTM 25 L 232034 9049184.

Descrição Sumária: Fragmento de cerâmica pré-colonial, caracterizada por uma borda com reforço externo, foi encontrada em superfície próxima ao eixo da ferrovia Nova Transnordestina. Esta ocorrência foi localizada em meia encosta com pastagem (**Prancha 43**).

Ocorrência Arqueológica 163

Localização: Coordenada UTM 25 L 247607 9059942.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, implantada em meia vertente, em área aplainada, arada, utilizada para cultivo de cana de açúcar, entre uma drenagem e uma estrada. Caracterizada pela presença borda de faiança fina padrão *blue edge unscalped rim, unmolded* (**Prancha 43**).

Prancha 43 - Ocorrências arqueológicas



1. Área de entorno da Ocorrência 159;
2. Fragmento de cerâmica pré-colonial.



1. Área de entorno da Ocorrência 160;
2. Fragmento de cerâmica pré-colonial.



1. Área de entorno da Ocorrência 163;
2. Borda de faiança fina padrão *blue edge unscalped rim, unmolded*.

Ocorrência Arqueológica 164

Localização: Coordenada UTM 25 L 247996 9061121.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, implantado em meia vertente, em área aplainada, arada, utilizada para cultivo de cana de açúcar, próximo à drenagem. Caracterizado pela presença borda de faiança fina padrão *blue edge unscaloped rim, impressed straight lines* (**Prancha 44**).

Ocorrência Arqueológica 167

Localização: Coordenada UTM 25 L 247766 9060389.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, caracterizada por um fragmento de faiança fina, localizada em estrada não pavimentada, implantada em média vertente, rodeada por uma área com cultivo de cana-de-açúcar e espécies arbustivas (**Prancha 44**).

Ocorrência Arqueológica 165

Localização: Coordenada UTM 25 L 254310 9068677.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, caracterizada por um fragmento de Faiança fina padrão *blue edge unscaloped rim, impressed curved lines*, evidenciada em uma estrada não pavimentada. Inserida em meia vertente, com suave dissecação, rodeada por uma área com cultivo de cana-de-açúcar (**Prancha 44**).

Prancha 44 - Ocorrências arqueológicas



1. Área de entorno da Ocorrência 164;
2. Borda de faiança fina padrão *blue edge unscalloped rim, impressed straight lines*.



1. Área de entorno da Ocorrência 167;
2. Fragmento de faiança fina.



1. Área de entorno da Ocorrência 165;
2. Borda de faiança fina padrão *blue edge unscalloped rim, impressed curved lines*.

Ocorrência Arqueológica 166

Localização: Coordenada UTM 25 L 259269 9074010.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, caracterizada por um fragmento de grês, está em média vertente, em barranco ao lado de estrada, em área utilizada para o cultivo de cana-de-açúcar (**Prancha 45**).

Ocorrência Arqueológica 168

Localização: Coordenada UTM 25 L 263861 9079415.

Descrição Sumária: Ocorrência pré-colonial lítica caracterizada por um artefato lítico lascado de arenito silicificado, foi evidenciado na lateral de uma estrada não pavimentada, próxima à antiga CFN. A área é rodeada por cultivo de cana-de-açúcar e exemplares possivelmente de mata atlântica, apresentando algumas árvores de médio porte (**Prancha 45**).

Ocorrência Arqueológica 162

Localização: Coordenada UTM 25 L 275151 9079048.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica, caracterizada por fragmento de cerâmica de produção local/regional, foi encontrada em topo de morro, área plana, vegetação com exemplares possivelmente de mata atlântica e área com cultivo de cana-de-açúcar, próximo à estrada vicinal (**Prancha 45**).

Ocorrência Arqueológica 161

Localização: Coordenada UTM 25 L 278946 9080287.

Descrição Sumária: Ocorrência histórica do século XIX, caracterizado por duas bordas de faiança fina padrão *blue edge scalloped rim, impressed curved lines*, foram encontradas em meia vertente, em área agricultável (**Prancha 45**).

Prancha 45 - Ocorrências arqueológicas



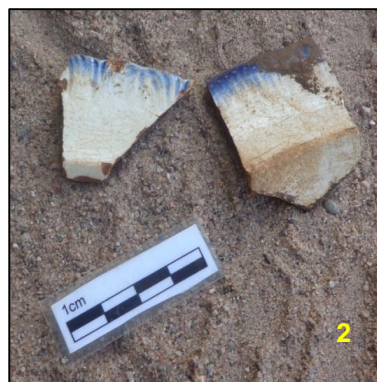
1. Área de entorno da Ocorrência 166;
2. Fragmento de grês.



1. Área de entorno da Ocorrência 168;
2. Artefato lítico lascado de arenito silicificado.



1. Área de entorno da Ocorrência 162;
2. Fragmento de cerâmica de produção local/regional.



1. Área de entorno da Ocorrência 161;
2. Bordas de faiança fina padrão *blue edge scalloped rim, impressed curved lines*.

Áreas de Ocupação Histórica

Área de Ocupação Histórica 133

Localização

A área de ocupação histórica AOH 133 (Coordenada central UTM 25L 236207 9052524) tem o ponto central distante 200 metros do eixo projetado, a partir da estaca 90515, AID do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Ribeirão a Gameleira.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente, vegetação de arbustiva no entorno, ao lado de um riacho. Caracterizada pela presença de ruínas de uma barragem e duas edificações onde funcionava a usina Estreliana. As estruturas foram construídas de armação de ferro e concreto. Nos arredores outras edificações pertencentes à usina foram totalmente destruídos sendo a área utilizada para o cultivo da cana-de-açúcar, restando poucos vestígios de material construtivo dispersos em superfície (**Prancha 46**).

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Paulo José da Silva, nascido e criado na região, ele acredita que esta parte da usina foi desativada há aproximadamente cinquenta anos, pelo fato de nunca tê-la visto funcionar desde que era criança. Disse-nos que as edificações têm relação direta com a AOH 134 por pertencerem à mesma usina, informação comprovada pela Sra. Maria José da Silva (43), também nascida e criada na região.

Área de Ocupação Histórica 134

Localização

A área de ocupação histórica AOH 134 (Coordenada central UTM 25 L 236539 9052917) tem o ponto central distante 650 metros do eixo projetado, a partir da estaca 90525, AID do empreendimento, município de Gameleira.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Ribeirão a Gameleira.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantado em baixa vertente, vegetação arbustiva no entorno. Caracterizado pela presença de ruínas de prédio de três andares onde funcionava parte da usina Estreliana. As estruturas foram construídas de tijolo industrial, as colunas são de armação de ferro e concreto. As molduras das janelas são decoradas e no topo da edificação está escrita a data 1927. Ainda resta a escada feita de cimento que ligava o primeiro ao segundo andar, de modo que a escada que ligava o segundo a ao terceiro caiu não nos permitindo chegar a este pavimento (**Prancha 46**).

Informações orais

Conforme informações obtidas com a Sra. Maria José da Silva (43), nascida e criada na região, ela informa que não se lembra da data que esta parte da usina foi desativada, que acredita que poderia ser o escritório da usina, e que o nome era Estreliana. Disse-nos que a edificação tem relação direta com a AOH 133 por pertencerem à mesma usina, informação comprovada pela Sr. Paulo José da Silva também nascido e criado na região.

Prancha 46 - Áreas de Ocupação Histórica



1. Implantação na paisagem Das duas construções que compõe a AOH 133;
2. Detalhe do interior de uma das construções;
3. Ruínas de uma barragem.



1. Implantação na paisagem do prédio que compõe a AOH 134;
2. Detalhe da data alocada na parte superior da fachada do prédio “1927”;
3. Escada feita de cimento que ligava o primeiro ao segundo andar.

Área de Ocupação Histórica 135

Localização

A área de ocupação histórica AOH 135 (Coordenada central UTM 25 L 253619 9067529), situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 44 metros do eixo projetado, próximo à estaca 91930, ADA do empreendimento, município de Escada.

O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Ribeirão a Escada.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XIX, implantado em média vertente, ao lado de estrada em área de cultivo de cana de açúcar. Caracterizada pela presença de ruínas de uma unidade habitacional de tijolo manual com piso de cimento. A casa apresenta varandas, somente os espaços das portas e janelas. Seu estado de conservação é bom tendo sido desocupada provavelmente a pouco tempo. Provavelmente as divisórias internas eram de pau a pique sendo que algumas das madeiras utilizadas ainda estão nestes locais (**Prancha 47**).

Informações orais

Conforme informou com o Sr. Luciano Henrione Macena da Silva, nascido e criado na região, a casa tem mais de cem anos e foi uma das primeiras construídas na região. Pertencia a Usina Ipojuca, todos que moraram na casa trabalhavam na usina. Disse que conheceu o último morador da casa, mas não sabe seu nome, e que a casa foi abandonada a partir dos anos 2000 por risco de desabamento.

Área de Ocupação Histórica 136

Localização

A área de ocupação histórica AOH 136 (Coordenada central UTM 25 L 269769 9079808) situa-se na faixa de domínio da futura ferrovia Nova Transnordestina, tendo o ponto central distante 21 metros do eixo projetado, próximo à estaca 93295, ADA do empreendimento, município de Cabo de Santo Agostinho.

O acesso se dá por via pública asfaltada que liga Maria das Mercês a Cabo de Santo Agostinho.

Descrição sumária

Área de ocupação histórica do século XX, implantada em baixa vertente, ao lado de estrada vicinal e da ferrovia desativada com vegetação arbustiva no entorno. Caracterizado pela presença de ruínas de um galpão, assim como ruína de chaminé e outras paredes, construídas de tijolo manual. O galpão apresenta bom estado de conservação sendo que as janelas apresentam moldura assim como as colunas (**Prancha 47**).

Informações orais

Conforme informações obtidas com o Sr. Ananias Pereira, nascido e criado na região, o galpão pertencia a Usina Mercês, que acredita que foi construída há mais de oitenta anos, porém não soube informar a quanto tempo foi desativada.

Prancha 47 - Áreas de Ocupação Histórica



1. Unidade doméstica que compõe a AOH 135;
2. Detalhes do interior da casa.



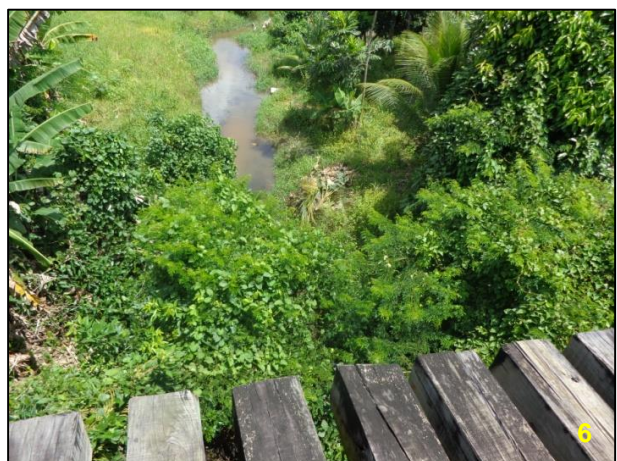
1. Galpão desativado e componente da AOH 136;
2. Paredes arruinadas de outra estrutura componente da AOH 136.

Obras de Arte

Ao longo do lote 9, nos trechos em que o traçado da Nova Transnordestina sobrepôs a antiga CFN, foram encontradas duas pontes, construídas com a finalidade de que a antiga CFN passasse sobre rios e riachos. Todas estas pontes foram cadastradas como obras de arte, sendo realizado o georreferenciamento do ponto de início e fim das pontes, e também o registro fotográfico, como os exemplos apresentados na **Prancha 48**.

Além disso, foi encontrado também no Lote 9 da Ferrovia Nova Transnordestina, na comunidade de Cuiambuca, os vestígios da plataforma de passageiros da Estação Cuiambuca, o muro da plataforma se encontrava todo coberto pelo matagal. A Estação não apresentou outras estruturas além deste muro (**Prancha 48**).

Prancha 48 - Obras de Arte do 9



1. Vestígios da antiga Plataforma da estação Cuiambuca;
2. Arqueólogo demarcando a plataforma;
- 3 a 6. Detalhes das pontes encontradas ao longo do traçado.

6. PROCEDIMENTOS CURATORIAIS DOS ACERVOS

“Curation is an integral element of archaeological process and refer long-term management and preservation of archaeological materials and associated documentation” (SHA 1993:1).

Os estudos arqueológicos têm a peculiaridade de resultar, em grande parte das pesquisas, na coleta de **vestígios materiais** cuja guarda é realizada por instituições museológicas. Esses vestígios são considerados Bens da União, conforme determina a legislação brasileira, demandando estratégias adequadas para sua preservação.

Por sua vez, o caráter contextual da Arqueologia (HODDER, 1986), como ciência social histórica que deve abordar os princípios estruturais específicos ao contexto, faz com que as **informações** relativas ao trabalho arqueológico sejam também elementos a serem preservados, uma vez que revelam as seleções e as decisões tomadas ao longo da pesquisa.

A preservação dos acervos e informações geradas no âmbito de projetos de Arqueologia Preventiva torna-se ainda mais imperativa, visto que os sítios arqueológicos pesquisados serão submetidos à impactos de natureza diversa, comprometendo parcialmente ou integralmente a matriz arqueológica.

A **interface Arqueologia - Museologia** é aqui entendida como caminho profícuo para a preservação do patrimônio arqueológico, uma vez que a segunda preocupa-se com aspectos que vão desde a percepção, seleção, valorização até a comunicação e a guarda de referências patrimoniais, tratando ainda de questões relativas às memórias exiladas e subterrâneas e a reversibilidade dos olhares, ou seja, a necessária interação entre memória social e patrimônio cultural (BRUNO, 2006; MORAES WICHERS, 2010).

Segundo Bruno (1996) a **musealização** é um “processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação” (BRUNO 1996, pp.67/68). A Musealização da Arqueologia, a qual se vincula esse capítulo

“Organiza-se a partir de estudos relativos à cadeia operatória de procedimentos museológicos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), aplicados à realidade arqueológica, constituída a partir de referências patrimoniais, coleções e acervos. Por um lado, estes estudos buscam o gerenciamento e preservação destes bens patrimoniais e, por outro, têm a potencialidade de cultivar as noções de identidade e pertencimento” (BRUNO, 2007a, p.1, grifo nosso)

Este item está devotado aos procedimentos de conservação e documentação do acervo gerado pelo Programa, estando, portanto, vinculado à **Salvaguarda Museológica**. As ações relativas à **Comunicação Museológica** serão abordadas no âmbito do Programa de Educação Patrimonial, a ser desenvolvido posteriormente em atendimento à Portaria 230/02. Não obstante, os procedimentos curatoriais aqui delineados são compreendidos como fundamentais para a socialização desse patrimônio uma vez que

“Não há como desenvolver nenhum trabalho nos museus se a documentação do acervo e sua pesquisa não estiverem atualizadas e consolidadas, pois delas emanam as linhas programáticas de exposições, ação educativa, publicações intercâmbios, dentre outras possíveis frentes de atuação do museu” (FABBRI & MACHADO, 2010, p.27).

A inserção das coleções arqueológicas em um processo curatorial eficaz garante a conservação do patrimônio coletado para futuras gerações. É importante salientar que um processo curatorial mal direcionado pode danificar os artefatos coletados, assim como as documentações a eles associadas. Conforme indicado nas Normas de Desempenho de Pesquisa do Registro de Arqueólogos Profissionais dos EUA (1997):

“Durante a curadoria, análise, armazenagem de materiais e análise de laboratório, o arqueólogo deve ter precauções para garantir que as correlações entre materiais e o registro de campo sejam usados, de modo que revelações de relações contextuais não sejam confundidas ou obscurecidas” (Performance Standards for Research on Professional Archaeologists Register of the U.S., 1997)

Como aponta Ramos (2010), a tradição brasileira não conta com grande experiência na definição de políticas de acervo, assertiva lançada para o cenário museológico como um todo, mas que se vê agravada no âmbito da Musealização da Arqueologia. Nesse sentido, a equipe da Zanettini Arqueologia tem procurado avançar no estabelecimento de estratégias adequadas para a salvaguarda de acervos e respectivas informações.

Destarte, os procedimentos curatoriais do acervo visaram atender algumas demandas essenciais, como a **utilização científica das peças** (produção de documentação que contenha informação gerada a partir desses mesmos objetos) e seu **uso para fins educativos e/ou museais** (incluindo não apenas exposições, mas também o uso de amostras selecionadas para fins didáticos), além de comportar as atividades rotineiras de documentação e conservação. A implantação de um processo curatorial eficiente resulta na **preservação do patrimônio envolvido**, sendo, portanto uma questão de suma importância.

A metodologia de gerenciamento partiu da definição de critérios uniformes de identificação, registro e organização do material arqueológico. Essa metodologia vem sendo utilizada e refinada nos trabalhos desenvolvidos pela **Zanettini Arqueologia** (ZANETTINI, 2004; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009), conforme a natureza de cada projeto e da peculiaridade de cada acervo, uma vez que os procedimentos de curadoria são diferenciados levando em consideração matérias-primas e estado de conservação dos vestígios (de acordo com parâmetros definidos pela SHA 1993; PEARCE 1996).

A seguir apresentamos as etapas do trabalho desenvolvido e os resultados obtidos com os procedimentos curatoriais (**Pranchas 49 e 50**):

Limpeza do Material – Primeiramente, o material foi alvo de limpeza realizada por meio de lavagem ou limpeza mecânica à seco, dependendo da categoria dos objetos e de seu estado de conservação. Fragmentos líticos, cerâmicos, louças, vidros, materiais construtivos foram integralmente lavados. No caso dos fragmentos cerâmicos apenas suas fraturas foram escovadas, evitando a criação de “estrias artificiais”, as quais dificultariam a análise dos acabamentos de superfície. Metais passaram apenas por uma limpeza mecânica à seco.

Triagem - Após essa etapa, as peças foram distribuídas em bancadas e procedeu-se à triagem das peças de acordo com sua proveniência.

Para cada conjunto de peças com a mesma proveniência e nível foi atribuído um número de **Lote**.

Dentro de cada um dos lotes os vestígios foram classificados em Diagnóstico (**D**) e Não Diagnóstico (**ND**). Vestígios líticos, cerâmicos, louças e vidros maiores que 15 mm são considerados Diagnósticos (**D**). Vestígios construtivos, assim como as categorias de peças supramencionadas com menos de 15 mm foram consideradas Não Diagnósticas (**ND**). No caso dos metais estão sendo considerados Diagnósticos somente os passíveis de análise funcional.

Todas as peças consideradas Diagnósticas receberam numeração sequencial, englobando também os acervos advindos das etapas anteriores. Cabe apontar que os vestígios osteodontomalacológicos, embora considerados como diagnósticos do ponto de vista analítico, pois possibilitam acesso a dieta dos grupos estudados, por exemplo, não recebem numeração individual devido à questão da conservação dos mesmos. Não obstante, quando se trata de material específico, que possibilite seu uso para fins educativos/museais são numerados para garantir maior controle na manipulação do acervo, assim como acontece com demais vestígios Não Diagnósticos (**ND**).

A numeração individual das peças obedeceu às seguintes etapas: primeiro passou-se uma camada de esmalte incolor na superfície interna da peça, preferivelmente em um local que acarretasse menor impacto no processo de análise, a ser desenvolvido posteriormente; segundo, as peças receberam um número sequencial iniciado pela sigla do sítio. Esse número é transcrito com tinta nanquim (branca ou preta, variando de acordo com a cor da peça) e por fim, passou-se uma segunda camada de esmalte incolor para fixação do número. No caso dos metais os números individuais foram colocados em etiquetas acondicionadas junto às peças.

Produção de Documentação - A etapa de produção de documentação museológica correspondeu à digitalização das planilhas de controle dos acervos e à produção de material fotográfico.

Acondicionamento - Todo o material foi acondicionado em sacos plásticos apropriados com etiquetas de identificação, sendo que as etiquetas em papel foram colocadas em saquinhos apropriados que evitam o contato direto com as peças, pois esse contato poderia acarretar a danificação dos objetos arqueológicos.

A **Tabela 4** sumariza a natureza dos vestígios de cada sítio. Os gráficos a seguir apresentam os dados quantitativos relativos a cada sítio resgatado (**Gráfico 1**) e o total por categoria de vestígios (**Gráfico 2**).

Tabela 4: Síntese do acervo de cada Sítio Arqueológico

Sítio	Lítico Pré-colonial	Cerâmica Pré-colonial	Lítico Histórico	Cerâmica Histórica	Grés	Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Vidro	Metal	Material construtivo
Jussaral	0	0	2	5	0	0	0	0	0	0	1
Granito	0	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Baixada	0	0	2	7	0	0	4	0	0	0	0
Torres	0	0	0	2	6	0	7	0	1	1	0
Vento	0	0	1	3	0	0	5	3	1	0	0
Capinzal	0	0	1	28	0	0	0	0	0	0	2
Curva	0	0	0	9	0	0	1	1	1	0	3
Carroça	0	0	0	6	0	0	2	0	1	0	0
Barranco	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	6
Joaquim Nabuco II	0	0	0	3	0	0	2	0	0	0	0
Joaquim Nabuco I	0	0	0	1	0	3	0	0	1	0	0
Cuiambuca	0	0	0	2	2	0	8	2	0	0	0
Água	0	0	1	3	5	2	24	0	2	0	1

Sítio	Lítico Pré-colonial	Cerâmica Pré-colonial	Lítico Histórico	Cerâmica Histórica	Grés	Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Vidro	Metal	Material construtivo
Garapa	0	0	0	5	6	0	18	0	0	0	0
Riacho	0	0	0	8	0	0	3	0	0	0	0
Aguardente	0	0	3	5	6	0	23	1	1	0	0
Canabrava	0	0	0	0	3	0	5	0	0	0	1
Amontoado	0	0	0	2	1	4	10	1	1	0	0
Caninha	0	0	0	1	3	0	17	0	0	0	0
Cachaça	0	0	0	0	1	0	3	1	0	0	0
Macaxeira	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Arado	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lamaçal	0	0	6	4	0	0	1	0	0	0	0
Palmeira	0	0	0	9	2	0	4	0	0	0	0
Gaibú	11	11	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lascado	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Rio Sapucaí II	0	0	0	2	0	0	0	1	1	0	0
Usina Ipojuca	0	0	1	0	2	0	10	0	5	0	0
Ocorrência 156	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
Ocorrência 157	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 158	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 159	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 160	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 161	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0
Ocorrência 162	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 163	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Ocorrência 164	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Ocorrência 165	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Sítio	Lítico Pré-colonial	Cerâmica Pré-colonial	Lítico Histórico	Cerâmica Histórica	Grés	Faiança	Faiança Fina	Porcelana	Vidro	Metal	Material construtivo
Ocorrência 166	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Ocorrência 167	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Ocorrência 168	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

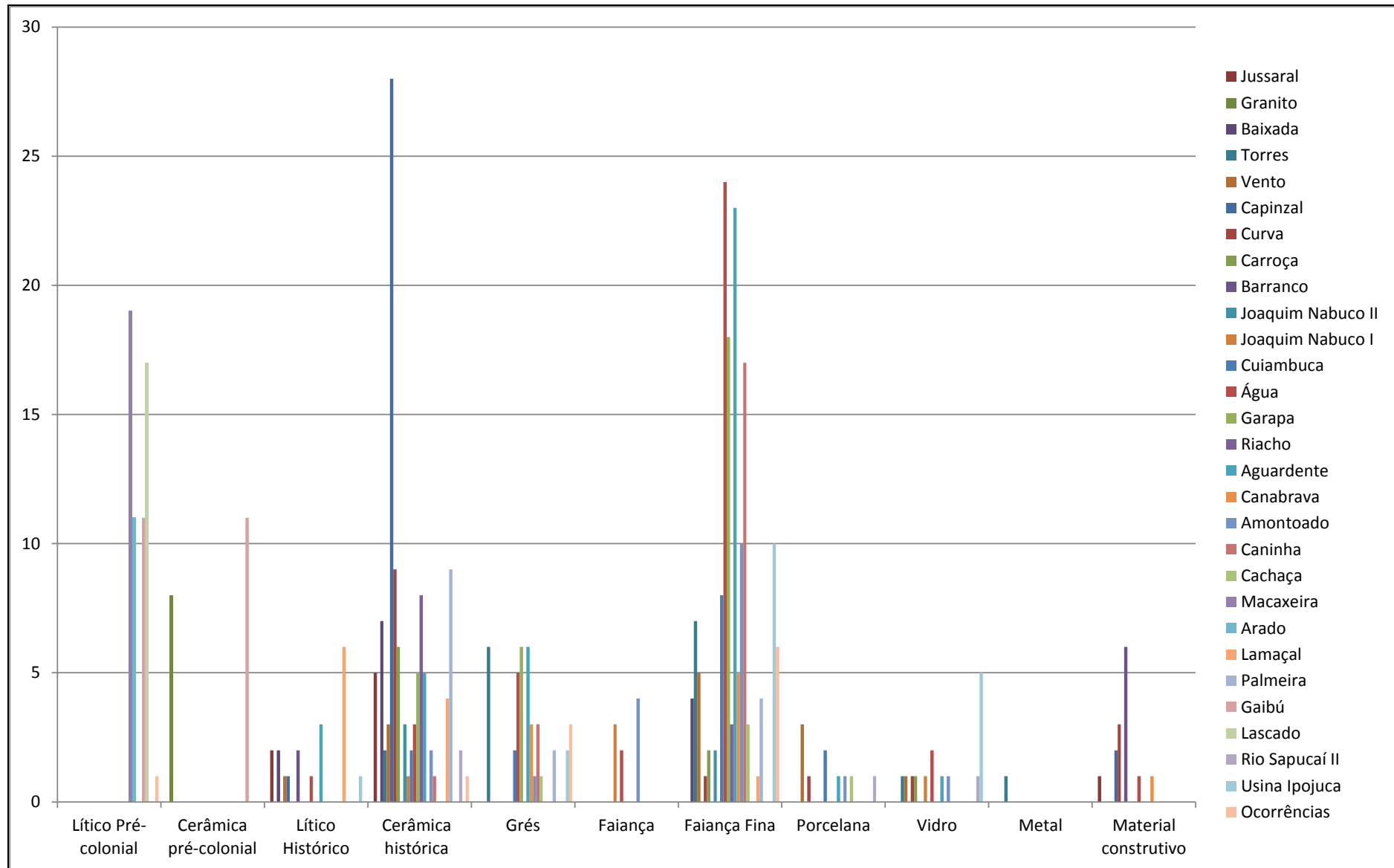


Gráfico 1: Total do acervo por evidências

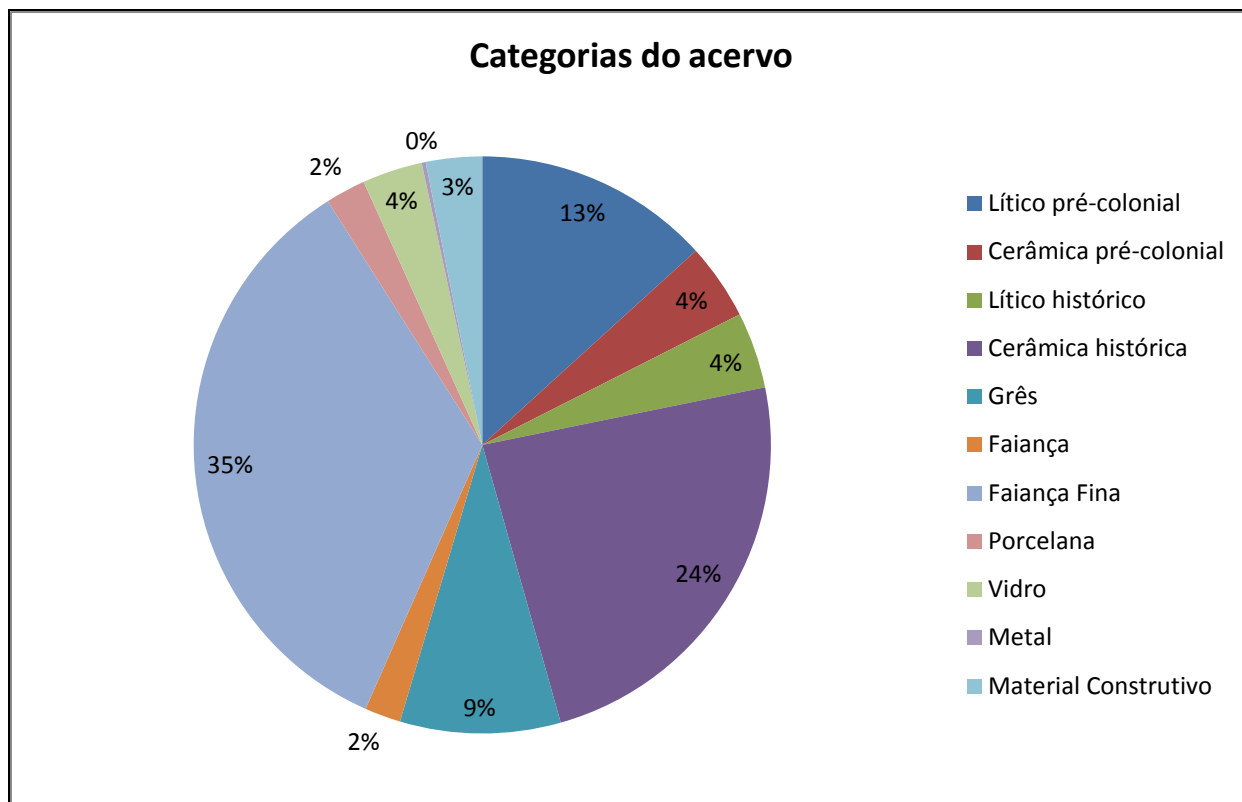


Gráfico 2: Total do acervo por categorias

Prancha 49 - Procedimentos curatoriais



1. Lavagem do material;
2. Organização pós lavagem;
3. Disposição do material na mesa;
4. Numeração das peças diagnósticas;
5. Preenchimento das planilhas de curadoria;
6. Registro fotográfico das peças higienizadas.

Prancha 50 - Documentação fotográfica produzida



1. Fragmento de faiança; 2. Fragmento de grés; 3 e 6. Fragmento de cerâmica de produção local/regional; 4. Fragmento de faiança fina tipo *blue edge*; 5. Lítico pré-colonial lascado; 7. Fragmento de vidro; 8. Fragmento de cerâmica pré-colonial; 9. Lítico histórico; 10. Metal.

7. SÍNTESE DOS RESULTADOS

7.1. Antes da Nova Transnordestina – Levantamento bibliográfico e da base CNSA

No levantamento de dados referente aos municípios alvos deste projeto, pudemos detectar junto ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Iphan (CNSA-IPHAN) bem como na bibliografia corrente, os sítios que são apresentados na **Tabela 5**, abaixo:

Tabela 5: Sítios levantados na bibliografia

Município	Sítio	Coordenadas	Categoria	Fonte
Água Preta	Ocorrência 38		Cerâmico	CNSA
	PE-493-LA/UFPE		Lito-cerâmico	LA/UFPE
	GASALP Ocorrência 37		Cerâmico	CNSA
Cabo de Santo Agostinho	São Paulo		Histórico/subaquático	CNSA
	Ocorrência 50		Cerâmico	CNSA
	Ocorrência 51		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 52		Lito-cerâmico	CNSA
	PE 0486LA/UFPE	25 L 272029 9081720	Histórico	CNSA
	Ocorrência 24 - KM 422	25 L 275665 9088042	Histórico	CNSA
	Ocorrência 25 - KM 423	25 L 275515 9087102	Histórico	CNSA
	Ocorrência 23 - KM 418	25 L 275167 9092142	Cerâmico	CNSA
	PE60-87		Histórico	CNSA
	PE60-84		Cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-40		Cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-64		Histórico	CNSA
	PE60-68		Histórico	CNSA
PE60-69		Histórico	CNSA	
Escada	PE 0481 LA/UFPE	25 L 247381 9069574	Histórico	CNSA
	PE 0482 LA/UFPE	25 L 249943 9070230	Histórico	CNSA
	PE 0483 LA/UFPE	25 L 250242 9070472	Histórico	CNSA
	PE 0484 LA/UFPE	25 L 252759 9072953	Histórico	CNSA
	PE 0485 LA/UFPE	25 L 256095 9075011	Histórico	CNSA
Gameleira	Ocorrência 39		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 40		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 41		Lito-cerâmico	CNSA

Município	Sítio	Coordenadas	Categoria	Fonte
Ipojuca	Ocorrência 43		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 44		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 45		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 46		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 47		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 48		Lito-cerâmico	CNSA
	Ocorrência 49		Lito-cerâmico	CNSA
	PE 9 - Ls		Histórico	CNSA
	PE 8 - Ls		Cerâmico	CNSA
	PE-18-Ls		Histórico	CNSA
	Gasalp ocorrência 43		Cerâmico	CNSA
	Gasalp Ocorrência 44		Cerâmico	CNSA
	Gasalp Ocorrência 45		Cerâmico	CNSA
	Gasalp ocorrência 49		Lito-cerâmico	CNSA
	RNEST- 01	25 L 276810 9073753	Histórico	CNSA
	RNEST- 02		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 03		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 04		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 05	25 L 276839 9073890	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 06	25 L 277201 9073841	Lito-cerâmico	CNSA
	RNEST- 07	25 L 277223 9073633	Lítico	CNSA
	RNEST- 08	25 L 276379 9074175	Histórico	CNSA
	RNEST- 09	25 L 276309 9073751	Cerâmico	CNSA
	RNEST- 10	25 L 277264 9073713	Lito-cerâmico	CNSA
	RNEST- 11	25 L 278015 9073687	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 12	25 L 278020 9073373	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 13	25 L 278047 9072955	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 14	25 L 278200 9072791	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 15	25 L 278100 9072541	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 16	25 L 278105 9073134	Histórico XIX	CNSA
	RNEST- 17	25 L 278268 9073889	Cerâmico	CNSA
	RNEST- 18	25 L 277397 9072517	Histórico	CNSA
RNEST- 19	25 L 276524 9072543	Histórico	CNSA	
RNEST- 20	25 L 276503 9072411	Histórico	CNSA	
RNEST- 21	25 L 276478 9073037	Histórico	CNSA	
RNEST- 22	25 L 276228 9072336	Histórico	CNSA	
RNEST- 23	25 L 276489 9072412	Histórico	CNSA	
RNEST- 24	25 L 276471 9072034	Histórico	CNSA	

Município	Sítio	Coordenadas	Categoria	Fonte
	RNEST- 25	25 L 277428 9071700	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 26	25 L 277548 9071530	Histórico	CNSA
	RNEST- 27	25 L 277168 9072566	Histórico	CNSA
	RNEST- 28	25 L 276882 9072660	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 29	25 L 277056 9072376	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	RNEST- 30	25 L 277317 9071588	Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE 0468 LA/UFPE	25 L 279223 9074601	Histórico	CNSA
	PE 0469 LA/UFPE	25 L 279646 9073976	Histórico	CNSA
	PE 0470 LA/UFPE	25 L 279569 9074011	Histórico	CNSA
	PE 0471 LA/UFPE	25 L 279542 9074045	Histórico	CNSA
	PE 0472 LA/UFPE	25 L 279490 9074420	Histórico	CNSA
	PE 0473 LA/UFPE	25 L 279511 9074391	Histórico	CNSA
	PE 0474 LA/UFPE	25 L 279580 9074305	Histórico	CNSA
	PE 0475 LA/UFPE	25 L 279320 9074271	Histórico	CNSA
	PE 0476 LA/UFPE	25 L 279296 9074271	Histórico	CNSA
	PE 0477 LA/UFPE	25 L 279297 9074247	Histórico	CNSA
	PE 0479 LA/UFPE	25 L 279366 9074247	Histórico	CNSA
	PE 0478 LA/UFPE	25 L 279418 9074255	Histórico	CNSA
	PE60-49		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-48		Histórico	CNSA
	PE60-88		Histórico	CNSA
	PE60-41		Lito-cerâmico	CNSA
	PE60-38		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-37		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-33		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-36		Histórico	CNSA
	PE60-35		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-32		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-26		Histórico	CNSA
	PE60-25		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-23		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-22		Histórico	CNSA
	PE60-50		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-59		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-70		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-75		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-79		Histórico	CNSA
	PE60-19		Lito-cerâmico e histórico	CNSA

Município	Sítio	Coordenadas	Categoria	Fonte
	PE60-17		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-16		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
	PE60-13		Lito-cerâmico e histórico	CNSA
Joaquim Nabuco	PE646		Lito-cerâmico	LA/UFPE
Ribeirão	PE 0480 LA/UFPE	25 L 238999 9063140	Histórico	CNSA

7.2. Projetos realizados no âmbito da Ferrovia Transnordestina

Abaixo, apresentamos as evidências cadastradas com os projetos da **Zanettini Arqueologia**. Entre 2007 e 2008, foi realizado o **diagnóstico não interventivo e a prospecção** na ADA do eixo projetado anteriormente para a Nova Ferrovia Transnordestina nos Lotes 8 e 9 (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009). Também foi realizado o projeto **CFN-Trecho 3** (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007). As tabelas abaixo sintetizam os dados recolhidos nos projetos anteriores juntamente com os dados do projeto em tela (**Tabelas 6, 7, 8 e 9**).

Tabela 6: Sítios arqueológicos levantados pela Zanettini Arqueologia

Sítio	Coordenadas	Município	Categoria	Inserção no empreendimento*	Fonte
Pedra do coração	25 L 190305 9049993	Belém de Maria	Arte rupestre	AID	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Manuel Ferreira	25 L 190477 9049911	Bonito	Lítico	AID	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Barra do Timbó	25 L 190930 9049946	Bonito	Lítico	AID	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Engenho Mulatinha	25 L 200364 9049452	Bonito	Lítico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Serra do Quilombo I	25 L 201618 9050335	Bonito	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Serra do Quilombo II	25 L 202128 9049962	Bonito	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Estreliana I	25 L 228971 9053558	Água Preta	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Estreliana II	25 L 228870 9053477	Água Preta	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Fazenda Vitoso I	25 L 233955 9061507	Ribeirão	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)

Sítio	Coordenadas	Município	Categoria	Inserção no empreendimento*	Fonte
Fazenda Vitoso II	25 L 233885 9061311	Ribeirão	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Fazenda Segredo	25 L 234174 9061357	Ribeirão	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Rio Sapucaí II	25 L 254375 9068422	Ipojuca	Histórico	AID	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Rio Sapucaí I	25 L 255044 9069907	Ipojuca	Histórico	AID	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Crauaçu I	25 L 267749 9072268	Ipojuca	Cerâmico e histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Crauaçu II	25 L 267237 9073200	Ipojuca	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Chico Lapada	25 L 272455 9072324	Ipojuca	Histórico	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
Joaquim Nabuco II	25 L 225544 9046536	Água Preta	Histórico (XIX)	ADA	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Joaquim Nabuco I	25 L 226811 9046578	Água Preta	Histórico (XIX)	ADA	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Engenho Muçu	25 L 246666 9071521	Escada	Histórico (XIX)	AII	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Engenho Firmeza	25 L 251504 9073426	Escada	Histórico (XIX)	AII	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Usina Ipojuca	25 L 262257 9076194	Ipojuca	Histórico (XIX)	ADA	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Baixada	25 L 208507 9041181	Palmares	Histórico	AID	Diagnóstico ora efetuado
Granito	25 L 199369 9048710	Catende	Cerâmico	AID	Diagnóstico ora efetuado
Jussaral	25 L 195940 9048193	Catende	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Carroça	25 L 228911 9047817	Joaquim Nabuco	Histórico	AID	Diagnóstico ora efetuado
Vento	25 L 217881 9043389	Palmares	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Torres	25 L 216170 9043272	Palmares	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado

Sítio	Coordenadas	Município	Categoria	Inserção no empreendimento*	Fonte
Capinzal	25 L 219113 9043670	Palmares	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Curva	25 L 222970 9044761	Joaquim Nabuco	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Barranco	25 L 229573 9048302	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Água	25 L 230868 9049241	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Cuiambuca	25 L 230661 9049152	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Garapa	25 L 234481 9049078	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Riacho	25 L 235888 9052286	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Aguardente	25 L 238447 9052776	Gameleira	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Canabrava	25 L 242776 9053702	Ribeirão	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Amontoado	25 L 247007 9058743	Ribeirão	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Caninha	25 L 248061 9061530	Ribeirão	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Cachaça	25 L 251930 9066699	Escada	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Lamaçal	25 L 264441 9079653	Ipojuca	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Macaxeira	25 L 259455 9076025	Escada e Ipojuca	Lítico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Arado	25 L 260566 9076161	Escada	Lítico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Palmeira	25 L 274009 9079024	Cabo de Santo Agostinho	Histórico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Gaibu	25 L 275865 9079130	Cabo de Santo Agostinho	Lito-cerâmico	ADA	Diagnóstico ora efetuado
Lascado	25 L 276209 9079102	Cabo de Santo Agostinho	Lítico	AID	Diagnóstico ora efetuado

* De acordo com o traçado atual do lote 8 e 9 do trecho Salgueiro – Porto Suape (PE)

Tabela 7: Ocorrências arqueológicas levantadas pela Zanettini Arqueologia

Ocorrência	Município	Coordenadas	Categoria	Etapa
Oc 156	Palmares	25 L 207806 9042990	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 157	Palmares	25 L 215268 9043038	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 158	Palmares	25 L 215777 9043149	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 159	Gameleiras	25 L 231773 9049213	Cerâmica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 160	Gameleiras	25 L 232034 9049184	Cerâmica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 161	Cabo de Santo Agostinho	25 L 279232 9080003	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 162	Cabo de Santo Agostinho	25 L 275152 9079050	Lítico	Diagnóstico ora efetuado
Oc 163	Ribeirão	25 L 247607 9059942	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 164	Ribeirão	25 L 247996 9061121	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 165	Escada	25 L 254310 9068677	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 166	Escada	25 L 259269 9074010	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 167	Escada	25 L 251019 9067017	Histórica	Diagnóstico ora efetuado
Oc 168	Escada	25 L 263861 9079415	Lítico	Diagnóstico ora efetuado

Tabela 8: Áreas de Ocupação Histórica (AOHs) levantadas pela Zanettini Arqueologia

AOH	Município	Coordenadas	Inserção no empreendimento*	Etapa
5	Bonito	25 L 202247 9049322	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
17	Palmares	25 L 211447 9046283	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
18	Água Preta	25 L 228585 9053370	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
3	Ribeirão	24 L 233874 9061896	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
4	Ribeirão	24 L 233892 9061684	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
2	Ribeirão	24 L 235643 9062869	AII	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
1	Escada	24 L 252468 9067061	ADA	Programa de Gestão (ZANETTINI ARQUEOLOGIA,2009)
125	Catende	25 L 199895 9045603	ADA	Diagnóstico ora efetuado
126	Catende	25 L 199941 9044617	AID	Diagnóstico ora efetuado
127	Catende	25 L 200928 9045058	AID	Diagnóstico ora efetuado
128	Catende	25 L 198984 9047741	AID	Diagnóstico ora efetuado

AOH	Município	Coordenadas	Inserção no empreendimento*	Etapa
129	Catende	25 L 199025 9047805	AID	Diagnóstico ora efetuado
130	Catende	25 L 203181 9044212	AID	Diagnóstico ora efetuado
131	Joaquim Nabuco	25 L 229631 9048668	AID	Diagnóstico ora efetuado
132	Joaquim Nabuco	25 L 224242 9046328	ADA	Diagnóstico ora efetuado
137	Catende	25 L 199346 9050695	All	Diagnóstico ora efetuado
138	Palmares	25 L 211848 9041437	AID	Diagnóstico ora efetuado
133	Gameleira	25 L 236207 9052524	AID	Diagnóstico ora efetuado
134	Gameleira	25 L 236539 9052917	AID	Diagnóstico ora efetuado
135	Escada	25 L 253619 9067529	ADA	Diagnóstico ora efetuado
136	Cabo de Santo Agostinho	25 L 269769 9079808	ADA	Diagnóstico ora efetuado

* De acordo com o traçado atual dos Lotes 8 e 9 do trecho Salgueiro – Porto Suape (PE)

Tabela 9: Bens Ferroviários e Obras de Arte cadastrados pela Zanettini Arqueologia

Bem Ferroviário	Coordenadas	Categoria	Município	Uso atual	Data de Construção	Etapa
Cabo	25 L 275639 9083460	Estação	Cabo de Santo Agostinho	Estação operacional	1858	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Mercês	25 L 270094 9080006	Estação	Cabo de Santo Agostinho	Sem uso	1860	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Charneca	25 L 273160 9081746	Parada	Cabo de Santo Agostinho	Sem uso	1980	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)

Bem Ferroviário	Coordenadas	Categoria	Município	Uso atual	Data de Construção	Etapa
Escada	25 L 254581 9074548	Estação	Escada	Indeterminado	1860	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Frexeiras	25 L 244234 9072476	Estação	Escada	Sem uso	1862	Programa De Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Barão de Suassuna	25 L 248595 9073216	Estação	Escada	Sem uso	Indeterminada	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Timbó-açu	25 L 259898 9076094	Estação	Escada	Sem uso	1860	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Engenho Rainha dos Anjos	25 L 239280 9063767	Parada	Ribeirão	Privado (comércio)	Indeterminada	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Arapibu (Aripibu)	25 L 241492 9065819	Estação	Ribeirão	Privado (habitação)	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Ribeirão	25 L 238592 9058500	Estação	Ribeirão	Habitação e comércio	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)

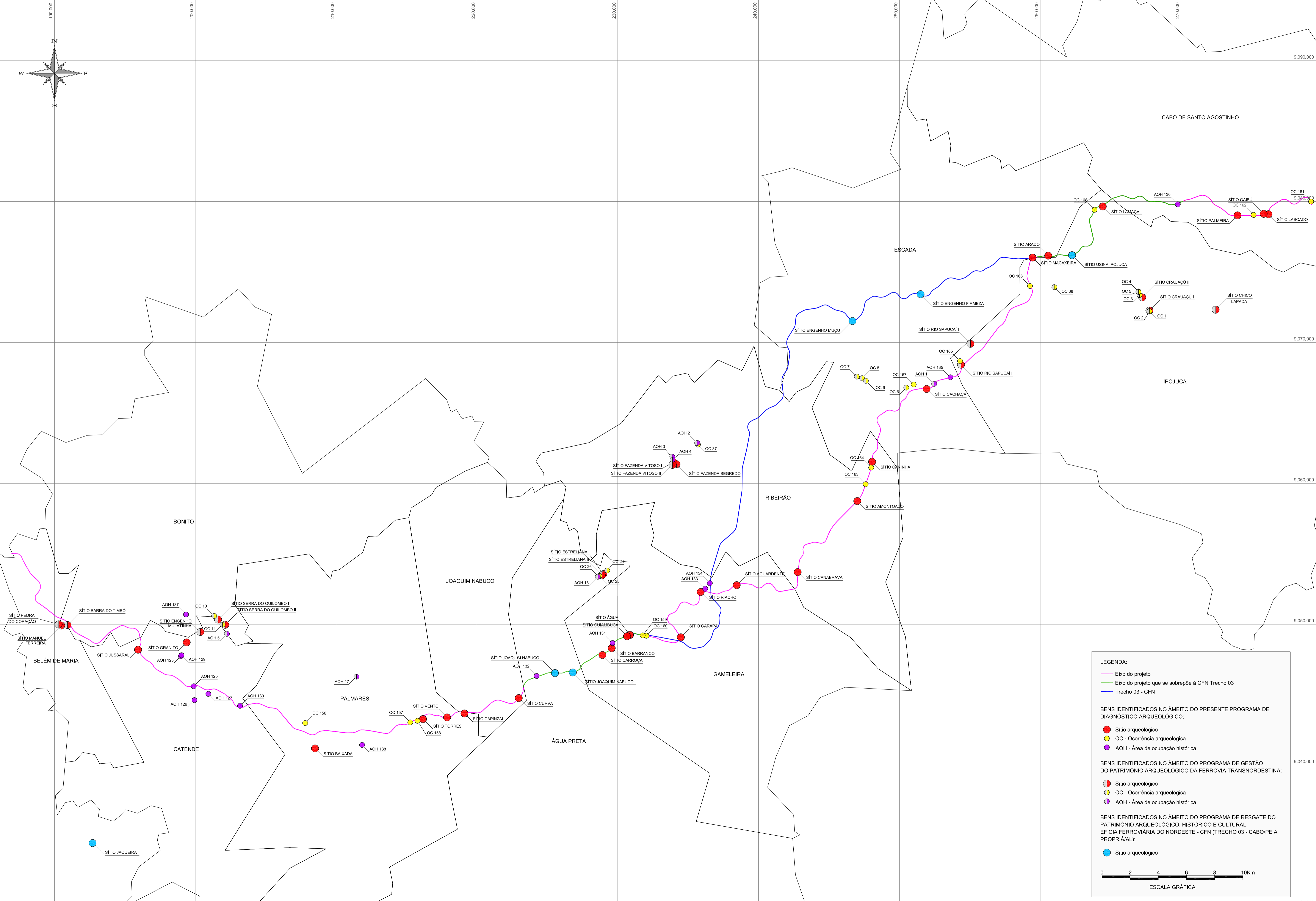
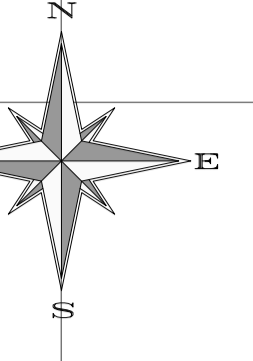
Bem Ferroviário	Coordenadas	Categoria	Município	Uso atual	Data de Construção	Etapa
Estreliana	25 L 237305 9055724	Parada	Ribeirão	Sem uso	Indeterminada	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Gameleira	25 L 237142 9050455	Estação	Gameleira	Habitação e comércio	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Cuiambuca	25 L 230625 9049154	Estação	Gameleira	Sem uso	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Joaquim Nabuco	25 L 222065 9045587	Estação	Joaquim Nabuco	Em restauração	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Palmares	25 L 215793 9039800	Estação	Palmares	Centro cultural	1862	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Boa Sorte	25 L 208227 9041062	Parada	Palmares	Sem uso	1884	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Pirangy	25 L 211557 9041853	Parada	Palmares	Privado (habitação)	1894	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)

Bem Ferroviário	Coordenadas	Categoria	Município	Uso atual	Data de Construção	Etapa
Pumati	25 L 220020 9043708	Parada	Palmares	Sem uso	1930	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Catende	25 L 206619 9040439	Estação	Catende	Fechada	1882	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Mauá	25 L 263954 9079542	Estação	Ipojuca	Sem uso	1860	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Roçadinho	25 L 198738 9042128	Conexão	Catende	Sem uso	Indeterminada	Programa de Diagnóstico - EF Cia Ferroviária do Nordeste (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007)
Obra de arte 01	25 L 220013 9043714	Ponte	Joaquim Nabuco	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 02	25 L 220269 9043765	Ponte	Joaquim Nabuco	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 03	25 L 220879 9044312	Ponte	Joaquim Nabuco	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 04	25 L 218796 9043785	Ponte	Joaquim Nabuco	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 05	25 L 227469 9047115	Ponte	Gameleira	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 06	25 L 228991 9047982	Ponte	Gameleira	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 07	25 L 229091 9048005	Ponte	Gameleira	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 08	25 L 229250 9048048	Ponte	Gameleira	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 09	25 L 226078 9046544	Ponte	Gameleira	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado

Bem Ferroviário	Coordenadas	Categoria	Município	Uso atual	Data de Construção	Etapa
Obra de arte 10	25 L 267333 9080292	Ponte	Cabo de Santo Agostinho	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado
Obra de arte 11	25 L 269265 9079762	Ponte	Cabo de Santo Agostinho	Sem uso	Indeterminada	Diagnóstico ora efetuado

Julgando pelo considerável número de sítios arqueológicos, bens patrimoniais e obras de arte apresentados nas tabelas acima, bem como pela inserção dos municípios nos cenários propostos constata-se o **alto potencial regional para localização de sítios arqueológicos e demais patrimônios materiais e imateriais**. Os estudos regionais tem sido de grande relevância na complementação dos cenários, permitindo melhor entendimento dos processos envolvidos no povoamento da região nordeste.

Os Sítios Arqueológicos, Áreas de Ocupação Histórica e Obras de arte detectados nos estudos realizados anteriormente no escopo da Ferrovia Nova Transnordestina e do Trecho 3 da Companhia Ferroviária do Nordeste, e também no presente diagnóstico interventivo, são apresentados nas **Pranchas 53 e 54**, a seguir, a fim de espacializar as informações presentes nas tabelas 6, 7, 8 e 9.



LEGENDA:

- Eixo do projeto
- Eixo do projeto que se sobrepõe à CFN Trecho 03
- Trecho 03 - CFN

BENS IDENTIFICADOS NO ÂMBITO DO PRESENTE PROGRAMA DE DIAGNÓSTICO ARQUEOLÓGICO:

- Sítio arqueológico
- OC - Ocorrência arqueológica
- AOH - Área de ocupação histórica

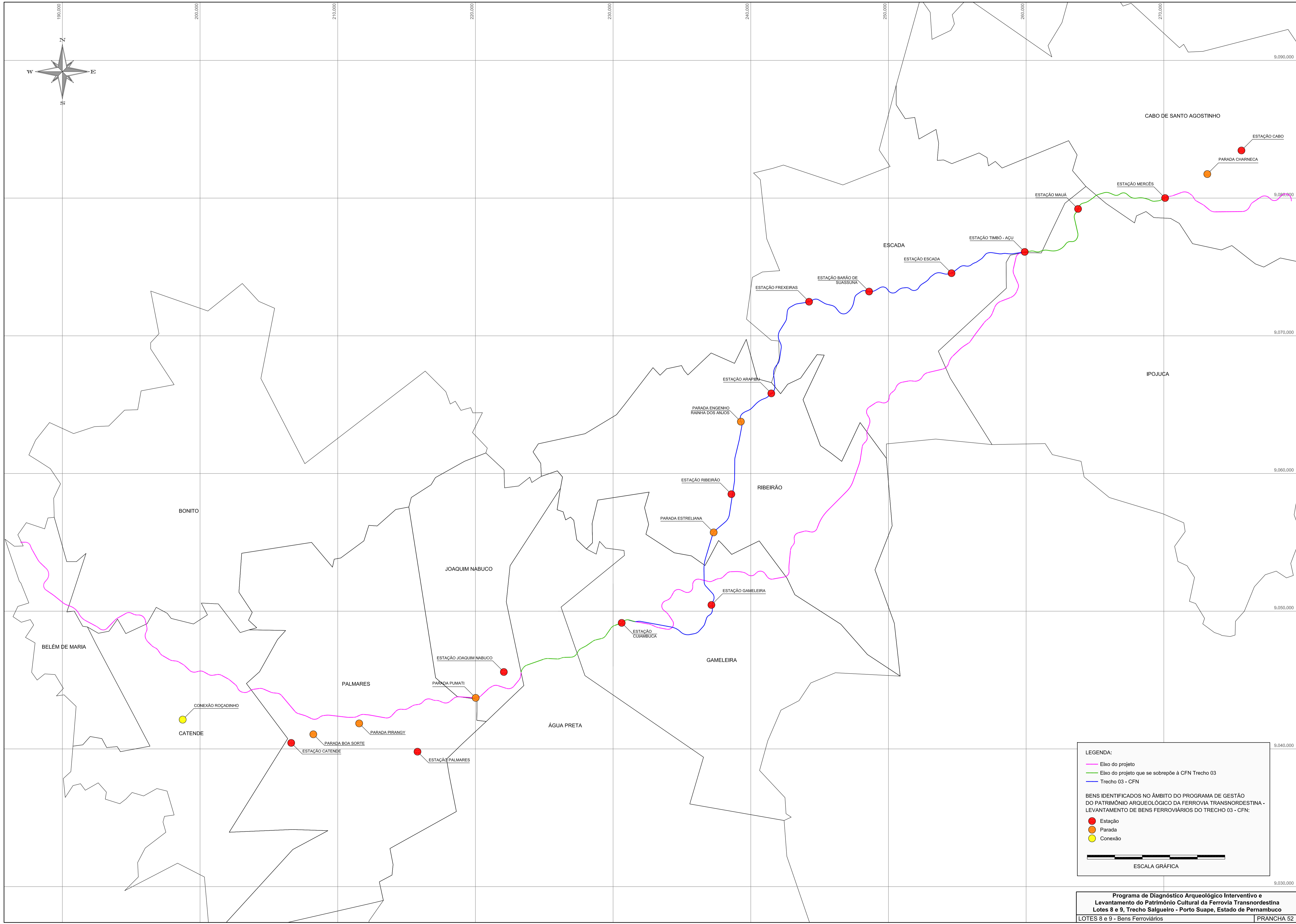
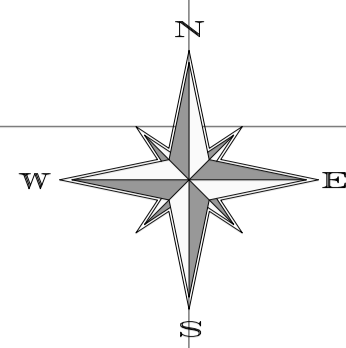
BENS IDENTIFICADOS NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DA FERROVIA TRANSNORDESTINA:

- Sítio arqueológico
- OC - Ocorrência arqueológica
- AOH - Área de ocupação histórica

BENS IDENTIFICADOS NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE RESGATE DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E CULTURAL EF CIA FERROVIÁRIA DO NORDESTE - CFN (TRECHO 03 - CABO/PE A PROPRIÁAL):

- Sítio arqueológico

0 2 4 6 8 10Km
ESCALA GRÁFICA



LEGENDA:

- Eixo do projeto
- Eixo do projeto que se sobrepõe à CFN Trecho 03
- Trecho 03 - CFN

BENS IDENTIFICADOS NO ÂMBITO DO PROGRAMA DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DA FERROVIA TRANSNORDESTINA - LEVANTAMENTO DE BENS FERROVIÁRIOS DO TRECHO 03 - CFN:

- Estação
- Parada
- Conexão

ESCALA GRÁFICA

8. QUADRO ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO REGIONAL

O patrimônio arqueológico em tela está associado a diferentes cenários de ocupação, englobando uma diversidade de evidências arqueológicas que permitirão a ampliação do conhecimento disponível para a região Nordeste. Faz-se necessário um levantamento minucioso do conhecimento disponível.

A Arqueologia do Nordeste brasileiro tem revelado questões instigantes para a arqueologia brasileira e mundial. Estamos lidando, portanto, com uma produção imensa e de uma complexidade inegável no que concerne aos processos socioculturais vivenciados ao longo do tempo nos atuais estados que compõe o nordeste brasileiro.

Contudo, as pesquisas arqueológicas têm adquirido um caráter pontual em grande parte dessa área, resultando em dezenas de relatório técnicos, artigos científicos e algumas dissertações e teses. Estudos continuados com enfoques regionais são realizados de modo sistemático na *Serra da Capivara*, desde a década de 1970 e, na área a *UHE Xingó*, entre os estados de Sergipe e Alagoas desde 1990. No estado de Pernambuco a atuação da equipe das universidades federais tem possibilitado o incremento de algumas questões, sobretudo na zona da mata.

No âmbito da *Ferrovias Transnordestina* têm sido possível a realização de um estudo aprofundado dessa região a partir de uma leitura macro regional, permitindo o cadastro de quase seis centenas de sítios arqueológicos nos trechos já estudados.

Os cenários de ocupação ora propostos têm como objetivo referenciar e contextualizar os vestígios arqueológicos documentados ao longo desse grande *transect* em exame. Estabelecemos cinco recortes temporais, os quais apresentamos a seguir.

Tabela 10 – Recortes temporais

Cenário	Cronologia	Época Geológica	Periodização Arqueológica Brasileira
1	50000 a 11500 anos	Pleistoceno	Paleoíndio
2	11500 a 5500 anos	Holoceno Antigo	Arcaico Antigo
		Holoceno Médio	Arcaico Médio

Cenário	Cronologia	Época Geológica	Periodização Arqueológica Brasileira
3	5500 a 2000 anos	Holoceno Recente	Arcaico Recente
4	2000 a 500 anos		Formativo
5	500 anos ao presente		Ocupação Histórica

8.1. Cenário 1: 50.000 - 11.500 anos atrás

O marco inicial desse primeiro cenário ainda envolve muitas controvérsias, não havendo um consenso a respeito da cronologia antiga para as ocupações pioneiras no Nordeste durante o Pleistoceno². Contudo, devemos salientar a importância desses dados no contexto do povoamento das Américas. Embora raros, sítios arqueológicos pleistocênicos³ com datas mais recuadas que 11 mil anos, chegando a até quase 20 mil anos, ocorrem por toda a América do Sul, mostrando que grupos humanos já ocupavam todo o continente nesse período. Há assim uma série de sítios na Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Brasil que confirmam essa hipótese (BUENO, 2005). Esses achados desafiam as teorias tradicionais sobre o povoamento pré-histórico das Américas, que teria ocorrido através do estreito de *Bering* há cerca de 13000 anos (BLASIS, 2001:12; MARTIN, 1999:61-62).

No Brasil destaca-se a região da **Serra da Capivara**, a qual guardaria evidências de uma ocupação humana na região que poderia remontar a 100.000 anos antes do presente (GUIDON, 2007:79). Desse modo, o sul do Piauí tem atraído a atenção de pesquisadores do todo o mundo, sendo periodicamente divulgadas notícias na mídia a respeito. Porém, independentemente da ocupação humana dessa região ter iniciado há 100.000 anos, ou, como sugerem as estimativas mais conservadoras, 20.000 anos, o fato é que as primeiras levadas migratórias que chegaram ao Nordeste brasileiro eram constituídas por grupos humanos “alóctones” que atingiram o continente americano a alguns milhares de anos antes (MARTIN, 1999:66).

² Na escala de tempo geológico, o Pleistoceno está compreendido entre, aproximadamente, 1 milhão e 11.500 anos atrás. Divide-se nas idades Pleistocena Inferior, Pleistocena Média e Pleistocena Superior, da mais antiga para a mais recente. No Pleistoceno ocorreram as glaciações mais recentes. O clima e as temperaturas mudaram drasticamente, e o período é hoje estudado por paleontólogos na tentativa de compreender os climas da Terra no passado. No Brasil, a ocupação humana pleistocênica retrocederia, segundo Guidon (2007), há pelo menos 100.000 anos atrás.

³ Os vestígios arqueológicos referentes à época geológica pleistocênica, cuja transição para a época atual, holocênica, são enquadrados no período Paleoindígena.

Esses registros arqueológicos mais antigos do Nordeste encontram-se principalmente nas formações cársticas, sugerindo que os primeiros povoadores do Brasil circularam pelas chapadas e procuraram os abrigos fundos dos calcários para se proteger (MARTIN, 1999:50).

No estado do Piauí o **sítio Boqueirão da Pedra Furada**, forneceu a mais completa estratigrafia relacionada a grupos paleoindígenas até hoje encontrada nas Américas, estendendo-se entre 59.000 e 5.000 AP. Os vestígios materiais encontrados indicam a existência de uma cultura que atravessou os milênios inovando tecnicamente e fazendo escolhas entre os muitos recursos naturais disponíveis. Esses grupos produziram instrumentos como facas, raspadores e perfuradores em quartzo e quartzito. Tratam-se de peças líticas pouco trabalhadas, talhadas segundo as necessidades do momento, utilizadas e logo abandonadas (GUIDON, 2005:134).

Por fim, vale apontar as datas obtidas para o **sítio Morro Furado**, no sudoeste da Bahia, mais precisamente no **município de Coribe**, onde moluscos associados a cinzas de carvão e lascas de sílex foram datados de 26000 a 16000 anos atrás (SCHIMTZ *et al.*, 1994 *apud* MARTIN, 1999: 132).

8.2. Cenário 2: 11.500 - 5.500 anos atrás

Evidências relacionadas à presença humana para a cronologia de 12 mil anos são relativamente frequentes e estão disseminadas por todo o continente. Nessa época, denominada Holoceno, ocorrem variações climáticas com o devido reflexo nos biomas ali presentes.

Esse cenário é representado por um aumento significativo de evidências arqueológicas, associado a uma maior diversidade de vestígios: indústrias líticas diferenciadas, técnicas de polimento, proliferação dos registros rupestres, fabricação de vasilhas cerâmicas e rituais de sepultamento.

Para o caso do sudeste do Piauí, os grupos que ocuparam a Serra da Capivara, embora prosseguissem utilizando as matérias-primas das indústrias do Pleistoceno passaram a

empregar rochas mais adequadas ao lascamento, como o sílex e a calcedônia. Nesse período a manufatura dos instrumentos torna-se mais especializada, sendo comuns lâminas, raspadores, facas, lascas retocadas, seixos lascados e percutores. Aparecem ainda pontas de projétil. Técnicas de polimento surgem em torno de 9.200 AP.

O **Holoceno Inicial**, com datas entre 12.000 e 9.000 anos, tem a **Tradição Itaparica** como principal mote de discussão. Essa tradição foi inicialmente estabelecida pelo arqueólogo Valentim Calderón a partir do estudo do material lítico recuperado dos níveis de ocupação mais antigos (7580±440 anos BP) do sítio Gruta do Padre, no médio São Francisco (ETCHEVARNE, 1999/2000:120). Temos o predomínio de artefatos unifaciais, retocados por percussão e pressão em toda sua periferia, gerando uma morfologia lanceolada (CALDERÓN, 1969:138). Esses grupos parecem ter enfatizado em sua subsistência o consumo de mamíferos de pequeno porte e moluscos (MARTIN & ROCHA, 1990), além de frutos, raízes e sementes (LAROCHE & LAROCHE, 1991:32). Em termos de variabilidade cronológica, os artefatos líticos mais antigos são mais bem elaborados e de menor tamanho, sendo que em torno de 3000 AP as técnicas mais aprimoradas são abandonadas.

Com trabalhos posteriormente desenvolvidos nas décadas de 1970 e 80 na região de Goiás, Schmitz (1987) oferece um quadro de maior amplitude para a tradição inicialmente descrita por Calderón. A partir de suas pesquisas sugere uma área de abrangência abarcaria os estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco e Piauí. Schmitz (1987) aponta que a principal característica dessa indústria lítica seria a presença marcada de artefatos unifaciais, uma vez que artefatos bifaciais seriam raros. O artefato que se popularizou como característico desta tradição foi o raspador plano-convexo, com atenção especial dada as chamadas “lesmas” (SCHMITZ; ROSA; BITTENCOURT, 2004: 187). Essa peça seria um utensílio de bloco (ou lasca) de forma alongada, lembrando uma lesma. Tipicamente comporta duas pontas e dois bordos ativos longitudinais, sendo que o retoque afeta toda a periferia da ferramenta” (LAMING-EMPERAIRE, 1967: 75). Teríamos variações nesta morfologia, as quais remeteriam a atividades de reformas ou reavivamentos dos gumes (SCHMITZ; ROSA; BITTENCOURT, 2004: 188), além de um grande número de artefatos com evidências de encabamento, embora houvessem ferramentas utilizadas sem esse tipo de suporte.

Para o **estado de Pernambuco**, as datações mais antigas da Tradição Itaparica oscilam em torno de 10-11.000 anos, tendo sido obtidas nos sítios **Chã dos Caboclos** (município de Bom Jardim) e **Furna do Estrago** (município de Brejo da Madre de Deus) (MARTIN, 1999:64). De acordo com Araújo (2005) esses sítios são indicativos de rotas de povoamento da América do Sul que seguiram pela corrente que a partir do Panamá continuou via costa do Atlântico, sendo que os sítios mais antigos do litoral estariam submersos devido às variações no nível do mar.

Para o **Holoceno Médio** temos datações entre 9.000 e 5.000 anos, sendo este período marcado por muitas variações, resultando numa menor precisão cronológica e numa acentuada variabilidade de indústrias líticas. Bueno aponta uma grande variação regional nas indústrias líticas (BUENO, 2005: 50), além do que, temos o desaparecimento dos artefatos plano-convexos bem acabados (totalmente retocados e simétricos) entre 9000 e 8000 anos. Não obstante, esses artefatos são constatados para alguns locais em períodos mais recentes. Inserida neste período foi definida por Schmitz (2004) a **fase Serranópolis**, tendo por características artefatos com poucos retoques, feitos a partir de lascas irregulares, sendo os mais comuns: goivas, bicos, furadores e raspadores pequenos.

Em Minas Gerais, nas regiões de **Lagoa Santa e Serra do Cipó** temos uma indústria lítica diferente da fase Serranópolis, caracterizada essencialmente pelo lascamento de quartzo, tanto por técnica unipolar quanto bipolar. A técnica unipolar teve um maior emprego para trabalhar o quartzo hialino enquanto a bipolar se reservou ao quartzo leitoso de filão (PROUS, 1992: 172). A maior parte dos artefatos pode ser entendida com informais, já que as lascas foram utilizadas sem demais alterações, apenas no caso de grandes lascas esta sofreram retoques permitindo a produção de raspadores, furadores e raspadeiras.

De modo geral podemos dizer que a pesquisa sobre a ocupação do Brasil Central durante o Holoceno Médio aponta para:

dois aspectos bastante importantes no que se refere à variabilidade tecnológica das indústrias líticas: 1) a partir dos 9/8.000 anos, o padrão e

*ocupação, de subsistência e de produção do conjunto de artefatos líticos (...) denominado Tradição Itaparica deixa de ocupar uma grande extensão territorial no Brasil Central, dando lugar a **um processo de diversificação das indústrias em âmbito local**; 2) esse processo de diversificação engloba tanto a existência de indústrias eminentemente expedientes, marcadas pela utilização das matérias-primas mais abundantes e disponíveis e pela produção de artefatos com poucos retoques e grande variabilidade formal como também a existência de indústrias nas quais há uma produção de artefatos mais elaborados, majoritariamente unifaciais, associados a produção de pontas de projétil bifaciais que, no entanto, continuam a representar apenas uma pequena parte da coleção artefactual, indicando características similares às apresentadas pela Tradição Itaparica no que se refere à composição do conjunto artefactual. (BUENO 2005: 52).*

As **evidências mais antigas para o uso de vasilhames cerâmicos** na região Nordeste ocorrem no abrigo sob rocha Toca do Sítio do Meio, em São Raimundo Nonato (PI), no qual foram obtidas duas datações de cerca de 8.900 BP, as quais extrapolam as cronologias obtidas até o momento para a cerâmica pré-histórica do Brasil (GUIDON, 2005:136; LUNA, 2003).

Desse período também contamos com **restos ósseos humanos**, datados entre 12.000 e 10.000 AP, encontrados na Toca do Garrincho e na Toca da Cerca do Elias (GUIDON, 2005:133-139). O sítio Pedra do Alexandre, situado em meio ao Seridó, forneceu um enterramento secundário de criança de quatro a cinco anos, datado em 9.400 anos (MARTIN 1999). Na Toca do Antônio o sepultamento de uma mulher foi datado em 9670±140 AP (MARTIN, 1999:71). Na Toca dos Coqueiros foi descoberto um sepultamento, de sexo indefinido, datado de 11.060 AP, altamente revelador das práticas funerárias dos grupos do arcaico nessa região. O corpo estava deitado sobre um assoalho de pedras, sobre o lado direito e em posição fetal. Ao seu lado havia uma grande fogueira, provavelmente cerimonial, na qual foram assados animais que foram comidos em torno do morto. As cinzas e os carvões ainda quentes foram jogados sobre o corpo. Acompanhava o sepultamento uma ponta de flecha em quartzo hialino (GUIDON, 2005:137).

O sítio **Justino, localizado em Canindé de São Francisco (Sergipe)**, apresenta um nível datado de 8980±70 anos AP no qual foram encontrados 5 sepultamentos, sendo 4 primários e 1 secundário (ALMIR JÚNIOR & PALMEIRA, 2006).

Da mesma forma que as estimativas mais conservadoras para o início de ocupação das Américas têm sido desafiadas pelos achados do Piauí, a composição dos ocupantes pré-históricos também tem sido questionada por achados no Sudeste (Minas Geras) e Nordeste. De acordo com o modelo tradicional de ocupação do continente americano, os primeiros grupos que ocuparam as Américas eram de composição mongolóide, provindos da Ásia via estreito de Bering, em um período em que as extremidades da Ásia (Sibéria) e da América do Norte (Alasca) se viram unidas por uma “ponte de gelo”, estabelecendo uma passagem terrestre entre os dois continentes. Através desse acesso temporário as manadas de grandes animais passaram para as Américas e, atrás delas, os primeiros grupos humanos (BLASIS, 2001:13; MARTIN, 1999:66). Essa exclusividade em relação à composição mongolóide dos antigos povoadores do continente foi inicialmente questionada por estudos de esqueletos da região de Lagoa Santa, dentre os quais o da fêmea Luzia, datado de 11.500 anos, os qual apresenta características australo-melanésias, suscitando a hipótese de outras levas e rotas simultâneas de povoamento da América do Sul. Os estudos dos esqueletos encontrados em Canindé de São Francisco, por sua vez, demonstraram uma grande heterogeneidade racial entre os indivíduos analisados, os quais apresentam características tanto de grupos mongolóides, quanto de caucasóides e australo-melanésias (ALMIR JÚNIOR & PALMEIRA, 2006). Cabe apontar que essa diversidade foi evidenciada em algumas dezenas de esqueletos provenientes de vários níveis de ocupação entre 8000 a 3000 anos, aproximadamente. Do mesmo modo, o estudos de restos fecais (coprólitos) contendo determinados parasitas sugerem rotas alternativas que não a via gelada do norte da América (SENE, 2007).

Um tipo de ocorrência arqueológica bastante recorrente nesse cenário é a arte rupestre⁴. Conforme observa Martin (1999:237-238), é difícil relacionar tais vestígios com os demais

⁴ Há três grandes tradições de arte rupestre definidas para o Nordeste: a Tradição Nordeste, abrangendo o Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, parte da Bahia e do Ceará, e norte de Minas Gerais; a Tradição Agreste, reconhecida no Piauí, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará; e a tradição Itaquiara, dispersa por toda a região Nordeste (ETCHEVARNE 1999:126-127; MARTIN 1999:251-304).

elementos da cultura material que são passíveis de associação com grupos humanos mais específicos.

A **Tradição Nordeste** ocupa uma faixa cronológica de 12000 a 6000 anos, é considerada a mais antiga dessas tradições. É caracterizada por figuras zoomorfas e antropomorfas, geralmente em cenas que implicam movimento e dinamismo (MARTINS, 1999:252; PESSIS, 2005). Foi inicialmente identificada por Guidon, no sudeste do Piauí, na década de 1980, verificando-se, posteriormente, ocorrências dessa tradição em outros estados do Nordeste (SILVA, 2003). A grande profusão de pinturas dessa tradição na região do Seridó, caracterizando a subtradição Seridó, no Rio Grande do Norte, levou à hipótese de que grupos humanos do sudeste do Piauí teriam migrado para essa região há cerca de 10.000 AP, percorrendo uma distância de 1.200 quilômetros (PESSIS, 1999:71). Há ainda evidências que sugerem que a subtradição Seridó expandiu-se pela Paraíba, com formas já modificadas, mas com os elementos gráficos típicos da tradição Nordeste (MARTIN, 1999:266).

A **Tradição Agreste**, de cronologia posterior à Tradição Nordeste, também parece ser originária do sudeste do Piauí, apresentando datações em sítios dessa região que se estendem entre 10.000 (sítio do Baixão da Perna I) e 4.730 AP (sítio Toca da Boa Vista I). O nome da tradição se deu devido à grande concentração de sítios com pinturas localizadas nos pés de serra, várzeas e “brejos” da região agreste de Pernambuco. Suas principais características são os grafismos de grandes dimensões, geralmente isolados, sem formar cenas. Um grafismo emblemático dessa tradição é a figura de um antropomorfo de aspecto estático, geralmente isolado. Outro traço bastante recorrente são as mãos “carimbadas”, em geral presentes na parte superior dos painéis (MARTIN, 1999: 277).

A **Tradição Itaquiara** é de ocorrência comum em todo o Nordeste. Nessa tradição predominam os grafismos puros, antropomorfos bem elaborados, marcas de pés, lagartos, pássaros e desenhos muito complexos. Prous (1992:515) alega que a tradição Itaquiara é, na realidade, uma subtradição de uma mais ampla tradição por ele denominada Tradição Geométrica, a qual tem uma enorme dispersão pelas regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste. No Nordeste os grafismos frequentemente ocorrem em blocos ao lado dos cursos d água, o que levou alguns arqueólogos a considerar que

tais manifestações estão relacionadas ao culto das águas. Para o caso do sítio Letreiro do Sobrado, no vale do São Francisco, em Pernambuco, fragmentos de rocha gravados estão associados com as ocupações do sítio datadas entre 6.000 e 1.200 BP (MARTIN, 1999:298).

Neste contexto, vale destacar a imensa quantidade de sítios com arte rupestre do estado do Piauí, referentes às três tradições acima caracterizadas, sendo que no Parque Nacional Serra da Capivara encontra-se a maior concentração de pinturas rupestres por quilômetro quadrado registrada em todo o planeta (PESSIS, 2005:27). As manifestações de arte rupestre mais antigas foram datadas entre 22.000 e 17.000 AP (GUIDON, 2005:134). Para o Ceará, sítios de pinturas rupestres no sertão de Quixeramobim, estudados por Lage *et al.* (s.d.), são predominantemente localizados em matacões.

Na Chapada do Araripe, nas proximidades do Trecho Missão Velha-Salgueiro da Ferrovia Transnordestina (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2008d), destaca-se a pesquisa levada à cabo por Limaverde (2007). Os estudos abrangeram sete sítios com pinturas e gravuras rupestres nos municípios do Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri, Campos Sales e Mauriti, no estado do Ceará. O sítio Santa Fé, no município do Crato, apresentou gravuras pintadas e gravuras, destacando-se figuras zoomorfas gravadas e preenchidas com pigmento vermelho, caracterizadas pela a autora como *“um produto gráfico intencionalmente elaborado para proporcionar aquele efeito visual de profundidade e, dentro dessa perspectiva, evocativo de uma temática ritualística”* (LIMAVERDE, 2007). O sítio Pedra do Convento apresentou apenas gravuras. Os sítios Olho d'Água de Santa Barbara e Pedra do Letreiro apresentaram gravuras e pinturas e, por fim, os sítios Tatajuba, Tatajuba 2 e Cajueiro apresentaram somente pinturas. Nos sítios com pinturas rupestres a temática predominante são os grafismos não reconhecíveis formando linhas sinuosas, onduladas, círculos, linhas paralelas, pontilhados, formas triangulares, retangulares, linhas sequenciais em forma de “x” e “y”. Os raros antropomorfos apresentam-se de forma esquemática, alguns com a indicação de vestimentas. Limaverde (2007) aponta que o sítio Pedra do Letreiro, seria, até o momento, o mais expressivo desse conjunto de pinturas, tendo apresentado inclusive *“uma ‘possível’ representação do emblemático “dorso contra dorso” da Tradição Nordeste”* (LIMAVERDE, 2007). Com relação às gravuras assinala a presença de dois perfis gráficos: as “gravuras de altitude da Chapada” e um segundo conjunto que faz parte das Itacoatiaras nordestinas

(LIMAVERDE, 2007). Cabe pontuar a importância das reflexões aventadas pela autora, sobretudo no que concerne à diversidade gráfica identificada no estudo supramencionado, pois esta variabilidade *“seria o produto de grupos sociais distintos que teriam alcançado o Araripe em busca de um refúgio ambiental para suas sobrevivências, em tempos cronológicos diversificados, provavelmente durante as várias flutuações climáticas no Pleistoceno Final ou início do Holoceno. Como não trabalhamos diretamente com dados cronológicos, não temos como precisar quando chegaram esses grupos. Apenas assinalamos tempos gráficos distintos, de acordo com a análise dos suportes e das superposições gráficas”* (LIMAVERDE, 2007).

Embora nenhum sítio localizado nos trechos envolvidos tenha sido alvo de datações absolutas, temos em todos os trechos elementos associados ao Cenário em questão. No trecho Porto Suape – Salgueiro contamos com sítios de Arte Rupestre identificados pelo Programa, contudo os mesmos estão na AID do empreendimento. Como apontado pela bibliografia, os sítios com pinturas parecem associados à Tradição Agreste e os sítios com gravuras à denominada Tradição Itacoatiara.

Sítios com material lítico lascado ocorreram em todos os trechos, sendo potencialmente associados a esse cenário. Cabe apontar que esses sítios parecem estar associados à diversificação das indústrias líticas apontada anteriormente para o Holoceno Médio, tendo sido identificados vestígios que nos remetam a denominada Tradição Itaparica apenas no Trecho Eliseu Martins - Trindade.

8.3. Cenário 3: 5.500 – 2000 anos atrás

Esse cenário é caracterizado por um adensamento populacional em todo nordeste, fenômeno tangenciado pelo aumento de sítios arqueológicos relacionados a esse recorte. Podemos destacar o incremento de sítios da Tradição Itacoatiara, a presença cada vez mais constante de vasilhas cerâmicas nos contextos arqueológicos e o aparecimento dos primeiros sambaquis do nordeste.

Nesse período parece ter havido um florescimento de indústrias líticas locais em diferentes períodos, fazendo uso de um ou vários recursos técnicos, o que torna difícil a

identificação de outros conjuntos tecnológicos de amplo alcance geográfico no Nordeste (ETCHEVARNE, 1999/200:120).

No estado da Bahia há que se destacar **os sambaquis Ilha das Ostras e Pedra Oca**. O sítio Pedra Oca, em Periperi permitiu que Calderón definisse a fase homônima, tendo obtido datas de 2900 a 2200 anos atrás. O primeiro sambaqui do Litoral Norte, o Ilha das Ostras⁵, foi mapeado e começou a ser estudado em 1997, medindo 100 metros de largura por 100 metros de comprimento e 4 metros de altura. A parte mais nova foi datada em 3.500 anos, e a mais antiga, em 5.200, o que revela 1.800 anos de atividade humana ininterrupta no local. Além de ser o marco referencial da ocupação costeira, a Ilha das Ostras forneceu material cerâmico datado em 4.200 anos.

No vale do São Francisco, por sua vez, o sítio Justino I, no município de Canindé (SE), apresentou vestígios cerâmicos datados de cerca de 4300 AP. Os grupos que ocuparam esse sítio praticavam rituais de inumação seguidos de incineração, utilizando-se de vasilhames de pequeno e médio porte como acompanhamento funerário (MARTIN, 1999:219-220). Essa cerâmica é bem elaborada com relação à decoração plástica, apresentando-se na sua maioria roletada e incisa, aparecendo também escovada, excisa, marcada em esteira, ponteadada, corrugada entre outras. O antiplástico consiste em areia, mica, além de pequena quantidade de fragmentos com cacos de cerâmica triturados, argila e fragmentos sem aditivo. O método de manufatura, na sua maior parte, é o acordelado (LUNA & NASCIMENTO, 1997).

Porém, conforme observa Luna (2006:169), todas as cerâmicas datadas com mais de dois mil anos no Nordeste somente foram encontradas em poucos fragmentos, não permitindo o delineamento do que a autora denomina de “perfil tecnológico” dessas evidências.

A **adoção da cerâmica** no quadro de artefatos de uma comunidade é geralmente associada a uma diminuição em seu padrão de mobilidade - uma vez que se trata de peças que apresentam maior dificuldade de transporte, assim como às práticas de cultivo. No entanto, esse postulado pode acarretar algumas simplificações interpretativas e na

idéia de que a presença de alguns fragmentos cerâmicos esteja sempre relacionada à chegada de um novo “povo”, “cultura”. Para o litoral norte baiano, contamos, como mencionado acima, com uma cerâmica associada aos sambaquis, datada em cerca de 4000 anos antes do presente. Cabe ressaltar que grupos que não desenvolveram a agricultura podem produzir e utilizar a cerâmica (como o exemplo da Europa Setentrional) ou grupos que conhecem as práticas de manejo de espécies cultivadas podem não possuir cerâmica (como por ex. na Mesoamérica). Desse modo, a ocorrência de fragmentos cerâmicos associados aos contextos arqueológicos desse período não significam, necessariamente, uma mudança brusca nas estratégias de captação de recursos.

Para o ambiente litorâneo, a permanência de grupos caçadores, pescadores e coletores durante milênios parece associada a abundância de recursos dessas áreas, onde

“a ocupação de um ponto estratégico permitiria o aproveitamento de vários nichos ecológicos sem que houvesse mudança de assentamento. A ocupação litorânea apresenta essa característica. Comumente, a localização dos sítios permite o aproveitamento de vários micro-ambientes, fato reforçado pela exploração de moluscos, que garante um alto grau de previsibilidade do alimento, possibilitando maior fixação do grupo. Deste modo, seriam estes os locais onde o processo de sedentarização e as técnicas de manejo teriam se iniciado” (TENÓRIO 2000:268).

Para a região do semiárido, dados paleoambientais terão de ser necessariamente manejados para a compreensão dos padrões de subsistência em áreas onde foram encontradas cerâmicas com datações bastante recuadas.

Ademais, estudos recentes têm mostrado que as populações “caçadoras-coletoras” apresentavam menor mobilidade do que se supunha, envolvendo o manejo de grandes áreas com a utilização de recursos diferenciados e o retorno a sítios de atividade específica (SCHIMTZ, 2005).

⁵ Essas informações foram retiradas de matéria publicada no Correio da Bahia. As pesquisas têm sido desenvolvidas pela arqueóloga Cristiana Cerqueira Santana, do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), campus de Senhor do Bonfim.

Dentre os sítios líticos resgatados no **Trecho Missão Velha – Salgueiro, o sítio Lage**, datado por C14 em 2.620 ± 40 AP, está relacionado a esse cenário de ocupação regional, tendo oferecido apenas material lítico. O estudo da coleção resgatada neste sítio revelou o predomínio de artefatos informais, caracterizados por lascas largas ou estreitas usadas essencialmente para cortar e furar e que tiveram aparentemente um uso efêmero seguido por um rápido descarte. Contamos ainda com alguns artefatos formais, desenvolvidos a partir de uma cadeia operatória bem elaborada, dotada de um apuro técnico comum entre o sítio Lage e os sítios Brejo Santo I e Bálamo III, apontando para o fato desses dois sítios também estarem relacionados a esse contexto (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2008d).

Em alguns contextos estudados na Ferrovia Transnordestina, associados a esse recorte cronológico, há presença de material lítico polido e bruto, enquanto em outros também foram evidenciados fragmentos cerâmicos. Tais fragmentos exibem características que parecem apontar para o contexto visualizado no sítio Pedra da Ema I, resgatado no Trecho Salgueiro – Trindade da Ferrovia Transnordestina: antiplástico mineral, pasta com acentuado grau de porosidade e acabamento de superfície alisado (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009f), associado a esse cenário de ocupação. Nos níveis inferiores do sítio Baixio dos Lopes também encontrados raros fragmentos cerâmicos com essas características, revelando uma ocupação anterior aos ceramistas Tupiguarani (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009e). Cabe ainda destacar, a presença de sítios com blocos rochosos utilizados como bacias de polimento e pilões, que apontam a existência de um contexto onde grupos passaram a aliar a horticultura às atividades de caça, coleta e pesca. Nesse sentido, os artefatos cerâmicos aparecem nesses contextos, mas em pequena quantidade.

Uma mudança substancial nas estratégias de subsistência iria ocorrer apenas com o estabelecimento de grupos cujos vestígios indicam a existência de grandes aldeias durante um tempo relativamente prolongado, onde a agricultura passa a ocupar papel de destaque na economia dessas sociedades. Essa mudança caracteriza o Cenário 4 de ocupação pré-colonial do nordeste.

8.4. Cenário 4: 2000 – 500 anos atrás

Duas tradições ceramistas de ampla dispersão ocuparam o nordeste: as tradições **Aratu e Tupiguarani**. Além dessas duas grandes tradições temos diversas cerâmicas regionais nesse cenário de ocupação. Começemos a esboçar nosso cenário a partir destas.

A cerâmica Papeba, do litoral potiguar, está associada a grupos que ocupavam essa região do nordeste antes da chegada dos grupos portadores da Tradição Tupiguarani.

Essa cerâmica é caracterizada pela presença apêndices perfurados (NASSER, 1969/1970).

A cerâmica Curaçá, no vale do São Francisco pernambucano, aparece relacionada a rituais de inumação com enterramentos em covas rasas, acompanhadas de tigelas, cachimbos e tembetás de amazonita (CALDERÓN, 1965/1966).

Com relação ao estado do Maranhão ocorre, no município de Penalva, uma cultura palafítica de agricultores-ceramistas, que ocupavam o lago Cajarí. Esse sítio foi descoberto em 1919 quando uma seca baixou o nível do lago. Os restos palafíticos ocupam uma extensão de dois quilômetros. Tratava-se de um estabelecimento estável, construído sobre estearia de 30 a 35 centímetros de diâmetro, colocados a uma distância entre eles de dois metros. Foram coletados cerâmicas utilitárias, assadores circulares, rodela de fusos e vasos cerimoniais com aplique nas bordas e no bojo. O material lítico polido é também abundante, na forma de batedores e abrasadores sobre seixos, quebra-cocos e machados, muiraquitãs de amazonita, contas e pingentes de pedra e osso. A época de florescimento dessa cultura situa-se em torno de 1300 AP. Os grupos que ocuparam esse sítio eram descendentes de grupos de procedência amazônica que se adaptaram a esse ambiente de transição entre a Amazônia e o semiárido nordestino (MACHADO; CORRÊA; LOPES, 1991a; MARTIN, 2005:38-39). Novos sítios similares vem sendo identificados e mapeados no presente (DEUSDET 2008: comunicação pessoal).

Ainda no Maranhão, na ilha de São Luís, localizaram-se restos de oito sambaquis já muito destruídos pela ação do mar e exploração do cal. O mais bem conservado é o sambaqui de Maiobinha, o qual apresentou dois metros de espessura de ocupação, sendo composto por valvas de moluscos, cerâmicas, artefatos líticos, ossos de animais, espinhas de peixe e dois sepultamentos. Foram obtidas datações em torno de 1400 e 1250 AP. A cerâmica é temperada com conchas trituradas, areia e cacos moídos (MACHADO; CORRÊA; LOPES, 1991b: 100; MARTIN, 2005:42).

Passemos para a caracterização das principais tradições cerâmicas.

Definida a partir do estudo realizado por Calderón (1967/68) na Baía de Todos os Santos (Distrito de Aratu), a **Tradição Aratu** é caracterizada pela presença de urnas funerárias piriformes, tigelas globulares e semiesféricas, em geral sem decoração. A Tradição Aratu apresenta uma dispersão territorial desigual no Nordeste. Segundo Calderón, sítios dessa tradição podem ser encontrados, além da Bahia, em Sergipe, Pernambuco e sul do Piauí. Nos demais estados, ainda não há claras evidências desses grupos (ETCHEVARNE, 1999:124).

Os grupos associados a essa Tradição começaram a se instalar no litoral nordestino no século IX, estendendo-se até o século XV/XVI. As aldeias eram compostas por cabanas em número variável, conforme pode ser distinguido pelas manchas escuras de matéria orgânica que ficaram no solo (ETCHEVARNE, 1999:123-124; MARTIN, 1999:207-213). A cerâmica que caracteriza essa Tradição é roletada, sem decoração, com superfície alisada ou engobo de grafite, ocorrendo algumas vezes decoração corrugada-ondulada na borda. A presença de cachimbos e fusos também é frequente (PROUS, 1992:347).

Estudos na Costa do Sauípe (BA) levaram à identificação de quatro sítios Aratu (ver ROBRAHN-GONZÁLEZ & ZANETTINI, 2001; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2006a). Os trabalhos executados nos sítios Jacuípe II e Jacuípe III, no âmbito da duplicação da Rodovia BA-99, também no Litoral Norte da Bahia, forneceram datações para essa tradição naquela região que abrangem de 960 a 680 AP (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2006b). Esses estudos suscitaram algumas questões relativas à diversidade dos sítios associados a essa Tradição arqueológica. A análise detalhada dos acervos revelou dois

contextos diferenciados. Nos sítios mais próximos ao litoral temos um estilo tecnológico bastante homogêneo na produção dos utensílios cerâmicos, com a ausência de cachimbos, fusos, furos de suspensão e decorações. As pastas são grosseiras com a presença expressiva de antiplásticos minerais, os acabamentos de superfície são caracterizados pelo alisamento e aplicação de barbotina, a construção dos potes é acordelada desde a base – revelam uma junção pouco cuidadosa dos roletes que aparecem evidentes na maioria dos casos e as formas apresentam predominantemente contornos infletidos e estruturas fechadas. Nos sítios inseridos em porções do interior, próximas aos terrenos de solos mais argilosos e adequados para o cultivo, temos sítios mais extensos e uma maior variabilidade artefactual. As vasilhas apresentam diferentes formas, embora predominem as bordas diretas e lisas; temos a presença de decorações corrugadas e acordeladas e de artefatos diferenciados (cachimbos e fusos). A inserção diferenciada dos sítios na paisagem deve ter refletido em suas economias, ocorrendo nos sítios próximos ao litoral um incremento das atividades de exploração dos recursos marítimos e lagunares, assim como dos manguezais. Assim, a hipótese de conjuntos de assentamentos interligados e com possíveis atividades específicas deve ser considerada.

Cerâmicas associadas à Tradição Aratu ainda não foram documentadas no estado do Maranhão. Com relação ao sudeste do Piauí, as evidências da Tradição Aratu limitam-se às urnas do tipo piriforme encontradas nos sítios do Gongo I e do Braz, as quais Martin (1999:209) considera como insuficientes para considerar esses grupos ceramistas-agricultores como portadores dessa tradição. Para o estado do Ceará, achados em sítios no vale do Quixeramobim de cerâmicas bastante similares as Aratu da Bahia sugerem uma dispersão dessa tradição também nesse estado. Esses sítios apresentam as mesmas urnas piriformes, uso de têmpera de grafita ou areia, bordas onduladas, etc. No entanto, apresentam uma particularidade que se verifica também na fase Papeba do Rio Grande do Norte e pode, portanto, constituir um traço distintivo da região nordestina setentrional: a presença de pequenos apêndices de preensão com perfuração transversal. Cachimbos antropomórficos e rodela de fuso de três até 6,5 cm de diâmetro são também achados comuns (PROUS, 1992:363).

Entre os séculos XIII e XIV assistimos à chegada de populações igualmente densas relacionadas à **Tradição Tupiguarani**. As pesquisas realizadas nos sítios do Litoral Norte Baiano (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2006a; 2006b), assim como a bibliografia

disponível – onde a cerâmica Tupiguarani ocupa a posição superior das camadas compostas por cerâmica Aratu (ETCHEVARNE, 1999/2000:124; MARTIN, 1999:207), têm revelado que existem poucas evidências de trocas ou intercâmbios entre essas duas culturas, que passaram a disputar avidamente espaços entre si, certamente travando grandes embates e disputas por novos territórios, pressionando os Grupos Aratu rumo ao interior.

A questão mais frequente sobre essa Tradição diz respeito à existência de um centro de origem e das prováveis rotas de expansão. Duas hipóteses têm dominado o cenário das pesquisas que abordam o assunto. Uma primeira hipótese postula a origem desses grupos em uma região amazônica periférica, no Rio Madeira ou entre os rios Madeira e Xingu. A expansão teria se dado em ondas e a mais recente delas, por volta de AD 1000 aos atrás teria passado pelo Mato Grosso do Sul e adentrado São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, dando origem aos grupos Guarani e Tupinambá, entre outros. Uma segunda hipótese advoga uma origem na planície amazônica, com uma divisão entre “Proto-Guarani” e “Proto-Tupinambá” por volta de 500 a.C., com os grupos que deram origem aos Guarani subindo o curso do Rio Madeira, passando o divisor de águas e alcançando a Bacia do Paraná, enquanto os grupos ancestrais dos Tupinambá teriam saído pela boca do Amazonas e descido o litoral do Brasil (BROCHADO, 1984).

Embora exista se não uma correspondência, pelo menos uma equivalência entre os grupos da família Tupi-Guarani e as evidências arqueológicas da Tradição Tupiguarani, as fontes etnohistóricas apontam para uma enorme diversidade social e cultural entre esses grupos. Nesse sentido, adotamos a Subtradição Tupinambá, proposta por Brochado (1984) para o Nordeste, não obstante, salientamos a existência de uma diversidade social e cultural desses grupos.

A expansão territorial desses grupos levou a uma série de adaptações, uma vez que os grupos passaram a ocupar áreas com características ambientais notadamente diversas de seus lugares de origem: saindo da mata amazônica, alcançaram o semiárido nordestino, com grandes zonas de caatinga, floresta e cerrado, além do ambiente de dunas, típico do litoral. O conjunto destas variáveis certamente levou os grupos a apresentar significativas variações regionais, como consequência de contextos específicos de ocupação. Desse modo, embora os grupos Tupi tenham se assentado

caracteristicamente no litoral e as áreas de mata úmida próximas ao litoral, Albuquerque (1991) observa que no estado de Pernambuco eles ocuparam os ambientes compreendidos entre o extremo Este e o extremo Oeste. Assim, o mangue, a restinga, a mata e semiárido, apresentam elementos desta Tradição, demonstrando sua plena adaptação ao semiárido. Para o autor essa adaptação foi possível graças ao cultivo da mandioca (ALBUQUERQUE, 1991a e b).

Pesquisas realizadas por Calderón e posteriormente por Schmitz no interior da Bahia, em Coribe, apontam para a presença de sítios dessa tradição em áreas elevadas, mostrando sua ampla difusão no planalto e sertões. Segundo Ferrari e Schmitz, nas regiões mais frias, os recipientes seriam mais constrictos, servindo para armazenar e cozinhar grãos, porém “nas áreas mais quentes do Norte-Nordeste, a dieta se apoiaria no uso da mandioca amarga, representada pela cerâmica pintada, com formas mais planas e abertas” (*apud* MARTIN, 1999:31). Calderón encontrou sítios com cerâmica corrugada nas cabeceiras dos afluentes do São Francisco, denominando esses sítios de fases Coribe e Itapirucu da Tradição Tupiguarani, situados no alto sertão da Bahia na depressão sanfranciscana.

No sudeste do Piauí, há evidências que apresentam características híbridas das tradições Aratu e Tupiguarani. Esse é o caso dos sítios Queimada Nova, Barreirinho e Baixão da Serra Nova, cujas amostras cerâmicas foram estudadas por Oliveira (2000). Essa autora observa que alguns elementos das cerâmicas desses sítios, como as urnas piriformes com corrugado ondulado em torno da boca remetem à Tradição Aratu. Porém, outros elementos dessas cerâmicas, tais como a utilização da areia grossa como antiplástico, bordas reforçadas e talhadas, decoração corrugada, escovada e incisa apresentam fortes similaridades com as cerâmicas da Tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada (OLIVEIRA, 2000:123).

Em Araripina, semiárido pernambucano, temos o sítio a Aldeia do Baião. Nesse sítio foram identificadas sete áreas de concentrações de vestígios cerâmicos e líticos, totalizando 2500m². Essas áreas não possuíam a mesma forma, variando de circulares a elípticas, do mesmo modo as suas dimensões também variam de 130 a 400 metros quadrados. Esse sítio foi datado em 350±150 AP (NASCIMENTO, 1991).

Para o litoral do Ceará, temos dois sítios associados a essa tradição, localizados por Cazzetta (1996), o sítio Lagoa das Almécegas, no município de Paraipaba, e o Sítio do Jorge, no município de Trairi. Ambos os sítios são a céu aberto. Há ainda quatro sítios levantados no projeto Milagres-Coremas, no município de Mauriti, limítrofe com o município de Milagres (TRANSNORDESTINA, 2007a e b).

Os achados arqueológicos no âmbito da Ferrovia Transnordestina têm possibilitado o incremento de algumas questões. A datação do sítio Baixio dos Caboclos em cerca de 1530 ± 50 AP e do sítio Baixio dos Lopes em 1260 ± 50 AP e 1020 ± 40 AP corroboram as hipóteses de Albuquerque (1983/84) de que estes grupos encontravam-se plenamente estabelecidos no semiárido nordestino quando da colonização dessa área. Por outro lado, a datação do sítio Joaquim Chicote em 630 ± 120 AP demonstram uma continuidade da ocupação desses grupos no semiárido nordestino.

Essas informações vêm-nos fazendo repensar a estrutura e dinâmica das sociedades associadas a essa tradição. Remetem, sem dúvida, a uma elaborada estrutura e organização sócio-política, iniciada no espaço da aldeia e que se projeta, mais além, para uma verdadeira rede de relações inter-regionais, conforme propõe Albuquerque (1983/1984); Albuquerque e Lucena (1991a). De fato, somente uma rede de tais proporções seria capaz de homogeneizar uma linguagem comum (o Tupi, ou língua geral), compartilhada por comunidades que se espalhavam de norte a sul do país.

Os dados apresentados trazem à tona mais uma vez o modelo proposto por Brochado (1984). De fato, a cerâmica encontrada, sobretudo no sítio Baixio dos Lopes, guarda semelhança com a Tradição Policrômica Amazônica, sobretudo no que concerne as decorações pintadas. Recentemente, Tânia Andrade Lima (2005) propôs a retomada desta discussão aventando mais uma vez uma ligação entre a cerâmica Tupinambá e a cerâmica Marajoara.

Os sítios Baixio dos Lopes e Baixio dos Caboclos mostram que a ocupação do nordeste pela subtradição Tupinambá não se deu apenas pelo Litoral, adentrando também pelo semiárido, ao contrário do modelo postulado por Brochado (1984): *“Os padrões característicos da colonização tanto dos Guarani como dos Tupinambá podem ser*

explicados pelo fato que o sistema amazônico de agricultura intensiva que trouxeram com eles só poderia ser duplicado nas férteis várzeas encontradas ao longo dos maiores rios do interior e, em menor escala, no curso inferior dos rios costeiros. A maior parte dos solos das terras mais elevadas do leste e nordeste são muito pobres para sustentar este tipo de agricultura". Ou seja, se por um lado os dados comprovam ocupações cronologicamente recuadas e apontam uma relação com as cerâmicas policrômicas da Amazônia, por outro lado, mostram que a expansão desses grupos seguiu rumos diversificados, adaptando-se a meio ambientes também diversos.

8.5. Cenário 5. O período histórico

É oferecido a seguir um breve quadro a respeito dos processos de ocupação da região a partir da colonização europeia.

A chegada dos portugueses, no ano de 1500, é, certamente, o episódio mais dramático dessa história de longa duração da trajetória das populações humanas que se estabeleceram, ao longo de mais de uma dezena de milênios, no território atualmente referente aos estados de Ceará, Pernambuco e Piauí.

A colonização portuguesa não somente implicou no extermínio da grande maioria das sociedades indígenas que, no curso dos milênios, haviam ocupado a totalidade desse território com base em diversificadas e extremamente bem sucedidas estratégias de adaptação. Também forçou aquelas sociedades sobreviventes a novas formas de ajuste numa situação de contato sem precedentes no período pré-colonial. Tal adequação era pautada na implantação de um sistema que tinha como um de seus principais propósitos a exploração dos recursos naturais para a glória da coroa portuguesa. Este era o capitalismo mercantilista.

Esse sistema, inicialmente implantado na costa e, nas primeiras décadas, pautado apenas nas atividades extrativas, sobretudo do pau-brasil, rapidamente mudou seu foco para a produção direcionada para a grande lavoura de cana-de-açúcar. A sua representação máxima era o engenho, o centro produtivo do qual emanava uma complexa estrutura material e social.

O sistema colonial português foi extremamente dinâmico, se complexificando através do tempo e adquirindo novas articulações e diferentes configurações à medida que se expandia do litoral para o interior. Essas diferentes configurações foram materialmente expressas nas diferentes formas de assentamentos que se desenvolveram nesse território a partir de 1500, tais como fortificações, missões e reduções, vilas, cidades, engenhos e fazendas. Esses assentamentos, embora tivessem propósitos e funções diferenciadas e, conseqüentemente, apresentassem diferentes organizações sociais, estavam organicamente integrados, sendo os responsáveis pelo sucesso da colonização portuguesa em um território de dimensões continentais durante um período superior a três séculos.

Os vestígios materiais desses assentamentos constituem os sítios históricos, os quais são testemunhos únicos do processo de expansão e desenvolvimento desse sistema através do tempo. Nesse sentido, se faz necessário apresentar brevemente os principais episódios que resultaram na introdução e expansão do colonialismo português nessa região e a configuração material e social dele resultante.

Os portugueses chegaram à costa do Brasil em 1500, no entanto, uma política de colonização mais efetiva somente começou a ser posta em prática a partir de 1530. A Coroa Portuguesa decidiu aproveitar a fertilidade dos solos da chamada zona da mata nordestina para iniciar o povoamento associado à organização da produção de gêneros para o comércio internacional. Esta faixa litorânea se estende do litoral do atual estado de Sergipe e vai até o estado do Rio Grande do Norte e adentra aproximadamente 200 quilômetros para o interior. Os portugueses utilizavam técnicas de produção largamente experimentadas nas ilhas atlânticas e no litoral africano para explorar essa nova fronteira.

As condições ecológicas eram ideais para o cultivo da cana. Os solos, férteis e escuros, conhecidos como massapê (apresentam coloração cinza-escuro e têm grande quantidade de argila), cobriam os vales dos rios, que ficaram conhecidos como "rios do açúcar". A pretensão de criar uma colônia agrícola em terras da América com base na grande lavoura configuraria uma iniciativa pioneira (depois repetida por ingleses, holandeses, franceses e espanhóis), resultando daí certas características da estrutura social brasileira

que permaneceram inalteráveis durante todo o período colonial e, em certos aspectos, sobreviveram a ele (CANABRAVA, 1968).

No início da colonização, no entanto, a Zona da Mata não era dominada apenas pelas plantações de cana. A população das cidades e das fazendas necessitava de alimentos. Por isso, uma parte das terras ficava reservada para culturas de milho, mandioca, feijão e frutas. Também existiam pastagens para a criação de gado.

O interior dos estados do Piauí e Pernambuco e a totalidade do estado do Ceará, regiões também abrangidas por este programa, estão enquadrados no semiárido nordestino, na região tradicionalmente denominada como sertão, palavra de origem portuguesa, usada no Brasil desde o início da colonização, para se referir a lugares apartados, desertos, estranhos e incultos.

Essa região é ambientalmente caracterizada como de solos rasos e pedregosos e chuvas escassas e mal distribuídas, com vegetação de caatinga. A pobreza do solo não permitiu o desenvolvimento das grandes fazendas monocultoras, centradas no cultivo e processamento da cana-de-açúcar com base no trabalho escravo, a exemplo do que ocorreu na Zona da Mata nordestina. Portanto, as características ambientais do sertão levaram com que seu aproveitamento pelo sistema colonial português adquirisse uma configuração nitidamente diferenciada daquela da região costeira, tendo sido basicamente utilizada para a pecuária extensiva, combinada com agricultura de subsistência, desde a sua penetração inicial pelos portugueses nos séculos XVI e XVII. A função econômica dada a essa região era nitidamente complementar a atividade desenvolvida na zona da mata, principal área de exploração da coroa.

Essas atividades econômicas, por sua vez, refletiram nas diferentes formas de assentamentos e conseqüentemente, na organização social presente nessa região, caracterizada por uma população esparsa e móvel, primordialmente dedicada à pecuária, inserida em grandes latifúndios dominados por clãs familiares. Em adição, a mão-de-obra escrava africana foi menos numerosa nessa região do que na zona litorânea do Nordeste, tendo sido introduzida já tardiamente (GROSS, 1968:369; MORAES, 2005:7, 11).

Ocorre ainda uma zona de transição entre as duas fronteiras fitogeográficas acima mencionadas, que é denominada por Agreste. Tecnicamente o agreste junto ao sertão compõem o ecossistema denominado caatinga e está frequentemente associada à pecuária extensiva e bacia leiteira. Por estar fora da região de influência litorânea, predominando no interior nordestino, está sujeita às estiagens cíclicas, de forma que boa parte da população aí existente depende essencialmente do regime de chuvas, que são irregulares e rios temporários.

É importante destacar que a ocupação histórica das diversas porções relacionadas ao imenso *transect* que é a Ferrovia Transnordestina, é bastante variada. No entanto, em todos eles a colonização europeia e a realocação forçada de mão de obra africana propiciaram um forte impacto sobre o elemento nativo. Diversas populações indígenas locais foram submetidas à escravidão, às formas compulsórias de trabalho ou a expulsão de suas terras tradicionais, situação que se agravava na medida em que se ia penetrando mais fundo o território, especialmente durante o período colonial. Na zona da mata, a mão de obra africana foi introduzida desde os primórdios das capitanias no séc. XVI, por se tratar de empreendimentos de capital mais intensivo. No entanto, torna-se necessário iniciar pelas populações indígenas que antecederam os colonizadores portugueses.

A Ethnohistória Regional

No início da colonização portuguesa, o litoral do Nordeste era quase todo ocupado por povos falantes de línguas ligadas ao tronco Tupi. A principal atividade, inicialmente patrocinada por portugueses (sofrendo forte concorrência dos franceses) era a extração de pau-brasil, encaminhando-se gradativamente para a escravização do elemento autóctone.

No território referente à Capitania de Pernambuco o contato entre indígenas e europeus ocorreu a partir de 1516, por ocasião da instalação de uma base comercial-militar portuguesa, a feitoria de Cristóvão Jaques (ALBUQUERQUE, 1984:11). Durante esse período, as populações indígenas que ocupavam o litoral e a Zona da Mata pertenciam, predominantemente, ao tronco linguístico-cultural Tupi, tais como os Caetés e Tabajaras (SILVA, 2003:46).

Outro grupo expressivo era o dos Potiguares, falantes da língua potiguar, também relacionados ao tronco linguístico tupi (SILVA, 2003:184). Em termos gerais, os Caetés ocupavam a região costeira entre o rio São Francisco e a ilha de Itamaracá. Os Tabajaras ocupavam desta ilha até o rio Abiaí. Os Potiguares ocupavam predominantemente o litoral do Rio Grande do Norte. A região do sertão, por outro lado, era ocupada por populações genericamente denominadas pelos cronistas de tapuias, cariris e tupinaiés (DUARTE, 1969:101-103; SILVA, 2003:160). A denominação Tapuia era empregada em oposição aos grupos falantes do Tupi, sendo que Tapuia era o nome que as tribos Tupi atribuíam aos grupos que se autodenominavam Jê (SILVA, 2003:172, 192).

Grupos do tronco Tupi

Três grupos do grande ramo habitavam as costas acidentadas de Pernambuco: os caetés, os tabajaras e os potiguaras. No interior viviam os Kariris.

Os caetés tinham seus domínios estendidos desde o São Francisco até as águas do Igaráçu, onde já encontravam os tabajaras que habitaram as terras de Itamaracá até o rio Paraíba. Deste curso de água para o norte, até o rio Jaguaribe, os temíveis “comedores de camarões”, os potiguaras, eram senhores absolutos de todo o vasto trato litorâneo. Os tabajaras foram os primeiros nativos a manter contato com os conquistadores europeus.

Estavam também localizados no litoral e no sul do estado do Piauí e nas margens dos rios São Francisco e Parnaíba, sob as denominações Amoipira, Tabajara, Ubirajara, Potiguara e Guarani.

Ao contrário do que se pensava anteriormente, ou seja, que a maioria desses grupos teriam ocupado essa área após o início da colonização europeia, as evidências arqueológicas de numerosas e densas aldeias associadas à Tradição Tupiguarani, demonstram que esses grupos estavam adaptados a essa região em período anterior a colonização europeia (ALBUQUERQUE, 1983/1984; 1991a; 1991b; ALBUQUERQUE & LUCENA, 1990; 1991).

Há uma série de evidências que sugerem que os Tupi do período do contato tiveram como antecedentes históricos os grupos da tradição Tupiguarani. Tais evidências incluem o padrão de assentamento, em ambos os casos com aldeamentos situados nas elevações e topos dos morros, próximos a rios; a organização das casas em volta de um terreiro; as formas, técnicas de fabricação e de decoração dos vasilhames cerâmicos; e a subsistência, fortemente baseada na mandioca (LIMA, 2006:70; SILVA, 2003:49-51).

Grupos do tronco Macro-Jê

Os grupos Jê combinavam períodos de mobilidade com outros de sedentarismo em grandes aldeias, sendo estruturados internamente por um conjunto de metades cerimoniais, por grupos etários e por segmentos residenciais (FAUSTO, 2000:62-63). No período histórico esses grupos cultivavam milho e feijão, fabricavam cerâmica, construíam cabanas de pau-a-pique cobertas de palha ou ramagem, e em alguns casos viviam, semelhantemente aos Tupi, em aldeias protegidas por paliçadas. Diferentemente dos Tupi, porém, não praticavam nenhuma forma de canibalismo (SILVA, 2003:174).

Estariam mais concentrados na parte central e sul do Piauí, sob as denominações de Akroá, Canela, Botocudo, Gueguê, Jaicó e Timbira. Segundo Urban (1998:90), os Jê teriam se originado entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia, tendo se irradiado há cerca de 3 mil anos. Os Jê ocupavam uma área compreendida entre o rio São Francisco, a leste, o rio Tocantins, a oeste, o rio Mearim, ao norte, e o rio Paraíba, ao sul (NETO, 2006:50). A agricultura era a sua principal atividade, sendo a caça secundária. Plantavam mandioca, milho, banana, batata, feijão, inhame, algodão, mamona, fumo. A tecelagem era desconhecida e o forno subterrâneo representava o utensílio culinário mais característico desse grupo (NETO, 2006:60).

As referências mais antigas sobre os grupos indígenas do Piauí são de 1613, sobre os Tremembé do delta do Parnaíba. Em 1628 são descritos nos rios Gurguéia e Uruçuí os índios Rodeleiros, Akroás e Macozes.

Spix e Martius, no começo do século XIX, descreveram os Akroás e Gueguês do Piauí. Os Akroá eram tidos como menos bravios e guerreiros que seus vizinhos setentrionais, os

Timbira. Esses últimos, também muito espalhados pelo sertão maranhense, sustentavam-se da caça e da pesca e eram avessos à agricultura. Todas essas tribos se assemelhavam em usos e costumes. Alimentavam-se, sobretudo da caça e da pesca, vivendo também da produção de pequenas roças de mandioca e bananas. Entre os traços culturais que mereceram maior destaque por parte dos cronistas, com ampla distribuição espacial a corrida de toras, o seminomadismo que associa a caça e coleta à agricultura, o uso de botoques labiais, o cultivo do milho, batata, e amendoins, o uso do tabaco para fumigações curativas, e o uso de forno subterrâneo.

Grupos da família Karib

Estariam no sudeste do Piauí e sertão pernambucano, sob a denominação de Pimenteira, embora haja discordâncias entre os etno-historiadores quanto à inserção desse grupo nesta família linguística, pois sua posição linguística é ainda obscura. Eles teriam ocupado uma vasta região entre o Piauí e Pernambuco e na fronteira entre Maranhão e Tocantins.

Grupos de línguas isoladas

Seriam os Gamela, Kariri, Kamakã e Massacará. No século XIX, no sertão do Maranhão e Piauí, havia um número expressivo de referências etnográficas referentes aos Gamela, sendo designados pelos sertanejos como tais os índios Timbira, Akroá e Gueguê (grupos Jê) (MOTT, 1979). Os Kariri, por sua vez, ocupavam a área do vale do Cariri entre as Serras do Araripe e de São Pedro, no Ceará (NETO, 2006:50). Praticavam uma agricultura incipiente e produziam cerâmicas. Além da caça, nutriam-se com farinha de mandioca, tubérculos, frutas silvestres, e mel de abelha (NETO, 2006:57).

Mais especificamente para a região centro-sul do Piauí há notícias dos seguintes grupos: Timbirá, Akroá, Ariés, Aruá, Aruasí, Kariri, Jaicó, Gueguê e Pimenteira, pertencentes portanto, com exceção do último, ao tronco Macro-Jê.

Tráfico negreiro

No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar na primeira metade do século XVI. Os portugueses traziam os negros africanos de suas colônias na África para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. À medida que o tráfico negreiro se intensificou e se transformou num elemento estrutural da colonização, a escravidão foi se convertendo em escravismo, portanto num sistema.

O escravismo colonial foi estruturalmente mercantil, porque a produção açucareira estava toda voltada para o mercado externo. Por outro lado, o próprio escravo era adquirido através do comércio entre senhores de engenho e traficantes que pertenciam à burguesia metropolitana. Portanto o escravismo colonial no período açucareiro estruturou-se como sistema integrando, principalmente, três camadas sociais: o escravo, o senhor de engenho e a burguesia metropolitana, na qual se incluiu o traficante de escravos.

Em Pernambuco, em carta escrita em 1539, dirigida ao rei D. João III, o donatário Duarte Coelho Pereira solicita autorização para a importação direta da costa da Guiné de 24 negros, a cada ano. Essa quantidade seria aumentada por D. Catarina, em 1559, para 120, mediante o pagamento de uma taxa reduzida, nada impedindo que outros negros aqui chegassem por outros caminhos. No testemunho dos jesuítas Antônio Pires (carta de 4 de junho de 1552) e José Anchieta (1548), era comum a existência de escravos negros e índios em Pernambuco.

Em 1570, calculava-se que viviam em Pernambuco e Bahia entre 2000 e 3000 negros trabalhando na lavoura da cana-de-açúcar. O número de escravos cresceu assustadoramente, quando, segundo alguns autores, se consta no final do século XVI a importação de 30.000 negros da Guiné para servirem nas lavouras da Bahia e Pernambuco. No apogeu da produção do açúcar, no século XVII, foram importados cerca de 500.000 negros, em sua maior parte antes de 1640.

A escravidão do negro, na observação de Pedro Calmon, era só questão de começo:

Tudo era começar. Engenhos e tráfico. Canaviais e fabrico. Casas-grandes e escravidão. A partir dessa época [séc. XVI], muitos amadores se especializaram no negócio, as águas da Guiné e Angola se encheram de barcos tumbeiros e o Brasil teve os escravos que quis. Inundação deles. Grossa e ininterrupta imigração de pau e corda. Milhares ao ano, e em número crescente. Negros adultos e crianças; mulheres, para produzir, e homens invalidados cedo pelas atrozes moléstias do seu e do nosso clima. A nódoa que se alastrava. Horror da navegação negreira. Crime organizado, pela forma da pilhagem. Desumanidade inaudita, pela torpeza da viagem. Deslocamento metódico de populações. A passagem, para a América, das sobras da África apanhadas um tanto ao acaso, desde o Senegal até Moçambique, para o lucro do vendedor, príncipe da costa, empresa de portugueses, ou as próprias famílias dos escravos, para a fortuna do traficante, que espantosamente ganhava, para a lavra e a conquista do Brasil (CALMON, 1979: 346).

Era tanta a importância do trabalho escravo que o padre Antônio Vieira, em carta dirigida ao Marquês de Niza, datada de 12 de agosto de 1648, chega a afirmar: “*Sem negros não há Pernambuco!*”

A ocupação histórica do Piauí ocorreu a partir de violentas disputas entre índios e colonos pela posse do território, com a submissão das populações indígenas locais à escravidão ou a formas compulsórias de trabalho, situação que persistiu até a criação da capitania de São José do Piauí, em 1758 (FALCI, 2000). Com a supressão da escravidão indígena, imposta pela política pombalina, foi incrementada a importação de escravos africanos para a pecuária e demais atividades econômicas das capitanias do Piauí e Ceará, em especial o algodão, mas também fumo, açúcar, arroz, feijão e mandioca. Essas medidas, no contexto da reforma pombalina, visavam uma maior integração da economia sertaneja ao conjunto da colônia, como subsidiária das economias do Maranhão e Pernambuco.

Segundo Mott (1979) os escravos de origem africana constituíam a parte mais significativa dos trabalhadores das fazendas sendo que os índios, despejados de suas

terras, tinham um papel marginal, relegados aos trabalhos mais vis e as condições mais degradantes de vida.

Período das capitânicas hereditárias (Período: Séc. XVI – meados do séc. XVII)

A penetração e fixação dos colonizadores europeus pela região costeira foram marcadas pelos conflitos e pelo aprimoramento de mecanismos capazes de incorporar as populações indígenas no processo de conquista e produção. Contava-se com a presença de diversas ordens religiosas missionárias (jesuítas, carmelitas, franciscanos, entre outras) na formação de povoados e fazendas voltadas ao cultivo de diversos gêneros.

No período entre 1595 e 1755 os aldeamentos indígenas ficaram sob a administração de missionários, especialmente os padres da Companhia de Jesus, os quais se encarregavam desde a educação até a administração geral dessas aldeias (DUARTE, 1969:123). Muitos desses aldeamentos funcionaram como acampamentos militares, onde se preparavam as guerras contra os indígenas beligerantes ou como posto avançado na defesa contra eles.

A criação das Capitânicas Hereditárias no Brasil por parte do Estado português no século XVI teve como objetivo povoar o território pertencente a Portugal e organizar sua exploração econômica em benefício da Coroa. Território que vinha sofrendo sucessivas invasões de outras nações por estar livre da ocupação reinól. Para os colonos portugueses, a vinda ao Novo Mundo implicava em várias imposições como, por exemplo, a obrigação em desenvolver a monocultura da cana-de-açúcar e seu processamento em engenhos.

Essa era responsabilidade de cada colono que recebesse de seu donatário terras para cultivar, não cabendo à Coroa disponibilizar recursos para tal. A sua vez, os solos e clima da região da costa apresentavam-se apropriados, levando a sua permanência nessa faixa da costa.

As terras dentro do território das capitânicas foram distribuídas pela Coroa, na forma de sesmarias, a fidalgos e gente de elevada hierarquia, com o propósito de nelas desenvolverem atividades agrícolas produtivas, sobretudo a implantação de engenhos de

açúcar. Em decorrência da implantação desse sistema desenvolveu-se a estrutura social brasileira colonial: no topo dessa estrutura estava o donatário, ao qual se vinculavam os pequenos proprietários, funcionários públicos, sacerdotes, militares, administradores de fazendas, feitoras e comerciantes. Logo abaixo estavam os homens livres que poderiam viver agregados a grande fazenda e a seu senhor como parceiros e arrendatários, dele dependendo e devendo favores, assim como a população das vilas, dedicada a atividades terciárias como transporte, comércio ambulante e serviços vários. Na base dessa estrutura estavam os escravos.

No curso da ocupação das terras da Capitania de Pernambuco, a instalação de engenhos cumpriu papel determinante. Em 1584, a Capitania já contabilizava 66 engenhos, registrando-se no período da ocupação holandesa (1629/1654), 144 engenhos. Estruturado para desempenhar atividades distintas e complementares de forma sincronizada, os engenhos organizavam o processo produtivo segundo as tarefas de colheita, moagem, cozimento, purgação, secagem/pesagem, embalagem e transporte do açúcar. Contavam para isso com um número considerável de escravos e um grupo mais restrito de trabalhadores livres especializados, distribuídos pelas tarefas conforme o desempenho das funções.

A “engenharia” desta máquina começava na escolha do lugar de implantação; era preciso contar com um terreno fértil (de preferência massapé), próximo a um veio de água corrente e perene (necessário como fonte de energia e transporte), e de uma área de mata (para as fornalhas), além de, preferencialmente, achar-se distante dos índios (por carência de defesa). Feito isso, erguiam-se as edificações, selecionando para o engenho (que trazia sob o mesmo teto as tarefas de moagem e cozimento) a *parte mais baixa* do terreno (para aproveitamento da força da água), ficando na *parte mais alta* a casa grande e a capela (que passavam a contar com maior visibilidade sobre a “fábrica”). Próximo ao engenho erguia-se a casa de purgar (para o branqueamento do açúcar), a senzala e, frequentemente, a casa do administrador.

Os engenhos localizavam-se originalmente nas proximidades da foz dos rios que diariamente, eram invadidos pelas marés, configurando-se ali pontos de embarque ou pequenos portos para os navios se abastecerem de açúcar e desembarcar os produtos importados. A ocupação costeira motivou, neste sentido, o surgimento de uma série de

portos de maior ou menor importância, onde as naus ancoravam à espera dos produtos da terra, o pau-brasil, a cana de açúcar, o algodão, os couros e as peles posteriormente. De cada porto partia um pequeno sistema de caminhos para as áreas por ele polarizadas (ANDRADE, 1974: 145). Estes caminhos, por sua vez, mantidos por cada proprietário ou exportador de mercadorias da terra surgiam muitas vezes de antigas veredas indígenas utilizadas para a caça aos animais selvagens ou a coleta de frutos (TENÓRIO, 1977: 29).

A instalação de um engenho requeria o desenvolvimento de uma série de serviços em seu entorno. A pecuária, com o gado sendo usado para tração e alimento, a produção de tabaco, usado, sobretudo na compra de escravos africanos, a produção oleira, envolvendo a confecção de telhas, formas de açúcar, e as atividades extrativas de madeira para as fornalhas e construções. Essas atividades subsidiárias, por sua vez, promoviam novas frentes de ocupação do território, desencadeando, assim, um intenso processo colonizador das populações indígenas que nele habitavam (FERLINI, 1988).

Além da zona litorânea existia o interior, área paulatinamente denominada sertão, destinado aos aventureiros e indígenas bravios. Como, até o século XVII, a produção do açúcar havia sido a principal maneira de obter lucro e prestígio na colônia portuguesa, a Coroa restringia a circulação de colonos pelo interior, tentando impedi-los de se dispersar pelo território, obrigando-os a se concentrar na indústria canavieira.

Essa proibição da exploração contribuiu para a criação de um imaginário popular, característico das vilas açucareiras, em relação ao sertão. Como era uma área onde não havia súditos do rei, o sertão era considerado sem lei. Além disso, os moradores das vilas açucareiras temiam o interior, considerando-o uma região inóspita e selvagem, lar ao mesmo tempo de riquezas e de perigos. Através dos cronistas do século XVI, como Gabriel Soares de Souza, que escreveu sobre o sertão partindo do imaginário popular açucareiro, o conhecimento que lá habitavam tribos indígenas, os chamados Tapuya⁶, foi difundido (VERÍSSIMO, 1915: 24).

Entretanto, esse território não era de fato desconhecido pelos colonos, embora só tivesse sido efetivamente colonizado após a expulsão da Companhia das Índias Ocidentais do

⁶ Tribos indígenas que não se submeteram ao domínio português e se esconderam no sertão. A denominação Tapuya vem do Tupi que significa "bárbaro". Silva; 2003, cap.3.

Brasil, em meados do século XVII, na intenção de obter maiores lucros com outros tipos de atividade, como a pecuária.

Enquanto isso não acontecia, o sertão se tornou o lugar privilegiado para outros tipos de habitantes. Entre eles estavam aqueles que tinham algum motivo para não assumir o papel social que lhes havia sido determinado pela sociedade açucareira, como, por exemplo, as tribos indígenas “Tapuyas” e os escravos fugidos.

Quanto ao Ceará, a ocupação efetiva do seu território, com o advento da colonização europeia, começou somente em 1603, com a bandeira de Pero Coelho de Souza, que fundou o Forte de São Tiago, na Barra do Ceará, na atual cidade de Fortaleza. Foi logo em seguida abandonado e as tentativas oficiais só voltam a ocorrer depois da expulsão dos holandeses.

Em começo do século XVII, fazendeiros do São Francisco procuravam expandir suas criações de gado, quando os vaqueiros, vindos principalmente da Bahia, chegaram a região do Piauí procurando pastos. Em 1718, o território, até então sob a jurisdição da Bahia, passou para a do Maranhão e passaram a ocupar as terras às margens do rio Guruguia. Para estas terras existiam cartas de sesmarias.

A contribuição dos padres jesuítas foi decisiva, principalmente no desenvolvimento da pecuária que em meados do século XVIII atingiu seu auge. A região Nordeste, o Maranhão e as províncias do sul eram abastecidas pelos rebanhos originários do Piauí; até a expulsão dos jesuítas (período pombalino), quando as fazendas foram incorporadas à Coroa e entraram em declínio. Quanto à colonização esta se deu do interior para o litoral.

A economia açucareira da Zona da Mata nordestina foi bastante dependente do gado sertanejo, não só como alimento básico da população, mas também como meio de transporte e força-motriz dos engenhos de açúcar (MOTT, 1985: 55-72). É a pecuária juntamente com a captura e/ou a catequização de indígenas que se tornam as molas propulsoras da ocupação do sertão e da formação da sociedade sertaneja.

Essas regiões, tradicionalmente denominadas sertão, têm sido basicamente utilizadas para a pecuária extensiva, combinada com agricultura de subsistência, desde o avanço colono pioneiro nos séculos XVI e XVII. O regime de chuvas não permitiu o desenvolvimento das grandes fazendas monocultoras, centradas no cultivo e processamento da cana-de-açúcar com base no trabalho escravo, a exemplo do que ocorreu na Zona da Mata nordestina. Assim, a mão de obra escrava africana nunca foi numericamente significativa nessa região. Devido a suas características ambientais, o sertão foi ocupado por uma população esparsa e móvel, dedicada à pecuária, inserida em grandes latifúndios dominados por clãs familiares (GROSS, 1968: 369; MORAES, 2005: 7-11).

Durante o período de ocupação holandesa, houve uma diminuição considerável nas entradas para o sertão, que haviam sido iniciadas no século XVI. Essas só foram retomadas durante o processo de restauração portuguesa, quando houve uma concentração de missionários e vaqueiros no submédio São Francisco. O sertão de rodela tornou-se referência da fixação desses grupos, tendo eles a partir daí avançado na direção de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Piauí e Maranhão. Assim, no último quartel do século XVII, foi iniciado o processo de ocupação histórica do Piauí.

A ocupação desse território ocorreu, portanto, a partir do interior, do rio São Francisco. A Casa da Torre, instalada no oeste baiano, comandada por Garcia de Ávila, iniciou a ocupação das terras do sudeste, abrindo campos para os rebanhos bovinos, paralelamente ao combate aos indígenas. Assim, o povoamento do interior proveio a partir da Bahia, devendo-se à expansão do gado. Essas hordas povoadoras caracterizavam-se pelas organizações bandeirantes, chefiadas por paulistas, que visavam combater os índios, assentando-se nas terras que lhes iam sendo dadas como sesmarias (GIRÃO, 1971:94-98). A população dessas sesmarias incluía, além da extensa família do sesmeiro, numerosos outros elementos tais como administradores, agregados, meeiros, capatazes, escravos, comunidades indígenas, dentre outros. Além das atividades produtivas, essa população tinha o dever de defender a propriedade contra bandidos, escravos fugitivos, índios beligerantes, e contra as intenções de apropriação dos sesmeiros vizinhos (SINGELMANN, 1975:66-67).

No último quartel do século XVII foram fundadas, no território do Piauí, diversas fazendas de gado, sendo a mais importante a Fazenda Cabrobó, no vale do rio Canindé, a qual foi elevada ao status de vila em 1712, recebendo o nome de Mocha. Em 1717 chegaram do Maranhão diversas famílias para promover o desenvolvimento dessa povoação. A povoação desse território, contudo, manteve-se extremamente rarefeita por todo o século XVIII, em função da pecuária extensiva, que exigia enormes extensões de terra para ser realizada nesse ambiente em que as condições climáticas e naturais, tais como a escassez de chuvas, de cursos da água, e o solo predominantemente arenoso, dificultavam enormemente o desenvolvimento agrícola. Mesmo as localidades que haviam se tornado vilas continuaram despovoadas e insignificantes ao longo desse período, pelo fato de que a população vivia dispersa pelo sertão, envolvida em atividades ligadas à pecuária nos grandes latifúndios (MOTT, 1985:45-55).

A atividade econômica principal dessa região, portanto, foi a criação de gado, sendo o couro a matéria-prima fundamental utilizada no dia a dia dessa população. A lavoura existia somente para atender as necessidades básicas de subsistência. O grande escoadouro do gado era a estrada das boiadas, depois chamada caminho dos Inhamuns, que drenava do Piauí e dos sertões mais centrais do Ceará as manadas de corte para os mercados da Bahia e Pernambuco. O gado do Piauí também era destinado, pelas estradas do gado, às províncias do Maranhão e Pará (GIRÃO, 1971:99-102).

A pecuária manteve-se como a principal atividade econômica do Piauí até o início do século XIX. A carne bovina era exportada para as capitanias do Maranhão e Bahia, cuja base econômica era a lavoura comercial, o algodão no Maranhão, a cana-de-açúcar e o tabaco na Bahia. A economia açucareira, sobretudo, era dependente do gado não só como alimento básico da população, mas também como transporte e força-motriz dos engenhos de açúcar.

A decadência da pecuária no princípio do século XIX é explicada por uma série de fatores tais como a má administração e baixa capitalização da mesma, a política fiscal imperial, que concedeu ao Maranhão as vantagens da arrecadação até 1836, e o desenvolvimento das charqueadas no Rio Grande do Sul, cujo charque chegava aos portos do Nordeste por preços bem mais em conta do que a carne produzida no Piauí. Com a decadência da

pecuária o algodão começou a adquirir destaque na produção da Província, sobretudo a partir de 1815, seguido, mais tarde, pela produção de arroz e, no começo do século XX, da borracha de maniçoba (KNOX, s.d.:26-29). A atividade pecuária, contudo, manteve-se importante para a economia da província por todo o século XIX.

A conquista do sertão e a Guerra dos Bárbaros (Período: Segunda metade séc. XVII – meados do séc. XVIII)

A partir da segunda metade do século XVII, com o fim da guerra com os holandeses e afastada a ameaça de invasão externa, o processo de ocupação do sertão é intensificado, principalmente através da expansão da atividade pecuária. Essa expansão provocou uma série de conflitos entre os novos e os antigos habitantes.

Para tentar identificar e analisar como os povos indígenas do sertão nordestino envolveram-se neste processo de alianças, guerras e paz que caracterizou a conquista do semiárido nordestino no período colonial, alguns exemplos mais interessantes da participação ativa dos índios podem ser identificados, obtidos a partir de pesquisa realizada principalmente em fontes primárias, agrupando-os em uma grande área: o sertão das capitanias de Pernambuco e Ceará, incluindo a margem pernambucana do rio São Francisco. Além do corte espacial político-administrativo, esse agrupamento correspondeu, grosso modo, à sequência temporal na qual os conflitos adquiriram maior intensidade.

A região em torno do rio São Francisco estava dividida entre as jurisdições das capitanias da Bahia e de Pernambuco e foi palco de disputas entre estas jurisdições durante todo o período colonial. Uma das figuras de maior destaque na região, tendo atuado nas duas margens do rio, foi Francisco Dias de Ávila. Em 1674, os Anaió, aldeados na barra do rio Salitre no atual estado da Bahia, haviam se rebelado e foram combatidos por uma bandeira organizada pelo referido conquistador. Em 1675, Domingos Rodrigues Carvalho, a mando do mesmo, reprimiu os Galache que estavam também atacando a região. Em 1676, Francisco Dias de Ávila recebeu apoio dos Cariris, aldeados pelos capuchinhos franceses nas ilhas do São Francisco para combater os Anaió.

A origem dos grandes latifúndios pastoris remonta à expulsão definitiva dos holandeses em 1654. Com a reconquista portuguesa o principal forte holandês, o Forte Schoonemborch, foi entregue aos portugueses, recebendo o nome de Nossa Senhora de Assunção. A fixação mais intensa dos luso-brasileiros no território foi iniciada somente a partir de 1678, com o capitão-mor Sebastião de Sá, o qual concedeu várias sesmarias até o final de seu governo em 1682.

Dentro desse quadro de concessões, os principais vetores do povoamento do interior do Ceará se encaminham não a partir do litoral dominado pela fortaleza, mas a partir de Pernambuco e Bahia em razão da expansão das áreas de criação de gado mais antigas, lindeiras à Zona da Mata. Os povoadores se assentavam em terras que lhes iam sendo dadas como sesmarias entrando, muitas vezes, em conflito com as populações indígenas locais.

Enquanto a corrente colonizadora baiana penetrava pelo interior, chamado “sertão de dentro”, a pernambucana ocupava o chamado “sertão de fora”, como era denominada a extensão territorial que abrangia da serra da Borborema até o litoral. Ao passo que as hordas povoadoras provindas da Bahia se caracterizavam pelas organizações de sertanistas capitaneados por gente de São Paulo que visava combater os índios, as provindas de Pernambuco se caracterizavam pela implantação de casas fortes, verdadeiras sentinelas que consolidavam o avanço colono. Até a metade do século XVIII esses colonizadores já haviam ocupado todo o sertão do Ceará (GIRÃO, 1971: 94-98).

Outra forma de ocupação no território do Ceará se deu com as missões religiosas e aldeamentos, isso a partir do final do século XVII, competindo diretamente com as sesmarias pelo domínio de vastas áreas e renunciando os conflitos do século seguinte. A primeira delas foi a aldeia de N. S. da Assunção de Ibiapaba, fundada em 1696, onde é atualmente a cidade de Viçosa.

Quanto às missões outrora erguidas na região em foco, temos a de Montemor-o-Novo (1741) e a Missão de Miranda (1743). Com a expulsão dos jesuítas em 1759 essas aldeias foram transformadas em vilas de índios pelas leis do Diretório, formando os atuais municípios de Baturité e Crato (1764).

A ocupação do território foi pautada na exploração de minérios. A primeira notícia de minas no Ceará é relativa à prata do monte Itarema, na serra da Aratanha, no atual município de Maranguape, explorada pelos holandeses no século XVII. Mais para o sertão, arraiais prosperaram na borda da chapada de Araripe, em Lavras da Mangabeira e em Missão Velha, entre as décadas de 1730-1750.

Mas no sertão, a atividade econômica principal, que impulsionou a ocupação da região, foi definitivamente a criação de gado, sendo o couro a matéria-prima fundamental utilizada no dia-a-dia e o comércio dessa população. A lavoura existia somente para atender às necessidades básicas de subsistência. O grande escoadouro do gado era a estrada das boiadas, depois chamada caminho dos Inhamuns, que drenava do Piauí e dos sertões mais centrais do Ceará as manadas de corte para os mercados da Bahia e Pernambuco (GIRÃO, 1971: 99-102).

Os primeiros conflitos que pudemos identificar na margem pernambucana do sertão do rio São Francisco ocorreram por volta de 1675, pois neste ano foi discutida no Conselho Ultramarino uma carta do governador geral do Brasil ao rei, onde o mesmo informava que haviam se rebelado algumas aldeias da parte norte do referido rio, persuadidas do principal de uma, e que havia enviado Francisco Dias Ávila com cem homens brancos, além dos índios à sua custa, com ordem que de nenhuma maneira fizesse guerra, senão que em primeiro lugar fosse de paz ao principal ofendido e o persuadissem a vir com ele para a vizinhança da Bahia aonde ele, governador, lhes daria terras, e seriam conservados em sua liberdade e do mesmo modo falasse com os principais das outras aldeias e quando os não pudesse reduzir com razões e promessas, os obrigasse por força (DHBN, 88: 33/34).

Em 15 de agosto de 1691, o governador de Pernambuco escreveu ao capitão-mor do Rio de São Francisco, Diogo de Souza Vieira, a respeito de uma carta que havia recebido do capitão-mor do Ararobá, João de Oliveira Neves, dando conta que os Tapuias Hoés Hoés, e seis nações mais tinham feito grandes hostilidades naquela capitania, e pedia socorro. O governador ordenou que mandasse toda a gente de guerra da aldeia dos Urumaru, administrada pelo padre capuchinho frei Boaventura, com um cabo de satisfação a incorporar-se na aldeia do Ararobá com o capitão-mor João de Oliveira Neves e

juntamente tivesse prevenida outra tropa dos Tapuias Chocó, Carnijó e Carapotó para entrar pelo rio dos Cabaços, buscando a região que fica entre o Pajeú e os campos do Buíque, esperando aviso do capitão-mor de quando deviam partir. No dia seguinte o governador de Pernambuco ordenou ao capitão Antônio Gomes Brandão ir ao Pajeú e puxar por toda a gente das ordenanças e gentios índios e Tapuia, que ali se achassem, para os acompanharem na entrada ao Tapuia levantado. No mesmo dia escreveu ao missionário dos Urumarú que assistia no rio de São Francisco, que ordenasse ao cabo deles, Antônio Capas, que marchasse com todos que forem de arco para a capitania do Ararobá às ordens de um cabo branco para socorrê-la.

Os conflitos na ribeira do Pajeú voltam a aparecer na documentação pesquisada no ano de 1713, numa carta escrita pelo governador de Pernambuco ao capitão-mor João de Oliveira Neves, onde comenta que havia lhe chegado a notícia de que na ribeira do Pajeú se achava revolto o gentio Xocó e que estes tinham agregado os Gueguê, Uman, Carateú e Pipan, e convinha muito que ele se achasse prevenido para qualquer invasão que intentassem estes bárbaros. Em 25 de agosto do ano seguinte foi apresentada na Junta das Missões, uma petição com um assinado dos moradores do sertão do rio de São Francisco e uma carta do seu capitão-mor, pedindo autorização para fazer guerra aos índios das nações Xocó e Paraquió pelos roubos e extorsões que lhes faziam, e não se acharem aldeados, e que o provincial de São Francisco havia informado que na Bahia houvera ordem do Governador Geral para lhes fazer guerra.

Em 1759 é feita uma devassa sobre o ataque que os Pipipan e Paraquió haviam feito na ribeira do Moxotó. Segundo esta devassa os Paraquió e Pipipan que eram da mesma língua haviam se unido, tendo participado também do massacre os Xucuru. Os estudos sobre a devassa demonstram que estes índios atuavam nas ribeiras do Moxotó, Pajeú e São Francisco e a maioria vivia de corso nas caatingas. A sentença da devassa saiu em 22 de outubro de 1759, mandando prender os Pipipan, Xocó, Ohé Ohé, Paraquió e o índio Felipe que tinha a alcunha de Cabelo Vermelho.

O sargento-mor Jerônimo Mendes da Paz, em carta ao governador de Pernambuco, escrita da Ribeira do Pajeú em seis de julho de 1760, narra que no dia quinze de maio havia deixado Monte Alegre para cuidar da entrada que deveria mandar fazer aos índios silvestres das nações dos Paraquió, Xocó, Manguenzes, Oguêz, Karacuíz e Uman. O

documento Informa ainda que com a bandeira que mandou aos Paraquió, com o auxílio dos Carnijó “colheu” cento e setenta índios. No dia trinta de maio havia mandado outra bandeira aos Paraquió com moradores da freguesia dos Garanhuns ou Ararobá e os Xucuru.

Nos sertões da capitania da Paraíba, Rio Grande e Ceará, logo após a expulsão dos holandeses, os portugueses começaram a povoar a região, entrando em conflito com os diversos povos que ali habitavam. Entre estes, os mais visados são os Janduí, por terem se aliado aos holandeses contra os portugueses.

Em 1662, a rainha escreveu ao governador do Estado do Maranhão sobre uma carta recebida do capitão-mor da Paraíba, Matias de Albuquerque Maranhão, em que informava que os Janduí haviam se rebelado e tornando-se inimigos, tendo já matado alguns moradores da capitania do Rio Grande. Nesta carta, o capitão-mor da Paraíba defendeu que conviria lhes fazer guerra com que se extinguissem de uma vez por todas, para não se criar neles outros novos araucanos, por terem já muita quantidade de cavalos, em que se exercitavam com a doutrina que os holandeses lhes haviam deixado. Em seguida se ofereceu para fazer a guerra, com pouco dispêndio da Fazenda Real, porque seu sobrinho Diogo Coelho de Albuquerque tinha na capitania do Ceará, à obediência dele, outras nações de bárbaros contrários aos Janduí, que lhes atacando pelas costas não poderiam escapar, nem fugir.

A guerra contra os Janduí durou até dez de abril de 1692, quando são feitas as pazes entre o governador geral do Brasil, Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, e os Tapuia que haviam ido dos campos do Açú a Salvador pedir pazes, conforme cópia das capitulações, publicada por Ernesto Ennes:

Em os cinco de Abril do presente ano, chegaram a esta cidade da Bahia Joseph de Abreu Vidal, Tio do Canindé rei dos Janduins, Maioral de três aldeias sujeitas ao mesmo rei: e Miguel Pereira Guarejú Pequeno, maioral de três aldeias sujeitas também ao mesmo Canindé; e com eles o capitão João Paes Floriam português, em nome de seu sogro putativo chamado Neongugê; maioral da sua aldeia Sucurû da mesma nação Janduim, e cunhado recíproco do dito rei Canindé, a cuja obediência, e poder absoluto está sujeita toda a nação Janduim, dividida em vinte, e duas aldeias; sitas

no sertão que sobre as capitânicas de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande; nas quais há treze, para catorze mil almas, e cinco mil homens de arcos, destros nas armas de fogo (ENNES, 1947).

Segundo estas capitulações, estes maiores nomeados com mais quinze índios e índias que os acompanhavam na presença do governador geral e em nome do rei dos Janduí, o Canindé, estabeleceram “*uma paz perpétua para viver a sua nação, e a portuguesa como amigas*”. Foram estabelecidos, entre outros pontos, o reconhecimento do Rei de Portugal como soberano e que auxiliariam os portugueses contra os estrangeiros e contra os índios de outras nações.

Em fins do século XVII, houve uma guerra na capitania do Ceará contra os Anacé, que haviam se rebelado. Através de um parecer do Conselho Ultramarino, emitido em 22 de agosto de 1696, sobre a carta de Fernão Carrilho, que havia sido capitão-mor do Ceará, escrita em 09 de junho de 1696, ficamos sabendo um pouco mais sobre este conflito. Nessa carta Fernão Carrilho informa ao rei que quando esteve na dita capitania desceu do sertão os Anacé, e os situou em um lugar a que chamam Pamâmerim, a norte da Fortaleza, pelo fato dos ditos Anacé terem ajudado na guerra que havia feito contra os Paiacú de que resultava estarem os mesmos em paz com os portugueses. Porém, mesmo sendo os Anacé os que mais se destacaram na luta contra os Paiacú, alguns moradores pretenderam “*corrêlos*”, o que provocou o levantamento onde se perderam tantas vidas e fazendas.

A partir do fim de 1707, iniciou-se um período de guerra generalizada ao “*Tapuia de Corso*” que estavam atacando os moradores do Rio Grande e Jaguaribe. A decisão para esta guerra foi tomada a partir de um parecer do Conselho Ultramarino em quatorze de dezembro, sobre uma queixa do governador da capitania de Pernambuco a respeito destes ataques. Baseado neste parecer, o rei escreve, no início de 1708, ao governador de Pernambuco e ao governador geral do Brasil, ordenando fazer guerra geral a todas as nações de índios de corso, entrando pelo sertão da Bahia, Rio Grande e Ceará.

A última informação encontrada na pesquisa sobre guerras na região do Açú e do Jaguaribe é de 1722. Neste ano o rei escreveu ao governador de Pernambuco que havia sido informado de que no ano anterior se havia feito uma guerra injusta contra os

Jenipapoçu na vila de Jaguaribe. O rei ordenou ao governador de Pernambuco tomar informações e, se a guerra tivesse sido injusta, restituir a liberdade aos índios e dar baixa aos cabos que foram a esta expedição.

As guerras ocorridas nos sertões do Maranhão, principalmente na região dos rios Mearim, Itapicuru, Munim e do sertão do Piauí prolongaram-se durante todo o século XVIII, entrando pelo século XIX, na região sul do Piauí, onde os conflitos com os Pimenteiras continuaram ocorrendo até o fim do período colonial.

Numa carta do rei ao governador de Pernambuco, escrita em vinte de outubro de 1718, sobre uma carta que havia recebido do mestre de campo da conquista das capitanias do Maranhão e Piauí, Bernardo Carvalho de Aguiar, a respeito de como destruir o gentio de corso daquelas terras, ficamos sabendo qual era o seu projeto, que acabou sendo encampado pelo rei, que aprovou a sua ideia, mandando que fosse executada. O projeto recomendava compor-se um exército de mais de quatrocentos índios, fora os brancos, que seriam tirados das aldeias do Camarão até o Ceará e do rio São Francisco, escolhendo-se das ditas aldeias os que fizessem menos falta nelas e que, para se ajudar a dita expedição, podia ir do Maranhão alguma gente paga já experimentada nesta guerra.

Nos anos de 1759 e 1760 são mencionadas na documentação pesquisada várias hostilidades provocadas pelos Timbiras, Guegues e Acroás, nas regiões do Parnaguá e Gurguéia, na capitania do Piauí e na freguesia de Pastos Bons, na capitania do Maranhão. Em carta do governador do Maranhão ao rei, escrita em julho de 1763, o mesmo informava a invasão que os Guegue e Timbira tinham feito na ribeira do Itapicuru, Arraial de São Felix da Boa Vista, na freguesia de São Bento das Balsas. Em abril de 1765, o governador do Piauí escreveu ao tenente coronel João do Rego Castelo Branco, ordenando que o mesmo continuasse a guerra contra os Guegue. A tropa deveria compor-se da maior parte de moradores das freguesias do Parnaguá e Jerumenha e de todos os índios do Arraial de São Felix.

Outra questão interessante em relação às guerras ocorridas nesta região, no período que vai de fins do século XVII até meados do século XVIII, foi o constante pedido e o envio para as mesmas de índios aldeados das capitanias da Bahia e de Pernambuco,

principalmente das aldeias do rio São Francisco e da Serra da Ibiapaba. Na segunda metade do século XVIII, a maioria dos índios a combater nestas guerras é da própria região, sendo boa parte dos combates financiados pelos fazendeiros de gado através de impostos, como a finta, já que com a proibição da escravidão indígena em 1755, no bojo das transformações do período pombalino, o interesse por estas guerras diminui pelo fato de não poderem ser pagas com as presas realizadas.

Em suma, o que se pode perceber com relação às guerras que se espalharam em toda a região que corresponde ao atual nordeste durante o período estudado, é que as alianças entre os colonizadores e alguns povos indígenas e índios aldeados tiveram uma importância muito maior no sucesso da conquista e colonização do sertão nordestino do que se tem apresentado na historiografia até então.

A partir de 1755, com a administração de Pombal, os missionários foram afastados da administração dessas aldeias, as quais passaram a ser administradas por representantes civis, o que resultou no colapso de muitos destes assentamentos e na dispersão de seus habitantes (DUARTE, 1969:123). A extinção dessas missões acelerou o processo de absorção da população indígena pela sociedade envolvente. Esse fenômeno foi ainda mais intenso no século XIX, principalmente nas zonas produtoras de açúcar, onde a expansão dos engenhos avançou sobre as terras ocupadas por esses grupos (SILVA, 1995).

A Expansão para o Interior (Período: meados do séc. XVIII – 1808)

A partir de meados do século XVII, a sociedade e a economia colonial começaram a tornarem-se mais complexas. O crescimento constante, desde o século XVI, do número de engenhos na zona da mata passava progressivamente a tomar o rumo oeste, acompanhando as lavouras (em busca de novas terras) e as reservas de madeira. Tal penetração do interior impunha outras dificuldades e limites: no tocante ao transporte de cargas, tratava-se de contar cada vez mais com os carros de boi e/ou burros para levar o açúcar até os pequenos portos, assim como a distância tendia a dificultar o desenvolvimento de safras maiores. De forma concomitante, o crescimento do território ocupado também promovia o nascimento de um pequeno mercado de *rapadura* e *aguardente* que pouco a pouco faria surgir uma nova modalidade de propriedade

açucareira: as engenhocas, pequenas unidades de produção de rapadura e aguardente que passavam a acompanhar a penetração territorial da pecuária e do algodão, atingindo as margens do Rio São Francisco.

Ainda em meados do século XVIII começou a se desenvolver na região do Cariri, ao sul da capitania, a cana-de-açúcar, de modo que até o final daquele século havia mais de 500 engenhocas e banguês no distrito dos Cariris Novos (futura Missão Velha). Crato tornou-se assim um grande centro fornecedor de açúcar e de rapadura.

No entanto, a atividade pastoril continuou constituindo a base da economia cearense e pernambucana do séc. XVIII. As dificuldades do transporte das boiadas levaram os criadores a erguer, ainda antes de 1740, nos portos de embarque, as salgadeiras ou charqueadas, que preparavam a carne para ser comercializada em outras províncias. Essa carne seca constituiu ainda grande parte do comércio da capitania até o final do século. A grande seca de 1790-1792, porém, teve um efeito calamitoso sobre essa indústria, dizimando quase que inteiramente os rebanhos sertanejos (GIRÃO, 1971: 107-108).

A pecuária então começa a ceder espaço à cultura do algodão, estimulada inicialmente no Maranhão com as políticas mercantilistas da companhia de comércio, criada pelo ministro Pombal. De 1750 a 1800 a produção se intensifica no Piauí, no Ceará e na Paraíba, seguindo as rotas comerciais. Por sua vez, a decadência da pecuária pode ser explicada por uma série de fatores além da grande seca de 1790-1792, tais como a má administração e baixa capitalização da mesma e o desenvolvimento das charqueadas no Rio Grande do Sul, cujo produto chegava aos portos do Nordeste por preços bem mais em conta do que a carne produzida no sertão (KNOX, s.d.: 26-29).

Assim, no curso do século XVIII surgiram diversas vilas no agreste e no sertão. A expansão colonial para o Sertão com o gado, promovia a articulação entre as diversas áreas produtoras ligadas ao setor externo. Produtos como carne seca, sola, chifres, couro, algodão e fumo produzidos nas fazendas e missões reuniram condições para fazer de Pernambuco uma das três capitanias mais importantes em termos de exportações no início do século.

Na primeira metade do século XIX o naturalista George Gardner, empreendendo viagem desde Aracati, passando por Icó, até o Crato, relata que eram frequentes os encontros com comboios de carros de boi saídos do sertão e carregados de couros com destino aos portos marítimos. Na volta traziam esses mesmos comboios produtos manufaturados, especialmente produtos europeus (1975).

Vale a pena ressaltar que apesar da pecuária ter declinado, ela não desapareceu nem tampouco se tornou cultura de menor importância para a região. Assim como o açúcar e o álcool ainda são produzidos em grande escala na Zona da Mata, isso desde os alvares dos quinhentos, a pecuária continua sendo um dos itens predominantes no sertão, estando ele ou não nas listas de itens mais comercializados com praças do litoral ou de outras regiões do país. Exemplos pulsantes dessa atividade econômica são as inúmeras feiras ainda existentes pela região abrangida pelo empreendimento, cujas matrizes foram as feiras de gado do século XVIII.

As instituições políticas nos municípios que integravam o interior rural com a administração colonial tinham um caráter um tanto artificial, porque somente poderiam ser representadas pelos *homens bons*, os quais consistiam quase que exclusivamente dos grandes proprietários rurais. Assim, esses latifundiários tornaram-se o poder dominante não somente em suas terras, mas nos municípios nos quais suas terras estavam inseridas. Essa estrutura de dominação política dos grandes proprietários rurais veio a ser denominada *coronelismo*. Originalmente, os coronéis eram os oficiais que chefiavam a extinta Guarda Nacional, título que era concedido aos, ou comprado pelos, mais poderosos latifundiários ou chefes políticos em um município, devido ao grande poder que essa titulação concedia na escala local. Mais tarde esse termo veio a designar, no sertão, qualquer chefe político que, possuidor de grandes extensões de terra, dinheiro e jagunços, exercia um papel dominante na política local (SINGELMANN, 1975:66-67).

Com relação à população camponesa, o sistema de dependência às grandes famílias latifundiárias era a única instituição que interessava, de modo que, nessa estrutura, as linhas de clivagem separavam as facções, não as classes sociais, umas das outras. Assim, os sertanejos defendiam os interesses de seus respectivos patrões, visto que para cada indivíduo era imperativo lutar contra a facção inimiga no seu próprio nível

socioeconômico. Aos sertanejos que não estavam inseridos na estrutura dos grandes latifúndios restava uma vida errante e miserável. Desses, alguns aderiam ao banditismo, tornando-se cangaceiros, formando grupos que saqueavam povoados e extorquiam dinheiro dos latifundiários, embora muitas vezes pudessem fazer serviços para os mesmos (GROSS, 1968: 372, 382; SINGELMANN, 1975:72).

Dentro dessa rígida estrutura, os movimentos sociais tomavam forma religiosa, dado que somente o apelo aos poderes sobrenaturais poderia levar a mudanças nos relacionamentos humanos. Nesse sentido, todas as insurreições no sertão nordestino tiveram um fundo religioso, como foi o caso das seitas da Serra do Rodeador e Pedra Bonita, no início do século XIX, e de Canudos, no final daquele século. Conforme observa Gross (1968:374), esses movimentos, recorrentes nos séculos XIX e XX, tenderam a ocorrer em épocas subsequentes a severas secas, as quais ocasionavam períodos de instabilidade social devido à fome, morte e migração massiva da população camponesa.

No sertão nordestino, a cultura da população camponesa foi fortemente influenciada pelo catolicismo desde os primórdios da colonização portuguesa. Até 1759 a manutenção e difusão da religião católica coube aos jesuítas. Após a expulsão dos jesuítas, o catolicismo continuou a ser pregado por líderes religiosos locais, os quais somente não realizavam os sacramentos. Esses homens sagrados vagavam pelo sertão atuando como guias espirituais da população sertaneja. Porém, sem uma orientação ortodoxa da Igreja Católica, o catolicismo sertanejo misturou-se com crenças populares de origem indígena e portuguesa, contendo, assim, elementos animísticos que eram considerados importantes em muitos cultos (GROSS, 1968:379).

O levantamento das referências patrimoniais por meio de entrevistas dirigidas deixa patente essa influência da religiosidade católica na região em exame, uma vez que várias igrejas e festas católicas foram indicadas como patrimônio pela população local (ver ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2007).

Reino Unido e Brasil Imperial: O Nordeste insurgente (Período: 1808-1889)

Foram muitas as insurreições, revoltas, rebeliões, revoluções e guerras que convulsionaram o Nordeste na primeira metade do século XIX. Suas motivações são

também das mais variadas e envolvem diversos segmentos da sociedade, mas no geral, como cabeças dos conflitos e confrontos, surgem os segmentos sociais nativos e burgueses, por vezes apoiados pela aristocracia agrária. Do outro lado, reinóis, conservadores e monarquistas.

Três desses movimentos deixaram grandes marcas – inclusive materiais – na história das áreas aqui em foco. São os confrontos da Revolução de 1817, 1824 (Confederação do Equador) e 1831-1834 (movimento Restaurador).

Em 1817, a chamada Revolução dos Padres tinha por base a oficialidade do exército, o clero e alguns segmentos da elite nordestina. Embora tenha sido um levante de pouca duração e com fragorosa derrota para os revolucionários, sua gestação foi originada ainda na revolta dos Mascates de 1710, ensaiada em 1801 e terminada apenas em 1848. A repressão aos insurrectos foi bastante dura, especialmente àqueles das camadas mais pobres da população (ISTOÉ, 2000: 42-43). Foi a maior rebelião enfrentada por D. João VI no Brasil, renunciando a quase inevitável Independência. A região afetada por ela engloba os atuais estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e o sertão do Ceará, onde se destacam as ações de chefes locais José Pereira Filgueiras (Barbalha/Crato) e Joaquim Pinto Madeira (Jardim).

Quanto aos revolucionários de ‘boa estirpe’, estes começam a ser libertados em 1818 e assim que saem do cárcere passam a gozar de imenso prestígio, encabeçando os quadros legislativos que passam a reger as câmaras das vilas de Pernambuco. Os políticos liberais vão gradualmente estabelecendo o controle da província apesar dos reveses de 1822. Em 1824 rejeitam a Constituição outorgada pelo imperador e daí começam as ações militares da Confederação do Equador, a qual reúne Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. A reação imperial é virulenta e a ela somam-se os senhores de engenho, temerosos dos efeitos das medidas liberais dos revolucionários. O movimento também tem pequena duração, mas seus efeitos são sentidos num vasto território, inclusive no sertão, onde alguns combates foram favoráveis aos revolucionários.

Outras secas devastadoras foram as de 1790-1792, 1825 e 1845, e muitas outras as seguiriam, gerando processos de migração interna – zonas menos áridas do sertão – e

inter-regional – Norte e Sudeste – que até hoje afetam a densidade populacional da região, inflam as periferias dos centros urbanos de médio e grande porte e produzem movimentos sociais no geral incompreendidos pela sociedade não-sertaneja.

Com relação às instituições políticas nos municípios que integravam o sertão com administração colonial, essas tinham um caráter um tanto artificial, porque somente poderiam ser representadas pelos *homens bons*, os quais consistiam quase que exclusivamente nos grandes proprietários rurais. Assim, esses latifundiários tornaram-se o poder dominante não somente em suas terras, mas nos municípios nos quais suas terras estavam inseridas. Essa estrutura de dominação política dos grandes proprietários rurais veio a ser denominada *coronelismo*.

A população camponesa do sertão, por sua vez, estava fadada à dependência das grandes famílias detentoras de latifúndios, as quais constituíam a única instituição que interessava. Nessa estrutura as linhas de clivagem separavam as facções, não as classes sociais, umas das outras. Assim, os sertanejos defendiam os interesses de seus respectivos patrões, visto que para cada indivíduo era imperativo lutar contra a facção inimiga no seu próprio nível socioeconômico. Aos sertanejos que não estavam inseridos na estrutura dos grandes latifúndios restava uma vida errante e miserável.

Desses, alguns aderiam ao banditismo, formando grupos volantes que saqueavam povoados e extorquiam dinheiro dos latifundiários, embora muitas vezes pudessem fazer serviços para os mesmos (GROSS, 1968: 372, 382; SINGELMANN, 1975:72).

O cangaço como ficou consagrado pela história constituiu um movimento social do interior do Nordeste entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, caracterizando-se pela ação violenta de grupos armados de sertanejos – os cangaceiros – que confrontavam o poder dos coronéis, da polícia, dos governos estadual e federal. Em última instância esse fenômeno foi o resultado da colonização violenta e do isolamento cultural do sertão.

Ferrovias e Modernização (1825-1889)

No início do século XIX a Inglaterra e demais países interessados em travar contato com o Brasil, já se encontravam envolvidos com diferentes modalidades de investimento de capital no Brasil. Neste período, o Governo Britânico fez instalar consulados em diversas capitais de Província na perspectiva de auxiliar no desenvolvimento de suas empresas de importação/exportação, manufaturas, serviços urbanos, mineradoras, entre outras, estimulando também a criação de hospitais, escolas, templos religiosos e cemitérios.

No caso das *ferrovias*, essa modalidade de investimentos cumpria papel e lugar estratégico; cabia-lhes criar condições mais favoráveis para o escoamento de produtos, ao mesmo tempo em que a penetração de novos artigos manufaturados no mercado brasileiro, viabilizando e dinamizando a importação e a exportação.

Em 1852 o Governo Imperial promulgou uma lei de concessão que previa a instalação e exploração de ferrovias em qualquer parte do país, oferecendo-se a garantia de juros sobre o capital investido, além de direitos de exploração a empresas nacionais e estrangeiras, garantidos pela Lei 641⁷. Assim, no curso da segunda metade do século XIX, estabeleceu-se uma crescente malha ferroviária em diferentes regiões do Brasil.

A construção dessas primeiras ferrovias no interior das Províncias de Pernambuco e Alagoas permitiu o escoamento da produção açucareira das regiões mais interioranas até as zonas portuárias de Recife e Maceió. Na prática, a melhoria do sistema de escoamento integrava-se a um conjunto mais amplo de medidas modernizantes essenciais à manutenção destas regiões no mercado internacional de açúcar.

No aspecto dos trajetos, entre os anos de 1858 e 1890 a Estrada de Ferro Recife ao São Francisco participou diretamente da transformação da paisagem da Zona da Mata: sua linha tronco e ramais interligam os municípios de Escada (área com 7 usinas), Sirinhaém

⁷ A Lei 641, de 26 de junho de 1852 marca efetivamente o início da história ferroviária do Brasil. Em moldes mais práticos do que leis anteriores e com todos os favores da antiga Lei Feijó, dotando as concessões de mais favores e incentivos de ordem financeira, vedando ainda a utilização de mão-de-obra escrava na construção das estradas e premiando aqueles trabalhadores que fossem empregados nas obras de construção com a dispensa do serviço militar na então Guarda Nacional, o governo do Império criava uma política de privilégios e garantias com vistas a atrair capitais nacionais e estrangeiros para a ligação ferroviária entre as principais províncias do País (BESOUCHET, 1978).

(interligada pela estação de Ribeirão, com 3 usinas), Joaquim Nabuco (1 usina), Palmares (2 usinas), Água Preta (1 usina) e Maraial (1 usina). Entre 1890 e 1910, a EF Sul de Pernambuco (1882/1884), integrada à EF Recife ao São Francisco a partir de 1901, estabelece conexão entre Maraial e as novas usinas instaladas em Catende (2 usinas) e Quipapá (1 usina). Entre 1910 e 1930, Gameleira (5 usinas), Palmares (mais 2 usinas) e Quipapá (mais 2 usinas), complementam a produção regional de Pernambuco, transportando suas cargas através da ferrovia.

Em termos gerais, em Pernambuco, na segunda metade do século XIX, as linhas férreas seguiram pelas direções noroeste, oeste e sudoeste, afastando-se do litoral e seguindo pelo interior, estabelecendo-se, dessa forma, uma nova possibilidade e dinâmica de comunicação entre as diferentes áreas produtivas.

De forma concomitante, em meio aos processos de rearticulação, produção, escoamento e deslocamento de pessoas, gêneros e mercadorias pela zona da mata pernambucana, as cidades também passaram a ocupar um lugar fundamental na interiorização das relações de mercado, recebendo do capital inglês, entre outros, uma diversidade de “novidades” e melhorias infra estruturais. A “abertura dos portos” - expressão de tão ampla significação - implicaria, portanto, no contato de uma terra longamente isolada pelo tempo colonial com um universo mercantil desconhecido, resultando desta trajetória um contínuo, rápido e profundo processo de rupturas e mudanças de parâmetros, saberes, técnicas e costumes que configuram a paisagem cultural da região a ser interceptada pela nova ferrovia.

Com o colapso do ciclo econômico da pecuária na região do sertão, a economia teve de se reestruturar para a produção agrícola, dando ênfase à cultura do algodão, favorecida pelo estímulo do mercado internacional sobre este produto em decorrência da Revolução Industrial. O escoamento do algodão para os portos do litoral exigiu o melhoramento dos caminhos utilizados para o transporte do gado. Na segunda metade do século XIX, por sua vez, essa produção algodoeira estimulou a expansão das estradas de ferro para o interior, cujo traçado e orientação tiveram por base esses caminhos originados no período colonial.

O trem procurou o algodão primeiro no Ceará, tendo encontrado também um pouco de café em Maranguape e Baturité (IBGE, 1960). Em Fortaleza, o governo provincial estimulou a criação da Companhia Cearense da Via Férrea de Baturité (1872-1880), empresa de capital privado que muito cedo foi encampada pelo governo. Partindo de Fortaleza em 1873, inaugurou estações em Maracanaú e Maranguape em 1875; Pacatuba em 1876; Guaiuba e Acarape em 1879; e Redenção e Araçoiaba em 1880, esta última distante menos de 100 km do ponto inicial. A estrada só atingiria seu objetivo primeiro, Baturité, em 1882, já sob a administração estatal (www.estacoesferroviarias.com.br). Concorreu para a demora em sua construção a seca de 1877-1879, uma das mais graves a atingir o semiárido nordestino.

Dentro da rígida estrutura social do sertão, os movimentos sociais também assumiam forma religiosa, dado que somente o apelo aos poderes sobrenaturais poderia levar a mudanças nos relacionamentos humanos. Nesse sentido, todas as insurreições no sertão nordestino tiveram um fundo religioso, como foi o caso das seitas da Serra do Rodeador e Pedra Bonita, no início do século XIX, e de Canudos, no final daquele século. Conforme observa Gross (1968: 374), esses movimentos, recorrentes nos séculos XIX e XX, tenderam a ocorrer em épocas subseqüentes a severas secas, as quais ocasionavam períodos de instabilidade social devido à fome, morte e migração massiva da população camponesa.

Coronelismo, fé e cangaço: o sertão se rebela (Período: 1891-1980)

O padrão de ocupação do Nordeste, assim como o do restante do território da colônia, foi baseado nas sesmarias, enormes extensões de terras isoladas e autossuficientes. A população dessas sesmarias incluía, além da extensa família do sesmeiro, numerosos trabalhadores, tais como administradores, agregados, meeiros, capatazes, escravos, comunidades indígenas, dentre outros. Além das atividades produtivas, essa população tinha o dever de defender a propriedade contra bandidos, escravos fugitivos, índios beligerantes, e contra as intenções de apropriação dos sesmeiros vizinhos. As instituições políticas nos municípios que integravam o interior rural com a administração colonial tinham um caráter um tanto artificial, porque somente poderiam ser representadas pelos

homens bons, os quais consistiam quase que exclusivamente nos grandes proprietários rurais.

Assim, esses latifundiários vieram a constituir as camadas dominantes não somente em suas terras, mas nos municípios nos quais suas propriedades estavam inseridas. Essa estrutura de dominação política dos grandes proprietários rurais veio a ser denominada *coronelismo*. Originalmente, os coronéis eram os oficiais que chefiavam a extinta Guarda Nacional, título que era concedido aos, ou comprado pelos, mais poderosos latifundiários ou chefes políticos em um município, devido ao grande poder que essa titulação concedia na escala local. Mais tarde esse termo veio a designar, no sertão, qualquer chefe político possuidor de grandes extensões de terra, dinheiro, e capangas, exercendo assim um papel dominante na política local (SINGELMANN, 1975: 66-67).

É dentro desse contexto que desponta a Sedição do Juazeiro (1913-1914), confrontos armados que colocaram em oposição a oligarquia do sertão do Cariri contra o presidente da província, Marcos Franco Rabelo, o qual teve que se retirar da posição de mando ante a invasão de Fortaleza pelos jagunços de Floro Bartolomeu da Costa e, em última instância, também do Padre Cícero Romão Batista (IBGE, 1960).

É interessante notar que um dos fatores que possibilitou o rápido envio de tropas do governo ao sertão e o rápido revide das tropas de Floro, foi a estrada de ferro.

Em 1898 havia sido ela arrendada para a firma Novis & Porto, que por sua vez passara a concessão à empresa inglesa *The South American Railway Construction Company Limited* (1910-1915), a qual assumira também o restante das vias férreas do Ceará, agrupadas em 1909 sob a denominação de Rede Viação Cearense (RVC). Nos anos do desfecho da Sedição de Juazeiro, também conhecida como Revolta do Cariri, os trilhos da Baturité haviam chegado em Iguatu, distante mais de 400 km de Fortaleza (www.estacoesferroviarias.com.br).

Assim, os sertanejos defendiam os interesses de seus respectivos patrões, visto que para cada indivíduo era imperativo lutar contra a facção inimiga no seu próprio nível socioeconômico. Aos sertanejos que não estavam inseridos na estrutura dos grandes latifúndios restava uma vida errante e miserável. Desses, alguns aderiam ao banditismo,

tornando-se cangaceiros, formando grupos que saqueavam povoados e extorquiam dinheiro dos latifundiários, embora muitas vezes pudessem fazer serviços para os mesmos (GROSS, 1968: 372, 382; SINGELMANN, 1975: 72).

Os mais famosos bandos foram os de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) e Cristiano Gomes da Silva (Corisco), os quais atuaram em todo o sertão com grande intensidade entre os anos de 1920-1930, embora o cangaço seja uma realidade desde a década de 1870 (ISTOÉ, 2000: 106-107).

No auge do cangaço, os trilhos da Rede Viação Cearense, desde 1915, novamente administrada pelo estado, já haviam sido estendidos até Crato, aonde chegaram em 1926, a 600 km de Fortaleza. O ramal da Paraíba da RVC partiu de Lavras da Mangabeira e chegou à cidade de Patos em 1932, propiciando o escoamento dos produtos do sertão da Paraíba para o porto de Fortaleza. A ligação Patos – Campina Grande só seria completada em 1958 (www.estacoesferroviarias.com.br; GERODETTI & CORNEJO, 2005).

As oligarquias regionais canavieiras, a Era Vargas e o êxodo populacional (Período 1891-1980)

Os engenhos e banguês nordestinos, principalmente os pernambucanos e paraibanos, ao fim do século XIX foram convertidos em engenhos centrais. Como em todo o país, essa solução não deu certo e os senhores de engenho mais abastados converteram os velhos engenhos em usinas, modernizando-os através de maciços investimentos, realizados com capitais tomados de empréstimo dos governos estaduais, instrumentalizados por membros dessa elite agrária. Assim os empréstimos converteram-se praticamente em doações.

Do início do século XX até a década de 1930 o açúcar oscila fortemente de preço, tendo um bom momento com a deflagração da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a produção de açúcar de beterraba da Europa se desorganiza. Desse período até 1924, os bons preços do produto garantem a prosperidade. A partir dessa data os preços, tanto no mercado externo quanto no interno despencam. A má situação piora com a crise de 1929 e os produtores se voltam para a proteção da produção e a defesa de parcelas do

mercado. Entretanto, as dissidências internas, a concorrência dos bangueseiros e dos usineiros do Sudeste impedem a tomada de medidas de salvaguarda da produção e do lucro de sua comercialização. Com a revolução de 1930, o governo Vargas estabeleceu regras centralizadoras para a produção e comercialização do açúcar e do álcool de todo o país, lançando a pá de cal no cabo-de-guerra entre produtores do país. Sob as novas regras, a produção do Sudeste cresceu, uma vez que não tinha os entraves estruturais da produção do Nordeste, alicerçada na trama social arcaica. Essa mesma estrutura social embasava os parâmetros do governo federal para a proteção do açúcar, nivelando por baixo as condições da produção. Se essas medidas visavam proteger a produção nordestina, acabavam por alavancar ainda mais a produção do sudeste, a qual não só atingia, como também batia as metas conservadoras estabelecidas. A produção canavieira do Nordeste só terá novo fôlego, em termos nacionais e internacionais, a partir da década de 1980 com a produção do álcool combustível. Na década de 1990, depois de uma forte desaceleração da produção de combustível, é o aumento dos preços do açúcar no exterior que a coloca em evidência. Atualmente é o implemento dos biocombustíveis que promete carregar a produção do Nordeste por mais um século a dentro.

No campo da produção de algodão, o plantio e a indústria cresceram até 1980, em especial no período da Segunda Guerra Mundial, mas também sem proporcionar mudanças estruturais nas relações de trabalho. Por outro lado permitiu ganhos para os estratos sociais médios e urbanos, ligados ao comércio e a burocracia estatal. As camadas mais baixas da população, entretanto, novamente se vêm alijadas de benefícios reais, muito embora elas sejam incorporadas à nova ordem fabril, da indústria de transformação, como classe operária.

Em termos de controle do poder político, a grande centralização estatal estabelecida a partir de 1930 com o governo Vargas afastou os antigos chefes oligárquicos das posições de mando nacionais, restringindo seu poder à esfera local/ regional, obrigando-os a competir com os chefes urbanos/ industriais pelo controle do poder estadual.

Quanto às ferrovias da área em foco, esse é o período que marca sua extensão máxima, completando-se a ligação entre o Ceará e a Paraíba com a construção do ramal entre Patos e Campina Grande, terminado em 1958. Estavam então interligados Ceará,

Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco (www.estacoesferroviarias.com.br; GERODETTI & CORNEJO, 2005).

No campo social, essas ferrovias contribuíram e propiciaram o desenvolvimento do proletariado nascente, bem como para o desenvolvimento de setores da indústria a elas ligados, como o metalúrgico (TENÓRIO, 1977b: 79). Mas apesar de seu papel econômico e social, desde a década de 1910, intensificando-se a partir da de 1930, passa a ferrovia a sofrer a forte concorrência do caminhão na nascente era do rodoviarismo.

8.6. Os sítios ora cadastrados frente ao quadro arqueológico e histórico regional

Apresentamos aqui, de maneira sintética, o confronto dos sítios cadastrados no projeto em epígrafe frente aos cenários apresentados no quadro arqueológico e histórico regional. Ressaltamos que se trata de uma leitura prévia, hipotética, e que para afirmações de maior consistência, se faz necessária a continuação do programa, com as etapas de prospecção, resgate, monitoramento e divulgação.

Até o momento pudemos perceber que os sítios ora cadastrados apresentam-se distribuídos em três cenários específicos.

Os sítios Arado e Macaxeira possivelmente se relacionam com o **Cenário 3** supra descrito, onde os materiais líticos apresentam variadas técnicas de produção e também de suporte e matérias-primas, não sendo relacionados, necessariamente à grupos ceramistas. Os sítios Gaibú e Lascado aparentam ter relação com o **Cenário 4**. Sendo o sítio Gaibú relacionado à chamada Tradição Tupinambá, apresentando cerâmicas e líticos, e o S. A. Lascado apresentando material lítico relacionável à grupos ceramistas (estando este sítio à cerca de 350 m do sítio Gaibú). Os demais sites relacionam-se ao **Cenário 5**, denominado “O Período Histórico”, estando possivelmente distribuídos, nas fases de expansão para o interior do nordeste, êxodos internos em função da seca, coronelismos e inserção de ferrovias.

9. PROGNÓSTICO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS

O presente diagnóstico conduziu à identificação de um patrimônio arqueológico considerável, por ora caracterizado por **24 sítios arqueológicos**, **13 ocorrências arqueológicas isoladas** e **14 áreas de ocupação histórica**, que somados aos **21 sítios arqueológicos e as sete áreas de ocupação histórica anteriormente detectados** nos estudos relativos ao traçado anterior dos Lotes 8 e 9 do Trecho Porto Suape-Salgueiro da Ferrovia Transnordestina e do Trecho 3 da CFN (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2007, 2009), **demonstram um alto potencial arqueológico para a área do empreendimento.**

Dentre os sítios arqueológicos mencionados, **23 sítios encontram-se na área a ser diretamente afetada pela implantação dos Lotes 8 e 9 da Nova Ferrovia Transnordestina**, sendo dois sítios líticos pré-coloniais, um sítio pré-colonial lito-cerâmico associado à Tradição Tupiguarani e 20 sítios históricos relacionados à ocupação da região nos séculos XIX e XX.

Cabe ressaltar que tais manifestações não correspondem à totalidade dos fenômenos passíveis de serem ainda detectados, visto que os levantamentos de campo, apesar de sua intensidade, apresentaram um caráter amostral, portanto, não ficando afastada a possibilidade de serem identificados novos sítios na área de interesse do empreendimento. Corroboram igualmente as fontes consistidas, apontando para o alto potencial arqueológico das áreas envolventes.

Com base nestes elementos torna-se plausível estabelecer a título de prognóstico a existência de ao menos mais **10 sítios arqueológicos** na área em exame.

Ante ao exposto, tornar-se-á necessário oferecer uma avaliação dos impactos frente ao patrimônio arqueológico.

Avaliação dos impactos

A avaliação dos impactos frente ao patrimônio arqueológico no âmbito da implantação do empreendimento deve ser feita em dois momentos distintos: **sem** e **com** o empreendimento proposto.

Sem o empreendimento, os vestígios arqueológicos sofreriam, com certeza, uma série de interferências derivadas tanto de eventos naturais, com diferentes escalas (erosão pluvial, processos erosivos, bioturbação, etc.), como de ações humanas (abertura de acessos, atividades de pecuária, etc.). De qualquer forma, com o passar do tempo estas interferências acabariam, certamente, prejudicando as evidências arqueológicas. Entretanto, não as inviabilizariam, uma vez que em qualquer momento seria possível retomar as pesquisas na região.

Já o impacto causado ao patrimônio arqueológico **com o empreendimento** tornará o quadro menos flexível, uma vez que impedirá a realização de pesquisas futuras, com a completa e definitiva destruição dos vestígios.

Assim, os impactos advindos da implantação do Projeto frente ao patrimônio arqueológico podem ser descritos como **negativos, de probabilidade certa, irreversíveis, magnitude alta e permanentes.**

A seguir são tecidas considerações e recomendações julgadas cabíveis para a salvaguarda do patrimônio arqueológico em epígrafe, em consonância com a legislação e normas brasileiras em vigor.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Conforme exposto no presente relatório, o conjunto de intervenções promovidas nos **Lotes 8 e 9 do Trecho Porto Suape-Salgueiro da Ferrovia Transnordestina** conduziu à identificação de novas evidências, além daquelas documentadas no traçado antigo, legando-nos um patrimônio arqueológico considerável, ora composto por 24 sítios arqueológicos, 13 ocorrências arqueológicas isoladas e 14 áreas de ocupação histórica, que somados aos 21 sítios arqueológicos e as sete áreas de ocupação histórica anteriormente detectados nos estudos relativos ao traçado anterior dos Lotes 8 e 9 da Nova Ferrovia Transnordestina e do Trecho 3 da CFN (ZANETTINI ARQUEOLOGIA 2007, 2009), demonstram um alto potencial arqueológico para a área do empreendimento.

Dessa forma, os **23 sítios arqueológicos** que se encontram na área a ser diretamente afetada (ADA) pela implantação dos Lotes 8 e 9 da Nova Ferrovia Transnordestina, deverão passar por procedimentos adequados de prospecção e resgate arqueológico.

Com relação às **ocorrências arqueológicas**, as mesmas já foram caracterizadas como ocorrências isoladas.

No que tange as **áreas de ocupação histórica**, cinco encontram-se inseridas na área a ser diretamente afetada pela implantação dos Lotes 8 e 9 da Nova Ferrovia Transnordestina, devendo passar por procedimentos adequados de documentação. A abordagem regional aqui intentada deve, necessariamente, levar em consideração essas ocupações do século XX-XXI, uma vez que revelam um modo de vida pouco documentado e analisado por meio da cultura material, em vias de profunda transformação e desaparecimento.

Por fim, cabe destacar que os 32 **bens ferroviários e obras de arte** identificados nas sucessivas etapas de pesquisa nos trechos alvo de estudo, também deverão ser alvo de procedimentos de documentação no escopo do aprofundamento do Levantamento do Patrimônio Cultural (ver ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2014 no prelo), envolvendo não apenas o registro da materialidade desses locais, mas suas significações para as comunidades envolvidas.

Isto posto, passemos às recomendações julgadas cabíveis em relação a salvaguarda do patrimônio arqueológico presente nos Lotes 8 e 9 do Trecho Porto Suape-Salgueiro da Ferrovia Transnordestina:

- a) A realização de um **Programa de Prospecção Arqueológica** intensivo, cujas ações de campo deverão ocorrer necessariamente antes das obras previstas;
- b) A realização de um **Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico**, envolvendo:
- o **resgate** dos sítios arqueológicos inseridos na área diretamente afetada do empreendimento;
 - a **documentação das áreas de ocupação histórica inseridas** na área diretamente afetada do empreendimento;
 - **monitoramento sistemático** de todas as intervenções e obras potencialmente impactantes à matriz arqueológica, prevendo a realização dos registros complementares cabíveis e demais ações pertinentes, caso venham a ser evidenciados novos achados, que porventura tenham escapado aos levantamentos realizados.
- c) Da mesma forma, deverá se promover o **Programa de Educação Patrimonial** voltado à socialização dos resultados junto às comunidades da área de influência do empreendimento, levando em conta a linha adotada para o **Programa Expresso Educação**, desenvolvido nos Polos de Salgueiro (PE), Brejo Santo (CE) e Ouricuri (PE) da Ferrovia Nova Transnordestina;
- d) Deverá ser assegurado pelo empreendedor que a guarda definitiva dos acervos gerados pelo programa no **Departamento de História – DEHIST** da **Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE**, ocorra de acordo com os parâmetros técnicos a serem fornecidos pelo IPHAN, de modo a assegurar a sua correta salvaguarda;
- e) Dar continuidade das ações devotadas à **salvaguarda do patrimônio imaterial**, com realização de uma segunda etapa para identificação e documentação das

referências culturais mais significativas (ver relatório específico de Levantamento do Patrimônio Cultural - Zanettini Arqueologia, 2014 no prelo);

- f) Por fim, promover ao final do programa a **publicação** dos resultados, conforme determina a legislação pertinente.

Acreditamos que dessa forma, a Transnordestina Logística S/A, enquanto empresa responsável no campo socioambiental poderá contribuir efetivamente na mitigação dos impactos frente ao patrimônio arqueológico, contribuindo na geração e divulgação de conhecimentos, bem como na preservação dos recursos culturais da região sob sua área de influência.

Diante do exposto e atendidos os requisitos técnicos e legais relacionados ao processo de licenciamento, vimos solicitar a este IPHAN a devida manifestação, para que o programa possa ter continuidade.

São Paulo, 01 de Abril de 2014

Dr. Paulo Eduardo Zanettini

Dr^a. Camila A. de Moraes Wichers

Arqueólogos Coordenadores

BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, A. (2007). Os Domínios de Natureza do Brasil: Potencialidades Paisagísticas. Ateliê Editorial. São Paulo.
- AFONSO, M. C. (Org.) (1999). Organização e gerenciamento do acervo arqueológico pré-histórico brasileiro no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Relatório Científico Final. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- ALARCÃO, J. (1996). Para uma conciliação das arqueologias. Porto: Afrontamento.
- ALBUQUERQUE et alii. (2006). Termo de referência elaborado pela 5ª SR/IPHAN/PE para a avaliação de bens culturais legalmente protegidos do estado de Pernambuco. Anais do XIV Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia, Florianópolis, Setembro de 2007 (CD-Rom).
- ALBUQUERQUE, M. & ALVES, C. (1983). O sítio arqueológico de Quipapá (PE 79-PIII) - Contribuição ao estudo da Tradição Tupiguarani no Nordeste do Brasil. Boletim do Departamento de História da UFPE, Série Arqueologia, Recife, 1. 24p.
- ALBUQUERQUE, M. & LUCENA, V. (1990). Agricultura Tropical Pré-histórica (um sistema de floresta úmida ou que integra o semi-árido?). Revista Ciência e Trópico. Recife, 19 (1). pp: 7-33.
- ALBUQUERQUE, M. & LUCENA, V. (1991a). Caçadores-coletores no agreste Pernambucano: ocupação e ambiente holocênico. In: CLIO - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, 4. pp. 73-74.
- ALBUQUERQUE, M. & LUCENA, V. (1991b). Cultivadores Pré-históricos no semi-árido: aspectos paleoambientais. Clio Série Arqueológica, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, 4. pp. 117-118.
- ALBUQUERQUE, M. (1980). Escavações Arqueológicas realizadas na Igreja Quinhentista de N. Sra. da Divina Graça. Clio 3. pp. 89-90.
- ALBUQUERQUE, M. (1983/84). Horticultores Pré-Históricos do Nordeste. Arquivos do Museu de História Natural, Vol. VIII/ IX, Belo Horizonte. pp. 130-134.
- ALBUQUERQUE, M. (1984). Contato Euro-Indígena no Nordeste do Brasil: Um Estudo Arqueológico. Dissertação de Mestrado em História. Recife, UFPE.
- ALBUQUERQUE, M. (1991a). Ocupação Tupiguarani no Estado de Pernambuco. Clio Série Arqueológica, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, 4, pp. 115-116.

- ALBUQUERQUE, M. (1991b). Organização do Espaço Habitacional em aldeias Tupiguarani no Estado de Pernambuco. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, 4, pp. 119-120.
- ALBUQUERQUE, M. (2008). Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no nordeste brasileiro. IN: PROUZ, A. & LIMA, T.A. (eds). *Os Ceramistas Tupiguarani*. Vol 1 – Sínteses Regionais. Sigma, Belo Horizonte.
- ALBUQUERQUE, Paulo T. (1990). Escavações Arqueológicas na Missão de N. Sra. do desterro de Gramació – Vila Flor, RN. *Revista do CEPA* 17(20). pp. 305-318.
- ALEGRE, M. S. P. et alli (1994). Documentos para a história indígena no Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte e Sergipe. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo - Universidade de São Paulo, FAPESP, São Paulo.
- ALLEN, S. J. (1988). A 'cultural mosaic' at Palmares? Grappling with historical archaeology of a - Seventeenth-Century brazilian quilombo. In: FUNARI, Pedro P. (org.), *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Campinas, Unicamp. pp. 141-178.
- ALMEIDA, F.O. (2008). O Complexo Tupi da Amazônia Oriental. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.
- ALVES, C. (1991). A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *CLIO – Série Arqueológica*, UFPE, Recife, 7. pp. 11-88.
- ANDREFSKY, W. Jr. (1994). Raw Material and Organization of Technology. *American Antiquity*. 59(1). pp. 21-34.
- ANDREFSKY, W. Jr. (1998). *Lithics – Macroscopic Approaches to Analysis*. Cambridge University Press.
- ANTONIL, A. J. (2001). *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- APPADURAI, A. (1986). Commodities and the politics of value. IN: APPADURAI, A. (ed) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. pp.3-63.
- ARANTES, 2011. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil in: *Inovação Cultural, Patrimônio e Educação*. Angel Espina Barrio, Antonio Motta e Mario Helio Gomes (Orgs)
- ARAÚJO, A. G. (2001). Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, São Paulo.

- ARAÚJO, A. G. (2005). Sítios arqueológicos, variabilidade cultural e paleoclimas na transição pleistoceno/ holoceno no Brasil. Anais Congresso da ABEQUA (ES), 2005. Disponível em www.abequa2005.geologia.ufrj.br
- ARCADIS TETRPLAN. (2008a). RIMA - Relatório de Impacto Ambiental. Ferrovia Nova Transnordestina Trecho 2: Salgueiro (PE) – Porto de Suape (PE). 2008a.
- ARCADIS TETRPLAN. (2008b). EIA - Estudo de Impacto Ambiental do Empreendimento. Ferrovia Nova Transnordestina Trecho 2: Salgueiro (PE) – Porto de Suape (PE). Volume 1, 2008b.
- ARCADIS TETRPLAN. (2008c). EIA - Estudo de Impacto Ambiental do Empreendimento. Ferrovia Nova Transnordestina Trecho 2: Salgueiro (PE) – Porto de Suape (PE). Volume 2, 2008c.
- ARNOLD, D.E. (1994). Patterns of Learning, Residence and Descent among potters in Ticul, Yucatan, Mexico. In: SHENNAN, Archaeological Approaches to cultural identity. Routledge, London: 174-184.
- ASSIS, V. S. (1995). A classificação da cerâmica Tupinambá através da analogia etnográfica. VII Congresso Nacional de Arqueologia Uruguaya, Maldonado.
- ASSIS, V.S. (1996). Da Espacialidade Tupinambá. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- ASSUNÇÃO, M. (1995). Popular culture and regional society in nineteenth-century Maranhão, Brazil. *Bulletin of Latin Research*, 14 (3). pp. 265-286.
- AYTAI, D. (1991). Um estilo de decoração tupi: ordem no caos. *Publicações do Museu Municipal de Paulínia, Paulínia*, n.48: 22-35.
- BANDEIRA, A. M. (2002). Um Panorama sobre os Grafismos Rupestres no Maranhão. Anais do 2º Workshop Arqueológico de Xingó, Museu de Arqueologia de Xingó. pp. 5-8
- BANDEIRA, A. M. (2006). O Sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís do Maranhão: Inserção na Paisagem e Levantamento Extensivo. *Canindé, Museu de Arqueologia de Xingó*, 8. pp. 95-121.
- BANDEIRA, A. M. (2008). Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís – Maranhão. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
- BANDEIRA, É. T. (1990). Os usineiros pernambucanos e a intervenção estatal na agroindústria canieira (1889-1933). *Clio – revista de pesquisa histórica, Série História do Nordeste*, V. 1, nº. 13. pp. 115-128.

- BANKS, K.M. & SNORTLAND, J.S. (2000). Dam (n) the land and full speed ahead: a case study of the Missouri river basin. Paper apresentado no International Workshop on Cultural Heritage Management and Dams”, fev, 2000, Univ. of Florida, USA.
- BARBOSA, B. F. (2004). Parã – Nambuco: Ocupação Espacial e Trabalho Indígena na Capitania de Pernambuco nos Séculos XVI e XVII. São Paulo: Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP.
- BARRETO, C. (1999/2000). A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista da USP*, São Paulo, 44. pp. 32-51.
- BARRETT, J. (1988). Fields of discourse: reconstituting a social archaeology. *Critique of Anthropology*, v. 7, n. 3, p. 5-16.
- BARROS, F. B. (1919). *Bandeiras e Sertanistas Baianos*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919.
- BARTH, F. (1997). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. UNESP, São Paulo: 187-227.
- BASTOS, R.; SOUZA, M.; GALLO, H. (2005). *Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico*. IPHAN, 9ª Superintendência Regional, São Paulo.
- BAUGHER, S. (1982). Analysing glass bottles for chronology, function, and trade networks In: DICKENS, Jr. & ROY, S. (eds.), *Archaeology of urban America. The search for patterns and process*. New York: Academic Press.
- BEAUDRY, M. C. (1984). Archaeology and the historical household. *Man in the Northeast*, n. 28. pp. 27-38.
- BEAUDRY, M. C. *et alli*. (1991). A vessel typology for early Chesapeake ceramics: the Potomac Typological System. In: *Approaches to material culture research for historical archaeologists*. California: The Society for Historical Archaeology.
- BERNARDES, D. M. (2007). Notas sobre a formação social do Nordeste. *Lua Nova* 71, pp. 41-79.
- BESOUCHET, L. (1978). *Mauá e seu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- BETTINGER, R. (1987). Archaeological approaches to Hunter-gathers. *Annual Review of Anthropology*, 16:121-142.
- BINFORD, L. (1962). Archaeology as anthropology. *American Antiquity*, v. 28, n. 2, pp. 217-225.
- BINFORD, L. R. (1979). Organization and formation processes: looking at curated technologies. *Journal of Anthropological Research*, 5. pp. 255-273.
- BINFORD, L. R. (1980). Willow smoke and dog’s tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity* 45(1). pp. 4-20.

- BINFORD, L. R. (1984). An Alyalwara day: flour, spinifex gum and shifting perspectives. In: BINFORD, L. *Debating archaeology*. New York, Academic Press. pp. 147-171.
- BLANTON, R. (1994). *Houses and Households: A Comparative Study*. Plenum Press, New York.
- BLASIS, P. (2001). *Da Era das Glaciações às Origens da Agricultura: uma das mais Antigas Culturas do Território Brasileiro. Brasil 50 Mil Anos – Uma Viagem ao Passado Pré-Colonial*. São Paulo: IEDUSP, 2001. pp. 12-26.
- BOËDA, E. (1997). *Technogenèse de Systèmes de Production Lithique au Paléolithique Inférieur et Moyen em Europe Occidentale et au Proche-Orient*. Habilitation á diriger des recherches. Nanterre, Université de Paris-X-Nanterre.
- BORGES. (2005). *Marim dos Caeté: caracterização histórico-arqueológica do sítio do Campo, Paulista, PE*. Dissertação de mestrado. UFPE: Recife, 2005.
- BOWSER, B. (2000). From pottery to politics: an ethnoarchaeological study of political factionalism, ethnicity and domestic pottery style in the Ecuadorian Amazon. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 7(3): 219-247.
- BRANCANTE, E. F. (1981). *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga.
- BROCHADO, J.P. (1977). *Alimentação na Floresta Tropical*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BROCHADO, J.P. (1984). *An ecological model of spread of pottery and agriculture into eastern South América*. Tese de Doutorado, University of Illinois.
- BROCHADO, J.P. (1990). *Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul*. Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, Universidade Federal do Pernambuco, Clio, Recife, 4: 85-88.
- BROCHADO, J.P. (1991). *What did the tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy*. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6: 40-88.
- BROCHADO, J.P.; MONTICELLI, G. (1994). *Regras práticas na reconstituição gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras*. *Estudos Ibero-Americanos*, 20 (2): 107-118.
- BRUNO, M. C. de O. (1995). *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRUNO, Maria C. de O. (2006). *Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória*. IN: MILDRE, S.E.S. *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Pallotti, pp. 119-140.
- BRUNO, Maria C. de O. (2007a). *Musealização da Arqueologia - alguns subsídios*. Texto digitado.

- BUARQUE, A. (2000). A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, M.C. (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro: 307-320.
- BUARQUE, A. (2007). *As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ, 2007, no prelo.*
- BUARQUE, A.; CORDEIRO, J.A. (2003). O Sítio Serrano: Franceses e Tupinambá desconheciam o testamento de Adão. XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Resumos, São Paulo.
- BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. (2003). Programa funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ – Sítio Bananeiras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 13: 39-55.
- BUENO, L.M.R. (2005). *Variabilidade Tecnológica nos Sítios Líticos da Região do Lajeado, Médio Rio Tocantins*. Tese Doutorado. MAE/USP. São Paulo.
- BUTZER, K. (1982). *Archaeology as Human Ecology*. Cambridge Press.
- CALDARELLI, S. B. (org) (1996). *Atas do simpósio sobre política nacional do meio ambiente e patrimônio cultural. Repercussões dos dez anos da Resolução CONAMA nº001/86 sobre a pesquisa e a gestão dos recursos culturais do Brasil*. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia.
- CALDAS, A. L. (1991). *Análise da cerâmica funerária da Ilha de Sorobadel, Itacuruba - PE*. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4. p.149
- CALDERÓN, V. (1964). *O sambaqui da Pedra Oca. Relatório de uma pesquisa*. Instituto de Ciências Sociais, UFBA.
- CALDERÓN, V. (1965-66). *Notícia Preliminar sobre as seqüências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia*. PRONAPA – 1ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém. pp. 107-116.
- CALDERÓN, V. (1966/67). *Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudoeste da Bahia*. PRONAPA – 2ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém. pp. 145-152.
- CALDERÓN, V. (1967/68). *A fase Aratu no Recôncavo e litoral norte do Estado da Bahia*. Publicações Avulsas 13, Museu Emílio Goeldi, Belém.
- CALDERÓN, V. (1969/70). *Contribuição para o conhecimento da arqueologia do Recôncavo e do sul do Estado da Bahia*. PRONAPA – 5ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém. pp. 141-155.

- CALDERÓN, V. (1971). Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do estado da Bahia. Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.15, Belém. pp. 163-177.
- CALDERÓN, V. (1972). A pesquisa arqueológica nos Estados da Bahia e Rio Grande do Norte. Dédalo n.15, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo.
- CALMON, P. (1979). História do Brasil. Rio de Janeiro. v. II. p. 346.
- CANABRAVA, A. (1968). A grande propriedade rural. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). A época colonial. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, v.1.
- CARR, C. (1995). Building a Unified Middle-Range Theory of Artifact Design: Historical Perspectives and Tactics In: CARR, C & NEITZEL, J.E. (Eds.). *Style, Society and Person. (Archaeological and Ethnological Perspectives)*. New York/London, Plenum Press. pp. 151-170.
- CARVALHO, S.M.S. (1999). A morte heróica do guerreiro. In: CARVALHO, S.M.S. (Coord.) *Rituais Indígenas Brasileiros*, CPA Editora Ltda, São Paulo.
- CASCUDO, L.C. (1977). *Antologia da Alimentação no Brasil. Livros Técnicos e Científicos*, Rio de Janeiro.
- CASTRO, V. M. (2000). O perfil técnico cerâmico do sítio Cana Brava, Jurema, Sudeste do Piauí. *Clio Série Arqueológico*, n.14.
- CAZZETTA, M. (1996). Projeto Litoral: levantamento das evidências arqueológicas no litoral do Ceará. Relatório da primeira etapa. Fortaleza: NEEA-UECE/IPHAN.
- CHAGAS, Mário. (2004). Diabruras do saci: museu, memória, educação e patrimônio. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, v.1, n.1, Rio de Janeiro.
- CHILTON, E. (1998). The cultural origins of Technical Choice. Unraveling Algonquian and Iroquoian Ceramic Traditions in the Northeast. In: STARK (Ed.). *The Archaeology of Social Boundaries*. Washington, Smithsonian Institution Press: 132-160.
- CHMYZ, I. (1976). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, ano I, n. 1. pp. 119-148.
- CHMYZ, I. *et alli*. (1995). Usina Hidrelétrica de Nova Ponte-Programa de Salvamento Arqueológico - Atividades do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. Relatório Final. CEMIG, Belo Horizonte.
- CHUVA, M. (2009). Os arquitetos da memória – Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (1930 – 1940). Rio de Janeiro, UFRJ.

- CHUVA, M. (2005). Patrimônio material e memória da nação. *Jornal da UNESP*. Setembro/2005 – Ano XIX – nº 204. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci/jornal/204/supleb.php> em 09/08/2011
- CLARKE, D. (1968) *Analytical Archaeology*. Methuen, Londres.
- CLARKE, D. (1972) *Models in Archaeology*. Methuen, Londres.
- CLARKE, D. (1977) *Spatial Archaeology*. Academic Press, Londres.
- CLEMENT, C. R. (2006). Domesticação de paisagens e Plantas Amazônicas- A Interação de Etnobotânica, Genética Molecular e Arqueologia. In: *Pueblos Y paisajes antiguos de la selva amazônica/ eds. Gaspar Morcote Rios, Santiago Mora Camargo, Carlos Franky Calvo-Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia. Facultad de Ciências-Taraxacum. pp. 97-112.*
- COLLINS, M. (1975). Lithic technology as a mean of processual inference. In: SWANSON, E. (Ed). *Lithic technology: making and using stone tools*. Chicago, Mouton Publishers. pp. 15-34.
- CORRÊA, A. C. & CAMPELO, S.N. (1991). Nota Prévia sobre o Cadastramento de Sítios Arqueológicos no Piauí. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4, 1991. pp. 63-66.
- CORTESÃO, J. (1960). *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Academia Portuguesa de História. Lisboa.
- CUNHA, M. C. da (org.). (1998). *História dos Índios no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras/FAPESP/Secretaria Municipal de Cultura.
- DANTAS, B., SAMPAIO, J. & CARVALHO, M. (1992). Os Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. IN: CUNHA, M. C. da (org.). *História dos Índios do Brasil*, CUNHA, M. (editora). São Paulo, Cia das Letras, 1992. pp. 431-456.
- DE BOER, W.R.; LATHRAP, D. (1979). The making and breaking of Shipibo-Conibo Ceramics. In: KRAMER, C. (Ed.) *Ethnoarchaeology. Implications of Ethnography for Archaeology*, Columbia University Press, New York: 102-138.
- DE MASI, M. A. N. (2006). Relatório de Impacto Ambiental Patrimônio Arqueológico na área da usina hidrelétrica de Cachoeira da Ilha, Rio Farinha, Carolina, MA, 2006. Disponível em <http://planeta.terra.com.br/educacao/arqueologia/PDF/RL8.pdf>.
- DE MEDEIROS, R. P. (s/d). *Bárbaras Guerras: povos indígenas nos conflitos e alianças pela conquista do sertão nordestino colonial*. UFPB.
- DEAGAN, K. (1987) *Spanish St Augustine: The archaeology of a colonial creole community*. New York: Academic Press.

- DEAGAN, K. (1988). Neither history nor prehistory: the questions that count in historical archaeology. *Historical Archaeology*, Pennsylvania, v. 22, n. 1, p. 7-12.
- DEAGAN, K. (1991). Historical archaeology's contribution to our understanding of early America. In FALK, L. (ed.), *Historical Archaeology*, Smithsonian Institution Press, Washington, DC. pp. 97-113.
- DEETZ, J. (1977). In *Small Things Forgotten*. Nova York: Anchor Books.
- DEREVIANKO, A. P. (2000). Cultural Heritage management in Siberia. Russian Academy of Sciences. Siberia Division, Institute of Archaeology and Ethnography, Novosibirsk.
- DHBN (Documentos Históricos da Biblioteca Nacional), vols: 3, 4, 5, 7,8, 9, 11, 41, 42, 43, 44, 45, 66, 67, 73 e 97.
- DIAS, A. S. & HOELTZ, S. (1997). Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do CEPA*, n. 21 (25). pp.21-62.
- DIAS, A. S. (1994). *Repensando a Tradição Umbu a Partir de um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado, PUC-RS.
- DIAS, A. S. (2003). Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. FFLCH/ USP, São Paulo.
- DIAS, A.S. & SILVA, F.A. (2001). Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 11. pp. 95-108.
- DIETLER, M. & HERBICH, I. (1989). Tich Matek: The Technology of Luo Pottery Production and the Definition of Ceramic Style. *World Archaeology*, 21 (1): 148-164.
- DUARTE, A. (1969). Tribos, Aldeias e Missões de índios nas Alagoas. *Revista do Instituto Histórico de Alagoas*, vol. XXVIII. pp. 83-153.
- DUMONT, L. (1977). *From Mandeville to Marx: the genesis and triumph of the economic ideology*. Chicago: University of Chicago Press.
- ENNES, E. (1947). *Estudos sobre história do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1947.
- ETCHEVARNE, C. (1991). Sítios Dunares: contribuição à arqueologia do sub médio São Francisco. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP.
- ETCHEVARNE, C. (1999/2000). Ocupação Humana no Nordeste Brasileiro Antes da Ocupação Portuguesa. *Revista USP* N.º44. São Paulo, pp.112-141.

- FABBRI, Angélica & MACHADO, Cecília. (2010). Informatização dos acervos dos museus como ferramenta de acesso. IN: Documentação e Conservação dos Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo/ Brodowski: Governo do Estado de São Paulo/ ACAM Portinari. Pp.26-30.
- FALCI, M. B. K. (2000). A escravidão nas áreas pecuaristas no Brasil. In Silva, M. (org.) Brasil: Colonização e Escravidão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FALCI, M. B. K. (org.). (2000). História das Mulheres Brasil. São Paulo: Contexto, 2000. [3ªedição.]
- FAUSTO, C. (1992). Fragmentos de história e cultura Tupinambá. Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico In: CUNHA, M.C.C., História dos índios no Brasil, Companhia das Letras, São Paulo: 381-396, 1992.
- FAUSTO, C. (1999). Os Índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FERGUNSON, L. (1992). Uncommon Ground: Archaeology and Early African America, 1650-1800. Washington and London: Smithsonian Institution Press.
- FERLINI, V. L. A. (1988). Açúcar e Escravos no Brasil Colonial: As Capitânicas do Sul (Notas para uma discussão) In Coleção Memórias, v.12 – Secretaria Regional do Turismo e Cultura/ Centro e Estudos de História do Atlântico.
- FERNANDES, F. (1949/ 1963). Organização Social dos Tupinambá. Difusão Européia do Livro.
- FERNANDES, H. L. A. (2003). Os Sepultamentos do Sítio Aratu de Piragiba-BA. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.
- FERNANDES, J.A. (1997). De Cunhã a Mameluca: em busca da mulher Tupinambá. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.
- FERRAZ, T.V. (2004). A Formação da Sociedade no Sertão Pernambucano: trajetória de núcleos familiares. Dissertação de mestrado, Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2004
- FUNARI, P. P. A.; ORSER, C. E., Jr.; SCHIAVETTO, S. N. O. (Org.). (2005). Identidade, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume.
- FUNARI, P. P. (1995). The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of African-American culture. Historical Archaeology in Latin America, 7, pp.1-41.
- FUNARI, P. P. A. (1988). Arqueologia. São Paulo: Contexto, 1988.
- FUNARI, P. P. A. (1995). The archaeology of Palmares and its contribution to the understanding of the history of African-American culture. Historical Archaeology in Latin America, 7. pp.1-41.
- GALLIZA, D. S. (1990). Modernização sem desenvolvimento na Paraíba, 1890 - 1930. Clio – revista de pesquisa histórica, Série História do Nordeste, V. 1, nº. 13. pp. 81-93.

- GAMBINI, R. (2000). Espelho Índio. A Formação da Alma Brasileira. Axis Mundi/ Terceiro Nome. São Paulo.
- GARDNER, G. (1975). Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte. São Paulo: Itatiaia/Edusp.
- GARRIDO, C. M. (1940). Fortificações do Brasil. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval.
- GERODETTI, J. E. & CORNEJO, C. (2005). As ferrovias do Brasil nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris.
- GIRÃO, R. (1971). Pequena História do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- GOMES, D.M.C. (2005). Análise dos padrões de organização comunitária no Baixo Tapajós: o desenvolvimento do formativo na área de Santarém, PA. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GOMES, D.M.C. (2008). Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- GONÇALVES, N de C. (2011). O fogo não está morto: engenhos de rapadura do Cariri cearense como uma referência cultural na perspectiva das políticas públicas do último quartel do século XX. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 84 p.
- GREEN, S.W. & PEARLMAN, S.M. (1985). The Archaeology of Frontiers and Boundaries, Academic Press, New York.
- GROSS, S. A. (1968). Religious sectarianism in the sertão of Northeast Brazil 1815-1966. Journal of Inter-American Studies, n. 3. pp. 369-383.
- GUARNIERI, W. R. C.. (1990). Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos, nº 3. pp.07-12.
- GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.
- GUIDON, N. (2000). Escavação na Área do Parque Nacional da Serra da Capivara -Resultados Recentes. Fundamentos. Fundação do Museu Homem Americano. V.1, nº.2. São Raimundo Nonato, Piauí. pp.107-141.
- GUIDON, N. (2005). Arqueologia da Região do Parque Nacional da Serra da Capivara. IN: Antes – Histórias da Pré-História. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Banco do Brasil. pp. 132-141.
- GUIDON, N. (2007). Parque Nacional da Serra da Capivara: Modelo de preservação do patrimônio arqueológico ameaçado. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº33, pp.75-94.

- HARDIN, M.A. & MILLS, B.J. (2000). The Social and Historical Context of Short-Term Stylistic Replacement. A Zuni Case Study. *Journal of Archaeological and Theory*, 7(3): 139-163.
- HECKENBERGER, M.J., NEVES, E.G. & PETERSEN, J.B. (1998). De onde surgem os modelos? As origens e expansões Tupi na Amazônia Central. *Revista de Antropologia, FFLCH/USP*, São Paulo, 41 (1): 69-93.
- HEGMON, M. (1998). Technology, Style and Social Practices: Archaeological Approaches. In: STARK (Ed.). *The Archaeology of Social Boundaries*. Smithsonian Institution Press, Washington.
- HESPANHA, A. M. (1984). Para uma teoria da história institucional do Antigo Regime. In: *Poder e Instituições na Europa do Antigo Regime*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- HIROOKA, S. S. (1997). Sítios Arqueológicos e a Paisagem na Serra do Curupira, Província Serrana Paraguaí-Araguaia, Rosario Oeste, Mato Grosso. *Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC RS, Porto Alegre*.
- HODDER, I. (1987) *Archaeology as long-term history*. Cambridge University Press.
- HODDER, I. (1982). *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HODDER, I. (1994) *Interpretación en Arqueología: corrientes actuales, edición ampliada y puesta al día*. Barcelona: Crítica. (Publicado original 1988).
- HORTA, M. L. P. et alli. (1999). *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Museu Imperial, Iphan, MINC.
- HOUASSIS, A. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa – verbete Pindorama*, Editora Objetiva. Rio de Janeiro.
- HUME, I. N. (1991). *A guide to artifacts of colonial America*. New York: First Vintage Books.
- IBGE. (1987). *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendaju*. IBGE/ Pró-Memória, Rio de Janeiro.
- ISTOÉ (2000). *Brasil 500 anos – atlas histórico*. São Paulo: Editora 3.
- JÁCOME, C.; CARVALHO, A.; PANACHUCK, L. (2005) Os gestos na decoração de vasilhas Tupiguarani em Minas Gerais, 2005, *no prelo*.
- JENNINGS, J.D. (1985). River Basin Surveys: origins, operations, and results, 1945-69. *American Antiquity* 50 n. 2: 281-296.
- JOHNSON, A. (1997). The psychology of dependence between landlord and sharecrooper in Northeastern Brazil. *Political Psychology* 18 (2). pp. 411-438.

- JONES, O. & SULLIVAN, C. (1989). Glass Glossary. Quebec: Canadian Parks Service.
- KEARNEY, M. (1996). Reconceptualizing the Peasantry: Anthropology in Global Perspective. Boulder: Westview Press.
- KIPNIS, R. (1996) O Uso de Modelos Preditivos para Diagnosticar Recursos Arqueológicos em Áreas a Serem Afetadas por Empreendimentos de Impacto Ambiental. Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural, Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 34-40.
- KLEIN, T. (1991). Nineteenth-century ceramics and models of consumer behavior. *Historical Archaeology* 25 (2). pp. 77-91.
- KNOX, M.B. (s/d) O Piauí na Primeira Metade do Século XIX. Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Teresina.
- KOPYTOFF, I. (1986). The cultural biography of things: commoditization as process. In: Appadurai, A. (Ed.). *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge University Press, Cambridge. pp. 64-91.
- KOVEL, R. & KOVEL, T. (1986). *Kovel's new dictionary of marks - Pottery and Porcelain*, New York: Crown Publishers.
- KROEBER, A. L. (1948). *Anthropology*. Harcourt, Brace and Co, New York.
- LA SALVIA, E.S. (2006). A reconstrução as paisagem da paleo-micro bacia do Antonião e a sua ocupação pelo homem no pleistoceno. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. P. (1989). *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura.
- LAGE, M. C., HUGON, P & MARQUES, M. (s/d). Os Pigmentos Pré-Históricos de Grafismos Rupestres do Sertão Central do Ceará. *Fundham III*, pp.149-161.
- LAMING-EMPERAIRE, L. (1967). *Guia para estudo das indústrias líticas da América do Sul*. Curitiba, CEPA/UFPR.
- LANATA, J. (1993). Evolución, espacio y adaptación en grupos cazadores-recolectores - *Revista do Museu de Arqueologia e Etnología*, São Paulo. 3-15
- LAROCHE A. F. G. & LAROCHE, A. S. S. (1982). O sítio arqueológico de Mangueiros. Macaíba, RN. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ editora Massangana.

- LAROCHE A. F. G. & LAROCHE, A. S. S. (1991). Considerações sobre a Pré-História do Nordeste Brasileiro nos Tempos Finais do Pleistoceno e Início do Holoceno. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4. pp. 31-33.
- LAROCHE, A. F. G. (1977). Contribuições para a arqueologia pernambucana: os sítios arqueológicos do Monte do Angico Bom Jardim - PE. Secretaria de Educação e Cultura, Recife.
- LAROCHE, A. F. G. (1987). Relatório das pesquisas realizadas referentes ao estudo dos grupos humanos pré-históricos pertencentes à Tradição Potiguar. Museu Câmara Cascudo (Coleção Mossoroense; n.379), Natal.
- LEITE Neto, J. (2006). Índios e terras – Ceará, 1850-1880. Tese – História – Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- LEMONNIER, P. (1992). *Elements for an Anthropology of Technology*. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan.
- LEROI-GOURAN, A. (1985). As Religiões da Pré-história. Coleção Perspectivas do Homem. Edições 70. Lisboa.
- LIMA, T. A. (1996). Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências e Saúde: Manguinhos*, v. 2, n. 3, p. 46-98, 1996.
- LIMA, C. (1981). História do Maranhão. São Luís, 1981.
- LIMA, C. (1981). História do Maranhão. São Luís.
- LIMA, C. F. (2006). Padrão de Assentamento em Sítios Arqueológicos da Zona da Mata Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Recife, UFPE.
- LIMA, J. M. D. de. (1985) Arqueologia da Furna do Estrago: (Brejo da Madre de Deus - Pernambuco). (Dissertação de Mestrado), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- LIMA, M. G. & ROCHA, J.S. (1983/84). Um sítio arqueológico Tupi-Guarani da Sub Tradição Pintada no Sertão Pernambucano. *Arquivos do Museu de História Natural*, Vol. VIII/ IX, Belo Horizonte, pp. 135-141.
- LIMA, M. G. & VIANA, M.S.S. (1993). Arqueologia em Salgueiro, Pernambuco. *Clio Série Arqueológica*, n.9.
- LIMA, M. G. (1995). Ocupações pré-históricas em Conceição das Creoulas, Salgueiro, PE. Dissertação de Mestrado. Recife, 1995.

- LIMA, T. A. (1986). Cerâmica indígena brasileira. In: RIBEIRO, D. (Ed.) *Suma Etnológica Brasileira*, FINEP-Vozes, Petrópolis, v.2: 172-230.
- LIMA, T. A. (1989). A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo*, Publicações Avulsas, São Paulo, 1. pp. 205-230.
- LIMA, T. A. (1997). Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 3: 1997. pp. 93-129.
- LIMA, T. A. (1999). El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. In: ZARANKIN, A., ACUTO, F (eds.). *Sed non satiata – Teoria social en la arqueología latinoamericana contemporánea*. Ediciones del Tridente, Buenos Aires.
- LIMA, T. A. (2005). Cerâmicas Tupiguarani e Marajoara: elementos estruturais comuns. *Revista Ciência Hoje*, v.36, 213: 30-33.
- LIMA, T. A. et alii. (1989). Aplicação da Formula South a Sítios Históricos do Século XIX. *Dédalo*, 27, 1989, pp. 83-97.
- LIMAVERDE, R. (2007). Os registros rupestres da Chapada do Araripe, Ceará, Brasil. *Anais do XIV Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia*, Florianópolis, Setembro de 2007 (CD-Rom).
- LITTLE, B. J. (1994). People with history: an update on historical archaeology in the United States. *Journal of Archaeological Method and Theory* 1 (1). pp. 5-40.
- LUNA, S. (1991). O sítio Sinal Verde – São Lourenço da Mata, PE. Uma aldeia pré-histórica na Zona da Mata pernambucana. *CLIO Série Arqueológica*, UFPE, Recife, n.7. pp. 89-142.
- LUNA, S. (2003). Sobre as origens da agricultura e da cerâmica pré-histórica no Brasil. *Clio Série Arqueológica*, n.16.
- LUNA, S. (2005). As Pesquisas Arqueológicas sobre Cerâmica no Nordeste do Brasil. *Canindé*, Museu de Arqueologia de Xingó, n. 8. pp. 167-205.
- MACEDO NETO, C. (1996). A linguagem dos seixos: tecnologia de debitagem sobre seixos em dois sítios sob abrigos do sub-médio São Francisco. *Dissertação de Mestrado*, FFLCH-USP.
- MACHADO, A., CORRÊA, C. & LOPES, D. (1991a). As Estearias do Lago Cajari, MA. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4. pp. 101-103.
- MACHADO, A., CORRÊA, C. e LOPES, D. (1991b). Os Sambaquis da Ilha de São Luís, MA. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4. pp. 99-100.

- MAGALHÃES, B. (1935). *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. Nacional, 1935 (Brasiliiana, 45).
- MAJEWSKI, T. & M. O'BRIEN. (1987). The use and misuse of nineteenth-century English and American ceramics in archaeological analysis. *Advances in Archaeological Method and Theory*, n.11. pp. 97-209.
- MARANCA, S. (1979). Estudo do sítio Queimada Nova, Estado do Piauí. *Revista do Museu Paulista, São Paulo, Vol.3. (Arqueologia)*
- MARANCA, S. (1991). Agricultores e ceramistas da área de São Raimundo Nonato. *Clio Série Arqueológica*, número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Recife, n. 4. pp. 95-97.
- MARCONDES, R. L. (2005). *Desigualdades Regionais Brasileiras: Comércio Marítimo e Posse de Cativos na Década de 1870*. Tese de livre docência, USP, Ribeirão Preto, 2005.
- MAROIS, R.; SCATAMACCHIA, M.C.M.; SERRANO, E.D. (1994). Ensaio sobre a composição das decorações. Instituto Panamericano de Geografia e História, 1994.
- MARTIN, G. & GUIDON, N. (1998). Relatório do salvamento arqueológico na área de intervenção do Gasoduto Petrobrás Guamaré(RN) - Fortaleza(CE) - GASFOR. Carnaúba dos Dantas(RN). Fundação Seridó, 3 volumes.
- MARTIN, G. & ROCHA, J. (1990). O Adeus à Gruta do Padre, Petrolândia, Pernambuco. A Tradição Itaparica de Caçadores-Coletores no Médio São Francisco. *Clio Série Arqueologia* 1 (6). pp. 31-68.
- MARTIN, G. (1990). Arqueologia nas Missões Religiosas do Vale do São Francisco. *Revista do CEPA* 17 (20). pp. 287-304.
- MARTIN, G. (1999). *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária, UFPE.
- MARTIN, G. (2005). Os Povos da Costa do Nordeste. IN: *Antes: Histórias da Pré-História*. Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil. pp. 32-42.
- MARTINEZ, P. H. (2002). Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. *Revista Brasileira de História* 22 (43). pp. 251-254.
- MARTINS, J. C. et al. (2007). Homens Arando Novas Formas de Ser e Viver: bordando um outro sertão. *Revista de História regional* 12 (1). pp. 25-39.
- MARTINS, M. (2002). *Rachaduras Solarescas e Epigonismos Provincianos: Sociedade e cultura no Maranhão neo-ateniense, 1890-1930*, Recife: UFPE. Dissertação de Mestrado.
- MAUDUIT, J. A. (1961). *Quarenta Mil Anos de Arte Moderna*. Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte.

- MAUSS, M. (1935/ 1974) Técnicas e Movimentos Corporais. In: Sociologia e Antropologia, EDUSP, São Paulo.
- MCMANAMON, P. & WENDORF, F. (2000). "Dam Good Archaeology!" – We're glad it got done! – The historical importance of Reservoir Archaeology. In: Dam Good Archaeology, vol. 23, n. 1: 41-46, The Bureau of Reclamation's Cultural Resources Programa, 2000.
- MEDEIROS, M. (2005). Reconstituição de uma Fazenda Colonial: estudo de caso da fazenda São Bento de Jaguaribe. Dissertação de mestrado, UFPE: Recife.
- MEDEIROS, R. (2002). História dos Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial: problemas, metodologia e fontes. *Clio Arqueológica* 15 (1). pp. 205-233.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. (1970). Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos. Smithsonian Institution, Washington, 1970.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. (1973). A reconstituição da pré-história amazônica: algumas considerações teóricas. In: O Museu Goeldi no ano do Sesquicentenário, Publicações Avulsas, Belém, 20: 51-69, 1973.
- MELLO, A. C. (2005). Uma perspectiva tecnológica para o estudo da indústria lítica dos sítios cemitérios da região de Xingó. Dissertação (Mestrado) - Estudos Arqueológicos, curso de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2005.
- MELLO, A. C.; SILVA, R.N. & FOGAÇA, E. (2007). Sonhos em pedra: um estudo de cadeias operatórias de Xingó. Museu de Arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, Aracajú.
- MELLO, A.A.S. & KNEIP, A. (2005). Diálogo lingüística – Arqueologia: origem e dispersão dos povos tupi-guarani. Anais do XIII Congresso de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005 (Cd-Rom).
- MELLO, J. A. G. (1996) Três Roteiros de Penetração do Território Pernambucano (1738 – 1808). Instituto de Ciências do Homem. Divisão de História, Imprensa Universitária. Recife.
- MÉNDES, G. L. S. (2008). Arqueologia dos Grupos Caçadores –Coletores do Semi-Árido Potiguar. Canindé. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Universidade Federal de Sergipe. Nº 11. pp. 175-218.
- MENDONÇA, A. S. (1991). História da Arqueologia Brasileira. Pesquisas, Antropologia, 46.
- MENESES, U. T. B. de. (1987). Identidade Cultural e Arqueologia In: *Cultura Brasileira, Temas e Situações*, Ática, Série Fundamentos. São Paulo.
- MENESES, U. B. (1985). Natureza da arqueologia e do documento arqueológico: problemas gerais da arqueologia brasileira (notas de aula). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP) / IPHAN.

- MERILLAS, Olaia Fontal. La educación patrimonial: teoría y práctica en la aula, el museo e internet. 1 ed. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, 2003. 303p
- MILLER, G. (1980). Classification and economic scaling of 19 th. century ceramics. *Historical Archaeology*, 14. pp. 1-40.
- MILLER, G. (1991). A revised set of cc index values for classification and economic scaling of english ceramics from 1787 to 1880. *Historical Archaeology*, 25 (1). pp. 1-25.
- MILLER, G. (2000). Telling time for archaeologists. *Northeast Historical Archaeology* 29. pp. 1-22.
- MILLS, B. (1989). Integrating functional analyses of vessels and sherds throught models of ceramic assemblage formation. *World Archaeology*, v.21, n.1.
- MONTICELLI, G. (2005). O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. Comunicação apresentada no XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005.
- MORAES, C. A. (2007) Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual. Dissertação de mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
- MORAES, D. (2005) Trilhas e enredos no imaginário social de sertão no Piauí. Seminário Patrimônio e Cultura Material. Teresina: FUNDAC e UESPI. pp. 1-18.
- MORAES, D. Trilhas e enredos no imaginário social de sertão no Piauí. Seminário Patrimônio e Cultura Material. Terezina: FUNDAC e UESPI, 2005, 1-18.
- MORAES WICHERS, C. A. (2010). Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira. Tese de doutoramento defendida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- MORAIS, J.L. (2006). Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In: MORI, V.H. et al (Org). Patrimônio: atualizando o debate. 9ºSR/ IPHAN, São Paulo.
- MOTT, L. R. (1979). Os Índios e a Pecuária nas Fazendas de Gado do Piauí Colonial. *Revista de Antropologia*, 22. pp.61-78.
- MOTT, L. R. (1985). Piauí Colonial: População, Economia e Sociedade. Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, Teresina.
- MOURA & PROUS. (1989). Vestígios de utilização em instrumentos utilizados “brutos”. In: SCATAMACCHIA, M.C.M. & FLEMING, M.C.D. (Ed). Anais da IV Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Arqueologia. Dédalo, Publicações Avulsas n. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo. pp. 409-425.
- MOURA, C. (1981). Os Quilombos e a rebelião Negra. São Paulo, ed. Brasiliense.

- NASCIMENTO, A. (1991). A aldeia Baião – Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. CLIO Série Arqueológica, UFPE, n.7, Recife. pp. 143-206.
- NASSER, N. A. S. (1965/66). Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú. PRONAPA – 1ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém, pp. 141-155.
- NASSER, N. A. S. (1968). Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do rio Curimataú. PRONAPA – 4ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém. pp. 179-190.
- NASSER, N. A. S. (1969/70). Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte. PRONAPA – 5ºAno, Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi, n.26, Belém, pp. 155-163.
- NETO, J. (2006). Índios e Terras – Ceará: 1850-1880. Tese de Doutorado, Recife: UFPE.
- NEVES, F. (2005). A miséria na literatura: José do Patrocínio e a se de 1878 no Ceará. Tempo 11 (22). pp. 80-98.
- NEVES, J.B.B., SOUZA, M.N.F. & JESUS, M.S. (2004). Tipos Sociais na Conquista do Sertão das Capitanias do Norte do Estado do Brasil, Séculos XVII e XVIII. Dossiê Cultura e Sociedade na América Portuguesa Colonial, v.5, n. 12, out./nov.2004.
- NOELLI, F.S. & BROCHADO, J.P. (1998). O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, 8: 117-128.
- NOELLI, F.S. (1993). Sem Tekhoa não há Tekó (Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí, Rio Grande do Sul). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.
- NOELLI, F.S. (1996). As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. Revista de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 39 (2): 7-53.
- NOELLI, F.S. (2008). José Proença Brochado: vida acadêmica e a Arqueologia Tupi. IN: PROUZ, A. & LIMA, T.A. (eds). Os Ceramistas Tupiguarani. Vol 1 – Sínteses Regionais. Sigma, Belo Horizonte: 17-48.
- OLIVEIRA, A. L. (2001) O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque, PE – Estudo das Estruturas Arqueológicas. Dissertação de Mestrado, Recife: UFPE, 2001.
- OLIVEIRA, C. A. (2003). Os Ceramistas Pré-Históricos do Sudeste do Piauí – Brasil: Estilos e Técnicas. Fundham III. pp. 59-127.

- OLIVEIRA, C.A. (2000). Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no Sudeste do Piauí. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2000.
- OLIVEIRA, C.A. et alli. (2007). Área arqueológica da Chapada do Araripe. Anais do XIV Congresso da Sociedade Brasileira de Arqueologia, Florianópolis, Setembro de 2007 (CD-Rom).
- ORSER, C. (1989a). Plattner, Stuart. Introduction. IN: Economic Anthropology, ed. S. Plattner, Stanford: Stanford University Press. pp. 1-20.
- ORSER, C. (1989b). Marxism. In Economic Anthropology, ed. S. Plattner, Stanford: Stanford University Press. pp. 379-396.
- ORSER, C. (1992). Beneath the material surface of things: commodities, artifacts, and slave plantations. *Historical Archaeology*, 26, 3. pp. 95-103.
- ORSER, C. (1996). *Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum.
- ORSER, C. & FUNARI, P. (1992) A pesquisa arqueológica inicial em Palmares. *Estudos Ibero-Americanos* 18, pp.53-69.
- OTA, S.B. (1999). Cultural Heritage management vis-à-vis dams: the Narmada issue. Paper apresentado no "International Workshop on Cultural Heritage Management and Dams", fev. 2000, Univ. of Florida, USA.
- PAYNTER, R.; McGUIRE, R. (1991). *The archaeology of inequality: material culture domination and resistance*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell.
- PEARCE, S. M. (1996). *Archaeological curatorship*. London; New York: Leicester University Press.
- PESSIS, A-M. (1999). Pré-História do Parque Nacional Serra da Capivara. *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. pp. 61-75.
- PESSIS, A-M. (2005). A Transmissão do Saber na Arte Rupestre do Brasil. IN: *Antes – Histórias da Pré-História*. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: Centro Cultural do Banco do Brasil. pp. 142-163.
- PESSOA, Â. E. (2003). *As Ruínas da Tradição: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila – família e propriedade no Nordeste colonial*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- PINTO, E. (1935). *Índigenas do nordeste*. Nacional, São Paulo.
- PIPERNO, D. R. & BECKER, P. (1996). Vegetational history of a site in the central Amazon Basin derived from phytolith and charcoal records from natural soils, *Quaternary Research*, n. 45. pp. 202-209.

- POLITIS, G. & ENDERE, M.L. (2000). Archeological heritage management and dams in Argentina. A brief review of the current situation. Paper apresentado no "International Workshop on Cultural Heritage Management and Dams", fev. 2000, Univ. of Florida, USA. 1999.
- PROUS, A. (1986/1990). Os artefatos líticos: elementos descritivos classificatórios. Arquivos do Museu de Historia Natural, v.11. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. pp. 91-111.
- PROUS, A. (1992). Arqueologia Brasileira. Universidade de Brasília. Brasília.
- PROUS, A. (2004) Apuntes para análisis de industrias líticas. *Ortegália: monografias de Arqueología, Historia e Patrimônio*. Fundación Federico Maciñeira, Nº 02. Ortigueira.
- PROUS, A. (2005a). A pintura em cerâmica Tupiguarani. Revista Ciência Hoje, v.36, 213: 22-28.
- PROUS, A. (2005b). Pintar para os mortos? Um olhar sobre as mulheres Tupiguarani. In: Anais do 3º Workshop Arqueológico do Xingó, MAX/ UFS/ PETROBRÁS/ CHESF, Sergipe: 35-54.
- PROUS, A. (2006). O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- PUNTONI, P. (1998). A Guerra dos Bárbaros. Povos indígenas e a colonização do sertão nordestino do Brasil. 1650-1720. Tese de doutoramento, FFLCHA/ USP, São Paulo.
- RAMOS, Claudinéli Moreira. (2010). Documentação e conservação de acervos: requisitos decisivos para a preservação patrimonial. IN: Documentação e Conservação dos Acervos Museológicos: Diretrizes. São Paulo/ Brodowski: Governo do Estado de São Paulo/ ACAM Portinari. Pp.14-25.
- RENFREW, C.; BAHN, P. (2004). Archaeology: Theories, methods and practice. 4ª Ed. London: Thames & Hudson. .
- RIBEIRO, B. G. (1988). Dicionário do Artesanato Indígena. Itatiaia/Edusp. Belo Horizonte/São Paulo.
- RICE, P. M. (1987). Pottery analysis: a sourcebook. Chicago University Press, Chicago.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. A. & DE BLASIS, P.- UHE Lajeado. Estado do Tocantins. Programa de Resgate Arqueológico. Relatório Final, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo: 2000
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. & ZANETTINI, P. E. (2001). Programa Arqueológico de Resgate Complexo Ecoturístico Etapa 1, Costa do Sauípe. Bahia, Relatório Final.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. M. (1996). Os grupos ceramistas pré-coloniais do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo.

- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. & ZANETTINI, P.E. (2002). Programa de Resgate Arqueológico Linha de Transmissão 440 KV Taquaruçu-Assis-Sumaré/ SP. Relatório Final, Documento.
- SACKETT J.R. (1977). The Meaning of Style in Archaeology: A General Model. *American Antiquity*, 42(3). 1977. pp. 369-380.
- SACKETT J.R. (1982). Approaches to Style in Lithic Archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1. pp. 59-112.
- SACKETT J.R. (1991). Style and Ethnicity in Archaeology: the case for Isochrestism. In: M.W. Conkey & C. Hastorf (Eds.). *The Uses of Style in Archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press. pp. 5-17.
- SALDANHA, A. V. (2001). As Capitanias do Brasil. Antecedentes, desenvolvimento e extinção de um fenômeno Atlântico. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.
- SAMFORD, P. (1997). Response to a market: dating English underglaze transfer-printed wares. *Historical Archaeology* 31 (2). pp. 01-31
- SANT'ANNA, M. (2001). "Patrimônio Imaterial do Conceito ao Problema da Proteção". In: Revista Tempo Brasileiro, n. 147, p.151-161, out-dez, *apud* BELAS, C. A. (2004). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan – Inventário Nacional de Referências Culturais – Aspectos Legais do INRC Relação com Legislações Nacionais e Acordos Internacionais. Disponível em <http://www.museu-goeldi.br/institucional/texto%20ASPECTOS%20LEGAIS%20DO%20INRC.pdf>.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. (1981). Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1981.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. (1990). A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação guarani e tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo, 1990.
- SCATAMACCHIA, M. C. M.; CAGGIANO, M. A.; JACOBUS, A. L. (1991). O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: proposta para classificação de vasilhas cerâmicas da Tradição Tupiguarani. *Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste, Clio*, 4: 89-97, 1991.
- SCHAAN, D. P. (1997). A linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara: um estudo da arte pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil, 400-1300AD. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997.
- SCHÁVELZON, D. (1991). *Arqueologia histórica de Buenos Aires*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.
- SCHIFFER, M. B. (1972). Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, Washington DC, v. 37, n. 2. pp. 156-165.

- SCHIFFER, M. B. (1991). Formation process of the archaeological record. Albuquerque: University of New Mexico, 1991.
- SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J. (1987). Theory and Experiment in the Study of Technological Change. *Current Anthropology*, 28 (5): 595-622.
- SCHIFFER, M.B.; SKIBO, J. (1997). The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, 62 (1): 27-50.
- SCHMITZ, P. I., *et alli*. (2004). Arqueologia nos cerrados do Brasil Central. Serranópolis III, Pesquisas, *Antropologia*, 60, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P. I. (1984). Caçadores e coletores da pré-história do Brasil. Instituto Anchieta de Pesquisas-UNISINOS, São Leopoldo.
- SCHMITZ, P. I. (1987). Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory* 1: 53-126.
- SCHMITZ, P. I. (2005). Os caçadores do holoceno inicial podiam ter assentamentos estáveis? *Canindé*, 6. pp.11-24.
- SCHMITZ, P. I. (2008). O Estudo das Indústrias Líticas. O PRONAPA, Seus Seguidores e Imitadores. In: Bueno, L & Isnardis, A.(Org.). *Das Pedras aos Homens: Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira*. Argumentum, Belo Horizonte. pp. 21-31.
- SCHMITZ, P.I. (1991). Migrantes da Amazônia: a tradição tupiguarani. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos*, 5, São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.
- SCHMITZ, P.I. (2003). Painéis para o fogo. *Anais do XII Congresso de Arqueologia Brasileira*, São Paulo, 2003 (Cd-Rom).
- SCOTT, E. (1997). "A little gravy in the dish and onions in a teacup": What cookbooks reveal about material culture. *International Journal of Historical Archaeology*, 1 (2). pp. 131-156.
- SENE, G. A. M. (2007). Indicadores de gênero na Pré-História brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social – o sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. Tese de doutoramento do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.
- SENET, A. (1959). O Homem descobre seus antepassados: O romance da paleontologia. Ed. Itatiaia. Coleção Descoberta do Mundo. Nº. 8.
- SHA, The Society for Historical Archaeology. (1993). Standards and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections. *The Society for Historical Archaeology Newsletter*, vol.26, no.4.
- SHEPARD, A. O. (1956). *Ceramics for the Archaeologist*. Carnegie Institute of Washington, Washington.

- SILVA, E. H. (1995). O Lugar do Índio: Conflitos, Esbulhos de Terras e Resistência Indígena no Século XIX: O Caso de Escada (PE) (1860-188). Dissertação de Mestrado em História, Recife, UFPE, 1995.
- SILVA, F.A. (2000). As Tecnologias e seus Significados. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo.
- SILVA, G.K. (2003). Índios e Identidades: Formas de Inserção e Sobrevivência na Sociedade Colonial. Dissertação de Mestrado em História, Recife, UFPE, 2003.
- SILVA, J. C. (2003). Arqueologia no Médio São Francisco. Indígenas, Vaqueiros e Missionários. Tese de Doutorado, Recife, UFPE.
- SILVA. (2006). Cativo Rural Colonial: reconstituição arqueológica da senzala da fazenda São Bento de Jaguaribe. Dissertação de mestrado, Recife, UFPE, 2006.
- SIMÕES, M. F. (1972). Índice das fases arqueológicas brasileiras: 1950-1971. Publicações Avulsas, 18, Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi.
- SINGELMANN, P. (1975). Political Structure and Social Banditry in Northeast Brazil. *Journal of Latin American Studies* 7 (1). pp. 59-83.
- SINGLETON, T. (1996). The archaeology of slave life. In: *Before the Freedom Came*, CAMPBELL, D. (ed.), Museum of Confederacy, Richmond, 1996. pp. 141-161.
- SINOPOLI, C. A. (1990). *Approaches to archaeological ceramics*, New York and London: Plenum Press.
- SKIBO, J. & SCHIFFER, M.B. (2001). Understanding Artifact Variability and Change: a Behavioral Framework. In: SCHIFFER, M.B. (Ed) *Anthropological Perspectives on Technology*, An Amerind Foundation Publication, Dragoon, Arizona, 2001.
- SKIBO, J.M. (1992). *Pottery Function: A Use-Alteration Perspective*. Plenum Press, New York.
- SNYDER, L.S. *et alli* (2000). Postwar partners in Archaeology. In: *Dam Good Archaeology*, vol. 23, n. 1: 17-20, The Bureau of Reclamation's Cultural Resources Program, 2000.
- SOUSA, A. C. (1995). Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do Caminho Novo e suas variantes (secs. XVIII e XIX). *Historical Archaeology in South America*, n. 6. pp. 67-88.
- SOUTH, S. (1972). Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. *The Conference on Historical Site Archaeology Papers* 6, pp. 71-116.
- SOUTH, S. (1977). *Method and Theory in Historical Archaeology*. Academic Press, New York. 1977.

- SOUZA, S. (2007). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha.
- SPAULDING, A. C. (1960). The dimensions of archaeology. Essays in the Science of Culture IN: Honor of Leslie A. White, Editado por G. E. Dole e R. L. Carneiro. pp. 437-456.
- SPIX & MARTIUS. (1982). Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, Vol. II, 1982.
- STE AMBIENTAL. (2004). Estudo de Impacto Ambiental (EIA). Ferrovia Transnordestina. Tomo IV – B. Diagnóstico Ambiental Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural.
- STELLE, L. (2001). An Archaeological Guide to Historical Artifacts of the Upper Sangamon Basin, Central Illinois, USA, by the Center For Social Research, Parkland College.
- SYMANSKI, L. C. (2006). Slaves and Planters in Western Brazil: material culture, identity and Power. Tese de doutorado, University of Florida, Gainesville. 2006.
- SYMANSKI, L.C. (2002). Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. IN: ZARANKIN, A & SENATORE, M. (eds.) Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas. Ediciones del Tridente, Buenos Aires. 2002.
- SYMANSKI, L.C.P. & SOUZA, M. A. T. (2006). A Arqueologia Histórica: relações sociais e construção de identidades na região do Rio Manso, séculos XVIII e XIX In: História e Antropologia no Vale do Rio Manso. Editora UCG, Goiânia. pp. 241-264.
- SYMANSKI, L.C.P. & SOUZA, M. A. T. (2007). O Registro Arqueológico dos Grupos Escravos; Questões de Visibilidade e Preservação. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Nº.33. Brasília. pp. 215-243.
- TAUNAY, A. de. (1936). A Guerra dos Bárbaros. São Paulo, Rev. do Arquivo Municipal, ano 2 n.22, abril de 1936. pp. 7/331
- TEAGUE, L.S. (2000). The Salt.Glia Aqueduct Project and Hohokam Archaeology. In: Dam Good Archaeology, vol. 23, n. 1: 13-16, The Bureau of Reclamation's Cultural Resources Programa, 2000.
- TENÓRIO, M.C. (2000). Coleta, processamento e início da domesticação de plantas no Brasil. In: TENÓRIO, M.C. (org). Pré-História da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 259-272.
- TENÓRIO. (1977). As Ferrovias em Alagoas. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife.
- TENÓRIO. (1977a). Os Caminhos de Ferro do Nordeste. Clio, 1977a, 29-43.
- THERRIEN, M. (2006). Contextos de reflexión sobre las cerámicas arqueológicas de periodos históricos. Actualidades Arqueológicas Pasado em Presente, n.4, Arqueología Histórica.

- TOJI, S. Patrimônio Imaterial: marcos, referências, políticas públicas e alguns dilemas. Revista Patrimônio e Memória – UNESP. Assis. V. 5, n. 2, p. 11-26, dez. 2009.
- TRANSNORDESTINA. (2007a). Levantamento Arqueológico Ferrovia Transnordestina. Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE).
- TRANSNORDESTINA. (2007b). Relatório da prospecção arqueológica na Variante Milagres – Abaiara/ CE no eixo da Ferrovia Transnordestina e vistorias. Teresina.
- URBAN, G. (1996). On the geographical origins and dispersion of Tupian Languages, Revista de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 39 (2), 1996.
- URBAN, G.A. (1998). História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas nativas. In: CUNHA, M. (org.), História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, pp.87-102.
- VARINE, Hugues de. (2012). As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- VARINE-BOHAN, Hugues de. (2002). Patrimônio e educação popular. Ciências e Letras, Porto Alegre, n.31, pp.287-296.
- VERÍSSIMO, J. (1915). *Interesses da Amazônia*. Rio de Janeiro: Typographia. Do Jornal do Comércio, 1915.
- VERÍSSIMO, J. (1916). História da Literatura Brasileira. (Domínio Público)
- VIANA, V. P. (2000). Os Registros Gráficos Pré-Históricos do Sertão Centro-Norte do Ceará. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife, 2000.
- VIANA, V; PEDROZA, I. & NASCIMENTO, C. (2008). As Indústrias Líticas dos Caçadores-Coletores da Região dos Inhamuns-Ceará: Arqueologia e Ambiente. Canindé. Revista do Museu de Arqueologia de Xingó. Universidade Federal de Sergipe. Nº 11. pp. 161-174.
- VIEIRA JUNIOR, A. S. & PALMEIRA, J. A. (2006). Grupos Pré-Históricos de Xingó: um estudo cranioscópico e craniométrico. Museu Arqueológico do Xingó, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.
- VIEIRA JUNIOR, A. S. (2002). O açoite da seca: família e migração no Ceará (1780-1850). Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1986). Araweté: Os deuses canibais, Jorge Zahar Editor/ANPOCS, Rio de Janeiro.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (1996). Comentário ao artigo de Francisco Noelli. Revista de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, 39 (2): 55-60.

- WIESSNER, P. (1983). Style and Social Information in Kalahari San projectile points. *American Antiquity*, 48 (2): 253-276.
- WIESSNER, P. (1990). Is there a unity for style? IN: CONKEY, M & HASTORF, C. (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge: 105-112.
- WOLF, E. (1982). *Europe and the People without History*. University of California Press, Berkeley.
- WORTHY, L. (1982). Classification and Interpretation of Late Nineteenth and Early Twentieth-Century Ceramics. In Dickens, Jr. & Roy, S. (eds.). *Archaeology of Urban America: The Search for Pattern and Process*. New York, Academic Press. pp. 329-359.
- WÜST, I. & CARVALHO, H.B. (1996). Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, MAE/USP, São Paulo*, 6: 47-81.
- WÜST, I. (1990). Continuidade e mudança – para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do rio Vermelho, Mato Grosso. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, São Paulo/Goiânia.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2006a). Programa de Resgate e Monitoramento Arqueológico Empreendimento Quintas de Sauípe, Município De Mata De São João – Estado da Bahia. Relatório Final.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. (2006b). Programa de Resgate e Valoração do Patrimônio Arqueológico Duplicação da Rodovia BA-099 (Trecho Jacuípe - Praia do Forte), Municípios de Camaçari e Mata de São João – Bahia. Relatório Final.
- ZANETTINI, P. E. (1986). Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia, Curitiba, CEPA/ UFPR*, n. 5, pp.117-130.
- ZANETTINI, P. E. (1988). Canudos: memórias do fim do mundo. *Revista Horizonte Geográfico*, n. 03, ano 01, São Paulo.
- ZANETTINI, P. E. (1989) Projeto Etnoarqueologia do negro no Mato Grosso: reconhecimento arqueológico e cadastro de sítios. Relatório Final: IPHAN – FNPM, mimeog. São Paulo.
- ZANETTINI, P. E. (1996a). *Arqueologia Histórica de Canudos: Estudos Preliminares*. Salvador: UNEB.
- ZANETTINI, P. E. (1996b). Por uma arqueologia de Canudos e dos brasileiros iletrados. *Revista Canudos, Salvador, UNEB*, p. 167-171.
- ZANETTINI, P. E. (2005). *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 2005.

ZANETTINI, P. E. BAVA DE CAMARGO, P. F. (1999). Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? (parte 1), São Paulo: Zanettini Arqueologia.

ZARANKIN, A. (1999). Casa tomada: sistema, poder y vivienda doméstica. In: ACUTO, F. A. (Org.) Sed non satiata: teoría social em la arqueología latinoamericana contemporánea. Buenos Aires: Del Tridente, p. 239-272.

Sites pesquisados

Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em www.estacoesferroviarias.com.br, acesso em agosto de 2013.

Principais Relatórios produzidos pelos estudos relacionados ao Programa de Gestão da Ferrovia Transnordestina

ZANETTINI Arqueologia, (2007a). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – **CFN Trecho 3** – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Diagnóstico.

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – **CFN Trecho 3** – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007c). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico, Histórico E Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – **CFN – Trecho 1** – São Luís (MA) a Caucaia (CE). Relatório Final de Diagnóstico.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - **Trecho Porto Suape – Salgueiro**, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

ZANETTINI Arqueologia, (2007e). Programa de prospecções arqueológicas Ferrovia Transnordestina – **Trecho Salgueiro – Trindade**, Estado do Pernambuco. Relatório final de Prospecções.

ZANETTINI Arqueologia, (2008a). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico Ferrovia Transnordestina – **Trecho Missão Velha – Porto de Pecém**, Estado do Ceará. Relatório Final de Diagnóstico.

ZANETTINI Arqueologia, (2008b). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina. **Trecho Missão Velha – Porto de Pecém**, Estado do Ceará. Relatório Final da Etapa de Prospecções Extensivas e Interventivas.

ZANETTINI Arqueologia, (2008c). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico Ferrovia Transnordestina. **Trecho Porto Suape – Salgueiro**, Estado do Pernambuco. Relatório Final da Etapa de Prospecções Extensivas e Interventivas.

- ZANETTINI Arqueologia, (2008d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico Ferrovia Transnordestina. **Trecho Eliseu Martins – Trindade**, Estados do Pernambuco e Piauí. Relatório Final da Etapa de Prospecções Extensivas e Interventivas.
- ZANETTINI Arqueologia, (2008e). Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural EF Cia Ferroviária do Nordeste - **CFN - Trecho 3** – Cabo (PE) a Propriá (SE). Relatório Final de Resgate.
- ZANETTINI Arqueologia, (2009a). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural Regularização Ambiental EF Cia Ferroviária do Nordeste – **CFN Trecho 2** – Fortaleza (CE) à Recife (PE). Relatório Final de Diagnóstico.
- ZANETTINI Arqueologia, (2009b). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico Ferrovia Transnordestina. Trechos: Porto Suape – Salgueiro (Estado do Pernambuco), Eliseu Martins - Trindade (Estados do Pernambuco e Piauí) e Missão Velha – Porto de Pecém (Estado do Ceará). **Relatório Final da Etapa de Prospecções Extensivas e Interventivas.**
- ZANETTINI Arqueologia, (2009c). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina. Trechos: Porto Suape – Salgueiro (Estado do Pernambuco), Eliseu Martins - Trindade (Estados do Pernambuco e Piauí) e Missão Velha – Porto de Pecém (Estado do Ceará). **Relatório Consolidado 1** (Relatório de andamento do resgate arqueológico).
- ZANETTINI Arqueologia, (2009d). Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural Ferrovia Transnordestina – **Trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE)**. Relatório Final de Monitoramento.
- ZANETTINI Arqueologia, (2009e). Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural Ferrovia Transnordestina **Trecho Missão Velha (CE) – Salgueiro (PE)**. Relatório Final. 3 Volumes.
- ZANETTINI Arqueologia, (2009f). Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural Ferrovia Transnordestina – **Trecho Salgueiro-Trindade**. Relatório Final de Resgate.
- ZANETTINI Arqueologia, (2010a). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina. Resgate Arqueológico do **Sítio Arqueológico Fazendinha**. Município de Custódia, Estado do Pernambuco. Intervenções Arqueológicas na Capela de São Luiz Gonzaga: Estudo das Deposições Funerárias e Remanescentes Humanos Esparsos em Estruturas de Entulho e Aterro. Termo de Conclusão de Campo.
- ZANETTINI Arqueologia, (2010b). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina – **Sítio Arqueológico Fazendinha** - Município de Custódia, Estado do Pernambuco. Relatório Final – Atividades 2009/2010.

ZANETTINI Arqueologia, (2011a). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Ferrovia Transnordestina - **Levantamento dos Bens Ferroviários do Trecho 3** da Companhia Ferroviária do Nordeste: Cabo (PE) – Propriá (SE) - (Regularização Ambiental). Relatório Final. 2 Volumes.

ZANETTINI Arqueologia, (2011b). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina. Trechos: Porto Suape – Salgueiro (Estado do Pernambuco), Eliseu Martins - Trindade (Estados do Pernambuco e Piauí) e Missão Velha – Porto de Pecém (Estado do Ceará). **Relatório Consolidado 2** (Relatório de andamento do resgate arqueológico). 3 Volumes.

ZANETTINI Arqueologia, (2012a). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina Programa de Resgate Arqueológico. Trechos: Eliseu Martins/PI – Trindade/PE, Porto Suape/PE – Salgueiro/PE e Missão Velha/CE – Porto Pecém/CE. **Sumário Executivo, Abril de 2012.**

ZANETTINI Arqueologia, (2012b). Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico da Ferrovia Transnordestina Programa de Resgate Arqueológico. Trechos: Eliseu Martins/PI – Trindade/PE, Porto Suape/PE – Salgueiro/PE e Missão Velha/CE – Porto Pecém/CE. **Sumário Executivo, Setembro de 2012.**

Principais trabalhos científicos produzidos com base em estudos relacionados ao Programa de Gestão da Ferrovia Transnordestina

ALVES, Luciana Bozzo (2012). O manejo da pedra hoje no sertão do Piauí: o caso do sítio Serra Vermelha VI. In: VII Workshop Arqueológico de Xingó (MAX/UFS), II Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos e a II Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) – Núcleo Regional Nordeste. Aracaju-SE.

ALVES, Luciana Bozzo & MORAES-WICHES, Camila Azevedo de. (2011). O desafio da gestão da informação arqueológica em grandes projetos de licenciamento: O caso da Ferrovia Transnordestina In: XXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.

CORRÊA, Ângelo Alves (2011) Cadeias Operatórias Tupi. Revista Habitus.

CORRÊA, Ângelo Alves. (2009). Produção de tembetás em amazonita em sítio Tupi no Ceará. In: XV Congresso da SAB, Belém-PA.

CORRÊA, Ângelo Alves. (2011). Cadeias operatórias de artefatos líticos Tupi. In: XXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.

FERREIRA, Catarina Menezes & QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de. (2011). Mãos na argila: cerâmica de produção local/regional no Cariri cearense. In: XXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.

FERREIRA, Catarina Menezes & QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de. (2011). Monitoramento arqueológico em obras de grande extensão: reflexões e questionamentos. In: XXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.

- FERREIRA, Catarina Menezes & QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de. (2010). Monitoramento Arqueológico em obras de grande extensão: o caso da Ferrovia Transnordestina. 1ª Reunião da SAB Nordeste. Recife-PE.
- HATTORI, Marcia Lika (2013). Conflitos ambientais e arqueologia: visibilidade e reivindicação de comunidades no sertão Pernambucano. In: VXII Congresso da SAB, Aracaju-SE.
- HATTORI, Marcia Lika & ALVES, Luciana Bozzo. (2011). Táticas de uso da pedra hoje no sertão nordestino. 2011. In: VXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.
- HATTORI, Marcia Lika. (2011). Entre a capela, a ferrovia e as comunidades: Arqueologia, conflitos e educação no sertão pernambucano a partir do estudo de caso do sítio Fazendinha. In: VXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.
- JUCÁ, Ana Cláudia de Arthur & CORREA, Ângelo Alves. (2013). Sítio Tupi em Pernambuco: um olhar a partir do sítio Ipanema - Pesqueira, PE. In: VXII Congresso da SAB, Aracaju-SE.
- MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de & ZANETTINI, Paulo Eduardo. (2011). Tensões, limites e potencialidades da relação entre arqueologia e comunidades no âmbito de grandes empreendimentos: O exemplo da ferrovia Transnordestina. In: VXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.
- MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. (2011). Museus e Antropofagia do patrimônio arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira. Doutorado em Museologia, Universidades Lusófona de Humanidades. Lisboa, Portugal.
- MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. (2012). O Patrimônio Arqueológico em grandes empreendimentos: dilemas e caminhos da Ferrovia Transnordestina. In: VII Workshop Arqueológico de Xingó (MAX/UFS), II Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos e a II Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) – Núcleo Regional Nordeste. Aracaju-SE.
- QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de. (2011). Caieiras e os produtores de cal no sertão central pernambucano. In: VXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.
- QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de. (2012). Potes para armazenar e esfriar água no cariri cearense. In: VII Workshop Arqueológico de Xingó (MAX/UFS), II Ciclo Internacional de Simpósios Temáticos e a II Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) - Núcleo Regional Nordeste. Aracaju-SE.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. (2013). Arqueologia do passado contemporâneo no semiárido pernambucano: mobilidade e táticas de consumo sertanejas no século XX. In: Ciclo de debates de Arqueologia Histórica – MAE/USP. São Paulo-SP.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. (2013). Novos paradigmas a cultura material – In: I Semana de Arqueologia da UNICAMP. Campinas-SP

- SOUZA, Rafael de Abreu e. (2011). O mundo acabou? Arqueologia do século XX. In: II Semana de Arqueologia – MAE/USP, 2011.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. (2011). Rodelas de chinelo na arqueologia do sertão do nordeste: dinâmicas de consumo no semi-árido. In: VXI Congresso da SAB - XVI Congresso da UISPP, Florianópolis-SC.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. (2008). Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos. In: Revista de Arqueologia, 21, n.2: 97-119.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo. (2009). Arqueologia preventiva na Ferrovia Transnordestina: primeiros resultados. In: XV Congresso da SAB, Belém-PA.

Em desenvolvimento

- HATTORI, Marcia Lika. Entre a capela, a ferrovia e as comunidades: Arqueologia, conflitos e Educação no sertão pernambucano - uma proposta para o sítio Fazendinha. Mestrado em Arqueologia sendo desenvolvido no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. Sertões, mobilidade e táticas de consumo na caatinga: cultura material e práticas sertanejas nas áreas semiáridas do nordeste do Brasil no século XX. Doutorado Interdisciplinar em Ambiente e Sociedade, NEPAM/UNICAMP.

Textos de Divulgação e Socialização dos estudos relacionados ao Programa de Gestão da Ferrovia Transnordestina

- MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de & ZANETTINI, Paulo Eduardo, Organizadores (2013). Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- ALFONSO, Louise Prado. (2013). Da praia ao sertão: um mundo a ser descoberto. Vamos repensar o turismo no Nordeste? In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- ALFONSO, Louise Prado. (2013). O Brasil é um só? A diversidade cultural e sua representação por meio dos bens patrimoniais. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- CORRÊA, Ângelo Alves & LOPES, Marcel. (2013). Índios do nordeste: cacos de potes que distinguem e aproximam pessoas. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- HATTORI, Márcia Lika. (2013). Arqueologia e lugares sagrados. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.

- HATTORI, Márcia Lika. (2013). História escrita na pedra: ontem e hoje. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- QUEIRÓZ, Luiz Antônio Pacheco de & FERREIRA, Catarina Menezes (2013). Para as ceramistas do Cariri cearense, produzir é viver. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- SOUZA, Rafael de Abreu e. (2013). Arqueologia dos sertanejos e dos Sertões. In: Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Brejo Santo – São Paulo: Zanettini Arqueologia.
- MORAES-WICHERS, Camila Azevedo de & ZANETTINI, Paulo Eduardo, Organizadores. Ferrovia Transnordestina: Caderno do Multiplicador: Polo Salgueiro – São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2013.
- WICHERS, Camila Azevedo de Moraes & GONÇALVES, Naudiney de Castro. Ferrovia Transnordestina: Programa de Educação Patrimonial: Caderno de Atividades – São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2013.

ANEXO 1 - Fichas de Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA.

Nome do sítio: Baixada

Outras designações e siglas: Bx

Município: Catende

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente com dissecação média, em área agricultável atualmente com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado por fragmentos de cerâmica de produção local e faianças finas.

Jussaral, Torres, Vento e Curva

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga os municípios Catende e Palmares.

Comprimento: 80 m Largura: 60 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 4800 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 208507 N: 9041181

Perímetro: Zona: 25 E: 208507 N: 9041163

Zona: 25 E: 208548 N: 9041194

Zona: 25 E: 208501 N: 9041196

Zona: 25 E: 208475 N: 9041176

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 130 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 40 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica
(caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponencial

Multicomponencial

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Outra:

Submerso

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: cerâmica de produção local/regional, faianças finas e vidros.

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:
Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 24	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Barranco

Outras designações e siglas: Br

CNSA:

Município: Joaquim Nabuco

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente, em uma área agricultável e arada para plantio de cana-de-açúcar nas proximidades da antiga linha da CFN.

Sítios relacionados:

Gameleira

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Gameleira a Palmares.

Comprimento: 55 m Largura: 45 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 2475 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 229573 N: 9048302

Perímetro: Zona: 25 E: 229578 N: 9048332

Zona: 25 E: 229566 N: 9048278

Zona: 25 E: 229534 N: 9048291

Zona: 25 E: 229576 N: 9048290

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 815 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 60 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira
Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponencial Pré-colonial
 Multicomponencial De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input checked="" type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: 1 |
- Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: artefatos líticos contemporâneos

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 22	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Capinzal

Outras designações e siglas: Cpz

CNSA:

Município: Palmares

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em planície

Sítios relacionados:

aluvionar, próxima à drenagem, em área agricultável e recentemente arada, atualmente com cultivo de cana-de-açúcar.

Barranco

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco a Palmares.

Comprimento: 115 m Largura: 110 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 12650 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 219068 N: 9043658

Perímetro: Zona: 25 E: 219006 N: 9043677

Zona: 25 E: 218992 N: 9043643

Zona: 25 E: 219116 N: 9043649

Zona: 25 E: 219089 N: 9043696

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Planície de inundação

Altitude: 815 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 30 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Pastagem

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo: Argilo-Arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |
| Outras: | |

Artefatos:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional, um lítico de uso contemporâneo além de
Outros vestígios orgânicos: ☐

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 21	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____ / ____ / ____	Assinatura: _____
---------------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Carroça

Outras designações e siglas: Cra

CNSA:

Município: Gameleira

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, está em área agricultável ocupada atualmente pelos cultivos de cana-de-açúcar.

Sítios relacionados:

Curva, Cuiambuca e Água

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco a Gameleira.

Comprimento: 100 m Largura: 50 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 5000 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 228911 N: 9047817

Perímetro: Zona: 25 E: 228866 N: 9047833

Zona: 25 E: 228960 N: 9047812

Zona: 25 E: 228900 N: 9047792

Zona: 25 E: 228928 N: 9047823

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 820 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 40 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Floresta ombrófila | <input type="checkbox"/> Savana (cerrado) |
| <input type="checkbox"/> Floresta estacional | <input type="checkbox"/> Savana-estépica (caatinga) |
| <input type="checkbox"/> Campinarana | <input type="checkbox"/> Estepe |
| <input type="checkbox"/> Capoeira | |
- Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Atividade urbana | <input type="checkbox"/> Pasto |
| <input type="checkbox"/> Via pública | <input checked="" type="checkbox"/> Plantio |
| <input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda | <input type="checkbox"/> Área não utilizada |

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="radio"/> Unicomponental | <input type="checkbox"/> Pré-colonial |
| <input type="radio"/> Multicomponental | <input type="checkbox"/> De contato |
| | <input checked="" type="checkbox"/> Histórico |

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-Arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: cerâmica de produção local/regional, faianças finas e vidro.

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:
Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas

Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 16	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Curva

Outras designações e siglas: Cur

Município: Joaquim Nabuco

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico, localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente com declive suavemente acidentado, está em área agricultável atualmente com plantio de cana-de-açúcar.
Carroça, Cuiambuca e Vento.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Joaquim Nabuco à Gameleiras.

Comprimento: 70 m Largura: 45 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 3150 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 222952 N: 9044778

Perímetro: Zona: 25 E: 222915 N: 9044797

Zona: 25 E: 222932 N: 9044772

Zona: 25 E: 222972 N: 9044759

Zona: 25 E: 222974 N: 9044776

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 860 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 120 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira
Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada
Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo:

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faiança fina e vidros

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Video / filme:
	Foto colorida: 17	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Granito

Outras designações e siglas: Grt

Município: Catende

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico pré-colonial cerâmico, localizado a céu aberto em topo de morro em meio a área agricultável atualmente com cultivo de cana-de-açúcar. Caracterizado pela presença de fragmentos cerâmicos dispersos em superfície.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada por meio do canalial, ligando os municípios de Catende e Palmares.

Comprimento: 105 m Largura: 45 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 4725 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 199369 N: 9048710

Perímetro: Zona: 25 E: 199369 N: 9048694

Zona: 25 E: 199401 N: 9048721

Zona: 25 E: 199413 N: 9048694

Zona: 25 E: 199314 N: 9048717

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 5 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Topo

Altitude: 360 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 120 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas

Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 18	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Jussaral

Outras designações e siglas: Jus

Município: Catende

Localidade: Laje Grande

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto, implantado em topo, em área agricultável atualmente com cultivo de cana-de-açúcar.

Sítios relacionados:

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada, localizada no Distrito de Jussaral, que liga Palmares a Catende.

Comprimento: 110 m Largura: 50 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 5500 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 195881 N: 9048197

Perímetro: Zona: 25 E: 195860 N: 9048227

Zona: 25 E: 195869 N: 9048180

Zona: 25 E: 195947 N: 9048189

Zona: 25 E: 195839 N: 9048206

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 3 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Topo

Altitude: 335 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 120 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira
Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada
Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |
| Outras: | |

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional e também duas peças líticas de uso

Outros vestígios orgânicos: "

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 14	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Torres

Outras designações e siglas: To

Município: Palmares

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, em área agricultável atualmente com cultivo de cana-de-açúcar.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Palmares a BR-101 Sul.

Comprimento: 190 m Largura: 70 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 13300 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 216140 N: 9043221

Perímetro: Zona: 25 E: 216106 N: 9043130

Zona: 25 E: 216200 N: 9043294

Zona: 25 E: 216103 N: 9043232

Zona: 25 E: 216172 N: 9043227

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 180 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 80 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 3 m

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica
(caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo:

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |
| Outras: | |

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas, grês, vidros, metal e material
Outros vestígios orgânicos: (

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Contrução da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 14	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____ / ____ / ____	Assinatura: _____
---------------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Vento

Outras designações e siglas: Vt

Município: Palmares

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto e implantado em média vertente, com declive suavemente acidentado, está localizado em área agricultável atualmente com cultivo de cana-de-açúcar.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio:

Comprimento: 70 m Largura: 50 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 3500 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 217881 N: 9043361

Perímetro: Zona: 25 E: 217869 N: 9043397

Zona: 25 E: 217868 N: 9043328

Zona: 25 E: 217851 N: 9043367

Zona: 25 E: 217900 N: 9043370

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 155 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho Sazonal

Distância: 90 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra:

Área pública

Área privada

Área militar

Área indígena

Outra:

Proteção legal:

Unid. de conservação ambiental

Em área tombada:

Municipal

Estadual

Federal

Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Elipsoidal

Tipo de solo:

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto

Abrigo sob rocha

Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |
| Outras: | |

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas, porcelanas, lítico de uso

Outros vestígios orgânicos: "

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Contrução da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 **Ano do registro:** 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 17	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____ / ____ / ____	Assinatura: _____
---------------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Água

Outras designações e siglas: Agu

Município: Gameleira

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio histórico possivelmente do fim século XIX, implantado em média vertente, com vegetação original de Mata Atlântica e predominante de cana-de-açúcar. Apresenta cerâmica de produção local/regional, faianças-finas, grés, vidros em superfície.

Garapa e Vento

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada, utilizada primordialmente para o transporte da cana-de-açúcar, ligando os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Comprimento: 105 m Largura: 75 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 7875 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 230868 N: 9049241

Perímetro: Zona: 25 E: 230827 N: 9049280

Zona: 25 E: 230882 N: 9049231

Zona: 25 E: 230832 N: 9049199

Zona: 25 E: 230892 N: 9049283

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 120 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 20 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 13	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Aguardente

Outras designações e siglas: Age

Município: Gameleira

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio Histórico, implantado em média vertente, em cultivo de cana-de-açúcar.
Caracterizado por vestígios dispersos em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local, faianças finas, grês e vidros.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada em região de cultivo da cana-de-açúcar.

Comprimento: 140 m Largura: 99 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 13860 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 238441 N: 9052777

Perímetro: Zona: 25 E: 238471 N: 9052843

Zona: 25 E: 238539 N: 9052785

Zona: 25 E: 238464 N: 9052745

Zona: 25 E: 238401 N: 9052808

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 110 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Rio

Distância: 1700 m

Rio:

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica
(caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas

Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: PE

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: PE

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 15	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Amontoado

Outras designações e siglas: Am

Município: Ribeirão

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local regional, faianças finas, grês e vidros.

Caninha

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Gameleira a Ribeirão

Comprimento: 46 m Largura: 29 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 1334 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 247022 N: 9058736

Perímetro: Zona: 25 E: 247030 N: 9058764

Zona: 25 E: 247040 N: 9058720

Zona: 25 E: 247012 N: 9058724

Zona: 25 E: 247006 N: 9058741

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 5 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 826 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 77 m

Rio: Rio Preto

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Não delimitada

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: Fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faiança fina, grês e vidros.

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)

Mapa com sítio plotado:

Foto preto e branco:

Croqui:

Reprografia de imagem:

Planta baixa do sítio:

Imagem de satélite:

Planta baixa dos locais afetados:

Cópia total de arte rupestre:

Planta baixa de estruturas:

Cópia parcial de arte rupestre:

Perfil estratigráfico:

Ilustração do material:

Perfil topográfico:

Caderneta de campo:

Foto aérea:

Vídeo / filme:

Foto colorida: 31

Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Arado

Outras designações e siglas: Ado

CNSA:

Município: Escada

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico pré-colonial caracterizado pela presença de peças líticas. Está implantado em baixa vertente, área plana, em área de cultivo de cana-de-açúcar.

Sítios relacionados: Macaxeira

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP: Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios do Cabo de Santo Agostinho e Escada.

Comprimento: 34 m Largura: 14 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 476 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 260567 N: 9076163

Perímetro: Zona: 25 E: 260567 N: 9076170

Zona: 25 E: 260551 N: 9076163

Zona: 25 E: 260563 N: 9076158

Zona: 25 E: 260584 N: 9076152

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 106 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 28 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Floresta ombrófila | <input type="checkbox"/> Savana (cerrado) |
| <input type="checkbox"/> Floresta estacional | <input type="checkbox"/> Savana-estépica (caatinga) |
| <input type="checkbox"/> Campinarana | <input type="checkbox"/> Estepe |
| <input type="checkbox"/> Capoeira | |

Outra: Cana de Açúcar e Mandioca

Uso atual do terreno:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Atividade urbana | <input type="checkbox"/> Pasto |
| <input type="checkbox"/> Via pública | <input checked="" type="checkbox"/> Plantio |
| <input type="checkbox"/> Estrutura de fazenda | <input type="checkbox"/> Área não utilizada |

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="radio"/> Unicomponencial | <input checked="" type="checkbox"/> Pré-colonial |
| <input type="radio"/> Multicomponencial | <input type="checkbox"/> De contato |
| | <input type="checkbox"/> Histórico |

Tipo de sítio:

Forma: Não delimitada

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão pluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos: Antiga linha da Cia Ferroviária do Nordeste construída próxima ao sítio.

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 18	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Cachaça

Outras designações e siglas: Cha

Município: Escada

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio histórico, implantado em alta vertente, área plana, em área de cultivo de cana de açúcar. Caracterizado pela presença de vestígios em superfície de faiança fina, grês e porcelana.

Caninha

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Ribeirão a Escada utilizada principalmente para o transporte de cana.

Comprimento: 10 m Largura: 8 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 80 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 251926 N: 9066697

Perímetro: Zona: 25 E: 251924 N: 9066695

Zona: 25 E: 251933 N: 9066702

Zona: 25 E: 251926 N: 9066697

Zona: E: N:

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 811 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima:

Distância: m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Cana de açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio:

Forma:

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: faiança fina, grês e porcelana

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 11	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Canabrava

Outras designações e siglas: Cbr

Município: Ribeirão

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico histórico implantado em baixa vertente, cana. Presença de vestígios em área de cultivo de cana de açúcar com fragmentos de faiança fina e grês.

Sítios relacionados: Aguardente e Riacho

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP: Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Gameleira a Ribeirão.

Comprimento: 24 m Largura: 6 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 144 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 242776 N: 9053698

Perímetro: Zona: 25 E: 242778 N: 9053712

Zona: 25 E: 242776 N: 9053695

Zona: 25 E: 242773 N: 9053689

Zona: 25 E: 242777 N: 9053701

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 767 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima:

Distância: m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana de Açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponencial

Multicomponencial

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio:

Forma:

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Video / filme:
	Foto colorida: 14	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Caninha

Outras designações e siglas: Cni

CNSA:

Município: Ribeirão

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio: Sítio histórico implantado em baixa vertente, em área de cultivo de cana de açúcar.

Sítios relacionados: Presença de fragmentos de cerâmica de produção local, faianças finas e grês.

Amontoado e Cachaça

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP: Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que ligalbiratinga a Ribeirão.

Comprimento: 31 m Largura: 31 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 961 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 248063 N: 9061518

Perímetro: Zona: 25 E: 248059 N: 9061536

Zona: 25 E: 248059 N: 9061505

Zona: 25 E: 248075 N: 9061520

Zona: 25 E: 248044 N: 9061526

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 815 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 28 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana de Açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica
(caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponencial

Multicomponencial

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo:

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 19	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Cuiambuca

Outras designações e siglas: Cui

Município: Gameleira

Localidade: Culambuca

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio histórico possivelmente do fim do século XIX. Caracterizado pela presença de material arqueológico disperso em superfície. Neste sítio encontra-se ainda a antiga Estação Ferroviária Cunhambuca.

Água

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada, utilizada principalmente para o transporte da cana-de-açúcar, ligando os municípios de Joaquim Nabuco e Gameleira.

Comprimento: 36 m Largura: 32 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 1152 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 230661 N: 9049152

Perímetro: Zona: 25 E: 230647 N: 9049156

Zona: 25 E: 230680 N: 9049152

Zona: 25 E: 230669 N: 9049136

Zona: 25 E: 230662 N: 9049171

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 102 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 77 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponencial Pré-colonial
 Multicomponencial De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Outra:

Submerso

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: PE

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 16	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Gaibu

Outras designações e siglas: Gai

Município: Cabo de Santo Agostinho

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio pré-colonial cerâmico, implantado em topo de morro, área plana de cultivo de cana de açúcar e de mandioca. Presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica e líticos em silexito.

Altitude e Lascado.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Maria das Mercês a Cabo de Santo Agostinho.

Comprimento: 158 m Largura: 48 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 7584 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 275828 N: 9079160

Perímetro: Zona: 25 E: 275762 N: 9079181

Zona: 25 E: 275863 N: 9079128

Zona: 25 E: 275914 N: 9079159

Zona: 25 E: 275848 N: 9079173

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Topo

Altitude: 842 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Açude N. Sra do Rosário

Distância: 3200 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Mata Atlântica

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio:

Forma: Irregular

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras: -

Artefatos:

- | | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

silexito lascados e apresentando marcas de retirada.

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições: Tupinambá
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Contrução da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: PE

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: PE

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 29	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações: O material provavelmente de origem tupinambá pelas pinturas policromas observados nos fragmentos cerâmicos e pela morfologia das bordas encontradas. Parte da área foi arada.

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Garapa

Outras designações e siglas: Grp

CNSA:

Município: Gameleira

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítio histórico implantado em média vertente, vegetação de mata atlântica rodeado por plantação de cana. Presença de material arqueológico disperso em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local, faianças finas, grês e vidros.

Sítios relacionados:

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Gameleira a Palmares.

Comprimento: 59 m Largura: 41 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 2419 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 234479 N: 9049078

Perímetro: Zona: 25 E: 234437 N: 9049096

Zona: 25 E: 234481 N: 9049069

Zona: 25 E: 234482 N: 9049091

Zona: 25 E: 234469 N: 9049051

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Serra

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 815 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Córrego

Distância: 260 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma:

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input checked="" type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 30	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2020 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Lamaçal

Outras designações e siglas: Lm

Município: Ipojuca

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico, implantado em baixa vertente. Caracterizado pela presença de vestígios dispersos em superfície como fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e líticos históricos.

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada próximo a destilaria de cana na localidade na Charneca.

Comprimento: 46 m Largura: 20 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 920 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 264441 N: 9079653

Perímetro: Zona: 25 E: 264420 N: 9079622

Zona: 25 E: 264430 N: 9079655

Zona: 25 E: 264448 N: 9079649

Zona: 25 E: 264439 N: 9079661

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 98 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Riacho

Distância: 70 m

Rio: Pirapema

Bacia: Pirapema

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana de Açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Irregular

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Outra:

Submerso

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Lascas

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional e faiança fina.

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 25	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Lascado

Outras designações e siglas: Las

Município: Cabo de Santo Agostinho

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio: Sítio arqueológico pré-colonial lítico, implantado em topo de morro, área plana com

Sítios relacionados: vegetação arbustiva no entorno. Caracterizado pela presença material lascado disperso em superfície.

Gaibu e Altitude

CNSA:

UF: PE

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada que liga Maria das Mercês a Cabo de Santo Agostinho.

Comprimento: 29 m Largura: 13 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 377 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 276209 N: 9079102

Perímetro: Zona: 25 E: 276188 N: 9079096

Zona: 25 E: 276205 N: 9079097

Zona: 25 E: 276217 N: 9079102

Zona: 25 E: 276203 N: 9079100

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Topo

Altitude: 825 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Açude

Distância: 4400 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização: 25L

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Mata Atlântica

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio:

Forma: Linear

Tipo de solo: Areno argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras: -

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

fragmentos líticos, em sílex e sílexito lascados apresentando marcas de retirada.

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo

Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 12	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____ / ____ / ____	Assinatura: _____
---------------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Macaxeira

Outras designações e siglas: Mx

Município: Escada

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico lítico pré-colonial localizado a céu aberto e implantado em baixa vertente próximo à córrego, em área agricultável atualmente ocupada pelo cultivo de mandioca. Presença de peças líticas em superfície.

Arado

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá pela BR-101, no trecho entre os municípios do Cabo de Santo Agostinho e Escada.

Comprimento: 39 m Largura: 21 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 819 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 259455 N: 9076025

Perímetro: Zona: 25 E: 259435 N: 9076019

Zona: 25 E: 259473 N: 9076022

Zona: 25 E: 259458 N: 9076032

Zona: 25 E: 259446 N: 9076029

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planície

Compartimento topográfico: Base de vertente

Altitude: 106 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Córrego

Distância: 23 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estépica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Mandioca

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponencial Pré-colonial
 Multicomponencial De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Oficina lítica

Forma: Retangular

Tipo de solo: Areno-argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input checked="" type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | |

Outras:

Quantidade:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos: Antiga linha da Cia Ferroviária do Nordeste está construída próximo ao sítio.

Possibilidades de destruição: Contrução da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

* Em atendimento ao determinado na Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 24	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Palmeira

Outras designações e siglas: Pma

Município: Cabo de Santo Agostinho

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítios relacionados:

Sítio arqueológico histórico localizado a céu aberto, implantado em média vertente em área de pastagem. Caracteriza-se por fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faianças finas e grês.

Altitude

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada, em área rural do município do Cabo de Santo Agostinho.

Comprimento: 34 m Largura: 29 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 986 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 274009 N: 9079023

Perímetro: Zona: 25 E: 273999 N: 9079035

Zona: 25 E: 274010 N: 9079004

Zona: 25 E: 274012 N: 9079023

Zona: 25 E: 273998 N: 9079017

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 82 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Açude

Distância: 2700 m

Rio:

Bacia:

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

- Floresta ombrófila Savana (cerrado)
 Floresta estacional Savana-estéptica (caatinga)
 Campinarana Estepe
 Capoeira

Outra: Mata Atlântica

Uso atual do terreno:

- Atividade urbana Pasto
 Via pública Plantio
 Estrutura de fazenda Área não utilizada

Outro:

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

- Unicomponental Pré-colonial
 Multicomponental De contato
 Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Retangular

Tipo de solo: Areno Argiloso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input checked="" type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico: fragmentos de cerâmica de produção local/regional, faiança-fina e grés.

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Artefatos cerâmicos:	Tradições:
	Fases:
	Complementos:
	Outras atribuições:
Arte rupestre:	Tradições:
	Estilos:
	Complementos:
	Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de residências

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Video / filme:
	Foto colorida: 14	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

Nome do sítio: Riacho

Outras designações e siglas: Ric

CNSA:

Município: Gameleira

UF: PE

Localidade:

Outras designações da localidade:

Descrição sumária do sítio:

Sítio implantado em média vertente, vegetação nativa de mata atlântica, com atual cultivo da cana-de-açúcar. Presença de material arqueológico disperso em superfície, como fragmentos de cerâmica de produção local e faianças finas.

Sítios relacionados:

Nome do proprietário do terreno:

Endereço:

CEP:

Cidade:

UF:

E-mail:

Fone/Fax:

Ocupante atual:

Acesso ao sítio: O acesso se dá por via pública não pavimentada em região de cultivo da cana-de-açúcar.

Comprimento: 42 m Largura: 20 m Altura máxima: m (a partir do nível do solo)

Área: 840 m² Medição: Estimada Passo Mapa Instrumento

Nome e sigla do documento cartográfico:

Ano de edição: Órgão: IBGE DSG Outro Escala:

Delimitação da área / Coordenadas UTM:

Ponto central: Zona: 25 E: 235886 N: 9052285

Perímetro: Zona: 25 E: 235885 N: 9052302

Zona: 25 E: 235891 N: 9052261

Zona: 25 E: 235882 N: 9052278

Zona: 25 E: 235899 N: 9052267

GPS DATUM: SAD' 69

Em mapa Margem de erro: 4 m

Unidade geomorfológica: Planalto

Compartimento topográfico: Meia encosta

Altitude: 811 m (com relação ao nível do mar)

Água mais próxima: Rio

Distância: 200 m

Rio: Rio Una

Bacia: Rio Una

Outras referências de localização:

Vegetação atual:

Floresta ombrófila

Floresta estacional

Campinarana

Capoeira

Outra: Cana-de-açúcar

Savana (cerrado)

Savana-estépica (caatinga)

Estepe

Uso atual do terreno:

Atividade urbana

Via pública

Estrutura de fazenda

Outro:

Pasto

Plantio

Área não utilizada

Propriedade da terra: Área pública Área privada Área militar Área indígena

Outra:

Proteção legal: Unid. de conservação ambiental

Em área tombada: Municipal Estadual Federal Patrim. da humanidade

Categoria:

Unicomponental

Multicomponental

Pré-colonial

De contato

Histórico

Tipo de sítio: Habitação (ocupação permanente)

Forma: Irregular

Tipo de solo: Argilo-arenoso

Estratigrafia:

Contexto de deposição: Em superfície Em profundidade

Exposição: Céu aberto Abrigo sob rocha Gruta

Submerso

Outra:

Estruturas:

- | | |
|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Áreas de refugio | <input type="checkbox"/> Canais tipo trincheiras, valetas |
| <input type="checkbox"/> De Lascamento | <input type="checkbox"/> Círculos de pedra |
| <input type="checkbox"/> De Combustão
(fogueira, forno, fogão) | <input type="checkbox"/> Estacas, buracos de |
| <input type="checkbox"/> Funerárias | <input type="checkbox"/> Fossas |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de edificação | <input type="checkbox"/> Muros de terra, linhas de argila |
| <input type="checkbox"/> Vestígios de mineração | <input type="checkbox"/> Palafitas |
| <input type="checkbox"/> Alinhamento de pedras | <input type="checkbox"/> Paliçadas |
| <input type="checkbox"/> Manchas pretas | |
| <input type="checkbox"/> Concentrações cerâmicas | Quantidade: |

Outras:

Artefatos:

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Lítico lascado | <input type="checkbox"/> Cerâmico |
| <input type="checkbox"/> Lítico polido | <input type="checkbox"/> Sobre concha |
| <input type="checkbox"/> Sobre material orgânico | |

Outros vestígios líticos:

Material histórico:

Outros vestígios orgânicos:

Outros vestígios inorgânicos:

Acervo / Instituições:

Números de catálogo:

Arte rupestre: Pintura Gravura Ausente

FILIAÇÃO CULTURAL:

Artefatos líticos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Artefatos cerâmicos: Tradições:
Fases:
Complementos:
Outras atribuições:

Arte rupestre: Tradições:
Estilos:
Complementos:
Outras atribuições:

Datações absolutas:

Datações relativas:

Grau de integridade: mais de 75% entre 25 e 75% menos de 25%

Fatores de destruição: Erosão eólica Erosão fluvial Vandalismo
 Erosão pluvial Atividades agrícolas
 Construção de estradas Construção de moradias

Outros fatores naturais:

Outros fatores antrópicos:

Possibilidades de destruição: Construção da Ferrovia Nova Transnordestina

Medidas para preservação:

Relevância do sítio: Alta Média Baixa

Atividades desenvolvidas no local: Registro Sondagem ou Corte estratigráfico
 Coleta de superfície Escavação de grande superfície
 Levantamento de grafismos rupestres

Nome do responsável pelo registro: Paulo Eduardo Zanettini

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 Cidade: São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Data do registro: 31/01/2014 Ano do registro: 2014 (para quando a data completa não puder ser informada)

Nome do projeto: Programa de Diagnóstico Arqueológico Interventivo e Levantamento do Patrimônio Cultural da Ferrovia

Transnordestina. Lotes 8 e 9 Trecho Salgueiro / Porto Suape - Estado de Pernambuco.

Nome da instituição: Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Endereço: Rua Estevão Lopes, 133 - Butantã

CEP: 05503-020 **Cidade:** São Paulo

UF: SP

E-mail: arqueoz@uol.com.br

Fone/Fax: (11) 3034-1446

Documentação produzida (quantidade)	Mapa com sítio plotado: 1	Foto preto e branco:
	Croqui:	Reprografia de imagem:
	Planta baixa do sítio:	Imagem de satélite: 1
	Planta baixa dos locais afetados:	Cópia total de arte rupestre:
	Planta baixa de estruturas:	Cópia parcial de arte rupestre:
	Perfil estratigráfico:	Ilustração do material:
	Perfil topográfico:	Caderneta de campo: 1
	Foto aérea:	Vídeo / filme:
	Foto colorida: 19	Outra:

Bibliografia:

ZANETTINI Arqueologia, (2007b). Programa de Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico e Histórico e Cultural – EF Cia Ferroviária do Nordeste – CFN Trecho 3 – Cabo (PE) a Propriá (AL). Relatório Final de Prospecção.

ZANETTINI Arqueologia, (2007d). Programa de Diagnóstico, Prospecção, Resgate e Monitoramento Arqueológico – Ferrovia Transnordestina - Trecho Porto Suape – Salgueiro, Estado do Pernambuco. Relatório Final de Diagnóstico.

MARTIN, G. (1999). Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária, UFPE.

GUIDON, N. (1992) As ocupações pré-históricas no Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M.C. (org) História dos índios no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, 1992. pp. 37-52.

Observações:

Responsável pelo preenchimento da ficha: Breno Paiva

Data: 31/01/2014 **Localização dos dados:** Zanettini Arqueologia S/S LTDA

Atualizações:

Data: ____/____/____	Assinatura: _____
-----------------------------	--------------------------

ANEXO 2 - Coordenadas UTM dos pontos de análise e Status.

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	80620	25 L 195120 9049806	Tradagem Negativa
8	80630	25 L 195307 9049737	Tradagem Negativa
8	80635	25 L 195407 9049725	Tradagem Negativa
8	80640	25 L 195507 9049726	Tradagem Negativa
8	80645	25 L 195606 9049722	Tradagem Negativa
8	80650	25 L 195703 9049698	Tradagem Negativa
8	80655	25 L 195793 9049655	Tradagem Negativa
8	80660	25 L 195873 9049595	Tradagem Negativa
8	80665	25 L 195940 9049521	Tradagem Negativa
8	80670	25 L 195990 9049435	Tradagem Negativa
8	80675	25 L 196023 9049340	Tradagem Negativa
8	80680	25 L 196045 9049243	Tradagem Negativa
8	80685	25 L 196067 9049145	Tradagem Negativa
8	80690	25 L 196089 9049047	Ponto Vistoriado
8	80695	25 L 196110 9048950	Ponto Vistoriado
8	80700	25 L 196132 9048852	Ponto Vistoriado
8	80705	25 L 196146 9048753	Tradagem Negativa
8	80710	25 L 196141 9048654	Tradagem Negativa
8	80715	25 L 196116 9048557	Ponto Vistoriado
8	80720	25 L 196074 9048466	Tradagem Negativa
8	80725	25 L 196034 9048375	Tradagem Negativa
8	80730	25 L 196013 9048277	Tradagem Negativa
8	80735	25 L 196012 9048177	Não Alcançado
8	80740	25 L 196030 9048079	Não Alcançado
8	80745	25 L 196067 9047987	Não Alcançado
8	80750	25 L 196116 9047899	Não Alcançado
8	80755	25 L 196173 9047817	Tradagem Negativa
8	80760	25 L 196242 9047745	Tradagem Negativa
8	80765	25 L 196314 9047675	Tradagem Negativa
8	80770	25 L 196385 9047606	Não Alcançado
8	80775	25 L 196457 9047536	Tradagem Negativa
8	80780	25 L 196530 9047467	Tradagem Negativa
8	80785	25 L 196611 9047409	Tradagem Negativa
8	80790	25 L 196699 9047362	Não Alcançado
8	80795	25 L 196788 9047316	Tradagem Negativa
8	80800	25 L 196868 9047256	Tradagem Negativa
8	80805	25 L 196934 9047182	Não Alcançado
8	80810	25 L 196991 9047099	Tradagem Negativa
8	80815	25 L 197048 9047017	Tradagem Negativa
8	80820	25 L 197104 9046935	Não Alcançado
8	80825	25 L 197168 9046858	Tradagem Negativa
8	80830	25 L 197246 9046795	Não Alcançado
8	80835	25 L 197332 9046744	Não Alcançado
8	80840	25 L 197419 9046694	Não Alcançado
8	80845	25 L 197505 9046645	Tradagem Negativa
8	80850	25 L 197592 9046595	Tradagem Negativa
8	80855	25 L 197679 9046545	Tradagem Negativa
8	80860	25 L 197766 9046496	Tradagem Negativa
8	80865	25 L 197854 9046449	Tradagem Negativa
8	80870	25 L 197949 9046418	Tradagem Negativa
8	80875	25 L 198048 9046404	Ponto Vistoriado
8	80880	25 L 198147 9046394	Ponto Vistoriado
8	80885	25 L 198247 9046384	Tradagem Negativa
8	80890	25 L 198345 9046364	Ponto Vistoriado
8	80895	25 L 198437 9046325	Tradagem Negativa
8	80900	25 L 198523 9046275	Tradagem Negativa
8	80905	25 L 198609 9046224	Tradagem Negativa
8	80910	25 L 198695 9046173	Tradagem Negativa
8	80915	25 L 198781 9046122	Tradagem Negativa
8	80920	25 L 198861 9046062	Tradagem Negativa
8	80925	25 L 198934 9045994	Tradagem Negativa
8	80930	25 L 199007 9045925	Ponto Vistoriado
8	80935	25 L 199079 9045856	Tradagem Negativa

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	80940	25 L 199152 9045787	Tradagem Negativa
8	80945	25 L 199224 9045719	Ponto Vistoriado
8	80950	25 L 199302 9045656	Tradagem Negativa
8	80955	25 L 199390 9045609	Tradagem Negativa
8	80960	25 L 199486 9045580	Tradagem Negativa
8	80965	25 L 199585 9045572	Tradagem Negativa
8	80970	25 L 199684 9045583	Tradagem Negativa
8	80975	25 L 199781 9045608	Tradagem Negativa
8	80980	25 L 199878 9045633	Tradagem Negativa
8	80985	25 L 199976 9045654	Tradagem Negativa
8	80990	25 L 200075 9045656	Tradagem Negativa
8	80995	25 L 200174 9045638	Não Alcançado
8	81000	25 L 200266 9045601	Não Alcançado
8	81005	25 L 200354 9045552	Não Alcançado
8	81010	25 L 200441 9045503	Não Alcançado
8	81015	25 L 200528 9045454	Não Alcançado
8	81020	25 L 200616 9045405	Não Alcançado
8	81025	25 L 200707 9045366	Não Alcançado
8	81030	25 L 200805 9045345	Não Alcançado
8	81035	25 L 200905 9045345	Não Alcançado
8	81040	25 L 201003 9045360	Não Alcançado
8	81045	25 L 201102 9045378	Não Alcançado
8	81050	25 L 201200 9045395	Não Alcançado
8	81055	25 L 201300 9045407	Não Alcançado
8	81060	25 L 201399 9045401	Não Alcançado
8	81065	25 L 201495 9045374	Não Alcançado
8	81070	25 L 201585 9045331	Não Alcançado
8	81075	25 L 201673 9045283	Não Alcançado
8	81080	25 L 201761 9045235	Tradagem Negativa
8	81085	25 L 201849 9045188	Tradagem Negativa
8	81090	25 L 201937 9045140	Ponto Vistoriado
8	81095	25 L 202025 9045093	Ponto Vistoriado
8	81100	25 L 202110 9045040	Tradagem Negativa
8	81105	25 L 202188 9044977	Tradagem Negativa
8	81110	25 L 202265 9044914	Tradagem Negativa
8	81115	25 L 202342 9044850	Tradagem Negativa
8	81120	25 L 202419 9044787	Tradagem Negativa
8	81125	25 L 202497 9044723	Tradagem Negativa
8	81130	25 L 202574 9044659	Não Alcançado
8	81135	25 L 202641 9044586	Não Alcançado
8	81140	25 L 202693 9044500	Não Alcançado
8	81145	25 L 202734 9044409	Não Alcançado
8	81150	25 L 202782 9044322	Não Alcançado
8	81155	25 L 202847 9044246	Não Alcançado
8	81160	25 L 202925 9044184	Não Alcançado
8	81165	25 L 203014 9044139	Não Alcançado
8	81170	25 L 203111 9044112	Tradagem Negativa
8	81175	25 L 203209 9044096	Não Alcançado
8	81180	25 L 203309 9044097	Não Alcançado
8	81185	25 L 203407 9044118	Não Alcançado
8	81190	25 L 203498 9044158	Não Alcançado
8	81195	25 L 203586 9044206	Não Alcançado
8	81200	25 L 203674 9044254	Não Alcançado
8	81205	25 L 203763 9044298	Não Alcançado
8	81210	25 L 203860 9044324	Não Alcançado
8	81215	25 L 203959 9044339	Não Alcançado
8	81220	25 L 204058 9044353	Não Alcançado
8	81225	25 L 204157 9044368	Não Alcançado
8	81230	25 L 204255 9044382	Não Alcançado
8	81235	25 L 204355 9044395	Não Alcançado
8	81240	25 L 204454 9044392	Não Alcançado
8	81245	25 L 204552 9044369	Não Alcançado
8	81250	25 L 204644 9044331	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	81255	25 L 204736 9044291	Não Alcançado
8	81260	25 L 204828 9044252	Não Alcançado
8	81265	25 L 204920 9044212	Não Alcançado
8	81270	25 L 205012 9044173	Não Alcançado
8	81275	25 L 205104 9044134	Não Alcançado
8	81280	25 L 205196 9044096	Não Alcançado
8	81285	25 L 205294 9044074	Não Alcançado
8	81290	25 L 205393 9044064	Não Alcançado
8	81295	25 L 205493 9044055	Não Alcançado
8	81300	25 L 205592 9044046	Não Alcançado
8	81305	25 L 205690 9044027	Não Alcançado
8	81310	25 L 205782 9043988	Não Alcançado
8	81315	25 L 205865 9043932	Não Alcançado
8	81320	25 L 205935 9043861	Não Alcançado
8	81325	25 L 206000 9043785	Não Alcançado
8	81330	25 L 206064 9043708	Não Alcançado
8	81335	25 L 206129 9043632	Não Alcançado
8	81340	25 L 206193 9043555	Não Alcançado
8	81345	25 L 206257 9043479	Não Alcançado
8	81350	25 L 206322 9043402	Não Alcançado
8	81355	25 L 206386 9043326	Não Alcançado
8	81360	25 L 206451 9043249	Não Alcançado
8	81365	25 L 206515 9043173	Não Alcançado
8	81370	25 L 206579 9043096	Não Alcançado
8	81375	25 L 206644 9043020	Não Alcançado
8	81380	25 L 206708 9042943	Não Alcançado
8	81385	25 L 206773 9042867	Não Alcançado
8	81390	25 L 206837 9042790	Não Alcançado
8	81395	25 L 206902 9042714	Não Alcançado
8	81400	25 L 206975 9042647	Não Alcançado
8	81405	25 L 207061 9042595	Não Alcançado
8	81410	25 L 207154 9042560	Não Alcançado
8	81415	25 L 207250 9042532	Não Alcançado
8	81420	25 L 207346 9042503	Não Alcançado
8	81425	25 L 207442 9042474	Não Alcançado
8	81430	25 L 207537 9042445	Não Alcançado
8	81435	25 L 207633 9042415	Não Alcançado
8	81440	25 L 207725 9042377	Não Alcançado
8	81445	25 L 207816 9042334	Não Alcançado
8	81450	25 L 207906 9042291	Não Alcançado
8	81455	25 L 207996 9042248	Não Alcançado
8	81460	25 L 208086 9042205	Não Alcançado
8	81465	25 L 208180 9042170	Não Alcançado
8	81470	25 L 208278 9042153	Não Alcançado
8	81475	25 L 208378 9042156	Não Alcançado
8	81480	25 L 208475 9042179	Tradagem Negativa
8	81485	25 L 208566 9042221	Não Alcançado
8	81490	25 L 208648 9042277	Não Alcançado
8	81495	25 L 208730 9042335	Não Alcançado
8	81500	25 L 208818 9042382	Tradagem Negativa
8	81505	25 L 208913 9042412	Tradagem Negativa
8	81510	25 L 209012 9042427	Ponto Vistoriado
8	81515	25 L 209111 9042440	Tradagem Negativa
8	81520	25 L 209211 9042450	Tradagem Negativa
8	81525	25 L 209310 9042453	Tradagem Negativa
8	81530	25 L 209410 9042446	Tradagem Negativa
8	81535	25 L 209510 9042435	Tradagem Negativa
8	81540	25 L 209609 9042423	Tradagem Negativa
8	81545	25 L 209708 9042412	Tradagem Negativa
8	81550	25 L 209808 9042400	Tradagem Negativa
8	81555	25 L 209907 9042389	Tradagem Negativa
8	81560	25 L 210006 9042377	Ponto Vistoriado
8	81565	25 L 210106 9042365	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	81570	25 L 210205 9042354	Tradagem Negativa
8	81575	25 L 210304 9042342	Ponto Vistoriado
8	81580	25 L 210404 9042331	Ponto Vistoriado
8	81585	25 L 210503 9042319	Tradagem Negativa
8	81590	25 L 210602 9042307	Tradagem Negativa
8	81595	25 L 210702 9042296	Tradagem Negativa
8	81600	25 L 210801 9042291	Tradagem Negativa
8	81605	25 L 210901 9042293	Tradagem Negativa
8	81610	25 L 211001 9042295	Ponto Vistoriado
8	81615	25 L 211101 9042296	Tradagem Negativa
8	81620	25 L 211201 9042299	Tradagem Negativa
8	81625	25 L 211300 9042316	Tradagem Negativa
8	81630	25 L 211393 9042351	Tradagem Negativa
8	81635	25 L 211484 9042392	Tradagem Negativa
8	81640	25 L 211575 9042434	Não Alcançado
8	81645	25 L 211667 9042474	Ponto Vistoriado
8	81650	25 L 211763 9042500	Tradagem Negativa
8	81655	25 L 211863 9042505	Ponto Vistoriado
8	81660	25 L 211963 9042498	Ponto Vistoriado
8	81665	25 L 212062 9042489	Tradagem Negativa
8	81670	25 L 212162 9042481	Tradagem Negativa
8	81675	25 L 212261 9042470	Tradagem Negativa
8	81680	25 L 212360 9042452	Tradagem Negativa
8	81685	25 L 212458 9042435	Tradagem Negativa
8	81690	25 L 212557 9042417	Tradagem Negativa
8	81695	25 L 212655 9042399	Tradagem Negativa
8	81700	25 L 212753 9042382	Tradagem Negativa
8	81705	25 L 212852 9042364	Tradagem Negativa
8	81710	25 L 212950 9042346	Tradagem Negativa
8	81715	25 L 213049 9042329	Tradagem Negativa
8	81720	25 L 213147 9042311	Ponto Vistoriado
8	81725	25 L 213246 9042293	Tradagem Negativa
8	81730	25 L 213344 9042276	Ponto Vistoriado
8	81735	25 L 213442 9042258	Tradagem Negativa
8	81740	25 L 213542 9042247	Não Alcançado
8	81745	25 L 213641 9042256	Não Alcançado
8	81750	25 L 213737 9042284	Não Alcançado
8	81755	25 L 213825 9042330	Tradagem Negativa
8	81760	25 L 213903 9042393	Tradagem Negativa
8	81765	25 L 213971 9042466	Não Alcançado
8	81770	25 L 214039 9042539	Não Alcançado
8	81775	25 L 214107 9042613	Não Alcançado
8	81780	25 L 214175 9042686	Não Alcançado
8	81785	25 L 214245 9042758	Não Alcançado
8	81790	25 L 214326 9042816	Não Alcançado
8	81795	25 L 214417 9042856	Não Alcançado
8	81800	25 L 214515 9042878	Não Alcançado
8	81805	25 L 214615 9042880	Não Alcançado
8	81810	25 L 214714 9042874	Não Alcançado
8	81815	25 L 214814 9042868	Não Alcançado
8	81820	25 L 214914 9042871	Não Alcançado
8	81825	25 L 215011 9042894	Tradagem Negativa
8	81830	25 L 215102 9042935	Tradagem Negativa
8	81835	25 L 215188 9042986	Tradagem Negativa
8	81840	25 L 215274 9043037	Tradagem Negativa
8	81845	25 L 215360 9043088	Tradagem Negativa
8	81850	25 L 215447 9043138	Ponto Vistoriado
8	81855	25 L 215539 9043177	Tradagem Negativa
8	81860	25 L 215636 9043198	Ponto Vistoriado
8	81865	25 L 215735 9043213	Não Alcançado
8	81870	25 L 215834 9043227	Não Alcançado
8	81875	25 L 215932 9043247	Não Alcançado
8	81880	25 L 216024 9043285	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	81885	25 L 216107 9043341	Não Alcançado
8	81890	25 L 216179 9043411	Não Alcançado
8	81895	25 L 216247 9043484	Não Alcançado
8	81900	25 L 216324 9043548	Não Alcançado
8	81905	25 L 216412 9043595	Não Alcançado
8	81910	25 L 216507 9043625	Não Alcançado
8	81915	25 L 216606 9043635	Não Alcançado
8	81920	25 L 216706 9043624	Não Alcançado
8	81925	25 L 216801 9043596	Não Alcançado
8	81930	25 L 216896 9043562	Não Alcançado
8	81935	25 L 216991 9043532	Ponto Vistoriado
8	81940	25 L 217090 9043520	Ponto Vistoriado
8	81945	25 L 217190 9043520	Ponto Vistoriado
8	81950	25 L 217289 9043510	Ponto Vistoriado
8	81955	25 L 217385 9043481	Ponto Vistoriado
8	81960	25 L 217477 9043442	Ponto Vistoriado
8	81965	25 L 217569 9043403	Tradagem Negativa
8	81970	25 L 217662 9043365	Tradagem Negativa
8	81975	25 L 217758 9043340	Não Alcançado
8	81980	25 L 217858 9043335	Tradagem Negativa
8	81985	25 L 217957 9043350	Não Alcançado
8	81990	25 L 218051 9043384	Não Alcançado
8	81995	25 L 218136 9043436	Ponto Vistoriado
8	82000	25 L 218214 9043498	Não Alcançado
8	82005	25 L 218291 9043562	Não Alcançado
8	82010	25 L 218368 9043625	Não Alcançado
8	82015	25 L 218446 9043688	Não Alcançado
8	82020	25 L 218532 9043739	Não Alcançado
8	82025	25 L 218626 9043772	Ponto Vistoriado
8	82030	25 L 218725 9043786	Ponto Vistoriado
8	82035	25 L 218825 9043782	Não Alcançado
8	82040	25 L 218925 9043776	Não Alcançado
8	82045	25 L 219025 9043770	Não Alcançado
8	82050	25 L 219125 9043764	Ponto Vistoriado
8	82055	25 L 219225 9043758	Ponto Vistoriado
8	82060	25 L 219324 9043752	Ponto Vistoriado
8	82065	25 L 219424 9043746	Ponto Vistoriado
8	82070	25 L 219524 9043740	Ponto Vistoriado
8	82075	25 L 219624 9043734	Ponto Vistoriado
8	82080	25 L 219724 9043728	Ponto Vistoriado
8	82085	25 L 219823 9043722	Ponto Vistoriado
8	82090	25 L 219923 9043716	Ponto Vistoriado
8	82095	25 L 220023 9043711	Ponto Vistoriado
8	82100	25 L 220123 9043716	Ponto Vistoriado
8	82105	25 L 220219 9043742	Ponto Vistoriado
8	82110	25 L 220309 9043785	Ponto Vistoriado
8	82115	25 L 220388 9043846	Ponto Vistoriado
8	82120	25 L 220462 9043914	Ponto Vistoriado
8	82125	25 L 220534 9043983	Ponto Vistoriado
8	82130	25 L 220607 9044051	Ponto Vistoriado
8	82135	25 L 220680 9044120	Ponto Vistoriado
8	82140	25 L 220753 9044188	Ponto Vistoriado
8	82145	25 L 220826 9044256	Ponto Vistoriado
8	82150	25 L 220899 9044325	Ponto Vistoriado
8	82155	25 L 220973 9044392	Ponto Vistoriado
8	82160	25 L 221056 9044448	Ponto Vistoriado
8	82165	25 L 221142 9044498	Não Alcançado
8	82170	25 L 221229 9044548	Não Alcançado
8	82175	25 L 221319 9044591	Não Alcançado
8	82180	25 L 221416 9044614	Não Alcançado
8	82185	25 L 221516 9044618	Ponto Vistoriado
8	82190	25 L 221615 9044603	Tradagem Negativa
8	82195	25 L 221710 9044573	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	82200	25 L 221805 9044542	Não Alcançado
8	82205	25 L 221900 9044511	Não Alcançado
8	82210	25 L 221995 9044481	Não Alcançado
8	82215	25 L 222091 9044450	Não Alcançado
8	82220	25 L 222186 9044419	Tradagem Negativa
8	82225	25 L 222281 9044389	Tradagem Negativa
8	82230	25 L 222380 9044374	Tradagem Negativa
8	82235	25 L 222480 9044378	Tradagem Negativa
8	82240	25 L 222577 9044403	Tradagem Negativa
8	82245	25 L 222667 9044445	Tradagem Negativa
8	82250	25 L 222746 9044505	Ponto Vistoriado
8	82255	25 L 222814 9044579	Tradagem Negativa
8	82260	25 L 222877 9044656	Tradagem Negativa
8	82265	25 L 222941 9044734	Tradagem Negativa
8	82270	25 L 223005 9044811	Tradagem Negativa
8	82275	25 L 223068 9044888	Ponto Vistoriado
8	82280	25 L 223132 9044965	Tradagem Negativa
8	82285	25 L 223194 9045043	Tradagem Negativa
8	82290	25 L 223243 9045131	Ponto Vistoriado
8	82295	25 L 223273 9045226	Tradagem Negativa
8	82300	25 L 223288 9045325	Ponto Vistoriado
8	82305	25 L 223302 9045424	Ponto Vistoriado
8	82310	25 L 223316 9045523	Ponto Vistoriado
8	82315	25 L 223331 9045621	Não Alcançado
8	82320	25 L 223363 9045716	Ponto Vistoriado
8	82325	25 L 223412 9045803	Tradagem Negativa
8	82330	25 L 223473 9045882	Ponto Vistoriado
8	82335	25 L 223538 9045958	Ponto Vistoriado
8	82340	25 L 223614 9046022	Ponto Vistoriado
8	82345	25 L 223702 9046070	Ponto Vistoriado
8	82350	25 L 223796 9046104	Ponto Vistoriado
8	82355	25 L 223890 9046138	Ponto Vistoriado
8	82360	25 L 223985 9046171	Ponto Vistoriado
8	82365	25 L 224079 9046205	Ponto Vistoriado
8	82370	25 L 224173 9046238	Ponto Vistoriado
8	82375	25 L 224267 9046272	Ponto Vistoriado
8	82380	25 L 224362 9046305	Ponto Vistoriado
8	82385	25 L 224456 9046338	Ponto Vistoriado
8	82390	25 L 224550 9046372	Ponto Vistoriado
8	82395	25 L 224644 9046405	Ponto Vistoriado
8	82400	25 L 224739 9046439	Ponto Vistoriado
8	82405	25 L 224833 9046472	Ponto Vistoriado
8	82410	25 L 224927 9046506	Ponto Vistoriado
8	82415	25 L 225022 9046537	Ponto Vistoriado
8	82420	25 L 225120 9046557	Ponto Vistoriado
8	82425	25 L 225219 9046565	Ponto Vistoriado
8	82430	25 L 225319 9046563	Ponto Vistoriado
8	82435	25 L 225419 9046558	Ponto Vistoriado
8	82440	25 L 225519 9046553	Ponto Vistoriado
8	82445	25 L 225619 9046549	Ponto Vistoriado
8	82450	25 L 225719 9046544	Ponto Vistoriado
8	82455	25 L 225819 9046539	Ponto Vistoriado
8	82460	25 L 225919 9046534	Ponto Vistoriado
8	82465	25 L 226019 9046534	Ponto Vistoriado
8	82470	25 L 226117 9046552	Ponto Vistoriado
8	82475	25 L 226210 9046587	Ponto Vistoriado
8	82480	25 L 226304 9046623	Ponto Vistoriado
8	82485	25 L 226402 9046641	Ponto Vistoriado
8	82490	25 L 226502 9046646	Ponto Vistoriado
8	82495	25 L 226602 9046649	Ponto Vistoriado
8	82500	25 L 226702 9046652	Ponto Vistoriado
8	82505	25 L 226802 9046655	Ponto Vistoriado
8	82510	25 L 226901 9046659	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
8	82515	25 L 227001 9046666	Não Alcançado
8	82520	25 L 227098 9046691	Não Alcançado
8	82525	25 L 227188 9046735	Ponto Vistoriado
8	82530	25 L 227267 9046795	Ponto Vistoriado
8	82535	25 L 227332 9046870	Ponto Vistoriado
8	82540	25 L 227385 9046956	Ponto Vistoriado
8	82545	25 L 227435 9047042	Ponto Vistoriado
8	82550	25 L 227486 9047128	Ponto Vistoriado
8	82555	25 L 227551 9047204	Ponto Vistoriado
8	82560	25 L 227629 9047266	Ponto Vistoriado
8	82565	25 L 227717 9047314	Ponto Vistoriado
8	82570	25 L 227806 9047360	Ponto Vistoriado
8	82575	25 L 227894 9047406	Ponto Vistoriado
8	82580	25 L 227983 9047452	Ponto Vistoriado
8	82585	25 L 228070 9047502	Ponto Vistoriado
8	82590	25 L 228152 9047559	Ponto Vistoriado
8	82595	25 L 228234 9047616	Ponto Vistoriado
8	82600	25 L 228316 9047673	Ponto Vistoriado
8	82605	25 L 228398 9047731	Ponto Vistoriado
8	82610	25 L 228480 9047788	Ponto Vistoriado
8	82615	25 L 228563 9047844	Ponto Vistoriado
8	82620	25 L 228652 9047889	Ponto Vistoriado
8	82625	25 L 228747 9047918	Ponto Vistoriado
8	82630	25 L 228845 9047942	Ponto Vistoriado
8	82635	25 L 228942 9047965	Ponto Vistoriado
8	82640	25 L 229039 9047988	Ponto Vistoriado
8	82645	25 L 229136 9048012	Ponto Vistoriado
8	82650	25 L 229232 9048040	Ponto Vistoriado
8	82655	25 L 229321 9048085	Ponto Vistoriado
8	82660	25 L 229399 9048147	Ponto Vistoriado
8	82665	25 L 229464 9048223	Ponto Vistoriado
8	82670	25 L 229521 9048306	Não Alcançado
8	82675	25 L 229578 9048388	Ponto Vistoriado
8	82680	25 L 229635 9048470	Ponto Vistoriado
8	82685	25 L 229692 9048552	Ponto Vistoriado
8	82690	25 L 229749 9048634	Ponto Vistoriado
8	82695	25 L 229806 9048717	Ponto Vistoriado
8	82700	25 L 229864 9048798	Ponto Vistoriado
8	82705	25 L 229935 9048868	Ponto Vistoriado
8	82710	25 L 230019 9048922	Não Alcançado
9	90000	25 L 230097 9048959	Ponto Vistoriado
9	90005	25 L 230190 9048997	Ponto Vistoriado
9	90010	25 L 230284 9049029	Ponto Vistoriado
9	90015	25 L 230379 9049061	Ponto Vistoriado
9	90020	25 L 230474 9049092	Ponto Vistoriado
9	90025	25 L 230569 9049125	Ponto Vistoriado
9	90030	25 L 230657 9049171	Ponto Vistoriado
9	90035	25 L 230735 9049234	Ponto Vistoriado
9	90040	25 L 230811 9049298	Ponto Vistoriado
9	90045	25 L 230898 9049348	Ponto Vistoriado
9	90050	25 L 230994 9049375	Ponto Vistoriado
9	90055	25 L 231093 9049377	Ponto Vistoriado
9	90060	25 L 231191 9049356	Ponto Vistoriado
9	90065	25 L 231287 9049328	Ponto Vistoriado
9	90070	25 L 231383 9049300	Ponto Vistoriado
9	90075	25 L 231479 9049273	Ponto Vistoriado
9	90080	25 L 231576 9049250	Ponto Vistoriado
9	90085	25 L 231675 9049230	Ponto Vistoriado
9	90090 (Oc 159)	25 L 231773 9049213	Tradagem Positiva
9	90095	25 L 231871 9049196	Tradagem Negativa
9	90100	25 L 231970 9049178	Tradagem Negativa
9	90105	25 L 232068 9049161	Tradagem Negativa
9	90110	25 L 232167 9049144	Tradagem Negativa

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	90115	25 L 232265 9049126	Não Alcançado
9	90120	25 L 232364 9049109	Não Alcançado
9	90125	25 L 232462 9049092	Não Alcançado
9	90130	25 L 232561 9049074	Não Alcançado
9	90135	25 L 232659 9049054	Não Alcançado
9	90140	25 L 232754 9049023	Tradagem Negativa
9	90145	25 L 232846 9048983	Tradagem Negativa
9	90150	25 L 232937 9048943	Não Alcançado
9	90155	25 L 233029 9048903	Não Alcançado
9	90160	25 L 233120 9048862	Não Alcançado
9	90165	25 L 233214 9048828	Não Alcançado
9	90170	25 L 233311 9048805	Não Alcançado
9	90175	25 L 233409 9048786	Não Alcançado
9	90180	25 L 233508 9048767	Não Alcançado
9	90185	25 L 233606 9048749	Não Alcançado
9	90190	25 L 233704 9048730	Não Alcançado
9	90195	25 L 233802 9048711	Tradagem Negativa
9	90200	25 L 233901 9048693	Não Alcançado
9	90205	25 L 234000 9048684	Não Alcançado
9	90210	25 L 234099 9048700	Não Alcançado
9	90215	25 L 234190 9048740	Não Alcançado
9	90220	25 L 234269 9048801	Não Alcançado
9	90225	25 L 234330 9048879	Não Alcançado
9	90230	25 L 234370 9048971	Tradagem Negativa
9	90235	25 L 234386 9049069	Não Alcançado
9	90240	25 L 234377 9049169	Ponto Vistoriado
9	90245	25 L 234344 9049263	Não Alcançado
9	90250	25 L 234292 9049347	Ponto Vistoriado
9	90255	25 L 234236 9049430	Ponto Vistoriado
9	90260	25 L 234179 9049513	Ponto Vistoriado
9	90265	25 L 234123 9049596	Ponto Vistoriado
9	90270	25 L 234067 9049679	Tradagem Negativa
9	90275	25 L 234011 9049761	Ponto Vistoriado
9	90280	25 L 233948 9049839	Não Alcançado
9	90285	25 L 233876 9049909	Não Alcançado
9	90290	25 L 233799 9049972	Não Alcançado
9	90295	25 L 233722 9050035	Ponto Vistoriado
9	90300	25 L 233647 9050101	Não Alcançado
9	90305	25 L 233588 9050182	Ponto Vistoriado
9	90310	25 L 233550 9050274	Ponto Vistoriado
9	90315	25 L 233537 9050373	Ponto Vistoriado
9	90320	25 L 233549 9050472	Ponto Vistoriado
9	90325	25 L 233584 9050565	Ponto Vistoriado
9	90330	25 L 233642 9050647	Não Alcançado
9	90335	25 L 233718 9050711	Ponto Vistoriado
9	90340	25 L 233807 9050756	Ponto Vistoriado
9	90345	25 L 233900 9050792	Ponto Vistoriado
9	90350	25 L 233991 9050834	Ponto Vistoriado
9	90355	25 L 234074 9050889	Ponto Vistoriado
9	90360	25 L 234147 9050958	Não Alcançado
9	90365	25 L 234207 9051038	Não Alcançado
9	90370	25 L 234256 9051125	Não Alcançado
9	90375	25 L 234304 9051213	Não Alcançado
9	90380	25 L 234351 9051301	Ponto Vistoriado
9	90385	25 L 234399 9051389	Não Alcançado
9	90390	25 L 234461 9051466	Não Alcançado
9	90395	25 L 234541 9051526	Não Alcançado
9	90400	25 L 234633 9051565	Não Alcançado
9	90405	25 L 234732 9051579	Não Alcançado
9	90410	25 L 234831 9051569	Não Alcançado
9	90415	25 L 234925 9051535	Não Alcançado
9	90420	25 L 235015 9051492	Não Alcançado
9	90425	25 L 235106 9051449	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	90430	25 L 235196 9051407	Ponto Vistoriado
9	90435	25 L 235290 9051372	Tradagem Negativa
9	90440	25 L 235389 9051360	Tradagem Negativa
9	90445	25 L 235488 9051373	Ponto Vistoriado
9	90450	25 L 235580 9051410	Ponto Vistoriado
9	90455	25 L 235661 9051469	Não Alcançado
9	90460	25 L 235724 9051546	Não Alcançado
9	90465	25 L 235766 9051636	Não Alcançado
9	90470	25 L 235785 9051734	Não Alcançado
9	90475	25 L 235785 9051834	Não Alcançado
9	90480	25 L 235782 9051934	Não Alcançado
9	90485	25 L 235796 9052033	Não Alcançado
9	90490	25 L 235834 9052125	Não Alcançado
9	90495	25 L 235893 9052206	Não Alcançado
9	90500	25 L 235970 9052269	Não Alcançado
9	90505	25 L 236061 9052311	Não Alcançado
9	90510	25 L 236159 9052329	Não Alcançado
9	90515	25 L 236258 9052322	Não Alcançado
9	90520	25 L 236356 9052300	Não Alcançado
9	90525	25 L 236453 9052276	Ponto Vistoriado
9	90530	25 L 236550 9052253	Tradagem Negativa
9	90535	25 L 236647 9052229	Tradagem Negativa
9	90540	25 L 236745 9052206	Tradagem Negativa
9	90545	25 L 236842 9052183	Tradagem Negativa
9	90550	25 L 236939 9052159	Tradagem Negativa
9	90555	25 L 237038 9052148	Tradagem Negativa
9	90560	25 L 237137 9052162	Tradagem Negativa
9	90565	25 L 237230 9052198	Tradagem Negativa
9	90570	25 L 237322 9052239	Tradagem Negativa
9	90575	25 L 237413 9052280	Tradagem Negativa
9	90580	25 L 237504 9052321	Tradagem Negativa
9	90585	25 L 237598 9052354	Tradagem Negativa
9	90590	25 L 237697 9052367	Tradagem Negativa
9	90595	25 L 237796 9052381	Tradagem Negativa
9	90600	25 L 237890 9052415	Tradagem Negativa
9	90605	25 L 237972 9052472	Tradagem Negativa
9	90610	25 L 238044 9052541	Tradagem Negativa
9	90615	25 L 238116 9052610	Tradagem Negativa
9	90620	25 L 238189 9052679	Tradagem Negativa
9	90625	25 L 238261 9052749	Tradagem Negativa
9	90630	25 L 238340 9052810	Tradagem Negativa
9	90635	25 L 238431 9052850	Ponto Vistoriado
9	90640	25 L 238529 9052867	Tradagem Negativa
9	90645	25 L 238629 9052871	Não Alcançado
9	90650	25 L 238729 9052874	Não Alcançado
9	90655	25 L 238829 9052878	Não Alcançado
9	90660	25 L 238929 9052881	Não Alcançado
9	90665	25 L 239029 9052881	Tradagem Negativa
9	90670	25 L 239129 9052875	Tradagem Negativa
9	90675	25 L 239228 9052864	Tradagem Negativa
9	90680	25 L 239327 9052849	Tradagem Negativa
9	90685	25 L 239425 9052830	Não Alcançado
9	90690	25 L 239522 9052806	Não Alcançado
9	90695	25 L 239613 9052766	Não Alcançado
9	90700	25 L 239698 9052713	Tradagem Negativa
9	90705	25 L 239781 9052657	Tradagem Negativa
9	90710	25 L 239868 9052607	Ponto Vistoriado
9	90715	25 L 239964 9052579	Não Alcançado
9	90720	25 L 240063 9052576	Não Alcançado
9	90725	25 L 240161 9052597	Tradagem Negativa
9	90730	25 L 240250 9052642	Não Alcançado
9	90735	25 L 240326 9052706	Tradagem Negativa
9	90740	25 L 240398 9052776	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	90745	25 L 240474 9052840	Ponto Vistoriado
9	90750	25 L 240563 9052885	Ponto Vistoriado
9	90755	25 L 240660 9052907	Ponto Vistoriado
9	90760	25 L 240760 9052904	Ponto Vistoriado
9	90765	25 L 240856 9052876	Não Alcançado
9	90770	25 L 240942 9052826	Não Alcançado
9	90775	25 L 241013 9052756	Não Alcançado
9	90780	25 L 241072 9052675	Ponto Vistoriado
9	90785	25 L 241130 9052594	Ponto Vistoriado
9	90790	25 L 241189 9052513	Ponto Vistoriado
9	90795	25 L 241253 9052437	Ponto Vistoriado
9	90800	25 L 241334 9052378	Não Alcançado
9	90805	25 L 241426 9052340	Não Alcançado
9	90810	25 L 241525 9052327	Não Alcançado
9	90815	25 L 241624 9052337	Não Alcançado
9	90820	25 L 241723 9052356	Ponto Vistoriado
9	90825	25 L 241821 9052374	Ponto Vistoriado
9	90830	25 L 241919 9052392	Não Alcançado
9	90835	25 L 242018 9052410	Não Alcançado
9	90840	25 L 242116 9052428	Não Alcançado
9	90845	25 L 242214 9052447	Não Alcançado
9	90850	25 L 242313 9052465	Não Alcançado
9	90855	25 L 242411 9052483	Ponto Vistoriado
9	90860	25 L 242508 9052505	Ponto Vistoriado
9	90865	25 L 242599 9052548	Não Alcançado
9	90870	25 L 242675 9052611	Ponto Vistoriado
9	90875	25 L 242734 9052692	Ponto Vistoriado
9	90880	25 L 242771 9052785	Não Alcançado
9	90885	25 L 242784 9052883	Não Alcançado
9	90890	25 L 242779 9052983	Não Alcançado
9	90895	25 L 242773 9053083	Não Alcançado
9	90900	25 L 242771 9053183	Não Alcançado
9	90905	25 L 242773 9053283	Não Alcançado
9	90910	25 L 242781 9053383	Não Alcançado
9	90915	25 L 242791 9053482	Não Alcançado
9	90920	25 L 242801 9053582	Não Alcançado
9	90925	25 L 242811 9053681	Ponto Vistoriado
9	90930	25 L 242821 9053781	Não Alcançado
9	90935	25 L 242831 9053880	Não Alcançado
9	90940	25 L 242841 9053980	Não Alcançado
9	90945	25 L 242851 9054079	Não Alcançado
9	90950	25 L 242860 9054179	Não Alcançado
9	90955	25 L 242870 9054278	Não Alcançado
9	90960	25 L 242880 9054378	Não Alcançado
9	90965	25 L 242894 9054477	Não Alcançado
9	90970	25 L 242923 9054572	Não Alcançado
9	90975	25 L 242967 9054662	Não Alcançado
9	90980	25 L 243025 9054743	Não Alcançado
9	90985	25 L 243088 9054821	Ponto Vistoriado
9	90990	25 L 243140 9054906	Tradagem Negativa
9	90995	25 L 243169 9055002	Ponto Vistoriado
9	91000	25 L 243174 9055101	Ponto Vistoriado
9	91005	25 L 243161 9055200	Ponto Vistoriado
9	91010	25 L 243151 9055300	Tradagem Negativa
9	91015	25 L 243163 9055399	Tradagem Negativa
9	91020	25 L 243198 9055492	Ponto Vistoriado
9	91025	25 L 243255 9055574	Ponto Vistoriado
9	91030	25 L 243331 9055639	Ponto Vistoriado
9	91035	25 L 243421 9055683	Ponto Vistoriado
9	91040	25 L 243517 9055710	Tradagem Negativa
9	91045	25 L 243613 9055736	Tradagem Negativa
9	91050	25 L 243710 9055762	Tradagem Negativa
9	91055	25 L 243807 9055788	Tradagem Negativa

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	91060	25 L 243903 9055813	Ponto Vistoriado
9	91065	25 L 244002 9055825	Tradagem Negativa
9	91070	25 L 244101 9055813	Tradagem Negativa
9	91075	25 L 244199 9055792	Ponto Vistoriado
9	91080	25 L 244297 9055771	Ponto Vistoriado
9	91085	25 L 244395 9055753	Ponto Vistoriado
9	91090	25 L 244495 9055755	Ponto Vistoriado
9	91095	25 L 244591 9055781	Tradagem Negativa
9	91100	25 L 244678 9055831	Tradagem Negativa
9	91105	25 L 244749 9055900	Tradagem Negativa
9	91110	25 L 244802 9055985	Tradagem Negativa
9	91115	25 L 244839 9056078	Tradagem Negativa
9	91120	25 L 244875 9056171	Tradagem Negativa
9	91125	25 L 244911 9056264	Tradagem Negativa
9	91130	25 L 244948 9056357	Tradagem Negativa
9	91135	25 L 244988 9056449	Tradagem Negativa
9	91140	25 L 245032 9056539	Tradagem Negativa
9	91145	25 L 245078 9056628	Tradagem Negativa
9	91150	25 L 245127 9056715	Tradagem Negativa
9	91155	25 L 245179 9056800	Tradagem Negativa
9	91160	25 L 245234 9056884	Tradagem Negativa
9	91165	25 L 245291 9056966	Tradagem Negativa
9	91170	25 L 245352 9057045	Tradagem Negativa
9	91175	25 L 245414 9057123	Tradagem Negativa
9	91180	25 L 245480 9057199	Tradagem Negativa
9	91185	25 L 245548 9057272	Tradagem Negativa
9	91190	25 L 245618 9057343	Tradagem Negativa
9	91195	25 L 245688 9057414	Tradagem Negativa
9	91200	25 L 245759 9057485	Tradagem Negativa
9	91205	25 L 245829 9057556	Tradagem Negativa
9	91210	25 L 245900 9057627	Não Alcançado
9	91215	25 L 245970 9057698	Não Alcançado
9	91220	25 L 246040 9057769	Não Alcançado
9	91225	25 L 246111 9057840	Não Alcançado
9	91230	25 L 246181 9057911	Não Alcançado
9	91235	25 L 246252 9057982	Ponto Vistoriado
9	91240	25 L 246322 9058053	Não Alcançado
9	91245	25 L 246393 9058124	Não Alcançado
9	91250	25 L 246463 9058195	Tradagem Negativa
9	91255	25 L 246534 9058266	Tradagem Negativa
9	91260	25 L 246604 9058337	Tradagem Negativa
9	91265	25 L 246674 9058408	Tradagem Negativa
9	91270	25 L 246745 9058479	Tradagem Negativa
9	91275	25 L 246815 9058550	Não Alcançado
9	91280	25 L 246886 9058621	Ponto Vistoriado
9	91285	25 L 246956 9058692	Ponto Vistoriado
9	91290	25 L 247025 9058764	Ponto Vistoriado
9	91295	25 L 247091 9058840	Ponto Vistoriado
9	91300	25 L 247152 9058919	Ponto Vistoriado
9	91305	25 L 247210 9059000	Tradagem Negativa
9	91310	25 L 247263 9059085	Tradagem Negativa
9	91315	25 L 247313 9059172	Tradagem Negativa
9	91320	25 L 247357 9059261	Ponto Vistoriado
9	91325	25 L 247397 9059353	Tradagem Negativa
9	91330	25 L 247433 9059446	Ponto Vistoriado
9	91335	25 L 247466 9059541	Tradagem Negativa
9	91340	25 L 247500 9059635	Tradagem Negativa
9	91345	25 L 247533 9059729	Tradagem Negativa
9	91350	25 L 247566 9059824	Tradagem Negativa
9	91355	25 L 247599 9059918	Tradagem Negativa
9	91360	25 L 247633 9060012	Ponto Vistoriado
9	91365	25 L 247666 9060107	Ponto Vistoriado
9	91370	25 L 247699 9060201	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	91375	25 L 247733 9060295	Tradagem Negativa
9	91380	25 L 247766 9060389	Tradagem Negativa
9	91385	25 L 247799 9060484	Tradagem Negativa
9	91390	25 L 247833 9060578	Tradagem Negativa
9	91395	25 L 247866 9060672	Tradagem Negativa
9	91400	25 L 247897 9060767	Tradagem Negativa
9	91405	25 L 247924 9060864	Tradagem Negativa
9	91410	25 L 247946 9060961	Tradagem Negativa
9	91415	25 L 247963 9061060	Tradagem Negativa
9	91420	25 L 247978 9061159	Não Alcançado
9	91425	25 L 247993 9061257	Não Alcançado
9	91430	25 L 248007 9061356	Não Alcançado
9	91435	25 L 248022 9061455	Tradagem Negativa
9	91440	25 L 248037 9061554	Não Alcançado
9	91445	25 L 248052 9061653	Não Alcançado
9	91450	25 L 248067 9061752	Não Alcançado
9	91455	25 L 248081 9061851	Não Alcançado
9	91460	25 L 248096 9061950	Não Alcançado
9	91465	25 L 248124 9062046	Não Alcançado
9	91470	25 L 248174 9062132	Tradagem Negativa
9	91475	25 L 248241 9062206	Não Alcançado
9	91480	25 L 248310 9062278	Não Alcançado
9	91485	25 L 248377 9062352	Não Alcançado
9	91490	25 L 248429 9062438	Não Alcançado
9	91495	25 L 248457 9062533	Ponto Vistoriado
9	91500	25 L 248461 9062633	Ponto Vistoriado
9	91505	25 L 248448 9062732	Ponto Vistoriado
9	91510	25 L 248435 9062831	Não Alcançado
9	91515	25 L 248431 9062931	Não Alcançado
9	91520	25 L 248440 9063031	Não Alcançado
9	91525	25 L 248460 9063128	Não Alcançado
9	91530	25 L 248492 9063223	Tradagem Negativa
9	91535	25 L 248525 9063318	Tradagem Negativa
9	91540	25 L 248558 9063412	Ponto Vistoriado
9	91545	25 L 248591 9063506	Ponto Vistoriado
9	91550	25 L 248624 9063601	Não Alcançado
9	91555	25 L 248647 9063698	Não Alcançado
9	91560	25 L 248654 9063798	Não Alcançado
9	91565	25 L 248643 9063897	Não Alcançado
9	91570	25 L 248617 9063993	Não Alcançado
9	91575	25 L 248575 9064084	Não Alcançado
9	91580	25 L 248525 9064170	Não Alcançado
9	91585	25 L 248474 9064257	Não Alcançado
9	91590	25 L 248431 9064347	Não Alcançado
9	91595	25 L 248410 9064444	Não Alcançado
9	91600	25 L 248414 9064544	Não Alcançado
9	91605	25 L 248443 9064640	Não Alcançado
9	91610	25 L 248494 9064725	Não Alcançado
9	91615	25 L 248565 9064795	Não Alcançado
9	91620	25 L 248647 9064852	Não Alcançado
9	91625	25 L 248731 9064907	Não Alcançado
9	91630	25 L 248814 9064963	Não Alcançado
9	91635	25 L 248897 9065018	Não Alcançado
9	91640	25 L 248980 9065074	Não Alcançado
9	91645	25 L 249063 9065129	Não Alcançado
9	91650	25 L 249152 9065174	Não Alcançado
9	91655	25 L 249250 9065196	Não Alcançado
9	91660	25 L 249349 9065194	Não Alcançado
9	91665	25 L 249446 9065170	Não Alcançado
9	91670	25 L 249542 9065142	Não Alcançado
9	91675	25 L 249641 9065126	Não Alcançado
9	91680	25 L 249740 9065134	Não Alcançado
9	91685	25 L 249835 9065166	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	91690	25 L 249918 9065221	Ponto Vistoriado
9	91695	25 L 249985 9065294	Tradagem Negativa
9	91700	25 L 250032 9065382	Ponto Vistoriado
9	91705	25 L 250056 9065479	Tradagem Negativa
9	91710	25 L 250065 9065579	Ponto Vistoriado
9	91715	25 L 250087 9065676	Tradagem Negativa
9	91720	25 L 250132 9065765	Ponto Vistoriado
9	91725	25 L 250197 9065840	Ponto Vistoriado
9	91730	25 L 250274 9065905	Ponto Vistoriado
9	91735	25 L 250351 9065968	Não Alcançado
9	91740	25 L 250426 9066034	Não Alcançado
9	91745	25 L 250486 9066114	Não Alcançado
9	91750	25 L 250528 9066205	Não Alcançado
9	91755	25 L 250566 9066297	Não Alcançado
9	91760	25 L 250617 9066383	Não Alcançado
9	91765	25 L 250681 9066460	Não Alcançado
9	91770	25 L 250757 9066525	Não Alcançado
9	91775	25 L 250842 9066576	Não Alcançado
9	91780	25 L 250935 9066613	Não Alcançado
9	91785	25 L 251033 9066635	Não Alcançado
9	91790	25 L 251131 9066654	Não Alcançado
9	91795	25 L 251229 9066673	Não Alcançado
9	91800	25 L 251327 9066692	Não Alcançado
9	91805	25 L 251426 9066711	Não Alcançado
9	91810	25 L 251524 9066728	Não Alcançado
9	91815	25 L 251624 9066730	Ponto Vistoriado
9	91820	25 L 251723 9066721	Ponto Vistoriado
9	91825	25 L 251823 9066711	Ponto Vistoriado
9	91830	25 L 251923 9066703	Tradagem Negativa
9	91835	25 L 252022 9066710	Tradagem Negativa
9	91840	25 L 252119 9066734	Tradagem Negativa
9	91845	25 L 252211 9066774	Ponto Vistoriado
9	91850	25 L 252295 9066828	Ponto Vistoriado
9	91855	25 L 252369 9066895	Ponto Vistoriado
9	91860	25 L 252430 9066974	Ponto Vistoriado
9	91865	25 L 252485 9067057	Ponto Vistoriado
9	91870	25 L 252545 9067137	Tradagem Negativa
9	91875	25 L 252617 9067207	Ponto Vistoriado
9	91880	25 L 252699 9067264	Ponto Vistoriado
9	91885	25 L 252789 9067306	Não Alcançado
9	91890	25 L 252885 9067334	Não Alcançado
9	91895	25 L 252983 9067357	Não Alcançado
9	91900	25 L 253080 9067380	Não Alcançado
9	91905	25 L 253177 9067403	Não Alcançado
9	91910	25 L 253275 9067426	Não Alcançado
9	91915	25 L 253372 9067448	Ponto Vistoriado
9	91920	25 L 253469 9067471	Não Alcançado
9	91925	25 L 253567 9067494	Ponto Vistoriado
9	91930	25 L 253664 9067517	Não Alcançado
9	91935	25 L 253761 9067540	Ponto Vistoriado
9	91940	25 L 253859 9067563	Ponto Vistoriado
9	91945	25 L 253956 9067587	Ponto Vistoriado
9	91950	25 L 254049 9067622	Ponto Vistoriado
9	91955	25 L 254136 9067672	Não Alcançado
9	91960	25 L 254213 9067736	Não Alcançado
9	91965	25 L 254278 9067811	Ponto Vistoriado
9	91970	25 L 254330 9067897	Não Alcançado
9	91975	25 L 254367 9067989	Ponto Vistoriado
9	91980	25 L 254398 9068085	Tradagem Negativa
9	91985	25 L 254432 9068178	Não Alcançado
9	91990	25 L 254475 9068269	Ponto Vistoriado
9	91995	25 L 254527 9068354	Não Alcançado
9	92000	25 L 254587 9068434	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	92005	25 L 254654 9068508	Não Alcançado
9	92010	25 L 254726 9068578	Não Alcançado
9	92015	25 L 254798 9068647	Não Alcançado
9	92020	25 L 254870 9068716	Ponto Vistoriado
9	92025	25 L 254942 9068785	Tradagem Negativa
9	92030	25 L 255015 9068855	Não Alcançado
9	92035	25 L 255087 9068924	Não Alcançado
9	92040	25 L 255159 9068993	Não Alcançado
9	92045	25 L 255232 9069061	Não Alcançado
9	92050	25 L 255308 9069127	Não Alcançado
9	92055	25 L 255387 9069188	Não Alcançado
9	92060	25 L 255469 9069245	Não Alcançado
9	92065	25 L 255552 9069300	Não Alcançado
9	92070	25 L 255636 9069355	Não Alcançado
9	92075	25 L 255720 9069409	Não Alcançado
9	92080	25 L 255803 9069464	Não Alcançado
9	92085	25 L 255883 9069524	Não Alcançado
9	92090	25 L 255948 9069600	Tradagem Negativa
9	92095	25 L 256005 9069682	Ponto Vistoriado
9	92100	25 L 256062 9069764	Ponto Vistoriado
9	92105	25 L 256120 9069846	Não Alcançado
9	92110	25 L 256177 9069928	Ponto Vistoriado
9	92115	25 L 256234 9070010	Ponto Vistoriado
9	92120	25 L 256292 9070091	Ponto Vistoriado
9	92125	25 L 256353 9070171	Não Alcançado
9	92130	25 L 256414 9070251	Não Alcançado
9	92135	25 L 256474 9070330	Não Alcançado
9	92140	25 L 256535 9070410	Não Alcançado
9	92145	25 L 256595 9070489	Não Alcançado
9	92150	25 L 256656 9070569	Ponto Vistoriado
9	92155	25 L 256717 9070648	Não Alcançado
9	92160	25 L 256777 9070728	Não Alcançado
9	92165	25 L 256838 9070807	Não Alcançado
9	92170	25 L 256898 9070887	Não Alcançado
9	92175	25 L 256959 9070966	Não Alcançado
9	92180	25 L 257025 9071041	Não Alcançado
9	92185	25 L 257098 9071110	Não Alcançado
9	92190	25 L 257175 9071174	Não Alcançado
9	92195	25 L 257252 9071238	Ponto Vistoriado
9	92200	25 L 257326 9071305	Não Alcançado
9	92205	25 L 257393 9071379	Não Alcançado
9	92210	25 L 257452 9071459	Não Alcançado
9	92215	25 L 257504 9071545	Não Alcançado
9	92220	25 L 257546 9071636	Não Alcançado
9	92225	25 L 257583 9071729	Não Alcançado
9	92230	25 L 257619 9071822	Não Alcançado
9	92235	25 L 257655 9071915	Ponto Vistoriado
9	92240	25 L 257692 9072008	Não Alcançado
9	92245	25 L 257730 9072101	Não Alcançado
9	92250	25 L 257778 9072188	Não Alcançado
9	92255	25 L 257837 9072269	Não Alcançado
9	92260	25 L 257905 9072342	Não Alcançado
9	92265	25 L 257981 9072407	Não Alcançado
9	92270	25 L 258066 9072461	Não Alcançado
9	92275	25 L 258156 9072504	Não Alcançado
9	92280	25 L 258249 9072540	Não Alcançado
9	92285	25 L 258342 9072576	Não Alcançado
9	92290	25 L 258435 9072613	Não Alcançado
9	92295	25 L 258528 9072649	Não Alcançado
9	92300	25 L 258622 9072685	Não Alcançado
9	92305	25 L 258715 9072721	Ponto Vistoriado
9	92310	25 L 258808 9072757	Não Alcançado
9	92315	25 L 258901 9072795	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	92320	25 L 258989 9072841	Não Alcançado
9	92325	25 L 259071 9072898	Não Alcançado
9	92330	25 L 259146 9072965	Não Alcançado
9	92335	25 L 259211 9073040	Não Alcançado
9	92340	25 L 259267 9073123	Não Alcançado
9	92345	25 L 259311 9073213	Não Alcançado
9	92350	25 L 259350 9073305	Não Alcançado
9	92355	25 L 259388 9073397	Não Alcançado
9	92360	25 L 259425 9073490	Não Alcançado
9	92365	25 L 259445 9073588	Não Alcançado
9	92370	25 L 259440 9073688	Não Alcançado
9	92375	25 L 259410 9073783	Não Alcançado
9	92380	25 L 259370 9073875	Não Alcançado
9	92385	25 L 259329 9073966	Não Alcançado
9	92390	25 L 259289 9074057	Ponto Vistoriado
9	92395	25 L 259248 9074149	Tradagem Negativa
9	92400	25 L 259208 9074240	Ponto Vistoriado
9	92405	25 L 259167 9074332	Não Alcançado
9	92410	25 L 259127 9074423	Não Alcançado
9	92415	25 L 259089 9074515	Não Alcançado
9	92420	25 L 259064 9074612	Ponto Vistoriado
9	92425	25 L 259057 9074712	Ponto Vistoriado
9	92430	25 L 259066 9074811	Não Alcançado
9	92435	25 L 259087 9074909	Ponto Vistoriado
9	92440	25 L 259109 9075007	Tradagem Negativa
9	92445	25 L 259131 9075104	Não Alcançado
9	92450	25 L 259154 9075202	Não Alcançado
9	92455	25 L 259176 9075299	Não Alcançado
9	92460	25 L 259198 9075397	Tradagem Negativa
9	92465	25 L 259220 9075495	Tradagem Negativa
9	92470	25 L 259243 9075592	Tradagem Negativa
9	92475	25 L 259265 9075689	Ponto Vistoriado
9	92480	25 L 259297 9075783	Ponto Vistoriado
9	92485	25 L 259352 9075867	Ponto Vistoriado
9	92490	25 L 259425 9075935	Ponto Vistoriado
9	92495	25 L 259513 9075982	Não Alcançado
9	92500	25 L 259610 9076006	Não Alcançado
9	92505	25 L 259709 9076021	Não Alcançado
9	92635	25 L 259772 9076031	Ponto Vistoriado
9	92640	25 L 259870 9076046	Ponto Vistoriado
9	92645	25 L 259969 9076061	Ponto Vistoriado
9	92650	25 L 260068 9076075	Ponto Vistoriado
9	92655	25 L 260167 9076090	Ponto Vistoriado
9	92660	25 L 260266 9076105	Ponto Vistoriado
9	92665	25 L 260365 9076117	Ponto Vistoriado
9	92670	25 L 260465 9076114	Ponto Vistoriado
9	92675	25 L 260563 9076096	Ponto Vistoriado
9	92680	25 L 260658 9076065	Ponto Vistoriado
9	92685	25 L 260756 9076044	Ponto Vistoriado
9	92690	25 L 260856 9076045	Ponto Vistoriado
9	92695	25 L 260953 9076067	Ponto Vistoriado
9	92700	25 L 261046 9076105	Ponto Vistoriado
9	92705	25 L 261139 9076142	Ponto Vistoriado
9	92710	25 L 261235 9076167	Ponto Vistoriado
9	92715	25 L 261335 9076179	Ponto Vistoriado
9	92720	25 L 261435 9076177	Ponto Vistoriado
9	92725	25 L 261534 9076164	Ponto Vistoriado
9	92730	25 L 261633 9076149	Ponto Vistoriado
9	92735	25 L 261731 9076134	Ponto Vistoriado
9	92740	25 L 261831 9076121	Ponto Vistoriado
9	92745	25 L 261930 9076117	Ponto Vistoriado
9	92750	25 L 262030 9076122	Ponto Vistoriado
9	92755	25 L 262129 9076136	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	92760	25 L 262226 9076159	Ponto Vistoriado
9	92765	25 L 262321 9076191	Ponto Vistoriado
9	92770	25 L 262412 9076232	Ponto Vistoriado
9	92775	25 L 262499 9076281	Ponto Vistoriado
9	92780	25 L 262581 9076338	Ponto Vistoriado
9	92785	25 L 262658 9076403	Ponto Vistoriado
9	92790	25 L 262728 9076474	Ponto Vistoriado
9	92795	25 L 262791 9076551	Ponto Vistoriado
9	92800	25 L 262850 9076632	Ponto Vistoriado
9	92805	25 L 262918 9076705	Ponto Vistoriado
9	92810	25 L 263001 9076760	Ponto Vistoriado
9	92815	25 L 263096 9076793	Ponto Vistoriado
9	92820	25 L 263195 9076801	Ponto Vistoriado
9	92825	25 L 263295 9076794	Ponto Vistoriado
9	92830	25 L 263394 9076806	Ponto Vistoriado
9	92835	25 L 263487 9076842	Ponto Vistoriado
9	92840	25 L 263568 9076899	Ponto Vistoriado
9	92845	25 L 263633 9076976	Ponto Vistoriado
9	92850	25 L 263679 9077064	Ponto Vistoriado
9	92855	25 L 263715 9077157	Ponto Vistoriado
9	92860	25 L 263733 9077255	Ponto Vistoriado
9	92865	25 L 263732 9077355	Não Alcançado
9	92870	25 L 263714 9077454	Não Alcançado
9	92875	25 L 263692 9077551	Não Alcançado
9	92880	25 L 263669 9077648	Ponto Vistoriado
9	92885	25 L 263646 9077746	Ponto Vistoriado
9	92890	25 L 263624 9077843	Ponto Vistoriado
9	92895	25 L 263601 9077941	Ponto Vistoriado
9	92900	25 L 263579 9078038	Ponto Vistoriado
9	92905	25 L 263556 9078136	Ponto Vistoriado
9	92910	25 L 263534 9078233	Ponto Vistoriado
9	92915	25 L 263511 9078330	Ponto Vistoriado
9	92920	25 L 263488 9078428	Ponto Vistoriado
9	92925	25 L 263467 9078525	Ponto Vistoriado
9	92930	25 L 263462 9078625	Ponto Vistoriado
9	92935	25 L 263482 9078723	Ponto Vistoriado
9	92940	25 L 263525 9078813	Ponto Vistoriado
9	92945	25 L 263588 9078890	Ponto Vistoriado
9	92950	25 L 263650 9078968	Ponto Vistoriado
9	92955	25 L 263694 9079058	Ponto Vistoriado
9	92960	25 L 263734 9079150	Ponto Vistoriado
9	92965	25 L 263774 9079242	Ponto Vistoriado
9	92970	25 L 263813 9079333	Ponto Vistoriado
9	92975	25 L 263860 9079422	Ponto Vistoriado
9	92980	25 L 263925 9079497	Ponto Vistoriado
9	92985	25 L 264007 9079554	Ponto Vistoriado
9	92990	25 L 264100 9079590	Ponto Vistoriado
9	92995	25 L 264197 9079612	Não Alcançado
9	93000	25 L 264293 9079640	Não Alcançado
9	93005	25 L 264386 9079677	Não Alcançado
9	93010	25 L 264475 9079722	Não Alcançado
9	93015	25 L 264560 9079776	Não Alcançado
9	93020	25 L 264642 9079832	Não Alcançado
9	93025	25 L 264724 9079889	Não Alcançado
9	93030	25 L 264806 9079947	Ponto Vistoriado
9	93035	25 L 264883 9080011	Ponto Vistoriado
9	93040	25 L 264958 9080077	Ponto Vistoriado
9	93045	25 L 265037 9080138	Ponto Vistoriado
9	93050	25 L 265125 9080186	Não Alcançado
9	93055	25 L 265218 9080221	Não Alcançado
9	93060	25 L 265314 9080250	Não Alcançado
9	93065	25 L 265409 9080280	Não Alcançado
9	93070	25 L 265505 9080310	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	93075	25 L 265600 9080339	Não Alcançado
9	93080	25 L 265698 9080362	Não Alcançado
9	93085	25 L 265797 9080371	Não Alcançado
9	93090	25 L 265897 9080363	Não Alcançado
9	93095	25 L 265994 9080340	Não Alcançado
9	93100	25 L 266087 9080303	Não Alcançado
9	93105	25 L 266179 9080264	Não Alcançado
9	93110	25 L 266271 9080224	Não Alcançado
9	93115	25 L 266363 9080185	Não Alcançado
9	93120	25 L 266459 9080158	Não Alcançado
9	93125	25 L 266559 9080156	Não Alcançado
9	93130	25 L 266656 9080178	Não Alcançado
9	93135	25 L 266745 9080223	Não Alcançado
9	93140	25 L 266830 9080276	Não Alcançado
9	93145	25 L 266920 9080319	Não Alcançado
9	93150	25 L 267018 9080338	Não Alcançado
9	93155	25 L 267117 9080331	Não Alcançado
9	93160	25 L 267211 9080297	Não Alcançado
9	93165	25 L 267293 9080240	Não Alcançado
9	93170	25 L 267369 9080175	Não Alcançado
9	93175	25 L 267444 9080109	Não Alcançado
9	93180	25 L 267524 9080049	Não Alcançado
9	93185	25 L 267612 9080002	Não Alcançado
9	93190	25 L 267706 9079968	Não Alcançado
9	93195	25 L 267804 9079949	Não Alcançado
9	93200	25 L 267904 9079944	Não Alcançado
9	93205	25 L 268003 9079955	Não Alcançado
9	93210	25 L 268102 9079968	Não Alcançado
9	93215	25 L 268201 9079979	Não Alcançado
9	93220	25 L 268301 9079981	Não Alcançado
9	93225	25 L 268401 9079974	Não Alcançado
9	93230	25 L 268500 9079960	Não Alcançado
9	93235	25 L 268597 9079937	Não Alcançado
9	93240	25 L 268694 9079911	Não Alcançado
9	93245	25 L 268791 9079885	Não Alcançado
9	93250	25 L 268885 9079852	Não Alcançado
9	93255	25 L 268976 9079810	Não Alcançado
9	93260	25 L 269066 9079768	Não Alcançado
9	93265	25 L 269161 9079736	Não Alcançado
9	93270	25 L 269260 9079725	Não Alcançado
9	93275	25 L 269359 9079734	Não Alcançado
9	93280	25 L 269459 9079746	Não Alcançado
9	93285	25 L 269558 9079757	Não Alcançado
9	93290	25 L 269656 9079775	Não Alcançado
9	93295	25 L 269749 9079813	Ponto Vistoriado
9	93300	25 L 269832 9079868	Ponto Vistoriado
9	93305	25 L 269913 9079927	Ponto Vistoriado
9	93310	25 L 270003 9079970	Ponto Vistoriado
9	93315	25 L 270096 9080007	Ponto Vistoriado
9	93320	25 L 270187 9080048	Ponto Vistoriado
9	93325	25 L 270278 9080090	Ponto Vistoriado
9	93330	25 L 270373 9080120	Ponto Vistoriado
9	93335	25 L 270472 9080136	Ponto Vistoriado
9	93340	25 L 270570 9080153	Ponto Vistoriado
9	93345	25 L 270666 9080180	Ponto Vistoriado
9	93350	25 L 270760 9080215	Ponto Vistoriado
9	93355	25 L 270854 9080249	Ponto Vistoriado
9	93360	25 L 270948 9080283	Ponto Vistoriado
9	93365	25 L 271042 9080318	Ponto Vistoriado
9	93370	25 L 271136 9080352	Ponto Vistoriado
9	93375	25 L 271230 9080387	Não Alcançado
9	93380	25 L 271324 9080420	Não Alcançado
9	93385	25 L 271421 9080444	Não Alcançado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	93390	25 L 271521 9080450	Não Alcançado
9	93395	25 L 271620 9080440	Não Alcançado
9	93400	25 L 271717 9080414	Não Alcançado
9	93405	25 L 271807 9080372	Não Alcançado
9	93410	25 L 271890 9080316	Não Alcançado
9	93415	25 L 271970 9080256	Ponto Vistoriado
9	93420	25 L 272049 9080194	Ponto Vistoriado
9	93425	25 L 272114 9080119	Tradagem Negativa
9	93430	25 L 272165 9080033	Ponto Vistoriado
9	93435	25 L 272215 9079946	Ponto Vistoriado
9	93440	25 L 272274 9079866	Ponto Vistoriado
9	93445	25 L 272351 9079803	Ponto Vistoriado
9	93450	25 L 272438 9079753	Não Alcançado
9	93455	25 L 272525 9079704	Não Alcançado
9	93460	25 L 272612 9079654	Não Alcançado
9	93465	25 L 272699 9079605	Não Alcançado
9	93470	25 L 272786 9079556	Não Alcançado
9	93475	25 L 272873 9079506	Não Alcançado
9	93480	25 L 272953 9079446	Não Alcançado
9	93485	25 L 273029 9079382	Não Alcançado
9	93490	25 L 273106 9079318	Não Alcançado
9	93495	25 L 273183 9079254	Não Alcançado
9	93500	25 L 273260 9079190	Tradagem Negativa
9	93505	25 L 273337 9079127	Ponto Vistoriado
9	93510	25 L 273421 9079073	Tradagem Negativa
9	93515	25 L 273513 9079033	Tradagem Negativa
9	93520	25 L 273610 9079009	Tradagem Negativa
9	93525	25 L 273709 9079002	Tradagem Negativa
9	93530	25 L 273809 9079003	Tradagem Negativa
9	93535	25 L 273909 9079004	Tradagem Negativa
9	93540	25 L 274009 9079005	Tradagem Negativa
9	93545	25 L 274109 9079006	Não Alcançado
9	93550	25 L 274209 9079008	Não Alcançado
9	93555	25 L 274309 9079009	Não Alcançado
9	93560	25 L 274409 9079010	Não Alcançado
9	93565	25 L 274509 9079011	Não Alcançado
9	93570	25 L 274609 9079012	Não Alcançado
9	93575	25 L 274709 9079013	Não Alcançado
9	93580	25 L 274809 9079014	Não Alcançado
9	93585	25 L 274909 9079016	Ponto Vistoriado
9	93590	25 L 275009 9079017	Ponto Vistoriado
9	93595	25 L 275109 9079018	Não Alcançado
9	93600	25 L 275209 9079019	Não Alcançado
9	93605	25 L 275309 9079020	Não Alcançado
9	93610	25 L 275409 9079021	Ponto Vistoriado
9	93615	25 L 275509 9079023	Não Alcançado
9	93620	25 L 275609 9079024	Não Alcançado
9	93625	25 L 275709 9079025	Não Alcançado
9	93630	25 L 275808 9079037	Não Alcançado
9	93635	25 L 275904 9079066	Não Alcançado
9	93640	25 L 275994 9079110	Não Alcançado
9	93645	25 L 276075 9079168	Não Alcançado
9	93650	25 L 276146 9079239	Não Alcançado
9	93655	25 L 276203 9079320	Não Alcançado
9	93660	25 L 276252 9079408	Não Alcançado
9	93665	25 L 276299 9079496	Ponto Vistoriado
9	93670	25 L 276350 9079581	Não Alcançado
9	93675	25 L 276418 9079654	Não Alcançado
9	93680	25 L 276500 9079712	Ponto Vistoriado
9	93685	25 L 276583 9079768	Tradagem Negativa
9	93690	25 L 276666 9079824	Ponto Vistoriado
9	93695	25 L 276749 9079879	Não Alcançado
9	93700	25 L 276832 9079935	Ponto Vistoriado

Lote	Ponto de Análise	Coordenada UTM	Status
9	93705	25 L 276915 9079990	Não Alcançado
9	93710	25 L 276998 9080046	Não Alcançado
9	93715	25 L 277083 9080099	Não Alcançado
9	93720	25 L 277175 9080137	Não Alcançado
9	93725	25 L 277274 9080156	Não Alcançado
9	93730	25 L 277373 9080154	Não Alcançado
9	93735	25 L 277471 9080133	Não Alcançado
9	93740	25 L 277562 9080093	Não Alcançado
9	93745	25 L 277644 9080036	Ponto Vistoriado
9	93750	25 L 277716 9079966	Tradagem Negativa
9	93755	25 L 277790 9079899	Não Alcançado
9	93760	25 L 277877 9079850	Não Alcançado
9	93765	25 L 277973 9079824	Não Alcançado
9	93770	25 L 278073 9079822	Não Alcançado
9	93775	25 L 278170 9079846	Ponto Vistoriado
9	93780	25 L 278258 9079892	Não Alcançado
9	93785	25 L 278332 9079959	Ponto Vistoriado
9	93790	25 L 278400 9080032	Não Alcançado
9	93795	25 L 278468 9080105	Não Alcançado
9	93800	25 L 278536 9080179	Não Alcançado
9	93805	25 L 278608 9080248	Não Alcançado
9	93810	25 L 278694 9080298	Tradagem Negativa
9	93815	25 L 278790 9080326	Não Alcançado
9	93820	25 L 278889 9080330	Não Alcançado
9	93825	25 L 278987 9080309	Não Alcançado
9	93830	25 L 279076 9080264	Não Alcançado
9	93835	25 L 279151 9080198	Não Alcançado
9	93840	25 L 279208 9080116	Tradagem Negativa
9	93845	25 L 279243 9080023	Tradagem Negativa
9	93850	25 L 279255 9079924	Tradagem Negativa
9	93855	25 L 279259 9079824	Tradagem Negativa

ANEXO 3 – Planilhas de Curadoria.

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS															
					Lítico		Cerâmica								Material histórico (total)	Utensílios														
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio				
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D
1	Col. Sup Pto 01		Sup	01-04	0			0							6					4										
2	Col. Sup Pto 02		Sup	05-08	0			0							4					4										
3	Col. Sup Pto 03		Sup	09-11	0			0							3	1				1					1					
4	Col. Sup Pto 04		Sup	12	0			0							1								1							
5	Col. Sup Pto 05		Sup	13-18	0			0							6					6										
6	Col. Sup Pto 06		Sup	19-20	0			0							2								2							
7	Col. Sup Pto 07		Sup	21-30	0			0							10			2		5			2		1					
8	Col. Sup Pto 08		Sup	31-32	0			0							2	1				1										
9	Col. Sup Pto 09		Sup	33-34	0			0							2					2										
10	Col. Sup Pto 10		Sup	35-36	0			0							2	1				1										
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	38	3	0	0	0	0	2	0	24	0	0	0	5	0	2	0
36		2																												
Lítico		0																												
Cerâmico		0																												
Histórico		38																												

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS														
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios													
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio			
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	0			0							1	1													
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	0			0							1								1						
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	03-05	0			0							3	1				2									
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	-	0			0							1														
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	06	0			0							1														
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	07-12	0			0							7	1				4				1					
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	13-21	0			0							9	1				8									
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	22-23	0			0							2					1					1				
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	24	0			0							1								1						
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	25	0			0							1	1													
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	26-28	0			0							3								3						
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	29-32	0			0							4		1			2		1							
13	Col. Sup. Pto 13		Sup	33-35	0			0							3					3									
14	Col. Sup. Pto 14		Sup	36-38	0			0							3					3									
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	40	5	0	1	0	0	0	23	0	1	0	5	1	1	0
38		2																											
Lítico		0																											
Cerâmico		0																											
Histórico		40																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS															Descarte	Observação							
	Utensílios											Construtivo												
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo			Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros	
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND												
1																								
2																								
3																								
4		1																						
5	1																							
6	1																							
7																								
8																								
9																								
10																								
11																								
12																								
13																								
14																								
	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	40

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS								ACERVOS HISTÓRICOS																	
					Lítico			Cerâmica					Material histórico (total)	Utensílios																
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas		Bases	Outros	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	
																														Cerâmica
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	0		0								1															
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	0		0								1															
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	03-05	0		0								3				1		2									
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	06	0		0								1					1										
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	07	0		0								1							1								
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	08	0		0								1												1			
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	09	0		0								1				1											
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	10	0		0								1					1										
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	11	0		0								1				1											
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	12-13	0		0								2	2														
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	14	0		0								1						1									
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	15	0		0								1						1									
13	Col. Sup. Pto 13		Sup	16	0		0								1						1									
14	Col. Sup. Pto 14		Sup	17	0		0								1				1											
15	Col. Sup. Pto 15		Sup	18	0		0								1						1									
16	Col. Sup. Pto 16		Sup	19	0		0								1						1									
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19	2	0	0	0	0	4	0	10	0	1	0	1	0	1	0
19		0																												
Lítico		0																												
Cerâmico		0																												
Histórico		19																												

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																					Descarte	Observação		
	Utensílios														Construtivo										
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomacrológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros				
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																									
2																									
3																									
4																									
5																									
6																									
7																									
8																									
9																									
10																									
11																									
12																									
13																									
14																									
15																									
16																									
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS																								
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico			Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios																							
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio										
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND			
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	1	1	0							0																								
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	1	1	0							0																								
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	03	1	1	0							0																								
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	04	1	1	0							0																								
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	05	1	1	0							0																								
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	06	1	1	0							0																								
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	07	1	1	0							0																								
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	08	1	1	0							0																								
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	09	1	1	0							0																								
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	10	1	1	0							0																								
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	11	1	1	0							0																								
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	12-13	1		0							2						1		1																
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			12	11	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
	13	0																																				
	Lítico	12																																				
	Cerâmico	0																																				
	Histórico	2																																				

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																			Descarte	Observação																					
	Utensílios												Construtivo																													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros																			
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND																													
1																																										
2																																										
3																																										
4																																										
5		1																																								
6																																										
7																																										
8																																										
9																																										
10		1																																								
11																																										
	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																					Descarte	Observação																
	Utensílios												Construtivo																										
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha			Outros															
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND																											
1																					1																		
2																																							
3		1																																					
4																																							
5																																							
6																																							
7	1																																						
8																																							
	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação
	Utensílios												Construtivo									
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento		
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND										
1																						
2																						
3																						
4																						
5																						
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

Controle Curatorial dos Acervos				ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS																		
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica								Material histórico (total)																	
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros	Utensílios																	
															Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio					
															D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND		
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	-	0			0																								
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	01-03	0			0																			3					
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	04	0			0																	1							
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	05	0			0																	1							
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	06	0			0																	1							
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	07	0			0																	1							
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	08	0			0																	1							
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	3	0	0	0
8		1																														
Lítico		0																														
Cerâmico		0																														
Histórico		9																														

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																	Descarte	Observação										
	Utensílios											Construtivo																	
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo			Telha	Revestimento	Manilha	Outros						
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND																
1																1													
2																													
3																													
4																													
5																													
6																													
7																													
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS																	
					Lítico			Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios																
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio					
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	0			0							1					1											
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	0			0							1					1											
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	03-06	0			0							4					4											
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	07	0			0							1					1											
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	08-10	0			0							3					3											
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	11	0			0							1									1							
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	12	0			0							1								1								
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	13	0			0							1								1								
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	14-15	0			0							2					2											
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	16-17	0			0							2					2											
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	18	0			0							1					1											
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	19-20	0			0							2					2											
13	Col. Sup. Pto 13		Sup	21	0			0							1	1															
14	Col. Sup. Pto 14		Sup	22-26	5	5		0							0																
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			5	5	0	0	0	0	0	0	0	0	21	1	0	0	0	0	0	0	0	17	0	0	0	3	0	0	0
	26	0																													
	Lítico	5																													
	Cerâmico	0																													
	Histórico	21																													

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS															Descarte	Observação						
	Utensílios										Construtivo												
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico		Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas			Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros	
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D											ND
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS															
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios														
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Coleta Sup Pto 01		Sup	01	0		0							1	1														
2	Coleta Sup Pto 02		Sup		0		0							1															
3	Coleta Sup Pto 03		Sup	02	0		0							1	1														
4	Coleta Sup Pto 04		Sup	03	0		0							1	1														
5	Coleta Sup Pto 05		Sup	04	0		0							1															
6	Coleta Sup Pto 06		Sup	05	0		0							1	1														
7	Coleta Sup Pto 07		Sup	06	0		0							1	1														
8	Coleta Sup Pto 08		Sup	07	0		0							1	1														
9	Coleta Sup Pto 09		Sup	08	0		0							1	1														
10	Coleta Sup Pto 10		Sup	-	0		0							1															
11	Coleta Sup Pto 11		Sup	09-29	0		0							21	21														
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	31	28	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
29		2																											
Lítico		1																											
Cerâmico		28																											
Histórico		31																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação						
	Utensílios												Construtivo															
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros				
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND															
1																												
2																		1										
3																												
4																												
5	1																											
6																												
7																												
8																												
9																												
10																			1									
11																												
	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação					
	Utensílios												Construtivo														
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros			
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND														
1																											
2																											
3																											
4																											
5																											
6																											
7																											
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS														
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica								Material histórico (total)	Utensílios													
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup . Pto 01		Sup	01	0		0							2							1			1					
2	Col. Sup . Pto 02		Sup	02-03	0		0							2						2									
3	Col. Sup . Pto 03		Sup	04-06	0		0							3						2			1						
4	Col. Sup . Pto 04		Sup	07	0		0							1	1														
5	Col. Sup . Pto 05		Sup	08-09	0		0							2						2									
6	Col. Sup . Pto 06		Sup	10	0		0							1	1														
7	Col. Sup . Pto 07		Sup	11	0		0							1						1									
8	Col. Sup . Pto 08		Sup	-	0		0							1						1									
9	Col. Sup . Pto 09		Sup	12	0		0							1							1								
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	14	2	0	0	0	0	0	7	1	2	0	1	1	0	0	
12		2																											
Lítico		0																											
Cerâmico		0																											
Histórico		14																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação		
	Utensílios												Construtivo											
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1																								
2																								
3																								
4																								
5																								
6																								
7																								
8																								
9																								
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS																
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios															
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio					
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Coleta Sup Pto 01		Sup	01	0			0							1					1											
2	Coleta Sup Pto 02		Sup	02	0			0							2	1	1														
3	Coleta Sup Pto 03		Sup	03	0			0							1	1															
4	Coleta Sup Pto 04		Sup	04	0			0							1	1															
5	Coleta Sup Pto 05		Sup	-	0			0							1		1														
6	Coleta Sup Pto 06		Sup	05	0			0							1	1															
7	Coleta Sup Pto 07		Sup	06	0			0							1						1										
8	Coleta Sup Pto 08		Sup	07-08	0			0							3	2										1					
9	Coleta Sup Pto 09		Sup	-	0			0							2																
10	Coleta Sup Pto 10		Sup	-	0			0							1		1														
11	Coleta Sup Pto 11		Sup	-	0			0							1																
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	15	6	3	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0
9		6																													
Lítico		0																													
Cerâmico		0																													
Histórico		15																													

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS															Descarte	Observação						
	Utensílios											Construtivo											
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo			Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																	2						
10																							
11																1							
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	15

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																			Descarte	Observação		
	Utensílios											Construtivo											
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Teiha	Revestimento			Manilha	Outros
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	22

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS															
					Lítico			Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios														
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	0			0							1						1								
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	0			0							1							1							
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	03	0			0							1	1													
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	04-05	0			0							2							2							
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	06	0			0							1							1							
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	07	0			0							1	1													
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	08	0			0							1							1							
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	09-10	0			0							2							1				1			
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	11-12	0			0							2	1						1							
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	13-14	0			0							2	1						1							
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	15-16	0			0							2											2			
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	17-18	0			0							2							2							
13	Col. Sup. Pto 13		Sup	19-21	0			0							3							3							
14	Col. Sup. Pto 14		Sup	22	0			0							1							1							
15	Col. Sup. Pto 15		Sup	23	0			0							1							1							
16	Col. Sup. Pto 16		Sup	24-26	0			0							3											3			
17	Col. Sup. Pto 17		Sup	27-28	0			0							2	1						1							
18	Col. Sup. Pto 18		Sup	29	0			0							1							1							
19			Sup		0			0							0														

Controle Curatorial dos Acervos				ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS															
				Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios														
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio		
														D			ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	29	5	0	0	0	0	0	18	0	0	0	6	0	0	0
	29	0																											
	Lítico																												
	Cerâmico																												
	Histórico																												

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS														Descarte	Observação								
	Utensílios										Construtivo													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico		Outros		Vidro plano	Metal construtivo			Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros		
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1																								
2																								
3																								
4																								
5																								
6																								
7																								
8																								
9																								
10																								
11																								
12																								
13																								
14																								
15																								
16																								
17																								
18																								
19																								

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação	
	Utensílios												Construtivo										
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	29

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS												
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios											
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col.Sup.pto 01		Sup	01	0			1		1					0												
2	Col.Sup.pto 02		Sup	02	0			1		1					0												
3	Col.Sup.pto 03		Sup	03	0			1		1					0												
4	Col.Sup.pto 04		Sup	04	0			1		1					0												
5	Col.Sup.pto 05		Sup	05	0			1		1					0												
6	Col.Sup.pto 06		Sup	06	0			1		1					0												
7	Col.Sup.pto 07		Sup	07	0			1				1			0												
8	Col.Sup.pto 08		Sup	08	0			1		1					0												
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			0	0	0	8	0	7	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	8	0																									
	Lítico	0																									
	Cerâmico	8																									
	Histórico	0																									

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação				
	Utensílios												Construtivo													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros		
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																										
2																										
3																										
4																										
5																										
6																										
7																										
8																										
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS								ACERVOS HISTÓRICOS																
					Lítico			Cerâmica					Material histórico (total)	Utensílios															
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas		Bases	Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grés		Vidro utensílio			
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Unidade I Coleta Aleatória		Sup	1-10	0			0							10	10													
2	Tradagem 1		Sup	11-13	0			0							3	3													
3	Tradagem 2		Sup	14-15	0			0							2	1			1										
4	Col.Sup Pto 0 1		Sup	16	0			0							2	1				1									
5	Col.Sup Pto 0 2		Sup	17-18	0			0							2				2										
6	Col.Sup Pto 0 3		Sup	19	0			0							1											1			
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	15	0	0	0	3	1	0	0	0	0	0	0	1	0
				19																									
				Lítico																									
				Cerâmico																									
				Histórico																									

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação
	Utensílios												Construtivo									
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano		Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha		
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND										
1																						
2																						
3																						
4																						
5																						
6																						
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

20

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS														
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios													
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio			
																		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Coleta Aleatória		Sup	1-4	0			0							11	2					6				2				
2	Tradagem		Sup	5-15	0			0							4	3											1		
3	Col.Sup Pto 0 1		Sup	16	0			0							1	1													
4	Col.Sup Pto 0 2		Sup	17	0			0							1	1													
5	Col.Sup Pto 0 3		Sup	18	0			0							1						1								
6	Col.Sup Pto 0 4		Sup	19	0			0							1						1								
7	Col.Sup Pto 0 5		Sup	20	0			0							1	1													
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0
20		0																											
Lítico		0																											
Cerâmico		0																											
Histórico		20																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																			Descarte	Observação		
	Utensílios												Construtivo										
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha			Revestimento	Manilha
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1			1																			Metal (Moeda)	
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS														
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios													
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio		
																	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D
1	Col.Sup.pto 01		Sup	01	0			0							1	1													
2	Col.Sup.pto 02		Sup	02	0			0							1	1													
3	Col.Sup.pto 03		Sup	03	0			0							1	1													
4	Col.Sup.pto 04		Sup	04	0			0							2	1													
5	Col.Sup.pto 05		Sup	05	0			0							0														
6	Col.Sup.pto 06		Sup	06	0			0							1														
7	Col.Sup.pto 07		Sup	07	0			0							1	1													
8	Col.Sup.pto 08		Sup	08	0			0							1														
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	8	2	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4		4																											
Lítico		0																											
Cerâmico		0																											
Histórico		8																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação				
	Utensílios												Construtivo													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros		
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																										
2																										
3																										
4																		1								
5																										
6	1																									
7																										
8	1																									
	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS												
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios											
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01	0			0							1												
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	02	0			0							1												
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	-	0			0							1												
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	-	0			0							1												
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	03-04	0			0							2												
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	05	0			0							1						1						
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	06	0			0							2	1	1										
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	07	0			0							1	1											
9	Col. Sup. Pto 09		Sup	08	0			0							1	1											
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11	3	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
8		3																									
Lítico		0																									
Cerâmico		0																									
Histórico		11																									

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS																							
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios																						
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança	Faiança Fina	Porcelana / Ironstone	Grês	Vidro utensílio	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND		
																							1	Col. Sup. Pto 01		Sup	01-03	3	3		0							0
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	04-06	4	3	1	0							0																							
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	07-08	3	2	1	0							0																							
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	09-10	3	2	1	0							0																							
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	11-14	4	4		0							0																							
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			17	14	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
14		3																																				
Lítico		17																																				
Cerâmico		0																																				
Histórico		0																																				

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação	
	Utensílios												Construtivo										
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano		Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha			Revestimento
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

17

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS								ACERVOS HISTÓRICOS														
					Lítico			Cerâmica					Material histórico (total)	Utensílios													
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas		Bases	Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
					D	ND	D	ND	D	ND	D	ND		D	ND			D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col. Sup. Pto 1		Sup	01	1	1		0							0												
2	Col. Sup. Pto 2		Sup	02	1	1		0							0												
3	Col. Sup. Pto 3		Sup	03	1	1		0							0												
4	Col. Sup. Pto 4		Sup	04	1	1		0							0												
5	Col. Sup. Pto 5		Sup	05	1	1		0							0												
6	Col. Sup. Pto 6		Sup	06	1	1		0							0												
7	Col. Sup. Pto 7		Sup	07	1	1		0							0												
8	Col. Sup. Pto 8		Sup	08	1	1		0							0												
9	Col. Sup. Pto 9		Sup	09	1	1		0							0												
10	Col. Sup. Pto 10		Sup	-	0			0							0												
11	Col. Sup. Pto 11		Sup	10	1	1		0							0												
12	Col. Sup. Pto 12		Sup	11-12	2	2		0							0												
13	Col. Sup. Pto 13		Sup	13	1	1		0							0												
14	Col. Sup. Pto 14		Sup	14	1	1		0							0												
15	Col. Sup. Pto 15		Sup	15	1	1		0							0												
16	Col. Sup. Pto 16		Sup	16	1	1		0							0												
17	Col. Sup. Pto 17		Sup	17	1	1		0							0												
18	Col. Sup. Pto 18		Sup	18	1	1		0							0												
19	Col. Sup. Pto 19		Sup	19	1	1		0							0												

Controle Curatorial dos Acervos				ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS																
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica								Material histórico (total)	Utensílios														
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio		
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			19	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	19	0																												
	Lítico	19																												
	Cerâmico	0																												
	Histórico	0																												

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS															Descarte	Observação			
	Utensílios										Construtivo									
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico		Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas			Tijolo	Telha	Revestimento
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND								
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
13																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação		
	Utensílios												Construtivo											
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND											
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19	

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS														
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica								Material histórico (total)	Utensílios													
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros															
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Ocorrência 156		Sup	01	0		0							2								1	1						
1	Ocorrência 157		Sup	01	0		0							1									1						
1	Ocorrência 158		Sup	-	0		0							1									1						
1	Ocorrência 159		Sup	01	0		2	1	1					0															
1	Ocorrência 160		Sup	01	0		1				1			0															
1	Ocorrência 161		Sup	01-02	0		0							2			2												
1	Ocorrência 162 Col 01	25L 2721529079050	Sup	01-02	0		0							1	1														
1	Ocorrência 163		Sup	01	0		0							1			1												
1	Ocorrência 164		Sup	01	0		0							1			1												
1	Ocorrência 165		Sup	01	0		0							1			1												
1	Ocorrência 166		Sup	01	0		0							1								1							
1	Ocorrência 167		Sup	01	0		0							1			1												
1	Ocorrência 168		Sup	01	1	1	0							0															
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			1	1	0	3	1	1	0	1	0	0	12	1	0	0	0	0	0	6	0	0	1	3	1	0	0
					13					3																			
					Lítico					1																			
					Cerâmico					3																			
					Histórico					12																			

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação						
	Utensílios												Construtivo															
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros				
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND															
1																												
2																												
3																												
4																												
5																												
6																												
7																												
8																												
9																												
10																												
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	15

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS																		
					Lítico			Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios																	
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança				Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio						
														D				ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
														1				Col. Sup. Pto 01		Sup	-	0										1
2	Col. Sup. Pto 02		Sup	1	0										1	1																
3	Col. Sup. Pto 03		Sup	2	0										1	1																
4	Col. Sup. Pto 04		Sup	3	0										1	1																
5	Col. Sup. Pto 05		Sup	4	0										1	1																
6	Col. Sup. Pto 06		Sup	5	0										1	1																
7	Col. Sup. Pto 07		Sup	6-8	0										3					3												
8	Col. Sup. Pto 08		Sup	9-10	0										2	2																
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	11	7	1	0	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	
10		1																														
Lítico		0																														
Cerâmico		0																														
Histórico		11																														

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação			
	Utensílios												Construtivo												
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros	
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																									
2																									
3																									
4																									
5																									
6																									
7																									
8																									
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

11

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS									ACERVOS HISTÓRICOS																										
					Lítico			Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios																									
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases		Outros	Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança	Faiança Fina	Porcelana / Ironstone	Grés	Vidro utensílio	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND						
																							1	Col. Sup. Pto 14		Sup	1-14	0										14	9	
2	Col. Sup. Pto 01		Sup	15	0										1																						1			
3	Col. Sup. Pto 02		Sup	16	0										1	1																								
4	Col. Sup. Pto 03		Sup	17	0										1	1																								
5	Col. Sup. Pto 04		Sup	18	0										1						1																			
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	18	11	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0				
18		0																																						
Lítico		0																																						
Cerâmico		0																																						
Histórico		18																																						

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																						Descarte	Observação	
	Utensílios												Construtivo												
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros			
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND												
1																									
2																									
3																									
4																									
	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS								ACERVOS HISTÓRICOS																
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico		Cerâmica						Material histórico (total)	Utensílios															
					Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas		Bases	Outros	Cerâmica		Cerâmica vidrada		Faiança		Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio	
																D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND
1	Col.Sup.Pto 01		Sup	01	0		0						1					1											
2	Col.Sup.Pto 02		Sup	02	0		0						1	1															
3	Col.Sup.Pto 03		Sup	03-04	0		0						2					2											
4	Col.Sup.Pto 04		Sup	05	0		0						1										1						
5	Col.Sup.Pto 05		Sup	06	0		0						1																
6	Col.Sup.Pto 06		Sup	07	0		0						1	1															
7	Col.Sup.Pto 07		Sup	08	0		0						1					1											
8	Col.Sup.Pto 08		Sup	09-10	0		0						2										2						
9	Col.Sup.Pto 09		Sup	11	0		0						1					1											
10	Col.Sup.Pto 10		Sup	12	0		0						1					1											
11	Col.Sup.Pto 11		Sup	13	0		0						1					1											
12	Col.Sup.Pto 12		Sup	14-16	0		0						3										3						
13	Col.Sup.Pto 13		Sup	17	0		0						1												1				
	Total Diagnóstico	Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	17	2	0	0	0	0	0	0	0	7	0	0	0	6	0	1	0
	17	0																											
	Lítico	0																											
	Cerâmico	0																											
	Histórico	17																											

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																					Descarte	Observação			
	Utensílios												Construtivo													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha			Outros		
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																										
2																										
3																										
4																										
5			1																							
6																										
7																										
8																										
9																										
10																										
11																										
12																										
13																										
	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																							Descarte	Observação			
	Utensílios													Construtivo														
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros							
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND															
1																												
2																												
3																												
4																												
5																												
6																												
7																												
8																												
9																												
10																												
11																												
12																												
13																												
14																												
15																												
16																												
17		1																										
18																												
	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	67

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS													Observação								
	Utensílios						Construtivo															
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico			Outros			Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento	Manilha	Outros
D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND										

Controle Curatorial dos Acervos					ACERVOS PRÉ-COLONIAIS										ACERVOS HISTÓRICOS																
					Lítico			Cerâmica							Material histórico (total)	Utensílios															
NÚMERO DE LOTE	PROVENIÊNCIA	COORDENADA UTM	NÍVEL	NÚMEROS INDIVIDUAIS	Lítico (total)	Lítico maior que 15mm	Lítico menor que 15mm	Cerâmica (Total)	Micro-cerâmicas (menor que 15mm)	Paredes Simples	Paredes Decoradas	Bordas	Bases	Outros		Cerâmica	Cerâmica vidrada	Faiança	Faiança Fina		Porcelana / Ironstone		Grês		Vidro utensílio						
																			D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D
1	Col.Sup.Pto 01		Sup	01-03	0			0							3				1		2										
2	Col.Sup.Pto 02		Sup	04-05	0			0							2				2												
3	Col.Sup.Pto 03		Sup	06	0			0							1																
4	Col.Sup.Pto 04		Sup	07	0			0							1				1												
5	Col.Sup.Pto 05		Sup	08	0			0							1					1											
6	Col.Sup.Pto 06		Sup	09	0			0							1				1												
7	Col.Sup.Pto 07		Sup	10	0			0							1	1															
8	Col.Sup.Pto 08		Sup	11-12	0			0							2	2															
9	Col.Sup.Pto 09		Sup	13	0			0							1										1						
Total Diagnóstico		Total Não Diagnóstico			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	3	0	0	0	0	0	0	0	5	0	3	0	0	0	1	0
13		0																													
Lítico		0																													
Cerâmico		0																													
Histórico		13																													

Lote	ACERVOS HISTÓRICOS																				Descarte	Observação				
	Utensílios												Construtivo													
	Lítico		Metal utensílio		Têxtil (couro, tecido, etc)		Vestígios Poliméricos		Osteodontomalacológico				Outros		Vidro plano	Metal construtivo	Pedras construtivas	Tijolo	Telha	Revestimento			Manilha	Outros		
	D	ND	D	ND	D	ND	D	ND	D	T	Kg	D	ND													
1																										
2																										
3	1																									
4																										
5																										
6																										
7																										
8																										
9																										
	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0